

Mulheres à Cesta

O basquete feminino no Brasil

(1892 - 1971)



Claudia Guedes



AL PERU



Agradecimentos:

No final deste livro existe uma narrativa da trajetória desta pesquisa, cujo capítulo traz os nomes dos protagonistas desta história, ou seja atores principais no cenário da vida real de um pesquisador aos quais sou eternamente grata. Neste espaço de agradecimento, gostaria no entanto, de emocionadamente abraçar cada um da equipe Miss Lily pelo resultado final desta obra.

Este livro é especialmente dedicado ao meu time titular destes jogos existenciais que fazem da vida uma grande Olimpíada: Roberta Park (armadora), Susan Zieff (ala), Sonia Mellantonio (ala), Ana Forrest (ala/armadora) e à linda pivô desta história toda: Tais Saraiva.

Sumário

Prefácio	5
Origens Perdidas, Histórias Esquecidas	11
Cestas de Pêssegos, Muito Frio, Bola de Futebol, Homens e Mulheres na Quadra	15
James Naismith e Senda Berenson	17
James Naismith e as Origens do Basquetebol	19
Senda Berenson e Meninas à Cesta	24
As Primeiras Regras Oficiais para o Basquetebol Feminino.....	27
A Bola de August Shaw e Meninos Brasileiros à Cesta	41
Mackenzie College: August Shaw, Escola Normal, Professoras e Basketball	43
Professora, Atleta: a Mulher que Surge com o Século XX	55
Zilda Ulbrich – A Coca.....	67
Angelina Bizzarro	81
As Promessas	92
Simone Bittencourt De Oliveira	93
Cleonice Maria Alves Gonzales.....	101
Maria, Maria.....	109
Maria Helena Cardoso	110
Maria Helena Campos.....	122
Norma Pinto de Oliveira.....	130
Nilza Monte Garcia	142
Marlene José Bento	156
Delcy Ellender Marques	166
Jacy Bohemer Guedes de Azevedo	178
Elza Arnelas Pacheco.....	188
Odila Fernandez	200
Benedita Anália de Castro.....	212
Nadir Bazzani.....	223
Laís Elena Aranha da Silva.....	235
O que se Aprende?	249
Referências.....	256

Prefácio

A presença das brasileiras no esporte se dá concomitante ao início desta prática em nosso país. Essa afirmação pode parecer exagerada, mas não é. As mulheres sempre estiveram envolvidas com esta prática cultural, a despeito da ausência de registros e de reconhecimento. Inicialmente como observadoras, sobretudo em modalidades contraindicadas para seu sexo, gradativamente elas foram ocupando espaços nos campos, quadras, ginásios, piscinas e tatames, fazendo ver que o esporte também é seu. Tal referência implica afirmar que se hoje podemos identificar atletas, treinadoras, árbitras, torcedoras, jornalistas, gestoras, é porque uma infinidade de mulheres lutou – e muito – para que o esporte figurasse no seu horizonte de possibilidades. Para nele adentrar e permanecer, enfrentaram e continuam enfrentando uma série de desafios, evidenciando o quanto seu acontecer é atravessado pela inequidade de gênero.

As jogadoras que circulam nas páginas de *Mulheres à Cesta* exemplificam esta afirmação. Ao serem aqui rememoradas, tornam visíveis muitos dos enfrentamentos que vivenciaram para que pudessem estar no basquetebol e nele pudessem viver seus desejos, sonhos e realizações. Sob a condução atenta e sensível de Claudia Guedes, a escrita deste livro desvela fragmentos de um cenário complexo e heterogêneo. Ao analisar aspectos relacionados à história do basquetebol, a autora focaliza histórias que a história oficial não contou e não registrou. Histórias que atestam o protagonismo de mulheres que, de outra forma, seriam ignoradas, e cujos detalhes estavam circunscritos em suas memórias e seus afetos. Por meio de uma narrativa fluida e teoricamente fundamentada, Claudia apresenta o pioneirismo de mulheres que desafiaram seu tempo e marcaram de forma indelével a história do esporte brasileiro.

Fruto de uma pesquisa realizada em acervos, banco de dados, centros de documentação, clubes, associações, jornais e revistas, o livro passeia por temas distintos, mas não dissonantes. Nele encontramos informações sobre a criação do basquetebol, a inserção das mulheres, os seus primórdios em terras brasileiras, a criação de clubes e competições, a seleção nacional, as mulheres na seleção, a fala delas, elas. *Mulheres à Cesta* é tecido nas urdiduras da trama histórica. É um livro que faz história e que tem história.

Publicado originalmente em 2009, o livro se transformou em uma referência. Inédito em seu tempo, desempenhou um papel importante na compilação e produção de fontes sobre o basquetebol, mais especificamente, o basquetebol praticado pelas mulheres. Se a opção por esta temática contribuiu para a historiografia do esporte, a decisão de ouvir as protagonistas da história que narrava foi extremamente pertinente. Ao privilegiar a oralidade como fonte, Claudia Guedes conferiu ao seu livro outra dimensão: deixou de ser sobre as *Mulheres à Cesta* e passou a ser com as *Mulheres à Cesta*.

As quatorze basquetebolistas falam de si e do contexto que vivenciaram. Seus relatos contundentes e sensíveis são articulados pela escrita também sensível da autora, cuja narrativa instiga nossa imaginação sobre um tempo que não vivemos. As trajetórias aqui descritas

revelam percursos individuais e ao mesmo tempo coletivos, visto que referenciam aspectos culturais historicamente produzidos, os quais sub-representaram a mulher no contexto esportivo. Os preconceitos, os enfrentamentos, os limites, as frustrações que ecoam em suas vozes mostram-se necessários para entender que sua presença no esporte não foi uma concessão, mas fruto de luta pelo direito de pertencer, se expressar e viver.

Passados mais de dez anos de sua publicação, *Mulheres à Cesta* volta à cena por meio de outros suportes. Se em 2009 a publicação foi em papel, hoje o formato e-book possibilita maior circulação e divulgação. Sua nova edição adere ao movimento de acesso livre à informação científica. Para tanto, a autora fez uso das tecnologias de informação e comunicação implementando, inclusive, uma plataforma digital para disseminar seu conteúdo, assim como outros relacionados ao tema. Além disso, seu conteúdo ancora o filme homônimo, dirigido e escrito por Silvia Spolidoro e Hellen Suque.

Esses desdobramentos indicam o quanto o livro é atual. *Mulheres à Cesta* é o mesmo e, simultaneamente, outro. O e-book, a plataforma digital e o filme ampliam significativamente a visibilidade do basquete nacional, enfatizando que a participação das mulheres foi e é imprescindível para seu desenvolvimento e estruturação. Nesse sentido, além de pedagógico, *Mulheres à Cesta* é político. Deliciem-se com sua leitura, assim como eu o fiz!

Silvana Goellner

Ao ler pela primeira vez, e ainda em rascunho, o texto de “Mulheres à Cesta”, disse para a Claudia Guedes que “sua vocação é o romance... E seu livro é um romance épico, embora esteja estruturado como uma narrativa histórica”. Bem, a nossa autora se surpreendeu, mas seguiu adiante com seu projeto do livro que ora nos presenteia. E como tal, eis que me cabe agora passar da crítica aos contextos que situam este livro junto aos seus leitores.

A primeira aproximação, no caso, leva à história do esporte de produção brasileira, na qual Claudia se insere hoje como destaque de renovação. Esta área de conhecimento teve impulso começando no início da década de 1990 e na atualidade mostra sinais de aceitação entre historiadores brasileiros *stricto sensu*. Isto está ocorrendo ao arrepio dos preconceitos contra o esporte como área de estudos acadêmicos, algo típico do nosso país, ainda preso ao horror intelectual da manipulação das massas. Nessas condições, uma pesquisa bem elaborada em conteúdo e forma, como a revelada por “Mulheres à Cesta”, contribui para trazer o esporte para o seu devido lugar.

A articulação do tema deste livro com uma possível “nova história do esporte” cultivada por Claudia, faz-se também por ser os Estudos da Mulher, ainda incipiente no Brasil. E nesse contexto, o preconceito da vez é o de gênero que já começa a emitir sinais de enfraquecimento. E à vista deste pressuposto, ao livro de Claudia cabe a tarefa de apoiar as mulheres do esporte brasileiro, no alcance de seus lugares devidos na história do país. Certamente, a experiência internacional de nossa historiadora oferece credenciais para tal incumbência. E, com esse propósito, nada melhor do que fazer uma história legitimada em fontes e registros, com rigor acadêmico.

Sim, de fato, “Mulheres à Cesta” é uma narrativa histórica e com base em arquivos, “dispersos entre clubes, associações e na memória de quem participou”, como nos diz Claudia em tom profissional, mas ainda assim, arquivos. E não se podia esperar outra coisa de uma discípula de Roberta Park, ícone da história do esporte, que hoje projeta suas influências pelo mundo afora. E à moda de Park, e no estilo da Universidade de Berkeley, tугúrio da mestra na Califórnia, a nossa autora segue os cânones do fazer histórico, mas com sensibilidade. Aí reside a diferença que se faz necessária na apreciação do tema da pesquisa: o basquetebol feminino no Brasil, algo aparentemente elementar, porém que enclausura significados profundos da sociedade brasileira.

Sim, como ainda revela Claudia, foi montado um “quebra-cabeça entre informações, documentos, entrevistas, diários, jornais, revistas e informações que apareceram pelo caminho”, mas sem perder de vista o valor da vivência das entrevistadas. Assim, em torno dos testemunhos orais da pesquisa histórica de Claudia, abrigaram-se os vínculos de sensibilidade que unem os achados documentais. Por isso, o livro se desvela, logo de início, pondo em evidência as heroínas brasileiras do basquetebol, ao anunciar: “Suas histórias agora se abrem e voz lhes é oferecida”.

Em outras palavras, “Mulheres à Cesta” atende aos reclamos dos historiadores tradicionais porque neste livro está presente o rigor metodológico no uso das fontes. Mas, por outro lado, deu-se destaque para as entrevistas, as quais Claudia faz operar no texto como um espelho em que as vivências das atletas são emolduradas pelos registros documentais. E somente um jogo de sensibilidades pode fazer refletir vivências em fontes. Portanto, a metáfora do espelho se impõe na narrativa do livro, cujo tempo histórico se insere numa interpretação de J. J. Mangan¹, de extração recente:

Without exaggeration, sport is a mirror in which nations, communities, men and women now see themselves. The reflection is some sometimes bright, sometimes dark, sometimes distorted, sometimes magnified. This metaphorical mirror is source of mass exhilaration and depression, security and insecurity, pride and humiliation, bonding and alienation.

Sim, remeter o Mangan ao contexto deste livro é mais do que apropriado, pois ele é outro ícone da história do esporte, a partir de sua liderança internacional desde a Universidade de Strathclyde, seu tugúrio na Escócia. E como Park, ele privilegia o cultivo da sensibilidade no historiador, contudo, valoriza mais a narrativa de índole literária do que as inter-relações de fatos com autorrepresentações dos atores sociais. Como acompanho Mangan há vários anos, já me inculci com suas lições sobre história feita como literatura, extraindo desta base de compreensão a crítica do texto que se nos apresenta. Por isso, procurei entender a pesquisa de Claudia tanto pela voz oferecida às atletas com suas molduras históricas, como pelo viés da narrativa construída pela pesquisadora.

O resultado desta apreciação mostrou-se em duplo sentido: Claudia expõe as transcrições das entrevistas em seus trechos mais sensíveis, como se refletidas nas narrativas dos fatos de registro histórico. Outros sim, tal composição resvala para a forma literária sempre que a narrativa se torna épica, pois as heroínas do basquetebol brasileiro, nas suas origens (1892-1971), não eram apenas atletas, mas mulheres em busca de emancipação. Daí minha interpretação de romance épico, atribuído originalmente ao livro. E sendo épico, a metáfora de Mangan – sobre o esporte como espelho – encontra um símile no livro que temos em mãos.

Ou seja, no horizonte de atualização de Mangan, as histórias que se abrem a seguir – tal como nos romances – refletem vozes femininas libertárias e reprimidas, de segurança e insegurança, de orgulho e humilhação, de inserção e alienação. Entretanto, como vozes contextualizadas no esporte das elaborações de Claudia, as vozes se interpenetram com os fatos que lhe deram origem, surgindo, então, histórias de mulheres reprimidas que se transformam

1 . MANGAN, J. J. A Personal Perspective: Twenty-five years, *IJHS – The International Journal of the History of Sport*, v. 23, n. 1, p. 1-2, feb. 2006.

em vencedoras. No mundo acadêmico brasileiro, muito antes de Mangan e Park, o sociólogo Gilberto Freire ganhou láureas internacionais por historicizar e romancear pesquisas sociológicas nas décadas de 1930-1970. E, nesses estudos, lá estão presentes vozes idênticas às de Mangan e molduras de atores sociais vencedores da repressão, tal como nas lides de Park.

Diante deste painel excitante em que o fazer histórico se confronta com a arte da narrativa, cabe-me então convidar os leitores em geral e os estudiosos de história do esporte em particular, para compartilhar com Claudia Guedes o que ela chama de “aventura” na introdução deste livro. Trata-se, assim sendo, de um resgate importante de fatos de memória do esporte brasileiro e da construção da história do basquetebol feminino nacional, mas também de um exercício metodológico da pesquisa histórica.

E se durante esta aventura houver interesse de superação intelectual, podemos invocar Gilberto Freire, cuja tradição pode legitimar leituras mais contextualizadas de “Mulheres à Cesta”. E se este impulso não acontecer, podemos então invocar Carlos Drummond de Andrade², poeta de todos nós, que dizia: “Julgo que a literatura tem muito menos de intencional do que se imagina. Grandes livros se fizeram com memórias e coleções de cartas particulares, absolutamente despidas de preocupações literárias”.

Lamartine Da Costa

Rio de Janeiro, fevereiro de 2006

2 ANDRADE, Carlos Drummond de. Poética Moderna. In: SENNA, H. (Org.) *República das Letras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 3.

Origens Perdidas,
Histórias Esquecidas

Viver na América Latina é um privilégio; um ato de amor e coragem. Vivenciamos de tudo, aprendemos a ser criativos, a tirar leite de pedra, como minha avó me dizia. Imagine ser brasileira, mulher e atleta no início do século XX!

- Desafio?

- Mais que isso! Um ato heroico, com toda a grandeza que lhe é geralmente atribuída. Cada uma de nós, mulheres brasileiras, *sabe a dor e a delícia de ser o que se é*, como bem escreveu Caetano Veloso¹.

Entretanto, se não fossem as mulheres do final do século XIX e início do século XX, acredito que não saberíamos muito sobre a delícia de ser. Mas Chiquinha Gonzaga (1847-1935) *Abriu Alas*² para entrarmos na música, Nísia Floresta (1810-1885)³ alertou para *Os direitos da mulher e a injustiça dos homens*, Joana Paula Manso de Noronha⁴ fundou e dirigiu o primeiro jornal feminino (1852, no Rio de Janeiro - *O Jornal das Senhoras*), as irmãs Lenk⁵ atravessaram São Paulo a nado e Zilda Ulbrich⁶ cortou a bola na rede, pôs a bola na cesta e deu show de graciosidade, força e beleza nas demonstrações do Deustch Turnverein.

Estas mulheres maravilhosas e tantas outras que se distanciaram do modelo social imposto daquele fim de século, partiram para a conquista de espaços mais criativos e mais desafiadores tanto nas artes como nos esportes e nas ciências. Entretanto, mesmo que estes espaços tenham sido ocupados, com eficiência e forte presença feminina, em algumas áreas a história não registrou vestígios, e se, de alguma forma existem evidências, estas são poucas e quase sempre não estão disponíveis ou estão espalhadas em cantos diferentes do país.

Quando a área de interesse é o esporte, fica ainda mais difícil encontrar o início da parti-

1 VELOSO, Caetano. *Dom de Iludir*. Ed. GAPA.

2 Referência à música composta em 1899, *Ó abre alas*, composta por Chiquinha Gonzaga, a qual é considerada a primeira marcha registrada na história do carnaval brasileiro.

3 Nísia Floresta Brasileira Augusta, considerada a primeira feminista brasileira. O livro citado no texto foi a primeira obra no Brasil que trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, “e que exige que as mulheres sejam consideradas como seres inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade”. O livro foi publicado em 1832, Recife (PE), sob o título de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Nessa data, Nísia tinha apenas 22 anos, e o contexto vivido era de preconceito e submissão à vontade masculina. (Constância Lima Duarte – *Nísia Floresta Brasileira Augusta: a pioneira do feminismo brasileiro* – Sec. XIX.).

4 Joana Paula Manso de Noronha nasceu na Argentina, morou no Brasil e naturalizou-se brasileira anos depois. Ela foi a primeira mulher a ocupar o cargo de diretora de um jornal. *O Jornal das Senhoras* foi publicado na cidade do Rio de Janeiro, entre 1852 e 1855. O Objetivo do jornal era “trabalhar pelo melhoramento social e pela emancipação moral da mulher”. Para atingir esses objetivos, a publicação advogava uma melhor educação formal e mais dignidade. O jornal foi dirigido posteriormente por Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco e Gervásia Numésia Pires dos Santos Neves. Violante é considerada a primeira jornalista brasileira (Equipe do projeto Mulher 500 Anos Atrás dos Panos – 3/9/2003).

5 Irmãs Maria Lenk e Sieglinda Lenk campeãs da Travessia de São Paulo a Nado, competição criada em São Paulo, em 1924.

6 Junto com Neuci Ramos da Silva, Aglae Giorgio, Nair Kanawatti, Wanda Lima Bezerra, Eugenia Rindeika, Isaura Marly G. Alvares, Marlene José Bento, Zilah Helen L. Santos, Maria Aparecida Cardoso, Laura Rodrigues e Nívea Figueiredo Silva, conquista a medalha de bronze para o basquetebol feminino nos Jogos Pan-Americanos realizados na cidade do México em 1955. E com as companheiras: Celma Freire de Araújo, Helena Valente Duarte, Hildegard Caroline Lassen, Isaura Marli Alvares, Lilian Collier, Maria Imaculada Machado, Maria José D. Barros, Marlene Guedes Schenkel, Norma Rosa Vaz, Sônia Freire Araújo, Vera Trezoitko, conquista outro bronze competindo na modalidade voleibol.

cipação feminina, principalmente no Brasil, onde o tabu “esporte para mulheres” era algo mais forte do que aquele do “trabalho feminino fora de casa”. O esporte no Brasil, no final do século XIX, foi concebido como coisas de homens ou então de “estrangeiros”. O preconceito em torno da participação feminina nos esportes baseava-se em argumentos amedrontadores, como por exemplo: deixar-se de ser feminina devido à ativação dos hormônios masculinos (pela ativação do sangue no esforço físico), o que ocasionaria o crescimento indesejado de pelos e músculos, podendo, inclusive, prejudicar a concepção física, pois grandes esforços musculares para a mulher poderiam deslocar os seus órgãos reprodutores. Outro argumento era de que o esporte poderia enlouquecer a mulher, pois o sexo frágil não conseguiria “manter o equilíbrio dos nervos”⁷ diante do fracasso ou da vitória. Tudo isso acrescido de outras asserções da medicina.

Por essas e outras razões, os registros das origens do basquetebol feminino no Brasil, assunto principal desta obra, encontram-se dispersos entre clubes, associações e na memória de quem participou. Mulheres e esporte no início do século, e porque não dizer em nossos dias também, é tido como uma combinação nada científica, nada intelectual e muito menos política, portanto, qual o valor de um arquivo desses? Por outro lado, vivemos em um contexto em que a história, com base em registros oficiais, pode ser destruída a cada cinco anos. Quantos arquivos-mortos foram queimados, rasgados e jogados no lixo sem quaisquer análises históricas? Dói pensar!

Contar esta história foi um apelo para o meu espírito cigano de estar em diversos lugares, por curtos espaços de tempo. Foi uma aventura e ao mesmo tempo um desafio montar o quebra-cabeça, entre informações, documentos, entrevistas, diários, jornais, revistas e informações que apareceram pelo caminho. De uma cidade à outra, surgiam informações sobre outros pontos de referência, além de artigos, notícias, websites e contribuições valiosas que caíram em minhas mãos nos mais inesperados momentos.

Todavia, esta obra não é um projeto fechado sobre a história do basquetebol feminino no Brasil. É, antes disso, uma iniciativa para motivar outros pesquisadores a criarem outras obras e, com isso, conhecermos outras histórias, pois o basquetebol feminino é rico em informações sobre o desenvolvimento da participação feminina no esporte brasileiro.

A principal ideia neste livro é, inicialmente, adicionar aos conhecimentos de leitores e leitoras detalhes da invenção do basquetebol, em Springfield, por James Naismith e a adoção desta atividade por Senda Berenson, que foi quem tornou possível a participação feminina. Assim como desejo, neste capítulo introdutório, mostrar como este esporte chegou ao Brasil através de August Shaw, no Mackenzie College, imediatamente atingindo clubes, associações e outros estabelecimentos de ensino. A partir desse ponto, passeamos pela história da mulher

7 RAGO, Elisabeth Juliska. A construção da “natureza feminina” no discurso médico. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v.10, n. 2, p. 511-514, jul./dez. 2002.

brasileira no início do século XX e o primeiro contato com o basquetebol, e pela formação da primeira seleção brasileira, encerrando com a entrevista de Ilda Ulbrich, a Coca.

O capítulo seguinte narra a turnê do time de basquetebol feminino do Brasil na Europa, que, além de tantas outras aventuras, fez parte de uma série de jogos contra a Tchecoslováquia para provar que seria possível ter mulheres competindo nessa modalidade nas Olimpíadas, sendo que os rapazes já o faziam desde 1936.

O Terceiro capítulo é dedicado à seleção brasileira que foi formada em meados de 1960. Esse time foi um grupo coeso que rumou ao Campeonato Mundial de 1971, disputado no Brasil, e são as “Mulheres à Cesta”. Elas abriram caminhos para a entrada do basquetebol feminino nas Olimpíadas e para a nova geração de meninas brasileiras, como Paula, Hortência, Branca, Vania Hernandez, Marta, etc. E é a história de cada uma das “Mulheres à cesta” que dirá ao leitor o que significa *é preciso ter gana, é preciso ter raça, é preciso ter sonho, sempre...*⁸.

Cestas de Pêssegos,
Muito Frio,
Bola de Futebol,
Homens e Mulheres
na Quadra



*James Naismith - fotografia gentilmente cedida
por Smith College Archives*



*Senda Berenson - fotografia gentilmente cedida
por Smith College Archives*

James Naismith
e Senda Berenson



James Naismith - fotografia gentilmente cedida pelo Hall of Fame Archives

JAMES NAISMITH E AS ORIGENS DO BASQUETEBOL

Em 1891, no Springfield College, James Naismith, um instrutor da International Young Men Christian Association Training School, situada em Springfield, Massachusetts, nos Estados Unidos, foi desafiado por seu diretor de programas de treinamento em Educação Física, Luther Halsey Gulick, a criar um jogo que pudesse ser disputado dentro de um lugar fechado e que não requisitasse muito espaço.

Na década de 1890, quando Naismith começou a trabalhar para a Escola de Treinamento Físico de Springfield, não havia muitas competições, com exceção do futebol americano, beisebol e atletismo. O futebol americano tinha sua temporada no segundo semestre (primeiro semestre letivo – *Fall*), o beisebol e o atletismo, no primeiro semestre (segundo semestre letivo – *Spring*) e o futebol era raramente jogado. Não existia uma modalidade esportiva que pudesse ser jogada em quadra coberta. E isso era uma forte preocupação, pois os alunos ficavam incontroláveis.

Em Springfield College, durante o semestre de outono (segundo semestre), em um Seminário de Psicologia, J. Naismith, L. H. Gulick¹, F. N. Seerley², Robert A. Clark³, Amós A. Stagg⁴ e Alfred T. Halstead⁵ discutiram a necessidade de novos jogos possíveis em quadra coberta. Em um desses encontros, Gulick afirmou: “nada havia de novo sob o sol”. Todas as coisas chamadas de novas eram simplesmente a combinação de outras coisas existentes. Tudo o que eles deveriam fazer para obter o “novo jogo” que estavam buscando seria conhecer um vasto repertório de jogos existentes e recombina-los. A essa afirmativa, Naismith prontamente respondeu que, se o que dissera Gulick era verdade, então... “mãos à obra para

1 Luther Halsey Gulick (1865-1918) foi um especialista e prolífico autor de artigos e livros em Educação Física e Recreação. Fez parte do movimento dos educadores reformadores do início do século XX que, entre outras contribuições, fundou a Associação Americana de Parques e Recreação. Foi um pioneiro da Educação Física. Gulick nasceu em Honolulu, filho de Americanos Missionários. Ele estudou em Oberlin College, Sargent School of Physical Training (agora parte da Universidade de Boston), e na New York University, onde concluiu a Escola de Medicina em 1889. De 1887 a 1903, ele foi secretário do Departamento de Treinamento Físico da Associação Cristã de Moços. Gulick foi também diretor de treinamento físico das Escolas Públicas da Cidade de Nova Iorque de 1903 a 1908. Em 1907, ele fundou o Departamento de Higiene da Criança na Fundação Russell Sage, o qual ele dirigiu até a sua aposentadoria em 1913. Com outras pessoas, Gulick fundou, em 1910, a Camp Fire Girls Movement. Gulick dedicou a maior parte de sua vida profissional a associações interessadas em desenvolver programas de Higiene e Educação Física. Em 1917, Gulick foi para a Associação Cristã de Moços na França e de lá retornou com seu último e mais famoso livro *The Dynamic of Manhood* (1917).

2 SEERLEY, F. N. Professor International YMCA Training School, Springfield, Massachusetts.

3 CLARK, Robert. A. Professor International YMCA Training School, Springfield, Massachusetts.

4 STAGG, Amos Alonzo (1862-1965). Técnico de Futebol Americano no departamento da International YMCA Training School, Springfield, Massachusetts. Stagg foi extremamente importante para a inclusão do futebol americano nas universidades.

5 HALSTEAD, Alfred T. Criador do nome Volley Ball para o jogo de Mintonnette, criado por William G. Morgan (1870-1942. International YMCA Training School, Springfield, Massachusetts).

inventar um novo jogo”⁶. A. A. Stagg rapidamente aceitou a sugestão e determinou como tarefa a ser apresentada na reunião seguinte, mas nada aconteceu.

Uma situação mais desafiadora, no entanto, foi dada a Naismith: treinar uma classe de 18 rapazes entre 20 e 25 anos de idade. Muitos deles eram jogadores de futebol americano que, durante o intervalo entre as temporadas, faziam exercícios nas barras paralelas, atividade que não lhes provocava interesse algum. Devido à falta de motivação e de novas atividades, este grupo era particularmente difícil. Gulick não somente impôs a Naismith a responsabilidade por esta classe de rapazes, como lhe desafiou dizendo que essa era a chance para que ele inventasse o jogo de que se julgava capaz.

Naismith não assumiu este grupo com contentamento, pelo contrário. Sua primeira tentativa de elevar a motivação dos estudantes foi tentar jogar o futebol americano em quadra coberta. Todavia, muitas pernas e braços foram quebrados na primeira partida. Ele tentou o futebol, mas dessa vez foram as janelas que saíram quebradas. Por fim, tentou *lacrosse*, mas o equipamento não resistiu.

Naismith, sentado em sua mesa de trabalho, começou a pensar naquele específico grupo e suas necessidades. Todos aqueles estudantes amavam futebol americano, mas era impossível jogá-lo naquela quadra coberta, segurando, correndo com a bola e sendo bloqueado pelo adversário: “Se os jogadores não puderem correr com a bola, o que eles fariam? Como poderia ser desenvolvida uma forma de marcar gols sem velocidade e força?” Pensou Naismith.

Seria preciso criar um sistema de gol ou marcação de pontos que valorizasse, em vez da força, os movimentos de precisão. Mas isso não poderia ser como no futebol, pois o chute a gol sempre precisa ser forte. Arremessar como no *lacrosse* também não se aplicava à situação, pois a bola tinha que ser muito rápida para acertar o gol. Naismith achou a resposta em um jogo de sua infância chamado “*Duck in the Rocks*”⁷. Era preciso pensar em algo mais sutil, assim como era imprescindível achar uma forma de conduzir a bola. Deveria haver um jeito de jogar a bola, em que ela batesse no chão e voltasse ao jogador enquanto este andasse ou corresse. E, para fazer o gol, era preciso pensar em um recurso em que a bola fizesse uma trajetória curvilínea, o que diminuiria a força e velocidade. Esse novo jogo deveria utilizar muito mais habilidade e estratégia ao invés de força e velocidade.

A primeira tentativa seria colocar uma marca, apenas um círculo acima da cabeça, onde nenhum jogador pudesse ficar parado embaixo, então o gol seria colocado numa linha horizontal suspensa no ar. Outra preocupação foi com a maneira de colocar a bola em jogo. A princípio, Naismith utilizou a teoria de Gulick e tentou combinar partes de jogos, como

6 Traduzido a partir de NAISMITH, James. *The Naismith Speech Springfield College*, 5 jan. 1932.

7 Jogo cujo objetivo era acertar uma pedra (*duck*) em cima de uma rocha, jogando outra pedra.

o polo, colocando a bola no centro e os jogadores no fundo da quadra e, ao sinal, todos correriam para disputar a bola. Essa ideia foi rapidamente abandonada devido ao perigo do confronto que haveria no chão da quadra. Naismith lembrou-se do *rugby* inglês, e evitou as cotoveladas iniciais com uma inovação: colocando dois jogadores, um de cada time no centro da quadra e fazendo com que a bola caísse sobre eles. A partir de então, esta passou a ser a primeira das treze regras iniciais do que viria a ser o “*Basketball*”⁸.

Naismith precisava testar seu novo jogo. A primeira tentativa foi com uma bola de futebol, ao invés de uma bola maior e mais leve como Naismith queria. Indo para o ginásio, no dia 21 de dezembro de 1891, Naismith encontrou “Pop” Stebbins¹⁰ e lhe pediu duas caixas com medidas de 45,72 cm (18 Polegadas). Mas Stebbins não tinha, e lhe deu duas velhas cestas de pêssegos. Naismith¹¹ pregou uma cesta em cada final da quadra a aproximadamente 3,05 m do solo (10 pés). Se a quadra tivesse 11 pés de altura, provavelmente seria a esta altura que Naismith teria pregado as cestas. Depois de tudo pronto, o grupo de rapazes chegou para mais um encontro com o Senhor Naismith.

Naismith conta que o primeiro a chegar foi Frank Mahan, um Irlandês, cuja posição no futebol americano era de *tackle*¹². Este rapaz olhou para as duas cestas e percebeu a intenção de um novo jogo. Assim como ele, todos os outros rapazes ficaram intrigados com a novidade. Depois que a bola foi colocada em jogo pela primeira vez, Naismith nunca mais teve problema com seus 18 rapazes. A única dificuldade era tirá-los da quadra depois que a aula

8 James Naismith. *Treze regras originais*: “O objetivo do jogo é colocar a bola dentro do gol do adversário. Isso poderá ser feito arremessando a bola de qualquer parte do chão, com uma ou duas mãos e seguindo as seguintes regras:

1. A bola deverá ser arremessada em qualquer direção com uma ou duas mãos.
2. A bola pode ser batida/quicada em qualquer direção com uma ou duas mãos.
3. O jogador não pode correr com a bola. O jogador deverá arremessá-la do mesmo lugar em que a recebeu. Exceções podem ocorrer quando o jogador recebe a bola correndo e tenta parar.
4. A bola deverá ser segurada com as mãos. Os braços e o resto do corpo não poderão ser usados para segurá-la.
5. Não será permitido usar o ombro contra o adversário, segurar, puxar, barrar o adversário usando as pernas ou braços. A primeira infração destas regras por qualquer jogador será considerada falta (*foul*), a segunda o desqualificará a participação no jogo até que o próximo gol seja feito, ou, se houver evidente intenção de ferir a pessoa, não haverá substituição do infrator.
6. Uma falta (*foul*) é barrar a bola com o punho, violação das Regras 3, 4 e como está descrito na Regra 5.
7. Se quaisquer lados fizerem três faltas consecutivas, isto será contado como um gol para os oponentes (consecutivo significa sem faltas do oponente durante as três faltas).
8. Um gol será feito quando a bola for jogada ou batida dentro do campo do adversário dentro do gol (*basket*) e permanecer lá. A defesa não poderá tocar o gol (*basket*). Se a bola estiver na beirada do gol e o oponente mover a cesta, isto será contado como gol.
9. Quando a bola sair das imediações da quadra, ela deverá ser jogada em campo pelo jogador que a tocou. Ele terá o direito de segurar a bola sem ser molestado por cinco segundos. No caso de haver uma disputa, o árbitro auxiliar deverá jogar a bola diretamente na quadra. A ele é permitido cinco segundos; se ele segurar a bola por mais tempo, a bola irá para o oponente. Se os dois times persistirem em atrasar o jogo, o árbitro principal deverá dar uma falta para cada lado.
10. O árbitro principal deverá ser o juiz dos homens e deverá anotar as faltas e notificar ao juiz da partida quando três faltas consecutivas forem cometidas. Ele deverá ter o poder de desqualificar os jogadores de acordo com a Regra 5.
11. O juiz da partida deverá julgar além da bola, e deverá decidir quando a bola está em jogo, fora de quadra, a que lado a bola pertence, e deverá controlar o tempo. Ele decidirá quando o gol tiver sido feito e deverá contar o número de gols, assim como quaisquer outras atividades referentes àqueles que atuam como juizes.
12. Haverá dois tempos de 15 minutos, com 15 minutos de intervalo.
13. O lado que fizer mais gols nestes dois tempos será considerado vencedor. No caso de um empate, com a concordância dos capitães, o jogo poderá continuar até que outro gol seja feito.

9 Maneira carinhosa de se dirigir à pessoas idosas. É um termo do século XIX, como se fosse “papa” que não se usa mais.

10 Assistente de professores no School Caretaker.

11 NAISMITH, James. *The Origin of Basket Ball* (Discurso proferido em 5 de Janeiro de 1932 no Springfield College).

12 Tackle é a posição de bloqueio do adversário.

acabava.

O jogo não apenas tornou-se popular entre os rapazes de sua classe, mas também entre os alunos de uma escola vizinha, a *Buckingham Grade School*, assim como entre suas professoras, as quais viram possibilidades de fazer parte do novo jogo. Normalmente, as aulas começavam às 11h da manhã e terminavam ao meio-dia. Nos últimos minutos, as garotas começavam a chegar, e então os rapazes se entusiasmavam e jogavam para elas. Em poucos dias já havia mais de 100 pessoas assistindo, e não demorou muito para que essas professoras pedissem a Naismith permissão para jogar. Com permissão concedida, e tempo especial de treino, as mulheres começaram a jogar como fosse: de salto alto, saias rodadas e espartilhos. E elas jogavam! Rapidamente times mistos foram sendo formados por jovens solteiros e suas namoradas, assim como algumas estenógrafas e professoras formaram seu próprio time na Escola. Naismith foi chamado para ser árbitro, e tudo foi muito bem até que eles marcaram uma falta em uma das garotas. A jogadora enfurecida fez uma denúncia da falta de espírito esportivo feminino. Naismith, em seu discurso¹³, acrescenta que aquela garota não era diferente de outras meninas, mas a explicação estaria na falta de experiência, uma vez que elas nunca haviam tido a oportunidade de jogar uma partida em que espírito esportivo fosse um requisito.

A continuidade da participação feminina no basquetebol foi garantida, portanto, graças à presença marcante de Senda Berenson.



Senda Berenson - fotografia gentilmente cedida pelo Hall of Fame Archives

SENDA BERENSON E MENINAS À CESTA

Senda Valvrojenski, nascida em 19 de março de 1868 em um shtetl¹ perto de Vilnius, na Rússia, filha de Albert Valvrojenski, viria a tornar-se uma das mulheres mais importantes no cenário esportivo mundial de sua época. A família de Senda mudou-se para os Estados Unidos em 1874 e foram viver em West End², Boston. O pai de Senda mudou o nome para Albert Berenson e cortou todos os laços com a religião judaica. Ele não permitia outra linguagem dentro de casa que não fosse o inglês. A intenção era fazer com que os filhos Senda e Bernard (irmão dois anos mais velho), assim como a esposa, assimilassem rapidamente o novo país, a nova vida e os novos hábitos. As duas irmãs de Senda, Elizabeth e Rachel, nasceram em Boston em 1878 e 1880, respectivamente. Assim que Rachel nasceu, a família ganhou a cidadania norte-americana.

Bernard Berenson seguiu os desejos do pai, que era um livre pensador e valorizava a educação dos filhos, formando-se em Harvard. Durante sua estada na faculdade, Bernard convidou Senda para uma visita a Harvard College, onde ela, ainda adolescente, pôde ver e desejar uma vida bem diferente daquela conhecida em West End. Quando Bernard se graduou, mudou-se para a Itália, onde se tornou um reconhecido crítico de arte. Senda tinha Bernard como seu modelo e aspirava tornar-se melhor a cada dia, e quem sabe assim pudesse seguir os passos do irmão? Senda frequentou a escola de gramática, Escola Latina de Garotas, mas não concluiu nenhum curso. Entretanto, Senda havia estudado línguas e era uma profícua leitora e tornar-se-ia, mais tarde, uma importante escritora e editora de matérias sobre o esporte feminino. Quando Senda decidiu lecionar piano, seu estado de saúde a fez ir para a Boston Normal School of Gymnastics (BNSG), onde havia esperanças de melhorar sua capacidade física³. As dores lombares que ela sentia melhoraram sensivelmente, o que a levou a acreditar no poder regenerador da ginástica e a tornar-se uma seguidora de Amy Morris Homans⁴. Além dos cursos básicos da BNSG, Senda também cursou disciplinas oferecidas pela Harvard University e Harvard Medical School Faculty. Seu sucesso foi rapidamente reconhecido por Homans, que a indicou para trabalhar no Smith College, em Northampton, Massachusetts, substituindo uma professora que estava doente.

Senda Berenson assumiu seu trabalho em Smith College, em janeiro de 1892, com muita esperança de desenvolver o melhor programa de ginástica que pudesse, seguindo a filosofia de trabalho de sua mentora Homans. Berenson era uma mulher muito bonita, de olhos verdes, cabelos escuros e encaracolados. Sua aparência atraía as jovens para suas aulas, pois buscavam a professora

1 Palavra em ídiche para "Gueto". Normalmente referindo-se a Guetos Judaicos.

2 Bairro em Boston, povoado por imigrantes e trabalhadores.

3 SPEARS, Betty. Senda Berenson Abbot: New Woman: New Sport. In: HULT, Joan S.; TREKEL, Marianna (Eds.). *A Century of Women's Basketball: from frailty to final tour*. NAGWS/AAHPERD, 1991.

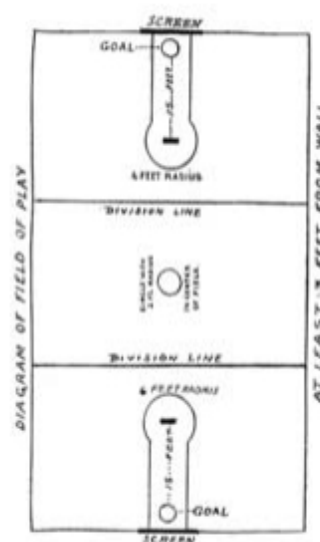
4 Amy Morris Homans era diretora da BNSG, a qual era responsável por preparar professores de ginástica. Homans foi responsável pela iniciativa da preparação profissional feminina em busca da saúde da mulher no final do século XIX nos Estados Unidos.

modelo. Senda, no entanto, tentava manter aquelas com histórico de doenças, ou mais fracas, cada vez mais motivadas a melhorar a saúde, antes de qualquer coisa, em vez de se preocuparem apenas em satisfazer a vaidade de ter o corpo esteticamente perfeito, alvo comum às alunas mais saudáveis. Senda buscava diferentes formas e diversas estratégias para tornar suas aulas desafiadoras e instigantes. Por essa razão, descobriu o *Basketball* de Naismith, que estava sendo jogado em Springfield College, lendo uma revista de Educação Física chamada *The Triangle*⁵, na qual o autor descreveu o jogo e publicou as primeiras regras. Por que não testar essa nova prática em aula? Senda Berenson era uma pessoa motivada pelo simples fato de viver; era uma aventureira numa sociedade ainda restrita a respeitar somente a liberdade e a independência masculinas. Em suas anotações, fica claro que Senda não era uma feminista militante, pelo contrário, ela preservava as normas da BNSG e tinha muito cuidado ao escolher as atividades, de forma que estas não ofendessem às alunas ou a seus pais.

Ao abraçar o *Basketball* como uma possibilidade de motivação para suas aulas, Berenson tinha muito medo da forma como os pais pudessem encarar esta nova prática. Mas ao abraçar a ideia, com coragem, descobriu os incontáveis benefícios físicos da prática do *Basketball*, mesmo ainda desconhecendo a dimensão da importância do seu ato, em termos de ganhos esportivos para as mulheres nos anos seguintes e para a aceitação da nova modalidade como esporte oficial. As mulheres da época de Senda Berenson não tinham experiências em jogos com cinco ou mais jogadoras no mesmo time. Muito menos com um time inteiro contra outro, ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Isso era considerado masculino e visto como um risco de “masculinizar” as mulheres. Os esportes femininos de então se resumiam à equitação, à canoagem, à natação, ao ciclismo e ao tênis, além de outros jogos, considerados informais. Foi exatamente por isso que, em Springfield, Naismith teve uma experiência negativa arbitrando um jogo feminino. O espírito esportivo, provinha da experiência e não da natureza dos sexos, como Naismith afirmou. E sem prática contínua, não se obtém experiência.

Senda não acreditava que jogos entre times e com bolas masculinizariam as suas alunas, mas ela teria que provar isso. Enquanto defensora ardorosa da Ginástica Sueca, ela também defenderia com raça os benefícios do *Basketball* e o introduziria de forma sutil. Para começar, Berenson desvinculou quaisquer semelhanças com o jogo masculino, dividindo a quadra em três partes (Foto ao lado).

As jogadoras foram designadas a ocupar seus lugares nas três seções da quadra; elas não poderiam correr em toda a extensão, apenas onde suas posições pertenciam. Isso cansava menos as jogadoras e as encorajava a jogar. As regras criadas por Berenson eram estruturadas de maneira a preservar a feminilidade, como por exemplo: não era permitido bater na mão da adversária ou na bola para tomar posse;



as jogadoras somente poderiam permanecer com a bola por três segundos; e elas não poderiam driblar ou saltar mais de três vezes. Com essas adições às regras de Naismith, o *Basketball* para as mulheres estava em boas condições para ser jogado no Smith College e não ser comparado ao jogo masculino.

Senda organizou o primeiro jogo no início de 1892, depois de encontrar suas duas cestas de pêssegos. Ela obteve ajuda de funcionários da escola para pregá-las na parede. Depois ensinou suas alunas a receberem e a arremessarem a bola, assim como treinou a defesa e o ataque, velocidade e resistência. Em suas anotações de aula, datadas de 1892, Senda descreve suas impressões e dúvidas sobre o artigo que escrevera a Naismith na revista *The Triangle*. Isso nos faz abandonar a indicação de Naismith em seu livro *Basketball*, no qual ele sugere que Berenson ficou interessada em *Basketball* depois de um encontro sobre Educação Física, em Yale em 1893. Nesse mesmo ano, Senda organizava já o primeiro jogo oficial de basquetebol entre alunas ingressantes no primeiro ano (*Freshman*) e a partir do segundo ano (*Sophomore*).

O *Basketball* Feminino não demorou muito a tornar-se popular em outras instituições, como a Associação Cristã de Moças, escolas de segundo grau e universidades do oeste dos Estados Unidos. Em novembro de 1892, foi registrado o primeiro jogo oficial entre duas grandes instituições de ensino: Universidade da Califórnia-Berkeley e Miss Head's School. Senda Berenson publicou as primeiras regras, em 1901, pela Spaldings Athletic Library. Em 1911, ela casou-se com Herbert Vaughan Abbot e se demitiu de Smith College, ficando como Diretora de Educação Física do Mary A. Burham School (por 10 anos), como editora do *Basketball Guide for Women* e Presidente (por seis anos) do Comitê Americano de Basquetebol Feminino (U.S. Women's Basketball Committee). Cinco anos depois da morte de seu marido, em 1934, ela mudou-se para a Califórnia para viver com sua irmã, vindo a falecer em 1952. Somente em 1985 é que Senda Berenson e Margaret Wade foram eleitas para o Hall of Fame.

As Primeiras Regras Oficiais para o Basquetebol Feminino



Regras

Regra I

Quadra:

Seção 1. O basquetebol deve ser jogado em quaisquer quadras livres de obstrução. As quadras não deverão exceder 6.000 pés² (557m²) da real área de jogo.

Delimitações da área de jogo (linhas demarcatórias):

Seção 2. Deverá haver linhas bem definidas no campo ou na quadra. As linhas laterais deverão ter pelo menos três pés a partir da parede ou da cerca. As linhas de fundo deverão estar diretamente embaixo da superfície onde o gol está colocado. Estas linhas deverão marcar os limites da área de jogo.

Linhas divisórias:

Seção 3. O campo/quadra deverá ser dividido em três partes iguais, paralelos à linha de fundo.

Regra II

Bola:

Seção 1. A bola deverá ser redonda; ela deverá ter câmara de borracha e ser coberta de couro; não deverá ter menos que 30 ou mais que 32 polegadas de circunferência (72,2 cm ou 81,28 cm); os limites de variabilidade não deverá ultrapassar um quarto de polegada em três diâmetros; não deve pesar menos que 18 ou mais que 20 onças (0,51 kg ou 0,56 kg).

Seção 2. A bola deve ser firmemente (compacta) inflada e somente então laçada, de tal maneira que não permita sua condução pelo laço, e deve estar em perfeitas condições.

Seção 3. A bola fabricada por A. G. Spalding & Bros. deverá ser a bola oficial. Estas deverão conter a estampa, assim como aparece, e deverá vir em caixas.

Regra III

Seção 1. Os gols deverão ser fabricados de rede de corda, suspensos por anéis de metal de 18 polegadas (45,72 cm) de diâmetro (por dentro). Os anéis de metal deverão ser colocados a 10 pés de altura (3,5 m) do chão e centrados no fundo de cada lado da quadra. Dentro dos aros deverá haver uma tela de seis polegadas horizontais (15,24 cm) e quatro verticais (10,16 cm). Se uma tela for usada, ela não poderá se estender mais que um pé (30,48 cm) abaixo da parte superior do gol.

Seção 2. Os gols deverão estar rigidamente suportados por baixo. Não deverá haver nenhum

tipo de projeção para os lados, acima ou abaixo.

Seção 3. O gol fabricado pela A. G. Spalding & Bros. deverá ser o gol oficial.

Regra IV

Seção 1. Os times não poderão ter menos que seis ou mais que nove membros.

Regra V

Seção 1. Os árbitros deverão ser: um árbitro de partida (*referee*), dois árbitros de fundo (*umpires*), um marcador de pontos (*scorer*), um marcador de tempo (*timekeeper*) e quatro árbitros de linha (*linesmen*) – dois para cada time.

Regra VI

Árbitro (Referee):

Seção 1. O árbitro em todos os casos deverá ser completamente competente e uma pessoa imparcial.

Seção 2. O árbitro deverá ser escolhido até quatro dias antes do jogo.

Seção 3. Antes do jogo começar, o árbitro da partida deverá checar se as regras referentes ao gol, bola e quadra foram cumpridas. Com mútua concordância entre as capitãs de equipe, o árbitro poderá permitir alterações nas regras com relação à quadra e ao tempo, mas não em relação à bola, gol ou times. O árbitro deverá averiguar antes do início de jogo, com as capitãs de equipe, o tempo certo para começar a partida, ou quaisquer outras mudanças efetuadas pelas capitãs.

Seção 4. O árbitro deverá ser o juiz da bola. Ele decidirá quando a bola está em jogo, a quem ela pertence e quando o gol é feito.

Seção 5. O árbitro deverá dar o aval ao controlador do tempo, ao marcador de pontos e aos juízes de linha 24 horas antes do jogo começar.

Seção 6. Sempre que a bola for colocada em jogo pelo árbitro, este deverá estar de pé para que a bola suba em direção paralela aos ângulos das linhas laterais.

Seção 7. O árbitro usará o apito para chamar “tempo”, parar a partida e anunciar faltas.

Seção 8. Nenhuma jogadora, além das capitãs de equipe, poderá se dirigir aos árbitros. O árbitro marcará falta se isto ocorrer.

Seção 9. O árbitro de partida (*referee*) é o principal juiz do jogo e decidirá sobre todas as questões, definitivamente, não subestimando os árbitros de fundo de quadra (*umpires*), mas deverá ter poder para alterar uma decisão dos juízes de fundo ou dos de linha, quando isto estiver sob suas responsabilidades.

Seção 10. Qualquer time que se recusar a jogar dentro de três minutos após receberem instruções do árbitro perderão o jogo.

Seção 11. A autoridade do árbitro somente diz respeito ao momento do jogo até que este seja concluído. O árbitro não exercerá nenhum poder depois da partida.

Seção 12. O árbitro decidirá quando o gol é feito (Regra XII, seção I).

Seção 13. Colocará a bola em jogo (Regra XII, seções 2, 3 e 5).

Seção 14. Indicará as duas jogadoras mais perto da bola quando o tempo é chamado e quem irá saltar na bola ao alto no recomeço do jogo (Regra XII, seção 6).

Seção 15. Bola ao alto quando ela for segurada por duas ou mais jogadoras ao mesmo tempo (Regra XII, seção 7).

Seção 16. Dará pontos ao time oposto quando o gol for tocado (Regra XII, seção 14).

Seção 17. Decidirá sobre a Regra XII, seção 14.

Seção 18. Decidirá sobre as violações da Regra XII, seção 15.

Seção 19. Desqualificará jogo bruto (Regra XII, seção 21).

Seção 20. Apitará quando a bola sair da linha demarcatória (Regra XII, seção 24, [c]).

Seção 21. Decidirá quem tocou a bola antes de sair da linha demarcatória (Regra XII, seção 24, [c])

Seção 22. Decidirá sobre todas as violações da Regra XII, seção 24, [j].

Seção 23. Decidirá quando a jogadora segurou a bola mais que 5 segundos fora de quadra (cobrança de lateral) (Regra XII, seção 24 [g]).

Seção 24. Decidirá quando a bola é batida, etc., para fora da quadra (Regra XII, seção 24 [a]).

Seção 25. Decidirá quando os gols forem feitos de acordo com a Regra XII, seção 25.

Seção 26. Decidirá se a bola estava no ar quando o apito soou e se o gol foi válido (Regra XII, seção 26).

Seção 27. Quando dois ou mais árbitros apitarem simultaneamente, o árbitro da partida decidirá de qual irá tomar a procedência (Regra XII, seção 27).

Seção 28. Decidirá se o gol feito pelo time que cometeu a falta irá ser contado (Regra XII, seção 28).

Seção 29. Decidirá jogos ganhos por omissão do outro time (Regra XII, seção 29).

Seção 30. Decidirá quando o jogo estiver ganho de acordo com a Regra XII, seção 30.

Seção 31. Anunciará a marcação dos pontos, seja por negligência/omissão/ausência do outro time (Regra XII, seção 31).

Seção 32. Dará falta por injúrias lançadas contra os outros árbitros (Regra XII, seção 34).

Seção 33. Dará falta por intencionais e persistentes atrasos na partida (Regra XII, seção 34).

Seção 34. Dará faltas quando as seguintes regras forem violadas: Regra VI, seção 8; Regra XII, seção 31; Regra XI, seção 3.

Regra VII

Umpires:

Seção 1. Os *umpires*, em todos os casos, deverão ser competentes e imparciais. Eles poderão ser escolhidos um por cada time.

Seção 2. O *umpire* julgará as jogadoras e decidirá sobre as violações da Regra XII, seções 3, 17, 18, 19, 20, 21, 24 [f], 36, 37, 38, 39, 40, 41.

Seção 3. Os *umpires* decidirão independentemente do outro, e se uma falta for dada por um,

o outro não poderá questionar.

Seção 4. Sempre que uma falta for marcada, o *umpire* apitará e indicará quem a cometeu, anunciará a natureza da falta, de forma que o marcador de pontos (*scorer*) possa ouvir.

Regra VIII

Scorers/Marcadores de pontos:

Seção 1. O marcador deverá ser escolhido pelo árbitro.

Seção 2. Ele deverá notificar ao juiz quando um jogador for desqualificado, de acordo com a Regra XII, seção 21.

Regra IX

Marcadores de tempo/ Cronometrista/ Timekeeper:

Seção 1. O *timekeeper* deverá ser escolhido pelo árbitro.

Seção 2. Ele anotará quando o jogo começar. Ele apitará no final dos quinze minutos de cada metade da partida, ou do tempo que for acordado entre as capitãs de cada time, de acordo com a Regra XII, seção 9.

Seção 3. O tempo consumido pelas paradas durante o jogo deverá ser deduzido somente sob ordens do árbitro.

Regra X

Juízes de linha/ Linesmen:

Seção 1. Os *linesmen* deverão ser escolhidos pelo árbitro da partida.

Seção 2. Deverá haver quatro fiscais de linha, dois para cada lado a quadra.

Seção 3. Os *linesmen* julgarão as faltas feitas por pisar fora de quadra ou cruzar as linhas da quadra.

Regra XI

Capitãs

Seção 1. As capitãs deverão ser indicadas por seus respectivos times antes do início do jogo e estas deverão jogar na partida.

Seção 2. As capitãs representarão seus respectivos times.

Seção 3. As capitãs disputarão com a moeda a escolha pelos lados da quadra e serão permitidas se dirigirem aos árbitros chamando-lhes a atenção quando regras forem violadas. Os árbitros deverão aplicar a Regra XII, seção 33 nas condutas das capitãs, quando necessário.

Seção 4. Antes do início da partida, cada capitã fornecerá ao *scorer* a lista de seu time e as respectivas posições.

Regra XII

O Jogo

Seção 1. Um gol feito de dentro do campo contará dois pontos; um gol feito a partir de cobrança de falta contará um ponto; se a bola for jogada dentro da cesta, mesmo por acidente, será contado ponto para o lado oposto àquele gol.

Seção 2. O árbitro colocará a bola em jogo, jogando a bola a uma altura razoável em que poderá ser disputada por ambos os lados. Este ato deverá abrir o jogo, iniciar o segundo tempo e sempre que for feito um gol.

Seção 3. Depois do árbitro colocar a bola em jogo, ela deverá ser tocada primeiro por uma das jogadoras centrais, que foram indicadas previamente pelos *umpires*. Se esta regra for violada, será considerada falta. Ambas jogadoras deverão disputar a bola saltando.

Seção 4. Quando duas faltas acontecerem ao mesmo tempo dos lados opostos, cada time deverá cobrar a falta sucessivamente ao outro. A bola, então, deverá voltar ao centro e novo bola ao alto deverá ser conduzido pelo árbitro.

Seção 5. Depois do tempo dado, o árbitro colocará a bola em jogo, no mesmo lugar em que ele parou a partida, a menos que a bola tenha saído de quadra. Nesse caso, o árbitro apitará, reiniciando o jogo, como se o tempo não tivesse sido dado (Regra VI, Seção 6; assim como Regra XII, seção 6).

Seção 6. As duas oponentes mais próximas da bola, quando tempo for pedido, deverão ser

as primeiras a tocarem na bola quando o jogo for reiniciado. Elas deverão ser indicadas pelo árbitro. Se, todavia, a bola for segurada entre duas ou mais jogadoras na linha de jogo (defesa, centro e ataque) deverá ser dada bola ao alto entre as jogadoras centrais de ambos os times indicadas pelo árbitro.

Seção 7. Quando a bola é segurada por duas ou mais jogadoras, ao mesmo tempo, o árbitro deverá apitar, parar o jogo e dar bola ao alto, no mesmo lugar em que a disputa ocorreu (Regra VI, seção 6; assim como Regra XII, seção 6).

Seção 8. Sempre que a bola é colocada em jogo, as jogadoras que primeiro tocarem a bola deverão estar longe dois pés do local onde ela cairá.

Seção 9. Um time será ganhador depois de ter marcado a maioria dos pontos, depois de trinta minutos de jogo, ou tempo acordado entre as capitãs e o árbitro da partida.

Seção 10. Em caso de empate, o jogo continua (sem troca de gols/lados de quadra) até que um dos times tenha feito dois pontos adicionais. Os gols poderão ser feitos de dentro de um dos três campos ou linhas. O time que primeiro fizer os dois pontos ganhará a partida.

Seção 11. O jogo consistirá em dois tempos de 15 minutos cada, com um intervalo de 10 minutos. As capitãs poderão alterar isso em concordância com o árbitro.

Seção 12. Se o gol for movido pela oponente quando a bola estiver nos aros, o árbitro dará um ponto para o time oposto.

Seção 13. Os times trocarão de gols/lados no final do primeiro tempo.

Seção 14. Quando uma falta for feita, o time oposto terá direito a três lances livres observando a distância de três pés, em linha central com o gol. A jogadora não poderá cruzar a linha de 15 pés até que a bola tenha entrado no gol ou tocado o chão. Se esta regra for violada, um gol, se for marcado, não será válido, e se for perdido, será dado bola morta e voltará ao centro da quadra. A bola não deverá ser passada a outra jogadora, mas sim ser arremessada à cesta. O árbitro decidirá sobre as violações a esta regra.

Seção 15. Nenhuma jogadora deverá permanecer mais perto que seis pés daquela que irá arremessar a bola (seja em diâmetro ou lateral) e não deverá interferir no arremesso de forma alguma até que a bola atinja o gol. A jogadora não poderá sofrer quaisquer interferências de quaisquer natureza, sejam pelas outras jogadoras ou espectadores. Se esta regra for violada por uma das jogadoras do time oponente e o gol não for feito, ela terá direito a outro lance livre. Se a regra for violada por uma jogadora do mesmo time, ou por jogadoras de ambos os times ao mesmo tempo, se for feito um gol, este não deverá ser contado e se nada tiver acontecido, a bola volta ao centro da quadra. Se nenhum gol for feito e nenhuma regra

for violada, a bola será posta em jogo logo após a terceira tentativa. As jogadoras deverão estar atrás da linha até que a bola entre na cesta ou caia no chão. O árbitro decidirá sobre as violações a esta regra.

Seção 16. A bola poderá ser arremessada ou batida em quaisquer direções com uma ou duas mãos.

Seção 17. A bola não poderá ser chutada ou golpeada com o punho. Os árbitros de fundo de quadra (*umpire*) darão falta à violação a esta regra.

Seção 18. A jogadora não poderá carregar a bola dentro de quadra. Ela deverá jogar a bola do ponto onde ela recebeu. Enquanto a jogadora segurar a bola ela só poderá mover mais que um pé. Isto, porém, não deverá ser interpretado como interferindo com outra jogadora ao virar-se sem progressão. O *umpire* dará falta na violação a esta regra.

Seção 19. Quando a bola for recebida com ambas as mãos, ela não poderá ser quicada no chão mais que três vezes, e ela deverá estar no mínimo à altura do joelho até que esta seja tocada por alguma outra jogadora. Isso não interferirá com o arremesso ao gol por duas ou mais tentativas sucessivas, mesmo que outras jogadoras não toquem a bola neste íterim. O *umpire* dará falta à violação a esta regra.

Seção 20. As jogadoras não poderão agarrar, segurar ou empurrar suas adversárias. Os braços não deverão ser usados de forma alguma para bloquear a progressão de jogadores que não estão com a bola. Segurar pela roupa, ou a jogadora com as mãos ou colocando um ou ambos os braços em torno a pessoa, será considerado segurar a jogadora. O *umpire* dará falta à violação desta regra.

Seção 21. Não deverá haver empurrões com o uso dos ombros, passar rasteira, golpear, chutar, ou quaisquer atitudes violentas intencionais e/ou desnecessárias. A violação desta regra constitui falta e o árbitro poderá, na primeira incidência, e também na segunda vez, desqualificar a jogadora que cometeu a falta, por este jogo ou outro em quaisquer períodos que o comitê responsável decidir. Uma falta é uma violação às regras, se cometidas intencionalmente ou não. O fato de uma falta ser feita é o único guia para que os árbitros apontem como tal. O *umpire* dará falta por violação a esta regra. O árbitro terá o poder de desqualificar por violação desta regra se a falta for apontada ou não pelo *umpire*.

Seção 22. Uma substituta deverá ser permitida àquela jogadora desqualificada e a falta feita por ela será contada.

Seção 23. Sempre que, por doença ou acidente com quaisquer jogadoras, for necessário ao árbitro pedir tempo, o jogo deverá ser reiniciado em cinco minutos. Se a jogadora machucada estiver sem condições de reiniciar o jogo, ela deverá ser substituída, ou o jogo iniciará sem ela.

Se for necessária uma substituição por quaisquer outras razões que não estejam relacionadas à doença ou a acidentes, isto somente poderá ser feito no intervalo e somente depois de notificar o árbitro. Quaisquer gols feitos pelo time que violar esta regra não serão contados, mas isto não afetará o *score* do outro time. Uma jogadora uma vez removida da partida, não poderá jogar novamente durante o mesmo jogo.

Seção 24. A bola será considerada fora de quadra quando cruzar completamente a linha.

(a) Quando a bola for batida, rolada, quicada, passada, etc., de um campo e sair de quadra, o árbitro dará a posse de bola ao adversário.

(b) Em caso de dúvida do árbitro sobre quem tocou a bola por último, a bola será dada à primeira jogadora que a tocar do lado de fora.

(c) No caso de dúvida do árbitro sobre quem tocou a bola primeiro de fora da quadra, ele lançará a bola ao alto, dentro da área de jogo no mesmo local onde ela cruzou a linha para fora.

(d) Quando a bola sair da área de jogo e rolar ou quicar dentro da quadra novamente, o jogo deverá continuar, mesmo que a jogadora que a tocou por último esteja fora da quadra; exceção será feita se o árbitro tiver apitado, a bola então será colocada em jogo como se não tivesse retornado à área de jogo.

(e) Quando a bola for passada para uma jogadora fora dos limites da área de jogo, o árbitro deverá dar ao adversário a posse de bola no lugar onde ocorreu o passe.

(f) A bola não deverá ser carregada dentro da área de jogo. O *umpire* dará falta à violação desta regra (Regra XII, seção 18).

(g) Uma jogadora será permitida segurar a bola por cinco segundos fora da área de jogo, e se ela segurar a bola por mais tempo, a bola passará para o time adversário.

(h) Quando o árbitro lançar a bola ao alto entre as duas jogadoras centrais e uma delas bater a bola para fora da área de jogo, a bola será dada ao time adversário, onde a bola cruzou a linha.

(i) A bola poderá ser arremessada em quaisquer direções dentro da área de jogo, de qualquer lugar (fora da quadra) em ângulo direto à linha demarcatória por onde a bola cruzou. A bola deverá ser arremessada e não rolada, para dentro da área de jogo, e deverá ser jogada por algumas outras jogadoras antes que a jogadora que a colocou para dentro de área possa jogar. Quando uma destas regras for violadas, o árbitro deverá dar posse de bola ao time adversário no mesmo local onde a violação ocorreu.

(j) Não deverá haver nenhuma interferência no ato da jogadora que está retornando a bola: isto é, nenhuma parte do seu corpo ou do corpo das adversárias deve estar fora da área de jogo; as adversárias não poderão tocar na bola até que esta tenha cruzado a linha. Se uma destas regras forem violadas o árbitro deverá retornar a bola à jogadora que estava retornando a bola à área de jogo, e no mesmo lugar.

Seção 25. Quando uma jogadora arremessar a bola à cesta e o árbitro decidir que parte do corpo dela estava fora da área de jogo, o árbitro colocará a bola em jogo no centro da quadra. Se um gol for feito neste ínterim, este não será considerado.

Seção 26. Se uma jogadora arremessar a gol e o árbitro decidir que a bola estava no ar, quando o apito soou (árbitro, *umpire*, *scorer*, *timekeeper* ou *linesmen*), e o arremesso resultar em gol, isto será contado.

Seção 27. Quando o apito do *umpire* soar simultaneamente com o do árbitro, *referee*, *timekeepers* ou *linesmen*, o árbitro decidirá de quem ele teve procedência.

Seção 28. O árbitro decidirá se o arremesso a gol, antes do apito soar marcando falta deverá ser contado ou não; mas se a jogadora, enquanto estiver arremessando, sofrer uma falta do time adversário e assim mesmo fizer o gol, ambos deverão ser contados.

Seção 29. Se um dos times não comparecer na hora determinada, o árbitro anunciará que o time presente que cumpriu com os termos acordados para a realização do jogo será declarado vencedor do jogo (Regra XII, seção 31).

Seção 30. Quando isto acontecer, todavia, se nenhum dos times estiver pronto para começar a partida no horário determinado, o time que estiver preparado primeiro não poderá pedir vitória sobre seu oponente. Os atrasos serão permitidos até 15 minutos em tempo adicional de jogo e se, neste ínterim, o time não conseguir completar seu número de jogadoras, será obrigado a jogar com menos jogadoras (*short-handed*) ou declarar jogo perdido (*forfeit*). O árbitro será autoridade nesta regra.

Seção 31. O árbitro anunciará o time perdedor pelo score de 2 a 0.

Seção 32. Não deverá haver protestos contra a decisão dos árbitros, exceto com relação à interpretação das regras.

Seção 33. Quaisquer menções desrespeitosas feitas por jogadoras durante a partida serão consideradas faltas pelo árbitro.

Seção 34. Quaisquer atrasos intencionais na partida serão consideradas faltas contra o time que estiver provocando o atraso.

Seção 35. Duas mãos na bola são necessárias para segurá-la. Em caso de dúvida do árbitro sobre qual jogadora colocou as duas mãos na bola primeiro, ele deverá lançar a bola ao alto no mesmo lugar em que o ato ocorreu.

Seção 36. No caso de uma jogadora remover a bola das mãos da jogadora adversária batendo ou agarrando, o *umpire* marcará uma falta por violação a esta regra.

Seção 37. A bola não deverá ser segura por mais de três segundos.

Seção 38. A bola não deverá ser driblada no ar, ou seja, jogada para cima e recebida novamente para driblar o tempo permitido de permanecer com a bola.

Seção 39. Tocar as linhas da área de jogo com quaisquer partes do corpo constitui uma falta. (Isto não impede que a jogadora incline ou passe acima das linhas).

Seção 40. Não deverá haver defesa sobre a adversária quando esta tiver com a posse da bola.

Seção 41. Nenhuma jogadora deverá entregar a bola nas mãos de outra jogadora. A bola deverá ser arremessada para a outra jogadora.

Regra XIII

Seção 1. Todas as faltas deverão ser aplicadas como faltas, (*umpire*) com exceção assim descrita na Regra VI, seção 8 e Regra XII, seções 33 e 34.

Seção 2. Faltas são classificadas de acordo com as penalidades que seguem abaixo:

Gerais:

1. Jogadoras se dirigindo aos árbitros (Regra I, seção 8).
2. Tocar a bola no centro (Regra XII, seção 3).
3. Chutar ou golpear a bola (Regra XII, seção 17).
4. Carregar a bola (Regra XII, seções 18 e 24 [f]).
5. Quicar a bola mais de três vezes ou abaixo do joelho (Regra XII, seção 19).
6. Segurar a bola mais que três segundos (Regra XII, seção 37).
7. Atrasar o jogo (Regra XII, seção 34).
8. Agarrar, prender, empurrar as adversárias (Regra XII, seção 20).
9. Estapear ou bater tirando a bola da mão da adversária (Regra XII, seção 36).
10. Jogar a bola para cima e pegar novamente (Regra XII, seção 38).
11. Tocar a linha demarcatória com qualquer parte do corpo (Regra XII, seção 39).
12. Fazer a defesa sobre a adversária (Regra XII, seção 40).
13. Entregar a bola nas mãos da adversária (Regra XII, seção 41).

Específicas:

Faltas que desqualificam as jogadoras:

1. Bater.
2. Chutar.
3. Usar os ombros para bloquear a adversária.

4. Usar a perna para fazer a adversária tropeçar (passar rasteira).
5. Golpear.
6. Jogo violento (bruto) desnecessário (Regra XII, seção 21).

É esperado que os árbitros sejam o mais rígidos possível. Em todos os casos não cobertos por estas regras, os árbitros deverão usar seu próprio julgamento de acordo com o espírito geral destas regras. Todas as questões pertinentes à interpretação destas regras deverão ser encaminhadas a quaisquer dos membros deste Comitê: Miss Elizabeth Wright, Radcliffe College, Cambridge Massachusetts. Miss Ethel Perrin, Boston Normal School of Gymnastics, Huntington Avenue, Boston, Massachusetts. Doctor Alice Snyder, University of Michigan, Ann Harbor, Michigan. Miss Senda Berenson, Smith College, Northampton, Massachusetts.

A Bola de August
Shaw e Meninos
Brasileiros à Cesta



Mackenzie Masculino

Mackenzie College:
August Shaw,
Escola Normal,
Professoras
e Basketball

Os estudantes que passaram por Springfield e saíram em suas missões evangélicas, rapidamente introduziram o basquetebol em várias regiões dos Estados Unidos, Canadá, China, França, Alemanha e Brasil, onde foi jogado pela primeira vez em 1896, no Mackenzie College, uma instituição educacional presbiteriana, fundada em 1871, na cidade de São Paulo, cujo nome de origem era “Escola Americana”. A história do basquetebol no Brasil está diretamente relacionada com a história das escolas presbiterianas, com sua origem no Mackenzie, e das Associações Cristã de Moços, que teve sua primeira sede no Brasil, na cidade de São Paulo, em 1895.

A história do protestantismo no Brasil tem seu início em 1555, quando os primeiros calvinistas chegaram e formaram o Brasil Holandês. Os primeiros esforços dos imigrantes franceses e holandeses para espalharem a doutrina desapareceram nos séculos seguintes – diante da predominância do catolicismo em toda a vasta colônia do Império Português, liderado pelos Jesuítas e depois pelos Franciscanos, Beneditinos e outras ordens¹ – até serem expulsos em 1759. Quando o exército de Napoleão invadiu Portugal em 1807, O Rei D. João VI e sua família, além de toda a corte (número aproximado de 20.000 pessoas), deixaram Portugal rumo ao Brasil. Eles chegaram em 1808 e, por Decreto de Lei datado de 12 de dezembro de 1815, foi criado o Reino do Brasil, o qual foi unido a Portugal.

Durante várias décadas, a sociedade brasileira que se formava não pôde contar com um sistema funcional de administração, nem com um sistema educacional coerente com suas necessidades, e muito menos com uma imprensa independente. Por causa disso, várias rebeliões e conflitos fizeram com que D. João VI voltasse a Portugal e deixasse seu filho D. Pedro I como regente. A Independência do Reino de Portugal se fez em 1822, e D. Pedro I foi coroado Imperador do Brasil². A constituição outorgada pelo novo regente garantia liberdade religiosa – com várias limitações – e transferia a responsabilidade do sistema de educação (primário e secundário) para as Assembleias Provisórias, formadas pelos representantes do povo. A educação superior permaneceu sob a tutela do controle nacional de ensino³.

Em meados do século XIX, imigrantes vindos da Europa especialmente alemães – e da América do Norte chegavam em números cada vez maiores. Igrejas evangélicas de várias denominações começaram a aparecer. Os primeiros cultos ocorriam nas casas dos congregados e depois passaram para as capelas e igrejas que eles construíram: os Anglicanos tiveram sua primeira capela em 1819 (Rio de Janeiro), os Metodistas em 1836, os Luteranos em 1845 e os Presbiterianos em 1862. Todavia, uma década antes de ser fundada a primeira igreja presbiteriana, o Ministro James Cooley Fletcher já havia começado um trabalho

1 AZEVEDO, Fernando de. *Brazilian Culture: An Introduction to the Study of Culture in Brazil*. New York: The Macmillan Co., 1950.

2 BARMAN, Roderick J. *Citizen Emperor: Pedro II and the Making of Brazil, 1825-91*. Redwood city: Stanford University Press, 1999, p. 1-5.

3 AZEVEDO, Fernando de. *Brazilian Culture: An Introduction to the Study of Culture in Brazil*. New York: The Macmillan Co., 1950, p. 376.

de assistência religiosa aos marinheiros europeus e a outros imigrantes que chegavam ao Brasil. Fletcher tornou-se um dos mais importantes contribuintes para o desenvolvimento das relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos; sua influência estendeu-se desde a diplomacia e comércio até o desenvolvimento de intercâmbios culturais⁴. Fletcher foi uma das mais importantes personalidades no papel de introduzir o presbiterianismo no Brasil. Para isso, ele travou relações com políticos e intelectuais brasileiros, sugerindo a vinda do Inglês Robert Reid Kalley, em 1855. Quatro anos depois, Fletcher fez um convite similar ao Ministro Americano Ashbel Green Simonton⁵.

Em 12 de agosto de 1859, aos 26 anos de idade, Simonton chegou ao Brasil. Ele teve uma vida breve: aos 34 anos morreu acometido de febre amarela. Entretanto, em seus oito anos de residência no Brasil, fundou a primeira Igreja Presbiteriana (1862), a primeira revista intitulada *Imprensa Evangélica* (1864) e o primeiro presbitério do Rio de Janeiro (1865). Em 1867, ele organizou o primeiro Seminário Presbiteriano voltado para o treinamento de novos ministros e de ministros brasileiros. Dentre os mais importantes colaboradores de Simonton estavam: seu cunhado Alexander L. Blackford, responsável pela organização das igrejas presbiterianas de São Paulo; Francis J. C. Schneider, encarregado de trabalhar entre os alemães imigrantes em Rio Claro-SP, sendo também professor do Seminário do Rio de Janeiro e missionário na Província da Bahia e finalmente, George Whitehill Chamberlain, criador da Escola Americana, em 1871. Vinte anos depois, Chamberlain fundaria o Mackenzie College, onde o primeiro jogo de basquetebol no Brasil seria disputado, diante de seu primeiro público⁶.

Na época em que a Escola Americana foi criada, havia apenas uma escola primária para as 541 crianças nascidas livres e que compreendessem a faixa etária de 6 a 15 anos. A maior parte das escolas que existiam era resultado da iniciativa privada. De acordo com o que Azevedo (1950) afirma, a educação desse período, “ainda colonial”, era direcionada para a preparação de uma elite e não para a grande parcela da população, na sua maioria pobre. As escolas primárias estabelecidas a partir da Constituição de 1824 contavam apenas com currículo básico voltado para o ensino das letras (ler e escrever) e aritmética. Além disso, eram muito mal organizadas. As práticas de instrução estabeleciam rotinas muito rígidas, como a leitura de pé e em voz alta, e o controle da disciplina mediante castigos físicos. Para ilustrar, Freire (1970) descreve a rotina de um aluno que se formou no Liceu Literário Português, aproximadamente na década de 80 do século XIX. O autor salienta que a educação, tanto para a criança quanto para o adolescente, baseava-se em leitura, ditado, aritmética, geografia e religião. Essa escola funcionava em uma casa alugada, sem nenhum tipo de área aberta e nem espaço para qualquer tipo de atividade física. Nos intervalos das aulas, o máximo que se via era uma movimentação limitada, que consistia em um breve alongamento das pernas,

4 FLETCHER, James C. *O Brasil e os Brasileiros*. SL: Editora Nacional, 1857.

5 MATOS, Alderi Souza de. *Esboço Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Mimeo, SD, SL.

6 GARCEZ, Benedicto Novaes. *O Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

depois de horas de imobilidade⁷.

Na tentativa de atender às necessidades dessa população, e também dos imigrantes que chegavam dos Estados Unidos logo após a Guerra Civil, as novas Igrejas Presbiterianas, ao longo de todo o país, começaram a dedicar toda a atenção possível à educação das crianças, de acordo com tradições e convicções de sua fé e doutrina religiosa. O centro dessa atenção foi voltado para o Estado de São Paulo, onde um grande número de presbiterianos comprou suas terras e estabeleceu suas famílias. Além da criação da Escola Americana, pelo Reverendo Chamberlain e sua esposa, George Nash e Edward Lane abriram um Seminário chamado “International College” em Campinas–SP⁸ (depois transferido para Lavras-MG), que trazia uma proposta similar àquela de Simonton para o Presbitério do Rio de Janeiro. A mais importante contribuição, no entanto, remonta a Chamberlain. O reverendo George Whitehill Chamberlain nasceu em Waterford, Pennsylvania, em 1839; estudou no Delaware College, onde obteve seu título de Bacharel em Filosofia e também o diploma de médico pelo Union College. Chamberlain tinha apenas 24 anos quando chegou a São Paulo, onde começou trabalhando como professor de inglês⁹. De São Paulo, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde pôde exercer a medicina. Em 1866, ele foi nomeado missionário e retornou aos Estados Unidos. Lá, permaneceu por três anos a fim de obter o Bacharelado em Teologia, no Seminário de Princeton. Nesse período, ele encontrou Mary Annesly e, casados, retornaram a São Paulo. Naquela altura, a cidade contava com 25.000 habitantes: a grande maioria iletrada e com muitos preconceitos – era o lugar perfeito para a instalação da Escola Americana.

A Escola Americana começou com três alunos – dois meninos e uma menina – e a mestra Mary. A sede da escola era a própria casa dos Chamberlain, situada à rua Visconde Congonhas do Campo, nas proximidades de onde hoje conhecemos como bairro de Higienópolis. Mary ensinava a ler, escrever, música e Francês. A partir da chegada das missões de catequização indígena, Chamberlain passa a contribuir com sua esposa dando aulas de inglês e higiene. A Escola Americana diferenciava-se por todo um novo direcionamento pedagógico e rotinas estabelecidas.

As influências recebidas vinham do criador dos Jardins de Infância, Friedrich Froebel. Não havia castigos ou quaisquer outras práticas que humilhassem ou fizessem o aluno sentir-se desconfortável no ofício da Educação Infantil¹⁰.

A defesa do casal Chamberlain sobre a importância da Educação Física está descrita no docu-

7 FREYRE, G. *Order and Progress: Brazil from Monarchy to Republic*. New York: A. Knopf, 1970.

8 *Minutes of the Brazil Mission of the Presbyterian Church in the U. S. of A.* Vol. IV, Rio de Janeiro: First Brazilian Presbyterian Church, 1900, p. 33-40.

9 GARCEZ. Benedicto Novaes. *O Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

10 Regulamento do Instituto São Paulo - Escola Americana 1885-1886.

mento intitulado *Regulamento do Instituto São Paulo – 1885-1886*¹¹. Parafraseando o início deste documento, encontramos a relevância da Educação Física, destacada entre os três pontos mais importantes na educação da juventude. Os outros dois referiam-se ao aprendizado da religião e das ciências. Da Educação Física, advoga o documento: “depende o desenvolvimento da saúde e o sistemático progresso do intelecto e da moral”. O velho ditado, diz o documento, *Mens Sana in Corpore Sano*, é sempre muito atual: “os exercícios físicos vigorosos são importantes tanto para o corpo como para a alma”¹².

De acordo com esse documento, há evidências que demonstram a grande importância da manutenção da saúde, do desenvolvimento físico e da formação de bons hábitos. A Educação Física tinha de ser ministrada para ambos os sexos e deveria abranger ginástica, exercícios em campo aberto, longas caminhadas ao ar livre e, especificamente para os rapazes, deveriam ser incluídos banhos em águas frias. Continuando as diretrizes para a Educação Física, o documento mostra a defesa dos exercícios militares para os rapazes com o objetivo de desenvolver o sistema muscular. O ensino deveria estar sempre baseado em estratégias que usassem jogos esportivos apropriados ao desenvolvimento e à correta utilização da energia. Os professores deveriam ser rígidos, porém gentis, a fim de que o aluno sentisse alegria ao aprender. A saúde dos estudantes ficaria sob a responsabilidade do médico, que era o diretor da escola: Dr. Horácio Lane. As instruções em relação à higiene e à fisiologia eram fornecidas para que os alunos tivessem autonomia em identificar erros e abusos que pudessem ocorrer durante a juventude, não somente relativos à prática esportiva mas também à vida diária. Virtude e ciência, não menos que coragem e braços fortes, formam a base para aqueles que acreditam que serão grandes personalidades¹³.

A Escola Americana instituiu a educação mista: meninos e meninas na mesma sala de aula, o que foi ponto de crítica entre a população conservadora da época. Outra inovação fortemente rejeitada pelas famílias católicas foi o fato de que as aulas de Educação Física exigiam roupas mais confortáveis e, portanto, reveladoras de certas partes do corpo das meninas. Entretanto, o sucesso da aprendizagem e a diferença entre o nível dos alunos formados pelo Mackenzie e aqueles de instituições mais antigas fizeram com que grande parte da sociedade encontrasse meios de adaptar o modelo tradicional às inovações introduzidas pela Escola Americana.

No final do século XIX, a intensa restrição social colocada pela posição católica conservadora dos tempos coloniais começou a ser abandonada em prol de intensa atividade social e da diversificação de interesses influenciada pelos imigrantes, em grande número, que agora

11 Regulamento do Instituto São Paulo - Escola Americana 1885-1886.

12 Regulamento do Instituto São Paulo - Escola Americana 1885-1886.

13 Regulamento do Instituto São Paulo - Escola Americana 1885-1886.

se mesclavam pelas grandes cidades da época¹⁴. A sociedade dessas cidades – mais especificamente Rio de Janeiro e São Paulo – estava se tornando mais urbana e cosmopolita. Em 1870, por exemplo, a fundação da Sociedade Alemã de Turnverein em São Paulo, chamou a atenção da sociedade emergente que rapidamente aderiu à prática de Ginástica nos clubes.

A partir de 1890 e início de 1900, os passeios de bicicleta, as tardes de *cricket* no clube inglês e a expectativa dos jogos de futebol tornaram-se os entretenimentos preferidos dos paulistanos, que, por meio dessas atividades, aprendiam o jeito de ser do imigrante inglês¹⁵. Além disso, havia as brigas de galo, apresentações de música e dança, bem como tantas outras práticas vindas do norte da Europa. A prática esportiva, nessa época, passa a ser de suma importância, tanto para as horas de lazer quanto para demonstrar *status* e poder aquisitivo nas rodas sociais. Esse evento pressionou a tradicional posição dos Beneditinos e Jesuítas que passam a incorporar em seus programas educacionais os “desafios da reforma e a melhora curricular protestante”, assim chamados por Freire¹⁶.

A proposta de Chamberlain para a Escola Americana influenciou largamente o projeto educacional para o Estado de São Paulo. Chamberlain necessitava de professores para atuar na escola, que já crescia consideravelmente. Em 1875, ele propôs a criação de uma escola preparatória de professores para atuação no Jardim de Infância e no Ensino Primário. Essa ideia foi muito bem recebida pelas famílias, assim como pela sede da Igreja Presbiteriana. O interesse governamental do estado de São Paulo também cresceu a atenção e, em 1890, Chamberlain e seu grupo de educadores americanos foram convidados a introduzir a proposta inovadora de educação, treinando os professores da rede pública do Estado de São Paulo. Nessa época, Chamberlain contou com o apoio da americana Marcia Brown e da brasileira, graduada nos Estados Unidos, Maria Guilhermina Loureiro. Esse treinamento provocou a criação do Sistema de Instrução Pública Primária que foi estabelecido em 1896¹⁷.

O ensino superior no Brasil continuava dominado pelo sistema tradicional de ensino. As duas Escolas de Direito, as duas Escolas de Medicina, as duas Escolas de Farmácia e a única Escola de Minas seguiam a rotina tradicional e ponderavam os valores de uma educação ultrapassada. Nenhuma delas tinha a característica de um ensino apenas profissionalizante, que era o que buscava Chamberlain para suprir a lacuna na educação dos filhos de imigrantes tanto americanos quanto alemães. De acordo com um documento intitulado *Project Mackenzie – A Protestant College for Brazil – In the General Assembly of the Presbyterian Church, Synod of Brazil. Immediate Endowment of a Christian College in Brazil Similar to Robert*

14 SEVENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

15 SCHWARCZ, L. K. *Entre cientistas, confeitarias, bondes e muita garoa: Um passeio pelo centro de São Paulo na virada do século XIX*.

16 FREYRE, G. *Order and Progress: Brazil from Monarchy to Republic*. New York: A. Knopf, 1970.

17 MOTA, Jorge Cesar. *À procura das origens do Mackenzie. Edições comemorativas dos 100 anos Mackenzie*. 1970.

College in Constantinople or the Syrian Protestant College of Beirut, escrito em 1888¹⁸, existe uma justificativa para a criação do Mackenzie, evidenciada pelas seguintes palavras: os jovens rapazes que desejam ir além do estudo básico antes de estudar para uma profissão, ou aqueles que desejam uma educação que não seja completamente profissional, são compelidos a estudar fora... *Aqueles pais de família portadores de consideráveis ganhos monetários, patronos de nossas escolas, têm mandado, com grande relutância, seus garotos para a Alemanha, porque infelizmente o país não oferece educação superior nos termos em que precisamos. Outros garotos, filhos de pais menos afortunados, param de estudar, e seus talentos são em grande escala, perdidos para uma nação que não oferece oportunidades para o seu desenvolvimento.*

Essa foi uma das principais razões para a criação do Mackenzie College. Mas o principal acontecimento girava em torno da construção da Estrada de Ferro São Paulo, que ligava o Vale do Paraíba – principal centro cafeeiro – a Santos – principal porto alfandegário. Não havia sequer uma instituição, no Brasil, que formasse engenheiros ou quaisquer outros profissionais habilitados para trabalhar nessa construção. Entretanto, em 1893, com US\$50.000 dólares doados pelo advogado John Theron Mackenzie – um homem com aspirações altruístas, mas impedido de seguir a vocação missionária por causa de suas responsabilidades com a administração dos negócios da família, Chamberlain concluiu a construção do primeiro prédio do Mackenzie College que abrigaria a Escola de Engenharia¹⁹.

Ao estruturar o primeiro currículo do novo curso, Chamberlain convidou, entre muitos outros professores americanos e com *background* na formação presbiteriana, o Senhor Auguste Farnham Shaw, professor de história da arte formado pela Universidade de Yale. Shaw trouxe consigo não apenas livros e materiais de arte, mas também uma bola de basquete. Shaw era descendente de pastores presbiterianos que chegaram à América do Norte durante o período colonial. Ele estudou na Wellsboro High School e na Phillips Andover Academy antes de ser aceito na Universidade de Yale. Auguste Shaw chegou ao Brasil em 1894 e participou do planejamento da Escola de Engenharia. Quando dispunha de um tempo livre, ele improvisava uma cesta no pátio, ainda da Escola Americana e, junto com alguns alunos, jogava basquete²⁰.

Há indícios de que o primeiro jogo tenha acontecido por volta de 1896, segundo relatos na revista *Brazil Mission*²¹. Todavia, a primeira foto oficial do primeiro time masculino é datada de 1899. Com relação ao time feminino, acreditamos ser por volta dos primeiros anos da década de 1920, em razão das roupas e do penteado, pois não há nada que mostre

18 Project Mackenzie – A Protestant College for Brazil – in the general assembly of the Presbyterian Church, synod of Brazil. Immediate endowment of a Christian college in Brazil similar to Robert College in Constantinople or the Syrian Protestant College of Beirut, 1888.

19 GARCEZ, Benedicto Novaes. O Mackenzie. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

20 Revista comemorativa dos Cem Anos do Basquetebol: 1891-1991. ACM.

21 *Minutes of the Brazil Mission of the Presbyterian Church in the U. S. of A.* Vol. IV, Rio de Janeiro: First Brazilian Presbyterian Church, 1900.

data anterior. Contudo, sabemos que a participação feminina e sua exposição em trajes de jogo não eram permitidas ao público. Especula-se que provavelmente o time feminino tenha sido criado na mesma época que o masculino, uma vez que as aulas eram mistas e a prática esportiva obrigatória, mas que, infelizmente, o registro fotográfico possa ter sido proibido em função das roupas consideradas “indiscretas”. Ainda há de considerar que, inicialmente, devido às impressões masculinas sobre o esporte, ou seja, de considerarem o basquetebol um jogo para mulheres, isso afastou os rapazes de praticarem-no, abrindo caminho, então, para as práticas femininas, influenciando também a Escola Normal de São Paulo – atual Escola Estadual Caetano de Campos – a colocar esse esporte em suas atividades do currículo de Educação Física para as moças.

Oscar Thompson²² foi o responsável por introduzir o basquetebol na Escola Normal de São Paulo, em 1906, a pedido das professoras norte-americanas que tinham sido por ele contratadas e daquelas que já trabalhavam na Escola Americana, para a implantação do sistema de Jardim de Infância nas escolas públicas de São Paulo. Dessa forma, as professoras do Mackenzie podiam jogar contra as professoras da Escola Normal de São Paulo. Ao disseminar esse esporte entre suas alunas, promoviam que estas, ao voltarem para o interior, lá implantariam, não só as inovações da educação americana, mas também a atividade esportiva. O diferencial, no entanto, da influência norte-americana, é que Thompson foi treinado pelo Springfield College para ser instrutor de Educação Física. Sendo assim, ele não estava familiarizado com as adaptações das regras do jogo masculino ao feminino feitas por Senda Berenson. Portanto, as mulheres brasileiras começaram jogando o basquetebol de acordo com as regras masculinas. Elas não tiveram nenhum contato com as regras publicadas por Senda Berenson e seu comitê.

As evidências mais remotas do basquetebol feminino no Brasil encontram-se na cidade de Casa Branca, no interior de São Paulo. Casa Branca possui um Centro de Atividade Física, criado em 1871, onde consta a criação de um time feminino de basquetebol que treinava regularmente no início do século – aproximadamente na primeira década – e, em virtude da inexistência de outros times femininos, jogavam contra os rapazes.

Rapidamente o basquetebol foi ganhando popularidade, notadamente nas associações e clubes. O fato mais marcante, no entanto, foi a criação da Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo, em 23 de dezembro de 1902. A ACM incluiu o basquetebol em suas atividades oferecidas aos associados²³. A prática desse jogo, normalmente seguia-se após as aulas de ginástica. A ACM foi responsável pela divulgação desse esporte tanto no interior paulista, por meio dos professores missionários, quanto no Rio de Janeiro e restante do país. A ACM de São Paulo organizou o primeiro Campeonato Metropolitano de “*Basket Ball*”, na capital brasileira – nessa época, a cidade do Rio de Janeiro – em 1915, na Ilha Villegagnon. Além

22 Diretor de Instrução Pública do Estado de São Paulo durante o período de 1901 a 1911.

23 DAIUTO, Moacyr. *Basquetebol: Metodologia do Ensino*. SL: Board book, 1974.

da ACM, estavam inscritas as seguintes instituições: America Foot-Ball Club, Club Internacional de Regatas, Colégio Sylvio Leite, Club Gymnastico Portuguez e Corpo de Marinheiros Nacionais de Willegagnon. Os campeões pertenciam à ACM, foram eles: Itagiba R. Novaes, Romulo Alexandro, Lysias de Cerqueira Leite, Victor Mussafir, Sylvio Vianna, Victor A. Auguste e Renato Eloy de Andrade, comandados pelo técnico e diretor Henry J. Sims.

Um ano depois, as regras do basquetebol foram traduzidas para o português e finalmente publicadas, em 1916, no catálogo da Casa Stamp, por uma comissão formada por Itagiba R. Novaes, D. F. Moutinho, Victor Auguste e Henry J. Sims, sendo este, na época, o diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. A publicação das regras não só ajudou a divulgar o esporte como também a consolidá-lo nos espaços de prática esportiva de clubes e outras associações²⁴.

Todavia, o primeiro jogo internacional na América do Sul de “*Basket Ball*” aconteceu em 1914, em Montevideu, na reunião dos diretores de Educação Física das Associações Cristãs de Moços da América do Sul. As duas equipes foram formadas pelos representantes do Brasil e daqueles de Buenos Aires.

Durante os primeiros anos do século XX, o basquetebol e outros esportes foram incorporados gradualmente em clubes, como o Espéria, Citibank Club e Associação Atlética São Paulo. O Corpo Nacional de Marinheiros de Villegaignon, formado em 1934, organizou o primeiro torneio masculino de clubes na América do Sul em 1917. Cinco anos depois, o Brasil se consagrou-se campeão nos Jogos Latino-Americanos de 1922, dirigidos por Fred C. Brown.

Brown foi muito importante para a divulgação do basquetebol. Formado pela Escola Superior de Educação Física de Chicago (The Young Men’s Christian Association College), ele veio para o Brasil a convite de Arnaldo Guinle: um dos maiores colaboradores para o crescimento do esporte no Brasil. Brown contribuiu com várias instituições esportivas, tais como: Fluminense Foot-Ball Club, Associação Metropolitana de Esportes, Confederação Brasileira de Desportos, entre outros. Ele foi responsável pela seleção carioca que disputou o primeiro campeonato brasileiro em 1925 e preparou a seleção brasileira de 1922.

Os campeonatos femininos ficaram restritos às suas escolas e às atividades especiais dos clubes até aproximadamente a década de 1920, por causa da concepção conservadora da sociedade brasileira, que considerava o basquetebol um jogo vulgar e perigoso para a saúde das futuras mães.

A década de 1930 trouxe ao Brasil o reflexo da explosão da participação feminina em esportes na Europa e nos Estados Unidos, com inúmeras oportunidades para que as moças modernas se envolvessem em atividades competitivas. Foi assim que, precisamente no ano

24 SIMS, Henry J. Histórico do Basket Ball no Brasil. *Educação Physica – Revista Technica de Esportes e Athletismo*, n. 1, p. 53-59, 1932.

de 1930, a Federação Paulista de Bola ao Cesto (fundada em 1925), sob a presidência de Antonio Paolillo, instituiu o primeiro Campeonato Feminino de Bola ao Cesto. As regras seguidas eram as mesmas aplicadas às turmas masculinas com a adaptação de 4 tempos de dez minutos cada um e seus respectivos intervalos. O sucesso das mulheres paulistanas motivou a participação de importantes clubes, como o Club Espéria, Associação Atlética de São Paulo e City Bank Club.

O basquetebol masculino desenvolveu-se rapidamente a partir dessa mesma década e tornou-se um dos melhores do mundo, desde o final da década de 1940 até meados de 1970. O basquetebol feminino tem a primeira seleção nacional formada no início dos anos 1940, disputando o primeiro Sul-Americano em 1946. Mas, é a partir da década de 1960 que são estabelecidas as bases para o time que atingiu o auge no Mundial de 1971 e abriu caminhos para as gerações seguintes. Para as mulheres brasileiras, o basquetebol foi uma revelação das possibilidades femininas além daquelas conhecidas e desejadas para uma atuação em um campo apenas permitido ao universo masculino. O basquetebol foi um dos esportes mais importantes na mudança do comportamento feminino, tirando as mulheres brasileiras da mais completa inércia para uma atuação vitoriosa no contexto esportivo.



Mackenzie Feminino Circa 1920 - foto gentilmente cedida pelo Arquivo Histórico Mackenzie

Olha as minhas meninas
As minhas meninas
Pra onde é que elas vão?
Se já saem sozinhas
As notas da minha canção?
Vão as minhas meninas
Levando destinos
Tão iluminados de sim
Passam por mim
E embaraçam as linhas
Da minha mão

As Minhas Meninas, de Chico Buarque de Hollanda.

Professora, Atleta:
a Mulher que Surge
com o Século XX

A herança dos hábitos da corte portuguesa nunca foram dos mais relacionados ao movimento ou a quaisquer manifestações de atividade física além da dança e das curtas caminhadas a beira-mar. A mulher brasileira de boa família seguia os hábitos da religiosidade católica, cobria as partes do corpo e não exagerava nos atos corporais¹. Os movimentos deveriam ser graciosos, lentos e demonstrar a fragilidade da natureza feminina.

A mulher do final do século XIX, no Brasil, espelhava-se nas mulheres europeias do século XVIII: frágil, doente e sem vigor físico. As mulheres que saíram desse modelo foram condenadas pela falácia latina – vulgarmente chamada fofoca – como sendo libertinas ou prostitutas. Moça de boa família não estudava em escolas que ensinavam práticas de ginástica ou outras que expusessem a graciosidade do corpo feminino à formação de músculos e calos nas mãos².

Apesar de existirem os clubes de ginástica alemã desde a década de 1870, em São Paulo, por exemplo, meninas brasileiras não eram permitidas em demonstrações públicas até a década de 1910. Somente as filhas de imigrantes tinham acesso aos clubes que se formaram às margens do rio Tietê em São Paulo. Mas, a década de 1920 trouxe à mulher brasileira inúmeras inspirações de outras mulheres ao redor do mundo.

O movimento da modernidade não estava apenas estampado na arte ou na literatura. Refletia-se no cotidiano, nas atividades que exigiam desafios e superação. O esporte exerceu uma atração muito forte, visto que não se tratava apenas de evidenciar a força feminina, mas de lapidar a forma do corpo desejada pelos novos tempos. A figura enferma e frágil, descrita pelos nossos românticos do século XIX, deu lugar à silhueta de saúde, atletismo e vigor da mulher moderna.

Se os anos 1920 trouxeram possibilidades da prática do esporte feminino, como a “Travessia de São Paulo a Nado”, que era uma prova mista de natação, os anos 1930 inauguraram a avaliação dessa oportunidade. Em 1931, *A Gazeta Esportiva*, sob a direção de Cásper Líbero, e o Clube Germânia – atual Pinheiros – criaram o Torneio Atlético Feminino. Cinco anos depois, as associações atléticas estaduais, como por exemplo a de São Paulo, instituíram os campeonatos de atletismo mistos. Entre as mulheres que aderiram à prática dos esportes, vale destacar as irmãs Lenk na natação (Maria, ícone da natação brasileira e Sieglinda, que se consagraram campeãs da “Travessia de São Paulo a Nado”), e Thereza de Marzo, que foi a primeira aviadora brasileira, recebendo seu brevê em 1922. Paradoxalmente ao que acontecia no contexto social, surge o Decreto Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941 (Publicado no DOU de 16/4/1941), estabelecendo as bases de organização dos desportos em todo país, com um artigo especial referente à participação feminina, limitando sua atuação, tendo por base as características do sexo frágil:

1 RAGO, Elisabeth. A construção da “natureza feminina” no discurso médico. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 511-514, jul./dez. 2002.

2 BERENSON, Senda. Anotações de aulas. Smith Archives.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta: [...]

CAPÍTULO VII

Disposições Gerais e Transitórias

Art. 54 – *Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.*

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1941; 120º da Independência e 53º da República. Getúlio Vargas.

O Conselho Nacional dos Desportos deu como instrução: a proibição da participação feminina no futebol de qualquer natureza, em lutas de qualquer natureza, disputas de polo aquático, halterofilismo e beisebol. Esse decreto foi regulamentado em 1965 e revogado apenas depois de 1979, quando a equipe brasileira feminina de judô inscreveu-se com falsos nomes de homens no Campeonato Sul-Americano da Argentina, para poder disputar.

Mesmo diante dos espasmos na modernização brasileira, a década 1930 trouxe a oportunidade esperada pelo basquetebol feminino, que já havia se tornado popular entre as mulheres:

No ano de 1930, a Federação Paulista de Bola ao Cesto, sob a presidência do Senhor Paolillo, cuidando do desenvolvimento e prática do esporte que superintende, instituiu o Campeonato Feminino de Bola ao Cesto³.

Os clubes que participaram deste campeonato foram o Espéria, Associação Atlética São Paulo e o City Bank. Ao Clube Espéria pertenciam: Ninon Gallet, Carmen Gallet, Mathilde Dupré, Hélène Dupart, Lydia Pardini, Etelvina Ragazzi e Lydia Gonçalves. O Clube City Bank contava com Katharina Folk, Aida Frank, Joaquina Nosé, Zelinda Bonchristiani, Sophia Robotton e Margarida Pinheiro Souza. A Associação Athletica São Paulo tinha como atletas Maria Aparecida, Sylvia, Zulmira, Requilinda, Elza, Olga, Bertha, Zenith, Anna, Zelinda e Perpétua.

O sucesso do primeiro campeonato motivou a Federação Paulista a instituir anualmente a competição. No ano de 1931, além dos clubes já citados, aderiram ao campeonato o Club de Regatas Tietê e o Club Esportivo da Penha. A superioridade do Espéria, City Bank e C. R. Tietê começou a despontar, algo que repetiu-se por vários anos. Romeu Chiocca, diretor de Bola ao Cesto do Club Espéria de São Paulo, assim descreve este segundo ano de campeonato:

Possuídas de grande entusiasmo e amor ao club, dedicam-se as moças a treinos apurados e methódicos, tudo fazendo para as cores que representam, não medindo sacrifícios, sujeitas a quaesquer accidentes, dando mostras de muita coragem, dignas de calorosos appaludos e admiração. Sendo praticado, no molde dos rapazes, proporcionam encontros que fazem vibrar de entusiasmo a assistência, sempre em número elevado, testemunhando desta forma o apoio que presta às valorosas jogadoras, não regateando applausos á vencedoras e vencidas⁴. (sic).

Continuando, o autor aponta para o futuro:

Coube a São Paulo a iniciativa desses campeonatos Femininos de Bola ao Cesto, estendendo-se em seguida a outras cidades do Estado onde a prática deste esporte é grandemente diffundida em ambos os sexos. Contando São Paulo com elementos de real valor, justo seria que se promovesse um Campeonato Brasileiro Feminino, a fim de dar uma recompensa e satisfação às “moças paulistas” para que, em quadras adversárias, dessem uma prova do quanto sabem na arte do “quinteto”⁵. (sic).

O anseio de Chiocca por um campeonato nacional provocou uma reação nacional, e seleções começaram a ser formadas em nível estadual. O primeiro campeonato entre os estados aconteceu em 1940 e teve a seleção paulista como campeã. Este foi um passo decisivo para a formação de uma equipe nacional.

A primeira seleção brasileira foi formada no início de 1940. As atletas, em 1946, disputaram o primeiro Campeonato Sul-Americano, no Chile, de 10 a 22 de maio de 1946, consagrando-se vice-campeãs. Este campeonato, nos conta Coca, foi organizado por Sarita Lopez. Os jogos foram realizados dentro de um teatro, com camarotes e muita gente, tornando quase impossível para as jogadoras encontrarem as linhas que delimitavam a quadra⁶. Fizeram parte desta seleção: Elisa Cândido Martins, Elvira Acedo da Costa, Estela Neves, Julia Ricardi, Laís Barbosa Pandolfi, Lourecilda Paes Leite, Maria Augusta Vieira, Ruth Pandolfi Queiroz Telles, Sofia Robotton Leonetti, Yvete Mariz, nossa entrevistada, Zilda Ulbrich, a Coca, e o técnico Felício Fernandez Leoneti.

Em 1953, foi organizado também, na cidade de Santiago do Chile, o primeiro Campeonato Mundial de Basquetebol Feminino. Participaram as seleções dos Estados Unidos, Chile, França, Brasil, Paraguai, Argentina, Peru, México, Suíça e Cuba – nesta ordem de classifi-

4 CHIOCCA, Romeu. Bola ao Cesto Feminino. *Educação Physica – Revista Técnica de Esportes e Athletismo*, v. 1, n. 1, 1932, p. 99.

5 CHIOCCA, Romeu. Bola ao Cesto Feminino. *Educação Physica – Revista Técnica de Esportes e Athletismo*, v. 1, n. 1, 1932, p. 100.

6 Entrevista concedida por ocasião da coleta de dados para este livro.

cação no final do campeonato. As brasileiras não deixaram o solo latino até o ano de 1967. Os campeonatos seguintes: em 1957, foi realizado no Rio de Janeiro, tendo as brasileiras novamente conquistado o quarto lugar, e em 1959, quando seria possível voar mais longe, saindo das Américas para pisar no Leste Europeu, infelizmente as brasileiras não participaram da IV Edição do Mundial de Basquetebol realizada em Moscou.



Diário Deportivo MARCA Miércoles, 6 de octubre de 1965. Número 7392. Página 12 (sic).

Todavía, em 1965, as brasileiras conquistaram, para a geração dos anos 1970, vaga assegurada nos Jogos Olímpicos. As atletas da seleção nacional saíram do Brasil, com destino a Madrid, na Espanha, sem ideia da contribuição que dariam ao basquetebol mundial. A série de jogos, chamada Copa Europeia de Clubes, foi organizada pela Federação Internacional de Basquetebol Amador – FIBA. Todavia, um amistoso foi marcado no Palácio de Deportes, entre Brasil e Tchecoslováquia – que já haviam se enfrentado duas vezes. A finalidade da partida era mostrar ao Comitê Olímpico Internacional que o basquetebol feminino tinha

todos os atributos necessários para ser uma modalidade a mais nas Olimpíadas. O jornalista José M. Fernandez, em sua coluna para o *Diário Deportivo MARCA*, de 06 de outubro de 1965, assim descreve essa passagem:

Todo está a punto para el encuentro de esta tarde en el Palacio de los Deportes [...] Las muchachas checas y brasileñas confiam en mostrar su juego impecable basado en una técnica perfecta sin preocuparse demasiado del resultado aunque, como es lógico, tanto umas como otras harán lo posible para ganar, aunque se trata, como ya hemos dicho, de un encuentro amistoso, sin otro fin que hacer pasar a los aficionados un rato agradable viendo evolucionar a unas chicas que practican un baloncesto de calidad de paso tratar de “pressionar” a los dirigentes del Comité Olimpico Internacional para ver si es posible introducir el basket femenino dentro de los deportes olímpicos. (sic).

A “pressão” da beleza do jogo, da técnica e compromisso demonstrados pelas jogadoras impressionou o público, que contava com cerca de 10.000 pessoas, e aos dirigentes: Presidente da FIBA – Antônio dos Reis; vice-presidentes da Federação Espanhola de Baloncesto – Anselmo López e Arnillo; presidente da Comissão Internacional – Raimundo Saporta, muitos representantes do Comitê Olímpico Internacional e personalidades políticas, como os embaixadores do Brasil e da Argentina, e o Infante Don Alfonso de Bórbon.

As jogadoras da seleção brasileira que participaram deste amistoso foram: Maria Helena Campos, Angelina Bizzarro, Nilza Garcia, Maria Helena Cardoso, Norma Pinto, Marlene Bento e Delcy Marques, e estavam sob o comando de Ary Vidal. A equipe tcheca era composta por Jockova, Melicharova, Stechriova, Holkova, Richterova; jogaram também Spejchalova, Zvolenski, Jindrova e Kizlinkova. A repercussão do talento desses dois times foi noticiada pela maioria dos jornais de Madrid. Alguns artigos, no entanto, marcam essa passagem como mais uma conquista do sexo frágil:

En definitiva, se puede afirmar que ambos equipos han causado impresión magnífica. Por eso las dos capitanes recibieron los trofeos correspondientes, que entrego el embajador del Brasil, y luego de recibir grandes ovaciones posaran ante los fotógrafos en grupo, mezcladas las jugadoras. Tanto monta, monta tanto. El sexo débil nos ha proporcionado una faceta más del baloncesto, este juego tan popular en España que casi no conocíamos. No cabe duda que es bonito ver el esfuerzo de estas chicas, sobre todo cuando, como en esta ocasión, son bellas. Claro está que quizá al calificar el juego que efectúan influya en el critico la fisionomia de las jugadoras. Habiamos quedado desde hace tiempo en que el sexo débil ya no es tan débil en este siglo espacial. Hoy se ha demostrado que pueden codearse, como se está demostrando siempre, con los hombres. El baloncesto femenino puede muy bien alienar, cada uno dentro de lo que da de

si, en las futuras olimpiadas⁷. (sic).



A inclusão de um novo esporte no quadro olímpico demanda investimento e a certeza de que o país sede também possui uma equipe competitiva. Apesar de ter sido aprovado para os Jogos Olímpicos de 1968, no México, a inserção do basquetebol feminino só aconteceu nos Jogos Olímpicos de Montreal, Canadá, em 1976.

Infelizmente para aquelas jogadoras brasileiras que conquistaram o direito do basquetebol feminino configurar na agenda olímpica, o tempo de espera foi longo demais, pois o Brasil somente jogou sob o “emblema dos cinco aros” em 1992, nos Jogos de Barcelona. Apenas duas jogadoras daquela equipe realizaram o sonho “Coubertiano”: Maria Helena Cardoso e Maria Helena Campos que, pela primeira vez, assumiam uma seleção nacional, não apenas

7 NEMESIO, F. Cuesta El sexo Débil. *Diário Deportivo MARCA*. 7 de outubro de 1965, p. 9.

numa categoria de gênero – pois foram as primeiras técnicas de uma seleção brasileira nos Jogos Olímpicos –, mas também na qualidade de dirigentes de um esporte (para o Brasil) que, pela primeira vez, se classificava para disputar as Olimpíadas.

A seleção brasileira de basquetebol feminino, desde sua primeira estreia nos campeonatos internacionais, obteve resultados surpreendentes. Confira:

CAMPEONATOS SUL-AMERICANOS:

1946 – Prata
1950 – 4o lugar
1952 – Prata
1954 – Ouro
1956 – Bronze
1958 – Ouro
1960 – Prata
1962 – Bronze
1965 a 1974 – Ouro
1975 – Prata
1978 a 1981 – Ouro
1984 – Prata
1983 a 2003 – Ouro

CAMPEONATOS PAN-AMERICANOS:

1955 – Bronze
1959 – Prata
1963 – Prata
1967 – Ouro
1971 – Ouro
1979 – Bronze
1983 – Bronze
1987 – Prata
1991 – Ouro

2003 – Bronze

JOGOS OLÍMPICOS:

1992 – 7o lugar

1996 – Prata

2000 – Bronze

CAMPEONATOS MUNDIAIS:

1953 – 4o lugar

1957 – 4o lugar

1964 – 5o lugar

1967 – 8o lugar

1971 – Bronze

1975 – 12o lugar

1979 – 9o lugar

1983 – 5o lugar

1986 – 11o lugar

1990 – 10o lugar

1994 – Ouro

1998 – 4o lugar

2002 – 7o lugar

Mesmo diante de tantas medalhas e destaque internacional, o basquetebol feminino, assim como quaisquer outros esportes praticados no Brasil – categoria feminina ou não – foram e ainda são ofuscados pelo futebol. Entretanto, foi o próprio futebol que despertou a atenção das pessoas para o sucesso do basquetebol na década de 1970. O furor esportivo de termos conquistado, pela terceira vez, a Copa do Mundo, envolveu os brasileiros numa onda de vitória e comemoração em plena época de silêncio e dor provocados pela ditadura militar, que iniciava um dos períodos mais violentos da vida política brasileira, sob o lema “Brasil: Ame ou deixe-o”.

Na “onda do tri” embarcaram os torcedores rumo ao VI Campeonato Mundial de Basque-

tebol, realizado em São Paulo, em maio de 1971. Nesse torneio mundial, as pioneiras de um basquetebol competitivo, que já estava autorizado a virar esporte olímpico, ganharam a primeira medalha para o Brasil. Há de considerar que, nas treze competições mundiais, o Brasil conquistou duas medalhas: a de bronze de 1971 e a de ouro em 1994.

O VI Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol de 1971, sediado na cidade de São Paulo foi saudado por mais de 15 mil vozes entoando:

Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil
Do meu coração
Todos juntos vamos pra frente
Brasil Salve a Seleção!
De repente
É aquela corrente pra frente
Parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil, Brasil
Salve a seleção!

Muitos Milhões em Ação, de Miguel Gustavo (1970)

Esta canção, que foi o hino da Copa Mundial de Futebol de 1970, fez tremer o ginásio do Ibirapuera, o qual muitas vezes foi alojamento e local de treino para “as meninas do basquetebol”. Pela primeira vez, a seleção brasileira feminina de basquetebol pisava em um estádio para a disputa de um Mundial com a certeza de que era possível vencer. Com a arrecadação recorde de CR\$71.786 cruzeiros⁸, o basquetebol feminino atingia o auge em popularidade no país do futebol.

A seletiva das jogadoras convocadas para a seleção brasileira no início de 1971 foi feita de forma sistemática entre vários amistosos. Pela primeira vez, a concentração desse time foi feita fora das arquibancadas do Ibirapuera. Quatorze jogadoras seguiram para o Hotel Quitandinha em Petrópolis, para permanecerem juntas até o final do Mundial. Esse time contou com o Técnico Valdir Pagan, Antônio Brito Cunha, o massagista e roupeiro Chico. Historicamente, essas quatorze jogadoras, antecedidas por Angelina Bizzarro e Zilda Ulbrich,

abriram alas ao basquetebol feminino brasileiro. Suas histórias agora se abrem e voz lhes é oferecida.

Salve a seleção!

DESESPERAR JAMAIS

Desesperar jamais
Aprendemos muito nesses anos
Afinal de contas não tem cabimento
Entregar o jogo no primeiro tempo

Nada de correr da raia
Nada de morrer na praia
Nada! Nada! Nada de esquecer

No balanço de perdas e danos
Já tivemos muitos desenganos
Já tivemos muito que chorar
Mas agora, acho que chegou a hora
De fazer valer o dito popular
Desesperar jamais
Cutucou por baixo, o de cima cai
Desesperar jamais
Cutucou com jeito, não levanta mais

Ivan Lins e Vitor Martins

Zilda Ulbrich – A Coca



Zilda - 1946 - gentilmente cedida pela atleta (Arquivo Pessoal)

Essa Moça Tá Diferente

Essa moça tá diferente
Já não me conhece mais
Está pra lá de pra frente
Está me passando pra trás
Essa moça tá decidida
A se supermodernizar

Chico Buarque de Hollanda

Se alguém a chamar de Zilda, provavelmente não receberá o mínimo de atenção. Assim, Coca abre sua entrevista com um sorriso saudosos, lembrando os passos de sua carreira esportiva de talento, sucesso e muitas viagens. Essa descendente de alemães e italianos, nasceu em São Paulo, estudou na escola alemã e cresceu entre as quadras e piscinas do Clube Germânia – hoje, Clube Pinheiros.

A escola alemã, Olinda, recebia do Clube Germânia o espaço necessário para a prática esportiva aos sábados. Alternando entre voleibol, basquetebol e atletismo, as crianças tinham acesso às quadras do clube e suas facilidades.

Serafim Cruz, um dos técnicos do Clube, em um determinado dia colocou vinte meninas na quadra de basquetebol e montou dois times de 10 jogadoras. A Coca era uma delas. Entre uma cesta e outra, o talento esportivo já despertado pelas sessões de ginástica no clube, chamou a atenção de Serafim, que imediatamente a chamou:

- Menininha você é sócia deste clube?

- Eu disse: sou. Meu pai é sócio antigo aqui.

- Você não quer jogar basquetebol?

- Se minha mãe e meu pai deixarem...

Aí eles pediram aos meus pais para que eu pudesse jogar pelo Germânia. Foi aí que eu comecei a jogar pelo Germânia/Pinheiros e sempre com o Serafim Cruz como técnico. E daí por diante, continuei jogando e jogando com muitas poucas jogadoras que tinham antigamente, não é? (sic).

Em 1941, saíram as convocações para o Campeonato Brasileiro de 1941, no Rio de Janeiro, e a prioridade era mesclar jogadoras jovens e antigas para agilizar. Coca foi, então, convocada pela primeira vez para a seleção paulista.

Alguns anos depois, veio a primeira convocação para a seleção brasileira e a primeira participação internacional. Dupla celebração para Coca, pois as jogadoras dos países vizinhos também festejavam o primeiro Campeonato de Basquetebol Feminino da América do Sul. Esse evento somente foi possível graças a uma senhora chamada Sarita López:

Era uma senhora lá do Chile que organizou o campeonato. Nós jogamos dentro de um teatro. Tinha camarotes e tinha tanta gente que era difícil para a gente encontrar a linha pra cobrar o lateral. Muito interessante... (sic).

Jogar basquetebol não era fácil, pois o sentido da palavra amadorismo era levado a sério e, enquanto parte dessa geração, Coca não recebia nenhum salário ou ajuda de custo para jogar:

A gente jogava porque gostava, né? E isto para mim é verdade mesmo. Eu nunca fui profissional. Não ganhei um tostão com o esporte, embora tive ofertas. (sic).

Além disso, pesava a forte relação com a família, que muitas vezes tinha de contar com a interferência do pai:

[...] era meu pai, que tinha um costume alemão mais liberal. Minha mãe era italiana. Meu pai dizia: - Não Clotilde, a Coca vai... como que nós não vamos deixar ela sair? Tem que deixar. Seja o que Deus quiser. Você ao viajar tem que se comportar... ter bom comportamento, etc. Porque era isto que existia. Você não pode ir pra lá pensando que vai fazer farra. Você ia para treinar dormir, enfrentar tudo... (sic).

Coca jogou basquetebol de 1941 a 1955 e, nos intervalos entre uma temporada e outra, também jogou voleibol e fazia ginástica no Deustch Turnverein¹, um clube alemão que existia às margens do Rio Tietê:

Eu já fazia ginástica de aparelho, barra fixas, paralelas... eu e minha família, meus irmãos. Nós sempre fizemos esportes. Mas no Germânia eu não fiz ginástica. Eu joguei basquetebol, voleibol, joguei tênis e fiz atletismo. Não tinha tempo pra passear. Mas à noite eu ainda ficava para dançar. (sic).

As convocações para as seleções nacionais de voleibol e basquetebol não foram interrompidas durante toda uma década:

Assim, depois em todos os anos eu era convocada. Tanto para o basquetebol quanto para o voleibol. Eu chegava de um e ia para o outro. Eu não pude nem trabalhar direito, pois não dava tempo. (sic).

A década de 1940 foi deveras difícil em todo o mundo. A carestia chegava à vida dos brasileiros mais afortunados. Zilda precisava arrumar um emprego para ajudar seus pais. Foi assim que ela começou a trabalhar na companhia de cinema, chamada RKO Radio Pictures², que tinha sua sede na rua Vitória, centro de São Paulo e uma vizinhança para lá de perigosa.

Saindo às cinco da tarde todos os dias, Coca trabalhou religiosamente por três anos datilografando contratos de distribuição de filmes e de atores. Nessa época, havia um sério conflito

1 Em 1876, com nenhuma associação com o Pinheiros, foi fundado um clube denominado Germânia. Era uma sociedade estabelecida por jovens alemães para a prática da ginástica – o Turnverein. Onze anos depois foi fundado o Deutscher Turnverein que se tornou, em 1938, a Associação de Cultura Física. O Deutscher Turnverein foi fundado por um grupo de 20 jovens alemães sob a direção de Otto Langee, e começou a prática da ginástica no pátio do Hotel Tietzmann, na Rua Bom Retiro n. 15. Cada membro doou seis mil réis para a compra dos aparelhos. Suas instalações, durante muito tempo, permaneceram no pátio do hotel para depois seguirem para a Escola Alemã.

2 RKO Radio Pictures foi criada em 1929 em Los Angeles – Hollywood, e chegava a produzir 40 filmes por ano. Seus artistas incluíam: Katherine Hepburn, Cary Grant, Ingrid Bergman, Orson Welles, Robert Mitchum, Bette Davis, Lucille Ball, John Ford and Alfred Hitchcock. Os filmes mais clássicos da RKO foram: *King Kong*, *Citizen Kane*, *It's a Wonderful Life*, *The Hunchback of Notre Dame*, *The Belles of St. Mary*, *The Best Years of Our Lives*, assim como os musicais de Astaire e Rogers. Os desenhos animados de The Walt Disney, como *Fantasia* e *Branca de Neve* também foram distribuídos pela RKO (Radio Keith Orpheum).

entre sua vida de atleta e os compromissos com os horários da RKO. Como se tratava de uma companhia privada, não havia a obrigação de dispensar a atleta para defender as cores do estado. Mas, como em todo lugar sempre existe uma boa alma que apoia os sonhos alheios, Coca lembra com carinho um de seus chefes, que sempre permitiu que ela se ausentasse para jogar.

Quando chegou a convocação para a seleção brasileira em 1946, infelizmente aquele chefe que a apoiava e acreditava em seu talento, estava viajando e seu substituto não permitiu que Zilda se ausentasse. Coca, então, munida de sua vontade e coragem, pediu demissão e foi para o Chile. Dias depois, Coca viu um anúncio de uma posição na rua Nove de Julho, no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas – Antigo IA – PETEC e atual INSS.

E fui pra lá e encontrei uma amiga que também era jogadora de voleibol. Uma colega, e fiz um teste na máquina de escrever. Passei. Fiquei quinze dias de experiência. Depois me deram uma prova. Passei a diarista. Depois fiz um concurso e virei funcionária pública. Porque só assim eu podia sair. Senão não dá para você sair sem descontar o salário. Você precisava do vencimento. Então desta forma, quando saiu a convocação no Diário Oficial, eles me chamavam e diziam, você está autorizada a viajar. Tanto que houve um problema com o Adhemar Ferreira da Silva. Porque ele saiu muito antes da hora para ir pro México. Daí o Jânio Quadros quis saber por que ele saiu antes [...] - Ele saiu para treinar. Mas eles argumentaram que ele poderia ter saído depois, esperado a vez de sair. Daí ele perdeu o emprego. Eu só saí quando meu delegado me chamou. E disse: - Dona Zilda a senhora foi convocada. Parabéns! A senhora vai disputar o campeonato. Então eu fui e quando voltei recebi meu ordenado. Que era pouco, mas era meu. (sic).

Quando Coca jogava pela seleção paulista tudo era mais fácil. Os treinos eram em São Paulo e a maioria dos jogos também. Jogava e ia para casa, não era necessário hotel ou alojamento. A única similaridade de jogar na seleção paulista ou brasileira estava no grupo de jogadoras. Coca afirma que a equipe nacional sempre foi composta pelas jogadoras paulistas, havendo uma ou outra carioca. Os dirigentes da Confederação (nessa época, CND e CNB), por sua vez, eram todos cariocas.

O primeiro técnico de Coca na seleção foi Felício Fernandes Leoneti, o qual dirigiu a seleção de 1946 a 1950. Depois veio Mário Amâncio Duarte, de quem ela descreve as instruções dadas em um dia de treino:

Tinha treinamento. Tinha concentração. Eu fiquei muitas vezes concentrada no próprio Pinheiros. Os treinos da seleção eram todos aqui. A gente não ia pra casa... a gente adorava. Porque era uma delícia ficar lá no clube. A gente acor-

dava cedo. O Amâncio dava as instruções. [...] Tinha que correr um pouquinho fazer exercícios e depois ficar na quadra arremessando bola, arremessando bola, passando bola, arremessando, até que ele chegava para fazer os treinamentos. Depois ele ia embora. A gente almoçava, ficava lá no clube, dormia um pouquinho à tarde e, no final da tarde, ele voltava para fazer um coletivo. Às vezes, a gente fazia um coletivo com os rapazes lá do clube, com os juvenis; treinamentos mais puxados. Mas tudo em quadra aberta. Não tinha ginásio. Quando chovia era um caos. Pois o clube ainda não tinha quadra coberta. Então a gente tinha que fazer sacrifício também para treinar... Às vezes, eles arrumavam uns jogos amistosos, pra gente ir para Sorocaba, ou outros lugares onde já tinham times formados, entende? (sic).

Para o Sul-Americano do Chile, as atletas embarcaram em um avião da FAB – Força Aérea Brasileira. Provavelmente um desses aviões de treinamento, pois os assentos eram laterais e havia o lugar para encaixar os fuzis. Uma situação que Coca compara à dos rapazes, lembrando que estes viajavam em aviões melhores, comerciais, além de receberem ajuda de custo.

Mas a gente não reclamava. Porque a gente estava indo. A gente só ia sem dinheiro. Porque a gente quase não tinha. A gente levava o que tinha. Tinha até uma jogadora do Rio que veio com cinco cruzeiros, e voltou com os mesmos cinco cruzeiros. Não levou mais porque não tinha. Ela dava mesada aos pais, que eram não sei de onde, e não podia gastar nada. Dava só para gente sair para passear, comprar uma lembrancinha, tomar um refrigerante... Agora quando a gente saía do país, eles eram obrigados a dar uma ajuda de custo. Às vezes davam e às vezes não davam. No Chile, por exemplo, nós não recebemos. (sic).

Dois anos depois, no Sul-Americano de 1948, Adhemar de Barros³ concedeu CR\$60.000 cruzeiros para a compra de medicamentos e água, pois muitas jogadoras se machucavam. Coca teve várias entorses no tornozelo, lesões nos pés e mãos. Esta, no entanto, foi a única contribuição em dinheiro da qual se lembra que a seleção brasileira feminina tenha recebido.

Com relação às lesões, Coca afirma que tudo era contornado com a ajuda indireta de outros países, pois a delegação brasileira não levava médico. Além disso, havia não só a improvisação dos primeiros socorros, mas também dos equipamentos que precisavam ser adaptados às jogadoras e vice-versa:

[...] no Mundial do Chile em 1957 – eu virei o pé, por culpa minha ou sei lá.

³ Governou São Paulo durante 12 anos: quatro como interventor – de 1938 a 1941 – e oito como governador (1947-1951 e 1963-1966) eleito e reeleito pelo voto popular. E ainda foi deputado estadual (1935-1937) e prefeito da capital, no período de 1957 a 1958.

Porque quando a gente recebia o uniforme (eles davam os uniformes para nós), eles davam um keds de couro. Pesados demais. E eu não me acostumava a jogar com aquele Keds. Era muito pesado para mim. Eu era muito magra de perna fina e eu não aguentava. Eu gostava de jogar com o meu tenisinho... que eu jogava até tênis com ele. Eu me sentia bem, né? Aí quando chegou lá no Chile, no campeonato, o Senhor Raposo lá do Rio de Janeiro falou: - Vamos tirar fotografia! E eu de Keds bonitinha... Daí tiramos a fotografia e eu pedi: - Senhor Ivan, posso jogar com meu tênis? Porque eu não me sinto bem e eu não vou subir um palmo do chão com este tênis. Daí ele disse: - Eu quero que você jogue! Pois eu já era mais ou menos boa no basquetebol. Eu era titular. Aí acabou as fotografias, eu fui e tirei o tênis. Daí veio um fotógrafo e por favor, queremos fotografia. Daí eu tenho uma fotografia no meu álbum, todas de keds e só eu de tênis. Cinco minutos de jogo e eu virei o pé. Pulei... Pisei no pé de uma jogadora e virei o pé. Então, fiquei uma semana me cuidando. Daí a Dra. Elza que era esposa do Paes Leme, me levava todo dia no médico. Pra jogar depois? Daí quando eu tinha que jogar eles me faziam uma cestinha de esparadrapo. Não é muito bom não... jogar de pé machucado. Tanto que teve jogos que eu não pude entrar porque eu não conseguia pisar mesmo. Sinceramente eu fazia falta... Mas que que acontece? Acontece com todo mundo, não é? Machuquei o dedo uma vez também. Mas com todo mundo acontecia alguma coisa. (sic).

As viagens levavam as atletas para um mundo ainda desconhecido e abriam os horizontes para uma vasta experiência de vida. A convivência com as atletas de outros clubes firmava amizade, mesmo diante de uma competição interna entre as titulares e reservas.

[...] a gente se dava muito bem. A gente já se conhecia dos clubes e a gente gostava muito de dançar, de sair e de passear. [...] lá nos países que a gente ia, a gente gostava de conhecer os hábitos, os costumes, os homens, as mulheres, enfim... tudo. E tinha as festas que eles faziam lá pra gente. A gente gostava de ir. A gente ia sempre quando eles deixavam. Quando chegava a hora de dormir, tinha que ir dormir, né? Mas a gente sempre se divertiu muito. Saímos muito. O próprio país-sede sempre oferecia passeios interessantes; a gente era levada para conhecer muitos lugares. E quando não era por conta do país, a gente fazia o próprio programa, sempre que tinha dia livre. Sempre em seleção se formam grupos, né? São doze jogadoras. Não vão andar as doze juntinhas, amarradas. A gente tinha preferência em amizade. Aí a gente saía em grupinhos e se divertia de todo jeito. A gente gostava de ir ao cinema e no México até à boate do Pedro Vargas⁴ a gente foi... Uma delícia! (sic).

Se por um lado havia o apoio e a amizade das companheiras de clube, do outro lado havia

4 Cantor mexicano da mesma época que Armando Mazanero.

a frieza e a distância dos dirigentes, os quais somente chegavam na hora do jogo. Com os técnicos existia uma relação de apoio e colaboração a partir da capitã de equipe.

Mas os dirigentes tinham que procurar fazer o melhor para nós, não é? Eles precisavam de nós. E eles? A função deles qual era? Ir aos congressos e cumprir agenda. A gente tinha que ficar lá, concentrada. Às vezes, tinha um que tomava conta, às vezes, eles deixavam a gente sozinha. E pra variar, eu era a líder que também tomava conta. Teve uma vez que foi a Sofia. Mas depois a Sofia machucou a perna. Ela saiu e foi morar na embaixada do Brasil e eu fiquei tomando conta e me tornei a capitã da equipe. Então eu adquiri uma liderança. Coisa que a gente conquista... quer dizer... aquilo vai aparecendo sem a gente perceber. Ficam achando que a gente tem que tomar conta. Eu tomava e ajudava o técnico. Eu dizia quando uma moça não podia jogar, porque tinha os “problemas de mulher”: - Essa aí tá meio ruim. A gente colaborava em tudo com o treinador. (sic).

Coca jogou até 1956 na seleção brasileira de basquetebol e até 1963 na seleção brasileira de voleibol. A decisão de deixar a seleção brasileira de basquetebol veio depois de sua participação nos Jogos Pan-Americanos, realizados no México em 1955:

Em 1955, eu parei de jogar basquetebol. Quando eu voltei do México, eu voltei muito anêmica [...] eles levaram muita gente nova, os jogos eram dia sim e dia não. Nós tomávamos até oxigênio para poder jogar. Eu e uma jogadora do Rio – a Marli – éramos inscritas nos dois: no vôlei e no basquetebol. E nós tivemos que assinar uma opção, pois se desse para jogar os dois, nós jogaríamos. Se não desse... teríamos que jogar pela opção que nós tínhamos assinado. Eu e a Marli escolhemos o basquetebol. Eles levaram oito jogadoras: já a base, das que eram antigas e quatro novatas, estreantes que iam começar a jogar. Lá no México era muito alto. Nós ficamos muito desgastadas. Altitude de 2.500 m. o nariz sangrava quando a gente corria. E nós tivemos muito pouco tempo de aclimação, né? Nós chegamos lá quatro dias antes do campeonato. A gente não podia nem subir escada correndo que sentia falta de ar. Foi uma luta. Aí eu sei que nada volta. Eu fiquei meio resfriada. No avião, estourou o tímpano. Eu fiquei meio doente. A Confederação foi muito bacana; me deixou [ficar sob cuidados] dois dias... Porque eu nunca avisava meus pais o dia [que] eu chegava, pois a gente voltava nos aviões da FAB e a FAB nunca tinha [dia] certo pra ir buscar. Às vezes, a gente estava arrumando as malas e eles avisavam que não vinham buscar; a gente tirava a roupinha... Passava ferro pra passear de novo e só ia no dia seguinte. Então, teve uma vez que nós ficamos cinco dias esperando o avião da FAB. Mas, desta vez, que fiquei doente, fiquei no Rio de Janeiro e a Confederação me tratou, me colocaram num hotel. Eles foram muito bacanas mesmo. Minha mãe nem sabia que eu tinha voltado. Senão assustava, né? (sic).

Coca foi testemunha do nascimento de um esporte em nível nacional, viu o público crescer, assim como viu que os tempos difíceis do basquetebol também trouxeram o sabor da fama depois da primeira aparição na TV brasileira:

[...] o Sul-Americano em São Paulo, em 1954, foi a primeira vez em que o torneio foi televisionado. E tiveram que fechar porque foi no Pacaembu. Fecharam os portões do Estádio do Pacaembu. Porque tinha gente pendurada em cima do telhado... De tanta gente que tinha. Lotou. E nós, inclusive, fomos campeãs sul-americanas aqui em São Paulo. Eles já conheciam a gente. Nós ficamos concentradas um mês. Foi no Clube Pinheiros. Então, o jornal ia lá tirava fotografia da gente sentada, no treino, jantando, no quarto e batendo papo. Aos poucos, o povo foi conhecendo a gente. Quer dizer, a gente era um pouquinho popular. Eu achava que eu era “muito conhecida”. Todas eram muito conhecidas. Eu, logicamente, tive assim um pouquinho mais porque soltei mais o meu jogo e esta coisa toda. Mas todas tinham sua fama, né? (sic).

O espírito amador de Coca transparece no olhar que ainda brilha quando fala do amor à camisa. Tornar-se profissional não era ter a fama desejada, pois significava jogar por dinheiro, e isso não estava nos planos de Zilda Ulbrich:

[...] Eu treinava porque eu podia treinar. [...] a gente não ganhava nada. Sabe... Eu nunca pensei em ganhar. Nunca quis ganhar nada. [...]. Não vou dizer que eu não tive ofertas. Tive sim. Tive ofertas para ir para o Flamengo, mas eu não fui. Porque eu não queria jogar por dinheiro. Eu era amadora, eu joguei com quatro camisas, joguei com a camisa do Germânia, do Clube Pinheiros, da seleção paulista e da seleção brasileira. (sic).

Na análise de Zilda Ulbrich o esporte hoje evolui por causa do patrocínio, dos avanços nas pesquisas de novas técnicas e novas táticas. Muitas vezes, comparada às jogadoras talentosas da nova geração, Coca faz questão de esclarecer que ela sempre foi uma “finalizadora” e não uma arremessadora. Em seus treinos, o trabalho cumpria todo um ciclo de jogadas e não havia apenas treino de arremessos. Assim como não havia, também, oportunidade de treinar mais do que duas horas, já que era preciso cumprir uma jornada de trabalho antes dos treinos. Se as pessoas, hoje, compararem sua geração com a atual e disserem que elas eram menos técnicas, Zilda lembra o que a história deve desvendar:

Não há comparação. Os tempos eram outros e os objetivos iam além do ganho material. (sic).

Se, por um lado, o patrocínio e o profissionalismo desenvolvem o esporte, Coca alerta para o fato de que a falta de dinheiro, afasta as jogadoras. O Brasil e o estado de São Paulo têm

perdido a chance de descobrir suas melhores jogadoras. Elas nem chegam a jogar em solo nacional. O sonho de ir para a WNBA – Womens National Basketball Association – é maior que o de atuar na seleção brasileira.

Coca sugere que, hoje em dia, deveria existir um movimento que aumentasse o número de patrocinadores e, com isso, também as chances para que as jogadoras permanecessem no Brasil. Este é um atrativo forte já que jogar basquetebol não é mais só um ato de amor, mas tornou-se uma profissão:

Tem os melhores profissionais, quem paga mais [...]. Eu não estou “contra” o profissionalismo. Eu não gosto do profissionalismo porque você não tem um clube, nem um país com que se identificar. Virou um emprego. É um emprego. Você briga com os diretores de um clube e daí “tchau e benção”; já vai para um outro. No meu álbum eu tenho fotografias que nas seleções que participei e as jogadoras eram quase sempre as mesmas. Nós éramos convocadas, ninguém ganhava um tostão; íamos felizes e todas juntas. (sic).

Quando Coca resolveu parar de jogar em 1956, ela assim o fez para assumir sua vida pessoal, procurar uma melhor posição no seu trabalho. Todavia, o amor ao esporte sempre mais forte:

Saí e estava sossegada na minha mesa trabalhando. Daí, em 1956, eu fiquei noiva, 1957, 1958 iria haver um Sul-Americano no Peru e eu estava noiva né. Daí saiu no jornal assim: Coca será novamente convocada. O Senhor Antenor Horta, treinador do Rio, queria que fosse, uma jogadora antiga e ele me conhecia, porque ele já tinha me treinado na seleção, né? Eu como estava meio brigada com meu noivo, estava meio zangada e eu queria ver meu peruano. Aí falei: - E agora? Parei três anos... não estava sem exercício porque eu estava jogando voleibol. Mas basquetebol é bem diferente, né? Como eu morava perto do Clube, eu ia todo dia de manhã cedo bater bola. Eu disse a ele que aceitava e comecei a bater bola. E fui para o Sul-Americano. Então, 1958 foi o ano em que voltei. Voltei três anos depois. Quer dizer, eu me arrisquei. Porque você quando está lá em cima, larga e daí você volta... precisa ser o que era, né? E eu consegui. Eu fui capitã fui titular, fui campeã. Aí logo depois teve um Pan-Americano em Chicago em 1959 – III Pan-Americano. O II Pan-Americano eu fui em 1955. Aí o Senhor Antenor Horta ia continuar com a seleção e ele pediu para que eu jogasse também o Pan-Americano em Chicago. Depois eu voltei e larguei o basquetebol mesmo e joguei o voleibol até 1963. Ainda joguei na seleção brasileira, fui para o Uruguai para outros lugares. Depois larguei o voleibol também e agora não faço mais nada. (sic).

Pensar que Coca se afastaria de vez do esporte era apenas uma ilusão. Ela andou treinando o infantil do Pinheiros, mas sempre sob as convicções do amadorismo:

[...] andei treinando umas menininhas, crianças. Aquelas que ficam no bate boca. Tinham umas senhoras que jogavam voleibol. E as filhinhas ficavam assim: - Mamãe eu quero coca-cola, mamãe eu quero sorvete, eu quero isto... E eu então vi que as mães não conseguiam jogar sossegadas, brincar... era uma distração, né? Brincadeira de racha de clube. Daí eu chamei umas duas menininhas e disse vem cá, a titia vai ensinar vocês a jogarem e comecei a brincar com elas. Quando eu vi já havia dez crianças em volta. Começou a juntar [...]. Daí veio uma mãe e perguntou se eu tinha alguma aula [a ser oferecida no clube]. Disse que não! [...] ofereci nos domingos se elas quisessem que eu segurasse as crianças, mas sem ganhar nada. Daí eu fazia isto aos domingos. Daí o clube achou que eu poderia treinar mirinzinha, infantil até o juvenil. Mas aí eles queriam me pagar e eu não queria. Não queria ganhar no clube porque eu era benemérita atleta. Eu sou benemérita atleta e eu não posso. Até que poderia ganhar porque era um emprego, né? Quer dizer, emprego não altera. Não podia nunca jogar contra o clube. Mas eu não queria ganhar porque eu não gostava de receber pelo esporte, né? Mas eles insistiram e eles me davam 250 cruzeiros por mês. Daí a gente jogava no Tietê, eu pagava guaraná e sanduíches para as meninas. E um homem da secretaria, [me ofereceu] - Você não gostaria de abrir uma conta? As meninas comeram? [...] eu falei: - não, eu uso o dinheiro que vocês me dão [...]. Porque eu não queria [receber um salário]. Então, eu treinei este juvenil. Depois eu larguei. Sabe, eu não sou professora de Educação Física, para ser uma treinadora você precisava ter diploma. (sic).

No Mundial do Chile de 1953, relembra Coca a primeira vez que o Brasil ganhou dos Estados Unidos:

Foi a primeira vez que o Brasil ganhou das americanas, e naquele tempo podia segurar a bola, não tinha este negócio de hoje de trinta segundos [...]. Então você podia segurar a bola a vontade até... Então, você não acredita a contagem... Nós ganhamos de 29 a 23. Mas neste dia nós estávamos tão despreocupadas. O Amâncio pegou uma a uma e falou “você vai fazer isto, você vai fazer aquilo”. Não era como nos outros jogos, que a única coisa que a gente ouvia era “tem que marcar, tem que marcar”. Contra os EUA nós achávamos que íamos perder porque elas eram muito grandes, muito altas e compridas. E nós entramos pra valer. E jogamos... e dava tudo certo. Caía no aro vinha na nossa mão e elas marcavam... assim.... teve uma hora lá, veio uma pegou aberta na minha frente, eu bati a bola por debaixo da perna dela, daí passei pra Glaer... Ganhamos de 29 a 23. Eu cheguei a segurar a bola... tinham os cronômetros que marcavam os três segundos finais, eu segurava a bola e as meninas ficavam fazendo corta luz, eu passava por debaixo da cesta, ameaçava ir e dava a volta pra segurar para poder ganhar o jogo. Mas depois nós perdemos, perdemos da França e

perdemos do Chile. Tiramos quarto lugar, mas praticamente aqui no Brasil foi considerado que nós éramos as campeãs. Tanto que fizeram uma festa [Jabaquara]. Neste ano, eu fui escolhida a segunda jogadora do mundo. Eles fizeram aquela enquete de escolherem as dez melhores jogadoras do mundo – disciplina, técnica, moral, tudo, entende. Daí escolheram as dez. Eu estava em terceiro. Em primeiro estava uma americana, segundo uma francesa e em terceiro eu e assim por diante. Mas a francesa teve uma atitude disciplinar lá que deu um tapa nas costas do juiz porque não gostou da marcação. Ela foi desclassificada e eu subi para a segunda colocação. Daí saiu aqui no Brasil “Coca a segunda jogadora do mundo”. (sic).

A volta de Coca ao trabalho foi recheada de surpresas:

[...] meu trabalho fez uma festa, tenho até o convite. Levei meus troféus, minhas bandeirinhas, tudo lá num lugar em que eles faziam as festinhas, os bailinhos. E eles fizeram uma festa muito bonita por sinal. Durante o trabalho, ficaram me perguntando: - Coca você já esteve na Bahia? - Já, já estive. Aí perguntava “você já fez isto?” E eu ficava intrigada que tanto que eles queriam saber da minha vida. Achei... bom acho que é por causa do esporte. Mas era por causa da festa. Porque, aí me puseram no salão. No meio assim com holofote em cima e focalizava aí no palco [...] uma cesta [escrita] Peru, Paraguai, Uruguai, Brasil e aí faziam as perguntas e eu tinha que responder, sabe? Foi muito bonito. Eu fiquei muito emocionada. Eles me deram um presente muito bonito. (sic).

Coca faleceu em 24 de outubro de 2014 aos 87 anos.



Nilza, Coca, Maria Aparecida, Angelina e Norminha

Angelina Bizzarro



Angelina - 1971

Eu vejo na cor dos seus olhos
As noites do Rio ao luar
Vejo a mesma luz, vejo o mesmo céu, vejo o mesmo mar

Tom Jobim e Vinícius de Moraes

Em seu flat no bairro do Flamengo, Angelina Bizzarro me recebe com um forte abraço e me diz: “Hoje você vai me fazer voltar aos melhores anos de minha vida!”. Entre uma gentileza e outra, observo a atleta que se abre para dividir experiências de um basquetebol recheado de orgulho, dedicação e amor.

Angelina nasceu em São Paulo, em 15 de julho de 1939. Neta de italianos e com pais maravilhosos, os quais a incentivaram muito para seguir a vida esportiva, apesar da superproteção, não apenas da época, mas também gerada pelos costumes de sua família. O pai foi motorista de ônibus e depois de aposentado foi taxista. A mãe cuidava dos dois casais de filhos e da casa. A família vivia no Bom Retiro, que durante muitas décadas foi o bairro dos imigrantes e, por assim o ser, oportunizava a prática de vários esportes para mulheres, sempre através das escolas.

Angelina estudou em uma escola mista, que também misturava as horas de lazer entre prendas domésticas e esportes:

Eu morava em São Paulo, no Bom Retiro, e eu frequentava um colégio de rapazes e moças e aí a gente tinha o lazer ali e aí quem queria aprender bordado, costura, desenho... e na hora de lazer, cada um fazia [...] natação, queimada, basquetebol. E eu não suportava basquetebol. Eu jogava queimada e gostava de ficar na piscina. (sic).

De nada adiantou a aversão de Angelina pelo basquetebol, pois seus tempos de queimada terminaram quando a escola criou um torneio interno de basquetebol e a apontaram como capitã do time. Ela foi escolhida devido ao temperamento forte e à liderança que aflorava com a idade. Depois disso, entre um treino e outro, a atração pelo basquetebol começou a nascer.

Os treinos escolares eram realizados em quadra aberta, no antigo Parque Infantil da Casa Verde¹. Em um belo dia, apareceu a equipe do Sport Club Sírio Paulista para jogar contra o time da escola. O técnico do Clube ficou impressionado:

[...] - Vejam estas meninas aqui jogando basquetebol; elas têm futuro!. Aí, de repente, eles começaram a pegar a gente para treinar e foi aí que comecei... Mas eu nunca pensei... porque quem gostava de jogar basquetebol, mesmo, era a minha irmã. No final, eu fui a que ficou... Fiquei, me amarrei, me apaixonei por ele. Eu era muito novinha. Me lembro que eu parecia uma doida; tudo que eu pegava arremessava, e a bola caía e aquilo foi me empolgando. Aquilo... [era] como uma droga. Eu passei a gostar muito daquilo lá. E a gente foi até campeã. Isto tudo num pátio deste centro de rapazes e moças, onde a gente

aprendia artes culinárias, pintura, bordado, desenho. (sic).

A primeira experiência fora do âmbito escolar foi no Clube Sírio, onde começou a treinar no pátio do Centro de Rapazes e Moças da Casa Verde:

Eles iam lá treinar conosco [...] pediam para treinar lá porque eles precisavam de gente... daí eles começaram a nos olhar com outros olhos. Aí, eles nos convidaram. Era muito longe. Eu preferia ficar lá... Os treinos oficiais eram no bairro de Indianópolis, em São Paulo. E eu estava aqui no Bom Retiro. Mas eles vinham buscar a gente pra treinar. Eu e mais quatro colegas. Então nós começamos... (sic).

No clube Sírio, a experiência foi do banco reserva. Raramente Angelina entrava em quadra e, devido a isso, um ano foi o bastante para buscar uma nova oportunidade. Angelina foi selecionada para jogar no Pinheiros, onde já se encontravam Maria Helena Cardoso, ainda muito jovem, e sua irmã Maria Aparecida Cardoso² que já fazia parte da seleção brasileira. Nesse time também permaneceu por um ano. Na época, Angelina trabalhava no Mappin³:

Um dia estava lá no Mappin e uma pessoa me procurou e disse: - Quero falar com você! Ele era o Campineiro – um técnico importante em Sorocaba. Ele continuou: - Quero levar você para Sorocaba. [...] Ele foi até minha casa falar com meus pais. Foi quando eu conheci a Norminha. Ele me levou pra Sorocaba pra morar com uma família, eu e a Norminha. [...] Campineiro foi meu grande técnico. Foi ele quem me fez realmente uma jogadora de basquetebol porque ele corrigiu todos os meus defeitos. Eu tinha qualidade, mas eu precisava ser lapidada, né? Então ele, com o jeito dele, lá ele era muito durão, mas ele era um pai pra gente. [...] Joguei dois anos lá. Mais dois anos em Piracicaba também. Depois, o Flamengo resolveu me trazer pro Rio e é onde eu estou até hoje. (sic).

Em Sorocaba, Angelina foi notada e convocada para a seleção brasileira que disputaria os Jogos Pan-Americanos em Chicago:

Foi assim: eu estava no campeonato de Sorocaba, eu me destaquei muito naquele campeonato. Então, já havia saído a convocação para a seleção brasileira. Mas a Eugênia, que era do Botafogo e jogava com a Norminha, pediu dispensa. Então, eles resolveram, como prêmio, me convocar. Eu na época... E eu recebia

2 Primeira mulher e única a dirigir a seleção brasileira de basquetebol e atleta da seleção brasileira de basquetebol medalha de bronze no Mundial de 1971 e medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Cali em 1971. Sua entrevista encontra-se no capítulo intitulado “Maria, Maria”.

3 Loja de Departamentos que, nas décadas de 1930 a 1950, era destinada à elite paulistana. Essa loja tem sua história escrita pelas famílias de comerciantes Mappin e Webb. Em 29 de novembro de 1913, eles se instalaram na cidade de São Paulo, quando a cidade possuía apenas 320 mil habitantes. Foi o primeiro estabelecimento comercial a introduzir vitrinas de vidro na fachada com preços à mostra, para atrair os consumidores, assim como foi o precursor do crediário.

muito telegrama do pessoal de Sorocaba, assim: “nós estamos torcendo por você”. Então, comecei a treinar e o técnico era o Senhor Antenor Horta que era do Fluminense. Eu falei: - Eu sou minhoca no meio destas cobras. Eu vou jogar como eu sei. Aí, um dia, ele me chamou e disse: - Você treina com afinco mesmo! Entre as doze você já está!⁴E aquilo para mim foi como um prêmio, né? Pois eu fui convocada como prêmio. E estar entre as doze... E lá estava eu... Nair C., A Coca, a Cida, a Maria Helena, Heleninha... Todas selecionadas e há muitos anos já campeãs da seleção. Eu chegava pela primeira vez. E fui titular. A gente perdeu o Pan-Americano, o grupo foi vice-campeão. Mas pra mim, foi... Nossa! Pegar gosto mesmo, pela seleção brasileira e pelo basquetebol. (sic).

Ser convocada para a seleção brasileira é sempre uma coroação aos seus esforços. Contudo, isso exige mais do que amor próprio. Exige trabalho de equipe e muita serenidade para sobreviver à competição interna, até o momento em que os nomes sejam definidos. Para Angelina, esses momentos só não foram tão difíceis porque havia o apoio manifestado por colegas de equipe:

[...] eu encontrei Maria Helena, Heleninha. A Marlene... pessoas que me deram muita força, muito apoio. [Havia também] a Glaer, uma jogadora do Paraná que deu muito apoio. E dali em diante a coisa esquentava, eu fazia a mesma coisa que fizeram comigo, me deram muita força... porque numa hora destas você precisa de muito apoio. Porque você fica muito insegura, você [é] ídolo, representa seu clube, seu time. E na seleção é muito diferente. Muito diferente. Só fica mesmo quem tem condição, porque é treinamento duas vezes por dia, na hora de jogar, é marcação mesmo, ninguém quer saber. Se vai se machucar, é marcação forte. É uma coisa! Mas, quando o grupo já está formado das doze, aí o ambiente se torna mais calmo. Mais saudável. Tem a disputa para ser titular, mas... é muito... formava-se uma aliança depois disso aí. (sic).

O tempo de convivência aumentava a intimidade e fortalecia os laços de amizade, e a cumplicidade. Isso era visível em quadra e nas lágrimas que apareciam no final de uma longa jornada juntas defendendo o país:

[...] quando a gente se separou depois de uma viagem que fizemos na Europa, a gente chorava... por se separar, porque a gente ficou muito tempo junta. Acho que ficamos um ou dois meses juntas entre concentração e viagens, as quais foram: em 1959, o Pan-Americano em Chicago; em 1963, o Pan-Americano em São Paulo; em 1965 [amistoso na Europa] e em 1967, um torneio no Canadá [Fui cestinha do campeonato]. Nosso time estava maravilhoso! (sic).

4 Jogos Pan-Americanos de 1959 realizados em Chicago, Estados Unidos, de 26 de Agosto a 7 de Setembro. Seleção feminina de basquetebol, vice-campeã: Zilda Ulbrich, Maria Helena Cardoso, Maria Helena Campos, Angelina Bizzarro, Benedita Castro, Zilah Nepomuceno, Martha Kanpmann, Edir Soares, Norma Oliveira, Neucy Silva, Marlene Bento e Delcy Ellender.

Desde então, as convocações para compor o time nacional não pararam mais até os Jogos Pan-Americanos de 1967, em Winnipeg, no Canadá, quando o Brasil se consagrou campeão pela primeira vez.

Angelina fez parte do time que disputou o Campeonato Mundial de Basquetebol em Praga, na Tchecoslováquia, assim como participou ativamente do jogo amistoso, de demonstração para o Comitê Olímpico Internacional em Madrid, na Espanha, em 1965:

A gente perdeu este jogo. Assim dois pontos... Teve prorrogação. Foi uma maravilha. Foi um jogo duríssimo com prorrogação. Foi um jogo maravilhoso pra gente. Eu não me lembro. Muita coisa... Nós estávamos muito bem. (sic).

Ninguém discutia a performance desse time que convenceu o COI de que o basquetebol feminino tinha técnica, alta performance e competitividade sob o espírito amador para fazer parte dos Jogos Olímpicos. O que se passou, porém, no Mundial da Tchecoslováquia, é que foi muito difícil para as jogadoras assistirem ao treino das outras equipes e observar a ausência de sistematização em seu próprio treino:

Nós fomos para lá para nos preparar e pra disputar a classificação. Então o que acontecia? Nós as brasileiras, as coreanas, as tchecas... treinavam, treinavam pra caramba... Eu pegava a minha bola e ia treinar... porque o Ari⁵ saía... eu pegava a minha bola e ia arremessar porque... e nisso eu era muito fominha, né? E ele sabia que era muito difícil. Mas ele dizia que nada... que nada... Às vezes, a gente passava nas outras quadras e via os japoneses estudando o nosso jogo. - Quem eram as jogadoras? E a gente nada, nada, nada... [...] a gente tinha todas as chances para ser campeãs... [...] foi este o campeonato que nós pegamos o 8o lugar. Porque nós não tivemos treinamento. Por falta de treinamento. Ele saía para fazer compras, né? As coisas dele lá... e largava a gente no hotel... E foi um campeonato ao qual a gente se dedicou muito, muito, muito. A gente estava com um timaço. Um time muito bom. Mas infelizmente... isto eu me lembro muito bem.... porque eu estava muito empolgada. Eu me lembro que... ele, às vezes, todo mundo me perguntava... - Ué, onde você vai? Eu dizia: - Vou treinar. Aí eu ia pro ginásio... eu ficava sentada no ginásio... e via as jogadoras [...] uma jogadora, uma tcheca... ela fazia gancho, no meio da quadra, na lateral [...] eu estava aprendendo. Eu assistia ao treino delas porque eu gostava... eu era uma pessoa perfeccionista. Você sabe que eu sempre treinei muito, eu nunca cheguei na seleção disputando lugar... eu sempre chegava em forma, preparada. Entende? Eu me preparava muito. Tanto é que... meu técnico aqui no Flamengo era o Canela. E o Canela me liberava, às vezes, da parte física porque eu já tinha trei-

nado pela manhã. E a tarde eu fazia parte do conjunto [coletivo] eu a Norminha e o time todo. E na seleção não era diferente. E aquela experiência [Tchecoslováquia] foi ruim pra mim porque.... O Valdir e o Ari faziam os jogos deles e no final... E a gente fazia jogo duro e aí no final... não ganhava porque... preparo físico. [...] Aí tinha a Marlene, a Nilza que tinham cerca de 1,80 e a gente jogava com mulher de 2 m e 1,80 e poucos... as alemãs, as russas, entende? Então você tinha que ter preparo físico, era uma coisa incrível. Mas este foi um campeonato que a gente pegou 8o lugar. Aí foi uma confusão quando chegou aqui no Brasil. O Ari Vidal [...] aí depois ele não foi mais técnico da seleção feminina. (sic).

A superação das grandes e pequenas decepções não deixava que o entusiasmo, a garra e vontade de vencer diminuíssem. O basquetebol além de ter sido a preocupação diária de Angelina e da maioria das outras jogadoras, também foi o agente facilitador, o elo educacional com um mundo desconhecido de tantas diferentes culturas. Ser atleta da seleção brasileira, para Angelina, foi dedicar amor ao país, às cores que trazia em seu uniforme e sentir a emoção de ouvir o Hino Nacional em terras estrangeiras:

Vestir a camisa do Brasil e ouvir o Hino Nacional lá fora são uma coisa de louco. Só quem viveu, sabe o que é isto. A seleção é isto: esta paixão pela pátria da gente, né? Sabendo que tá todo mundo aqui assistindo, ouvindo, acompanhando de alguma forma. Até hoje me emociono pra caramba. (sic).

Um outro fator muito importante que Angelina faz questão de ressaltar é a união entre as brasileiras, que era visível em quadra, a cada campeonato, a cada jogo. A amizade que nasceu das quadras, permanece até os dias de hoje. É sempre uma vitória ver o reconhecimento do trabalho de suas antigas companheiras de basquetebol.

Quando a Maria Helena foi técnica da seleção, pra mim foi uma alegria imensa. Eu liguei pra ela pra cumprimentar, porque eu sabia das suas qualidades. Eu sabia que a Maria Helena ganharia como ganhou o título pan-americano e o mundial. Então, quer dizer, a gente sabia já da potencialidade dela, e do material que ela tinha na mão. (sic).

O amor à camisa, ao esporte, ao país, deu a esta geração de Angelina o prazer de uma participação com garra, sem nenhum tipo de remuneração:

Porque a gente não ganhava nada. Totalmente nada. E a gente se dedicava muito. Nesta seleção em que eu participei, era tudo amor. Não tinha patrocínio. Não havia nada disto. A gente jogava por amor mesmo. Porque a gente gostava. (sic).

Os arrependimentos não existem, mas as comparações sim. Angelina coloca no ar uma série

de perguntas que acredito que ficarão sem respostas por muitos anos ainda. Faltava à seleção brasileira dos anos de 1960 infraestrutura, treinamento sistemático com fundamentação científica, equipe técnica completa, etc. –Na percepção da atleta, estes itens sobram para as equipes atuais. Então ela pergunta: *por que o baixo desempenho* por tantos anos demonstrado pelas seleções que as sucederam, com exceção daquelas das quais participaram Paula e Hortência?

Você pode ver: a gente teve títulos pra caramba. Não é? O dinheiro que eles davam pra gente, lá fora, eram uns dólares que não dava nem pra você comprar um presente. Você tinha que viajar com o seu dinheiro. Então, qual era a estrutura? Nenhuma! A gente ia pra lá. Tinha vezes, como quando a gente viajou para Quito, no Equador, em que a alimentação era péssima; que, às vezes, a gente tinha que se virar, entende? Tudo bem que tinha hotel... Mas, às vezes, a gente tinha fome, e você pedia e não vinha. Hoje em dia, você vê na seleção o que acontece: tudo que há de bom. Eles vão pra academia, têm preparador físico e tudo. Quer dizer, agora eu não sei o que acontece!? Porque elas têm mais obrigação do que a gente. Mais preparo – o que é fantástico, né? Tem alongamento, tem a parte técnica que é o máximo... Antigamente a gente tinha o técnico, que dava condicionamento físico e treinava a gente. Hoje em dia você vê a estrutura que tem... é muito diferente, não é? (sic).

A equipe de Paula e Hortência é analisada por Angelina ressaltando a importância de ter uma liderança eficiente, o que as equipes de hoje não demonstram ter. Para a atleta, falta a Maria Helena (ex-Técnica, medalha de prata nos Jogos de Atlanta):

Faltou sim, a Maria Helena lá... Eu acho que foi a maior injustiça tirarem a Maria Helena da seleção. Entende? Não desmerecendo o valor do Barbosa, não, e nem o Miguel Ângelo, que me parece pegaram a seleção. O Miguel sempre foi treinador do masculino. Ele até me surpreendeu, porque ter uma seleção pronta na mão da Maria Helena, com as mesmas jogadoras e o Barbosa pegou as mesmas, com a nova geração. Que continuava inclusive com a Janeth. Mas aí eu não vi resultado. Acho sim que a seleção precisava ter como técnica a Maria Helena. Uma pessoa que é estudiosa, pessoa maravilhosa. Ela é uma pessoa que trabalha muito. Muito inteligente, entende? E a Heleninha também. Elas são duas grandes técnicas. A Heleninha prepara e a Maria Helena lapida. Isto é que é... Isto é o que está faltando. Do jeito que estão as coisas, eu não confio muito não. Espero que melhore. Pois sou brasileira e tenho que ter esperança. (sic).

Se Angelina pudesse mudar o Basquetebol:

Se eu pudesse mudar o Basquetebol? Ahhh... Eu mudaria tudo. Começando pelos dirigentes. Colocaria gente jovem, com mentalidade jovem, entende?

Para preparar mesmo. Para começar, teria de haver uma preparação desde criança, jovem mesmo. E não ficar pegando jogador já com defeito, cheio de manias, que já chega na seleção dando problema. Tem que mudar tanto o masculino, como o feminino. Não é só o feminino, não. Nesta confederação que está aí, acho que eu mudaria tudo. (sic).

Até hoje Angelina segue sua rotina diária de exercícios e de vez em quando bate uma bolinha no Clube Flamengo.



Angelina - 2003

As Promessas



Simone

Quero ter no final da viagem
Um caminho de pedra feliz
Tantos anos contando a história
De amor ao lugar que nasci
Tantos anos cantando meu tempo
Minha gente de fé me sorri
Tantos anos de voz nas estradas
Tantos sonhos que eu já vivi

Milton Nascimento

SIMONE BITTENCOURT DE OLIVEIRA

Aos 22 anos de idade, duas vezes convocada para seleção brasileira, Simone Bittencourt de Oliveira não entrou em quadra como titular ou reserva, no Ibirapuera em 1971. Curioso é que, anos depois, entraria como estrela, lotando os assentos e sendo a atração principal da noite no Ginásio. Se Simone soubesse de seu destino, provavelmente teria entoado o Hino Nacional, na abertura VI Campeonato Mundial de Basquetebol de 1971, com a voz que a consagrou uma das maiores intérpretes da Música Popular Brasileira.

Simone nasceu em Salvador, em 1949, no dia de Natal. Capricorniana, filha de Leticia Bittencourt de Oliveira e Otto Gentil de Oliveira, sétima a nascer entre seus nove irmãos: José Luiz, Luiz Alberto, Regina Lúcia, Otto, Margarida, Marília, Toinho e Rosângela.

Simone cresceu amante dos esportes. Desde criança, seu pai não só a levava a estádios para assistir ao futebol, como também jogava com ela nas ruas e areias das praias de Salvador. Garota marota, a promessa do basquetebol brasileiro em sua infância, percorria ruas de bicicleta e equilibrava-se em seus patins; foi campeã de uma corrida de velocípedes aos sete anos de idade, seu primeiro contato com a competição e a delícia da vitória.

Em Salvador, Simone estudava no Colégio Ipiranga – importante estabelecimento de ensino local que funcionava em uma suntuosa casa onde viveu e morreu o poeta Castro Alves, na rua do Sodré, centro de Salvador. Em um determinado dia, em 1960, anunciou inscrições para atletas que quisessem jogar basquetebol. O que seria isso? Como a curiosidade é sempre o primeiro passo para a descoberta de novos caminhos, Simone inscreveu-se. Ao comparecer para o teste, ela teve o primeiro contato com a bola, que era pesada e proporcionava um toque especial. Simone quicou a bola algumas vezes e arremessou à cesta. Surpresa! Viu a bola entrar. Sorte de iniciante ou um talento descoberto? Nas palavras do técnico Valdir Pagan Peres, “Simone era uma promessa do basquetebol brasileiro, tinha o potencial de uma grande jogadora em desenvolvimento”.

Neste seu primeiro contato com a bola, Simone revela ter sido envolvida por um sentimento indescritível: “E acho que foi paixão à primeira vista: a alegria que eu senti... o toque da bola...”. A intimidade com a bola, desenvolvida desde o primeiro drible, a tornou uma jogadora efetiva na escola, e devido a sua dedicação à prática de quase todos os esportes, tornou-se uma das mais importantes atletas da Bahia.

Com o incentivo da família e dos amigos, Simone continuou jogando basquetebol, inclusive influenciando pessoas a praticarem o esporte. Todavia, uma parada obrigatória de um ano e meio quase interrompe essa trajetória, foi quando sua família decidiu deixar Salvador e

abraçar o futuro promissor do Sudeste, mudando-se para a cidade de São Caetano do Sul. Para o pai comerciante, era a chance de desenvolver seus negócios e dar um futuro melhor à família.

A cidade de São Caetano do Sul está localizada a 12 km ao norte da cidade de São Paulo, em uma área de 15 km². Apesar de ter sido fundada em 1877, somente foi emancipada em 1948. Em meados dos anos 1960, a cidade oferecia muitas oportunidades para o estabelecimento de estruturas comerciais, devido a sua proximidade com São Paulo e Santos – cidade portuária. Muitas famílias migraram das mais diversas regiões para a cidade de São Caetano e estabeleceram suas famílias e negócios, o que contribuiu para que São Caetano fosse eleita pela ONU/UNESCO a cidade de melhor qualidade de vida e inclusão social.

A atleta baiana, a menina que nadava entre os barcos e jogava futebol com o pai, encontrava-se agora em uma cidade sem mar, sem os atrativos naturais de Salvador, mas com muitas oportunidades para o desenvolvimento do seu basquetebol. Em São Caetano, naquela época, já estavam Norminha, Delcy, Maria Helena, Heleninha, Nilza, Angelina, entre outras que fizeram parte do Flamengo. Quando o clube carioca desmontou sua equipe de basquetebol, o São Caetano Esporte Clube não só “importou” as jogadoras do Flamengo, como também formou seu time, chamando outras talentosas jogadoras brasileiras.

Simone já era conhecida das jogadoras do São Caetano Esporte Clube, como por exemplo, Maria Helena, Marlene, Nilza, Delcy, por causa dos campeonatos brasileiros que ela havia disputado pelo Bahia. Quando elas souberam que Simone estava em São Caetano do Sul, Nilza relata que houve uma mobilização geral para trazê-la para o time, o que incluiu um pedido formal à dona Letícia (mãe de Simone) pelas jogadoras Nilza e Norminha. Para Simone: “Até a Bahia tudo bem. Estando na Bahia tudo bem... mas agora eu estava no meio de monstros sagrados”. Isso significava muito para a nova jogadora, pois refletia o basquetebol que ela teria nos próximos anos.

O basquetebol passou a ser a coisa mais importante da vida de Simone. Cada treinamento, cada nova conquista significava muito, aumentava sua motivação e o envolvimento com o time. Sua primeira convocação para participar da seleção brasileira foi para o Sul-Americano de 1970, em Guayaquil – coroando seus esforços. Todavia, o subsequente corte para disputar o Mundial de 1971, foi um agente negativo e desestimulou o aprendizado da jovem jogadora.

Apesar de insistir em dizer, sobre ela própria, que foi uma jogadora medíocre, Simone sempre foi considerada pelas suas companheiras de time uma promessa ao basquetebol brasileiro, pois além de suas habilidades naturais com a bola, tinha a altura desejada por muitas e a garra que sempre motivou esta distinta seleção de jogadoras. Durante sua dedicação à seleção brasileira de basquetebol e ao XV de Piracicaba, Simone morava no bairro de Moema, em São Paulo, estudava em Santos e jogava em Piracicaba. Muitos quilômetros rodados e mesmo diante de muitos percalços, como por exemplo, os cortes, o problema

visual, o tratamento indiferente do técnico e as entorses frequentes, Simone sempre estava presente nos treinos, nas viagens e nos jogos.

Desde sua convocação para o Mundial de 1971, Simone participou de todos os treinos desde São Caetano, ao Quitandinha em Petrópolis, Rio de Janeiro, até o destino final São Paulo – Ibirapuera. Os treinos no Quitandinha foram realizados duas vezes ao dia durante aproximadamente um mês. No último treino, antes de virem para São Paulo, houve a disputa de uma bola e Simone caiu sobre o pé de outra jogadora e torceu o tornozelo. Foi para São Paulo com o time, “arrasada” (sic). e se submeteu a um tratamento durante dez dias para curar a torção. Depois disso, Simone conta que:

Teve um jogo contra um time masculino de São Paulo que também não me recordo o nome... e meu pé estava totalmente enfaixado... e a única maneira que eu poderia torcer o pé, era alguém pisar no meu pé, na frente, nos dedos e eu andar para frente. E foi exatamente isso que aconteceu. Quando eu entrei no jogo, que me posicionei na cabeça do garrafão e jogaram a bola para mim... Quando eu fui buscar a bola, um rapaz pisou no meu pé e eu tive uma outra entorse diferente da que tinha acontecido. Ali eu desanimei. Ali não dava mais. E ali parou. Quer dizer... eu acompanhei todo o campeonato. Depois tentei voltar a jogar em Piracicaba, se não estou enganada, e joguei mais um ano ou meio ano e aí parei, não dava mais pra jogar. Não tinha condições de jogar. (sic).

A motivação de Simone estava no espírito que sempre conduziu este time feminino: o companheirismo e o amor pelo esporte. O sacrifício a que muitas jogadoras se submetiam, muitas vezes, era indescritível. Simone acordava às quinze para cinco da manhã para seguir para a Universidade em Santos, onde estudava Educação Física, em uma Kombi com as outras jogadoras que moravam em São Caetano. Às vezes, um violão, uma grande voz e a viagem ficava mais agradável, nos conta Nilza. Simone, muitas vezes, levava o violão de sua mãe, e noutras Delcy entoava suas guarânias.

Às vezes, Simone ficava em um apartamento em que algumas jogadoras moravam em São Caetano, o qual pertencia à Prefeitura Municipal. Mas isso não diminuía o sacrifício, a hora de acordar era a mesma. E outra, a dedicação era integral, como se fossem profissionais. Entretanto, não havia salário ou bônus de patrocinadores, como existe hoje. Naquela época existia uma ajuda de custo de CR\$50,00 (cinquenta cruzeiros), o que representava o preço de uma passagem de ônibus convencional da cidade de São Paulo para o Rio de Janeiro. Hoje esta passagem custa em média R\$50,00 (cinquenta reais). Ou seja, era um valor simbólico e diferente do time masculino, que obviamente ganhava mais.

O que motivava não era o dinheiro ou a fama, mas a proximidade construída através do objetivo comum que era ter sucesso nos jogos. O espírito comunitário, a ajuda mútua em vencer o dia a dia que se resumia em “basquetebol,

Educação Física [...]. A vida era o basquetebol, era lecionar, era estudar, treinar e jogar. Essa era a vida da gente”. (sic).

Simone foi descoberta pela Emi Odeon, em 1971, quando ela trocou a bola, quadra e alunas pela música. Tornou-se uma das maiores intérpretes da Música Popular Brasileira, mas não abandonou seu amor pelo esporte. Enquanto espectadora, acompanhou os jogos da década de 1980 e 1990, os times da Pirelli, Piracicaba, Sorocaba e São Caetano, e sem deixar de comparar, analisa que a seleção de 1970 era diferente: “tinha mais jogo” (sic). O basquetebol que Simone viu na década de 1980 se profissionalizou, criou mais infraestruturas para as jogadoras:

Eu jogava acho que com tênis conga, qualquer coisa assim. Pra gente conseguir um All Star... era só para as “stars” mesmo, entendeu? Não tinha essa coisa de pegar um tênis All Star que na época era o grande tênis que se jogava, não tinha essa coisa [...] A geração de 70, eu acredito que deu um boom para acontecer o que aconteceu depois. (sic).

Muita gente diz que a profissionalização no basquetebol fez com que o “amor ao esporte” desaparecesse e, com isso, o declínio da qualidade dos jogadores no Brasil, fazendo com que os grandes atletas buscassem outras oportunidades fora do país, por exemplo, Espanha e Estados Unidos. Ao analisar esta situação, Simone nos lembra que a dedicação do atleta é sempre integral, portanto, não é justo que haja uma diferenciação salarial ou não haja salários:

No mínimo tem que ter uma ajuda de custo. Tem que pagar colégio, universidade [...]. Porque não é possível uma pessoa sair de manhã, estudar, trabalhar, treinar e jogar. Ninguém aguenta. Não tem atleta que aguente isso. Chega uma hora em que ele/ela está exausto(a). Eu acho justo que os atletas que tenham se profissionalizado, recebam. Agora... O que faz e o que fez com que o basquetebol diminuísse ou não rendesse tanto talvez tenha sido falta de interesse... de repente teve o voleibol, o tênis... Ou mesmo a falta de estrutura que as pessoas deixam de dar para os atletas e, de repente, faz com que eles partam para outra coisa [...]. (sic).

Perdemos a jogadora Simone Bittencourt de Oliveira e ganhamos a “Cigarra” – codinome da cantora) – que deixou o basquetebol reconhecendo sua importância tanto quanto reconhece a importância da música, em sua vida:

Olhe eu sempre falei o seguinte: que [...] a música é a arte que engloba todas as artes. Tudo que você faz em arte, a música está junto. Deixa eu te dar um exemplo: no balé você precisa da música [...] um pintor coloca música para ouvir. [...] a música é a sétima maravilha do mundo. [Com] o esporte... eu diria

que é o casamento perfeito. A MÚSICA E O ESPORTE. Acho que são duas coisas fundamentais na vida de qualquer ser humano.(sic).



Simone - 2003



Cleonice - 1971

What a Wonderful World

Onde nasce a luz
Se escurecer
E a noite cair
O sol vai nascer
Então, digo pra mim:
Maravilha viver...

George Weiss / Bob Thiele

CLEONICE MARIA ALVES GONZALES

Cleonice Maria Alves Gonzalez, nasceu em Assis no dia 10 de junho de 1952. Cresceu ao lado de sua irmã, muitos primos e sempre apoiada pelos pais em quaisquer iniciativas esportivas. O primeiro contato com competições foi ainda em tenra infância na rua sem asfalto, em jogos como queimada ou *bat*. Essa experiência impulsionou a sua participação nas atividades esportivas escolares.

No antigo curso ginásial, logo que foi aprovada para cursar a 5ª série, no Instituto de Educação de Assis, já campeão estadual de basquetebol em 1947, Cleonice tornou-se aluna de Coraly Julia Gonçalves Carneiro, a qual a iniciou no atletismo e depois no basquetebol:

[...] comecei fazendo atletismo, a primeira coisa que eu fiz foi atletismo, eu participei dos jogos regionais, o primeiro que participei foi em 1965, eu tinha 13 anos, foi fazendo atletismo... então era o seguinte: a professora selecionava na escola, e depois ela ia passando para o técnico da cidade. Esse técnico não era um especialista, ele era o Senhor Aparício, um funcionário do DR aqui, e que tinha sido um campeão sul-americano dos 100 metros com barreira [...].(sic).

Os campeonatos escolares de basquetebol, no entanto, eram organizados pela professora Coraly, e os campeonatos locais – da cidade de Assis – por seu marido o técnico Loudomiro Carneiro, o Mirinho. Funcionário da CEAGESP e ex-jogador de basquetebol, Mirinho dedicava-se aos treinos de uma equipe que revezava entre os campeonatos escolares e os jogos regionais.

Os jogos escolares eram os mais importantes. Disputados em nível regional, traziam uma certa rivalidade com o Presidente Prudente, para o qual Assis nunca perdeu. A maior festa, além de jogar contra e ganhar, eram as viagens a São Paulo:

[...] era uma festa porque a gente sabia que na semana da pátria estaria em São Paulo... Para a gente, falar em “São Paulo”, na época, era o auge, né? E a gente ia de trem. Saíamos daqui de Presidente Epitácio e por toda a estrada sorocabana, as equipes classificadas de todas as cidades, Botucatu, Sorocaba e outras, iam no mesmo trem. E aí em São Paulo, durante a semana da pátria, disputávamos todas as modalidades, só que era uma categoria só. Hoje é dividido em mais categorias. Na final estadual, [me] lembro bem de detalhes interessantes: no primeiro campeonato que nós fomos, nós ficamos alojados no Pacaembu. Eu acho um fato pitoresco. Era uma educação muito rígida, a Coraly ia com muitas equipes, handebol, ginástica, basquetebol, atletismo, e ela ficava

realmente com a preocupação de não ter muita conversa com outras equipes, principalmente com os times masculinos. Como a gente ficava alojada no primeiro andar ali no Pacaembu, às vezes, algumas meninas, para conversar com os meninos, compravam aquelas bexigas a gás e amarravam bilhetinhos na beira da bexiga, que tinha uma linha comprida, esticavam a bexiga até lá em cima e o pessoal pegava o bilhetinho e respondia; olha que contato difícil, não?... E assim eram as equipes escolares.(sic).

A passagem das equipes escolares aos times de clube foi apenas uma complementação à carreira esportiva de talento em formação. A professora Coraly encaminhava suas alunas para o clube e consequentemente para a seleção municipal. Dessa maneira, ela encaminhou Cleonice, em Assis, para o Clube Recreativo. Esse clube entrou para a Federação Paulista de Basquetebol através do técnico Mirinho, o que proporcionou a realização do primeiro campeonato juvenil em Assis. Depois Cleonice jogou pelo Assis Tênis Clube, Clube Luso-Brasileiro, de Bauru, e Bauru Tênis Clube.

Em Assis, as famílias já estavam ao redor desse desenvolvimento do esporte, não era mais um bicho de sete cabeças. Os pais de Cleonice, muitas vezes, patrocinaram suas viagens, mesmo sem entender muito bem o que significava basquetebol. O pai depois passou a cronometrar os jogos realizados em Assis, virou também tesoureiro, e sua mãe começou a organizar a cozinha durante os jogos regionais.

Com a família toda envolvida no basquetebol, incluindo sua irmã, era muito fácil fazer parte das equipes. A falta de resistência gerou incentivo, e o basquetebol tornou-se um esporte belo e digno de apreciação para Cleonice. As performances nos campeonatos regionais, disputados tanto pelos clubes quanto pela escola, guiaram a atleta às seleções paulista e brasileira:

Quando eu ainda estava em Assis, em 1967, fui convocada para a seleção paulista juvenil, cujo técnico era o Valdir Pagan e o assistente era o Barbosa; nós fomos jogar em Brasília. O retorno deste campeonato foi emocionante. Em Assis, o prefeito da época – Tufl Jubran – o pessoal da escola, minha família e a comunidade me aguardaram na rodoviária. Depois fui convidada para a seleção paulista adulta, com a qual, em 1969, fui jogar em Natal com o técnico Paulo de Tarso. Em 1970, fui para Bauru cursar a faculdade de Educação Física e jogar pelo Luso-Brasileiro a convite do técnico Antônio Carlos Barbosa. Já em Bauru, aos 18 anos, fui convocada para a seleção brasileira.(sic).

A convocação tinha como objetivo o VI Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol. A reação de alegria e motivação comemoravam o esforço e o suporte familiar dos anos de preparação:

Foi uma emoção muito grande tanto para mim como para minha família. Eu sabia que não seria fácil já que éramos em 40 jogadoras convocadas para a seletiva de onde sairia a equipe para o Campeonato Mundial. [...] o que me afastou da faculdade por 3 a 4 meses para o treinamento e preparação no Rio de Janeiro. Isto só foi possível porque minhas amigas de sala e companheiras de equipe em Bauru – Cinira e Cristina – me deram suporte na faculdade neste período.(sic).

Entre responsabilidades com a vida pessoal e com a representação em uma equipe nacional, a escolha fica muito difícil, mas muito clara. Valia a pena o esforço, mesmo diante da incerteza de permanecer entre o quadro das doze jogadoras inscritas na Confederação Brasileira de Basquetebol em 1971:

No início, ficamos em um hotel no Leblon, depois fomos para o hotel Quitandinha, onde fizemos todo o treinamento. Fomos em 40. Lá realizávamos dois treinos diariamente com o técnico Valdir, com o assistente técnico e preparador físico Raimundo, sob a supervisão de Renato Brito Cunha. Uma curiosidade no início da preparação foi quando o Dr. Adriano, médico da seleção brasileira, nos separou durante as refeições em dois grupos de acordo com o peso. As que estavam acima do peso em uma mesa, com o objetivo de emagrecer e aquelas no peso ideal em outra. O grupo da primeira mesa emagreceu, mas algumas jogadoras passaram mal em quadra; enquanto no outro grupo, a maioria engordou, inclusive eu.(sic).

Cleonice era pivô. Considerada uma atleta alta para a época, com 1,73 m, contou com a orientação de jogadoras mais experientes, além da equipe técnica. As mestras em quadra foram Maria Helena, Jaci e Marlene, o que provavelmente ajudou muito a permanência na seleção durante todo o campeonato, mesmo diante da ameaça dos sucessivos cortes:

Assim como as outras jogadoras, eu treinava com total dedicação, num ambiente de muita união em quadra e descontração extra quadra. Depois viemos para São Paulo, ficamos hospedadas no Hotel San Raphael e treinando no ginásio do Ibirapuera. Nós ficamos em 14 e continuamos integradas à seleção participando de todos os treinos, eventos, só que não no banco [na arquibancada], tanto que nas fotos de jornais e revistas da época nós estamos juntas, inclusive na Revista Veja da época. (sic).

Além das doze oficiais jogadoras, havia as duas “promessas” Cleonice e Simone, as quais deveriam esperar um pouco mais a experiência tomar acento:

Foi feita uma reunião e nos foi passado que dificilmente durante o campeonato seriam utilizadas todas as jogadoras, e que a maioria delas, pela própria idade,

já estavam se despedindo das quadras e era uma maneira de homenageá-las, não só por motivos técnicos. Sabíamos que nós teríamos muito tempo ainda pela frente. E realmente aconteceu assim, tanto que quatro das jogadoras, que eu me lembro, não jogaram no campeonato. Sentimo-nos integradas à equipe, não havendo nenhum desentendimento entre jogadoras e comissão técnica. Eu me lembro de ficarmos bem próximas da equipe, na arquibancada. No jogo em que o Brasil venceu o Japão, nos segundos finais; comemoramos juntas com toda a equipe. (sic).

Como parte integrante desta equipe, o aprendizado constante de companheirismo e integração fez a diferença:

[...] a força de vontade de cada jogadora, o trabalho da comissão técnica, a experiência das jogadoras como a Marlene, Maria Helena, Nilza, Norma e também o espírito descontraído extra quadra, principalmente quando Simone cantava e fazia suas paródias relativas aos treinos e ao campeonato, davam ao grupo união e equilíbrio. (sic).

O basquetebol dos anos 1960 trazia o romantismo do amor à arte, e a especificidade do treinamento dos anos de 1970 clamaram por mais estrutura:

Jogávamos por amor ao esporte, não havia remuneração, pelo contrário: no início, em Assis, nós chegamos a fazer pedágio nas ruas da cidade para a compra de material. Na falta de transporte, algumas pessoas ligadas ao basquetebol nos levavam em seus carros para jogos amistosos no norte do Paraná. O Técnico Mirinho dedicava suas horas de folga para treinar a equipe, já que era funcionário do CEAGESP. O médico da equipe, Dr. Salim, era voluntário. Contávamos com o desprendimento e apoio de amigos e familiares. Em Bauru, por ser uma cidade de maior porte, havia uma melhor estrutura. Tanto que lá já havia jogadoras participantes da seleção brasileira, como a Lourdinha e a Jacy, servindo de espelho para as outras jogadoras. Na seleção brasileira tínhamos um treinamento diferenciado, treinávamos duas vezes ao dia. O treinamento era duro e mais específico, visando também um melhor condicionamento físico, além das partes técnicas e táticas. (sic).

Depois do VI Mundial Feminino de Basquetebol, Cleonice continuou jogando pelo Bauru, disputou o Campeonato Sul-Americano em 1972, no Peru, onde pôde participar ativamente dos jogos. Em 1972, Cleonice graduou-se em Educação Física e retornou a Assis. Em 1973, casou-se com Roberto, também professor de Educação Física e continuou jogando até 1978, entretanto, dividida entre o amor ao basquetebol e às duas filhas: Karina e Juliana.

O basquetebol passou por fases interessantes desde 1971. Entretanto, esse campeonato foi

marcante, na opinião de Cleonice, para divulgar o basquetebol não só entre as meninas, mas também entre os rapazes. A identificação com um esporte vem das experiências positivas:

Quando comecei a jogar eu me identifiquei realmente com o basquetebol, a animação de todo grupo, as viagens, a emoção da vitória de uma partida, a quadra lotada... enfim... os desafios. Eu me lembro que no primeiro campeonato que participei em Assis [um quadrangular], era inverno e na época só usávamos shorts e camisetas, sem agasalho, além de passar muito frio, fiquei no banco sem jogar. Daí eu pensei: ou eu faço isto direito, ou não faço! E comecei a treinar fora do horário normal. Às vezes, sozinha ou com meu aliado, meu pai, que passava a bola para mim. Isto sem atrapalhar a escola. No Mundial, estava numa situação semelhante, mas como eu era a jogadora mais nova [com 18 anos], tinha a certeza de estar aprendendo e auxiliando o grupo e isso me motivava muito. Até hoje, a emoção de ouvir o Hino Nacional é indescritível, porque me lembra, quando em quadra com a camisa da seleção brasileira, cantando o Hino Nacional... você não canta... você esgoela, aí você esquece de qualquer coisa e só fica no seu objetivo, que é o mesmo de todo o grupo: representar nosso país com seriedade, postura e lealdade. Por isso e pela vivência como professora de Educação Física, tenho certeza que através do esporte, trabalhando com respeito e responsabilidade, seguindo regras, com espírito de equipe e de luta, você educa, forma cidadãos responsáveis e prepara [para] a vida, independente de serem atletas de alto nível ou não. E essa formação e educação através do esporte meu marido e eu passamos para nossos três filhos: Karina e Juliana foram nadadoras e Matheus hoje joga basquetebol por sua faculdade. [...] o esporte faz parte da minha vida, e como professora plantei sementes de amor ao esporte na maioria dos meus alunos. E na seleção durante as conversas informais, aprendi ainda mais com as pessoas experientes que estavam à minha volta. (sic).



Juliana, Karina (filhas), Roberto (esposos), Cleonice e Matheus (filho) - 2004

Maria, Maria



Maria Helena Cardoso

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fê na vida

Milton Nascimento e Fernando Brandt

MARIA HELENA CARDOSO

Em Descalvado, cidade do interior do estado de São Paulo, aos 13 dias do mês de março de 1940, nascia Maria Helena Cardoso que, anos mais tarde, se tornaria um ícone do basquetebol brasileiro. Maria Helena cresceu cercada pelo basquetebol. Sua irmã, Maria Aparecida Cardoso, jogou pela seleção brasileira de 1951 a 1954. As outras três irmãs também jogavam, o que quase proporcionou a formação de uma equipe com jogadoras da mesma família, se não fosse a oposição ferrenha do namorado de uma das irmãs:

Mas a vida dentro da minha casa foi sempre basquetebol; meu pai sempre apoiou. Meu irmão jogava futebol profissional. E então eu fui crescendo assim: com 10, 11 anos eu já era mascotinha de equipe. Eu entrava na frente, porque minhas irmãs tinham que tomar conta de mim, né? Nós éramos 10 irmãs; é que eu me peguei nos mais velhos. Então, quando iam treinar, elas me levavam junto. Para poder um dia também treinar, eu ficava ali fora, assim: assistindo ao treino, brincando com a bola desde os 10 anos de idade. Então, praticamente cresci dentro do basquetebol. (sic).

Aos quinze anos de idade, Maria Helena participou de sua primeira competição oficial, marcada pelos Jogos Abertos de Piracicaba, e no ano seguinte foi convocada pela primeira vez para seleção paulista, onde encontrou, também pela primeira vez, Heleninha (Maria Helena Campos), Delcy e tantas outras futuras companheiras que iriam fazer parte de seu time na seleção brasileira.

A cidade de Descalvado, na época em que Maria Helena começou a jogar, já era campeã dos Jogos Abertos Bandeirantes. A cidade prestigiava muito o basquetebol, o qual era a única diversão local e envolvia todos os setores do município:

Nossa professora de Educação Física era jogadora de basquetebol em outra cidade. Ela jogava junto com a minha irmã e montavam equipes na cidade lá. Meu professor de Educação Física, que era o professor da escola, também era técnico de basquetebol. Então eu não tive dificuldade. (sic).

Cidade do interior e pequena, Descalvado, mesmo repleta de incentivos, não tinha condições de oferecer algo além do que já existia. Essa situação que já havia motivado a partida de Maria Aparecida¹ para jogar no Clube Pinheiros, em São Paulo, também incentivou Maria Helena a viajar seis horas de trem para treinar no mesmo time da irmã. A chance de jogar

1 Maria Aparecida Cardoso, irmã de Maria Helena.

pelo Pinheiros abria oportunidades de participação em campeonatos estaduais e nacionais. Outros atrativos ficavam por conta da infraestrutura oferecida, pois era “um clube de primeira linha... *não tinha dificuldades*” (sic).

As dificuldades, todavia, não ficariam apenas para a cidade de Descalvado. Isso se mostraria com mais intensidade quando veio a oportunidade de fazer parte da seleção brasileira em 1956. Nessa época, os dirigentes dos clubes e seleções arrumavam emprego para que as jogadoras pudessem jogar. Quando Maria Helena foi para Piracicaba, já chegou para trabalhar na Prefeitura, como professora num Parque Infantil. Depois do trabalho ia para o treino. Uma rotina bem diferente da situação das jogadoras profissionais dos dias atuais. Não havia tempo para uma preparação física de qualidade com pessoas especializadas:

Uma equipe, hoje em dia, conta com: um técnico, o auxiliar, o preparador físico, o fisioterapeuta, o psicólogo, o médico, entre outros profissionais: umas sete pessoas pelo menos. Na nossa época era o técnico. Ainda nas últimas seleções já tinha o assistente e o massagista. A gente viajava e não tinha nem médico; não tinha nada. (sic).

A falta de recursos financeiros estava sempre presente. Como consequência, o intercâmbio internacional da seleção ficava restrito aos países da América do Sul:

Nossa viagem à Europa, em 1965, foi a primeira vez que se foi para lá. E nós jogávamos desde 56, ou seja, seis anos sem intercâmbio internacional com times de lá. Nós jogávamos aqui na América do Sul – Paraguai, Peru, Chile, Argentina – não passava disso. Para nós, o Pan-Americano era o máximo da coisa. Pra ir pra Europa era uma dificuldade. Então, 65 marcou. (sic).

A turnê pela Europa foi registrada cuidadosamente em um diário que Maria Helena exibe com orgulho. Afinal, foi nessa turnê que a seleção brasileira participou do tal jogo contra a Tchecoslováquia que abriu o caminho para o basquetebol feminino nas Olimpíadas:

Nessa viagem, em 1965, nós passamos 25 ou 30 dias pela Europa. Foi a primeira vez que a Confederação conseguiu um intercâmbio para o basquetebol feminino. Nós tivemos jogos amistosos. Eles tinham como objetivo preparar-nos para o Mundial de 67 na Tchecoslováquia. O Brasil não era uma equipe, em nível mundial, com excelente colocação, mas tinha um basquetebol bonito, tático. E a Tchecoslováquia também. Então eles [da Federação Internacional de Basquetebol Feminino] escolheram as duas equipes de basquetebol com o visual mais bonito, para impressionar o Comitê Olímpico para a inclusão da modalidade nas Olimpíadas, pra dizer que a mulher já tinha condições técnicas para poder participar de uma Olimpíada, no basquetebol. Então, o Brasil foi escolhido porque tinha um estilo de jogo bem bonito e até parecido com o da

Tchecoslováquia, apesar de a Tchecoslováquia ser uma equipe bem mais alta, bem mais forte. E aí foi um jogo realmente maravilhoso... acabou empatado, foi pra prorrogação, e aquilo entusiasmou o Comitê Olímpico e eles aprovaram. Aí a gente se empolgou, achando que a gente ia para as Olimpíadas de 1968, no México. E isto não aconteceu porque, para a inclusão de um esporte nas Olimpíadas, é preciso que o país sede queira. Este país tem o direito de tirar dois esportes e colocar dois esportes, de acordo com as suas possibilidades. E o México não tinha basquetebol forte, por isso não quis. Alegaram problema financeiro. Depois foi Munique [Alemanha Ocidental], que teve o boicote, só em 1976 o basquete feminino estreou. Depois a gente parou de jogar e só em 1984 que o Brasil foi, pela primeira vez. (...) passei quatro Olimpíadas pagando passagens do meu bolso para ir assistir o basquetebol feminino. Eu pagava dois anos antes e dois anos depois. Eu pagava em 24 parcelas. Fui a Montreal, Moscou.... Fui a Los Angeles e Moscou porque eu queria assistir, estudar, aprender. Esse sonho de ir às Olimpíadas... Porque a gente fez aquele jogo e a nossa geração nunca foi. Eu só que consegui ir junto com a Heleninha, depois, em 1992 como técnica. Quando os Jogos foram realizados em Seul (1988), eu já não estava na seleção eu parei no Pan-Americano de Cali. Foi o último que nós fomos como jogadoras. (sic).

Depois da abertura às experiências de maiores intercâmbios internacionais, fora dos limites do continente americano, a seleção começou a crescer em experiência e a maturidade da equipe foi a melhor consequência dessas viagens tão longas. A turnê de 1965 foi crucial para a performance demonstrada no Mundial de 1971:

De 1965 a 1971, o grupo foi sendo trabalhado. Em 65, o grupo ainda era verde, não tinha maturidade internacional. Depois, em 71 é que a gente conseguiu os melhores resultados da nossa geração. Que foi aquele Mundial lá em São Paulo, em que a gente pegou o terceiro lugar, mas chegamos em segundo, e a gente caiu pra terceiro por causa dos saldos dos jogos de derrotas e vitórias. Ficamos empatadas em derrotas com a Tchecoslováquia, por saldo de cestas, caímos pra terceiro. Até aquele momento era o melhor resultado no basquetebol feminino. Isso foi em 1971, ou seja, desde 1965, depois 67... isso tudo foi amadurecendo a equipe. A necessidade do intercâmbio foi atestada. A gente sempre perdia os jogos, às vezes, sempre nos últimos minutos, a gente jogava de igual pra igual com todo mundo... E o que faltava? Faltava aquele intercâmbio... Aquela maturidade internacional de você ter tranquilidade num momento difícil pra ganhar. (sic).

Essa tranquilidade veio com a intensa preparação para o Mundial de Basquetebol de 1971, realizado no ginásio do Ibirapuera. Concentração e treinamentos que tiveram padrões elevados, se comparados com os Mundiais anteriores.

Foi uma das melhores preparações que a gente teve. A gente ficou um mês e meio concentrada no hotel Quitandinha, lá em Petrópolis – que era um hotel famoso na época. Tivemos uma preparação física muito bem feita com o professor Raimundo. Depois viemos para São Paulo só 15 dias antes do Mundial. Foi um trabalho assim: nós treinamos um mês e meio direto. Foi muito intenso e acho que valeu a pena. (sic).

A equipe que disputou o Mundial de Basquetebol Feminino em 1971 era formada por jogadoras pouco conhecidas, as quais foram agraciadas pela positividade do momento:

A equipe de 71 era uma equipe desconhecida. A coisa foi muito boa, porque foi aqui no Brasil, em São Paulo e no Ibirapuera. E foi um ano após a Copa do Mundo de 70. O Brasil tinha sido campeão. Então o país estava respirando brasilidade, negócio de seleção. Aquilo puxou a nossa seleção, também. Quando a gente foi fazer o primeiro jogo nesse Mundial, o que ficou marcado pra gente, foi quando nós chegamos no Ibirapuera... A gente viu aquilo lotado pelo lado de fora; tinha fila de gente pra entrar. Isso tudo era reflexo do Mundial de Futebol, o povo tava doido por isso. Quando a gente chegou no Ibirapuera, o ônibus ainda fez o favor de parar do lado e o vestiário era do outro [risos], então a gente teve que entrar pelo meio da quadra e quando a gente viu aquele ginásio lotado de bandeira brasileira! Porque todo mundo que tinha tirado bandeira pra Copa, levou a bandeira pro ginásio. Aquilo deu uma tremedeira na perna da gente, que foi difícil até de andar pra ir pro vestiário. O primeiro jogo foi contra a França e acho que nós levamos quase dez minutos pra fazer a primeira cesta. Sinal de que a gente não tinha mesmo preparo psicológico para aquele momento. A gente não esperava aquele público, aquela receptividade. Foi a Copa que puxou. A partir dali... o público “carregou” a gente, em nível de empurrar a equipe mesmo. Porque nós estávamos com aquela história de ser campeãs mesmo. Quer maior exemplo disso? É quando você põe metas na sua vida e nas coisas que tem que fazer, você tem que botar metas grandes. Você pode não atingir, como nós não atingimos a meta de ser campeãs do mundo. Mas por causa daquela nossa vontade de repetir o feito do futebol, a gente colocou a meta de ser campeã. Mas era meta ousada, pra nossa época, para a equipe que nós tínhamos. E pra falta de padrão internacional que a gente tinha... Não tínhamos altura; as outras equipes, todas com gente grande; nós tínhamos estatura baixa: armadoras de 1,60 ou 1,65m. Jogávamos contra mulheres de 1,90. Então, a gente foi ousada na época. Mas eu acho que foi isso: nós colocamos uma meta muito grande. Acreditamos. O público se entusiasmou e a gente conseguiu um feito maravilhoso. Foi ali um marco para o basquetebol feminino brasileiro – o Mundial de 71. (sic).

Depois da conquista do terceiro lugar no VI Mundial, a seleção partiu para os Jogos

Pan-Americanos de Cali. Nessa competição, a equipe conquistou o primeiro lugar, comprovando que havia atingido o ápice de sua performance. Depois de Cali, uma parte do time parou de jogar, incluindo Maria Helena e Heleninha. Continuaram apenas Laís e Norminha até 1975.

Acho que a seleção renovou depois de 71 e passou um período de dificuldades na renovação das jogadoras com a saída das mais experientes. E aí começou um novo ciclo com menos dificuldades que o da nossa geração. Começou a entrada dos patrocinadores, entrou mais dinheiro, melhorou a qualidade de treinamento, teve mais intercâmbio, mais competições internacionais. Então, essas meninas tiveram mais oportunidade do que a nossa geração teve. No sentido de preparação e de formação. Com relação à preparação física, mudou totalmente a forma de jogar. A nossa geração jogava muito mais tecnicamente, aspectos mais técnicos, menos força; uma mudança total para o que temos hoje. E essa nova geração pegou essa melhoria, tanto é que essa parte de força física a gente conseguiu já ter uma igualdade de condições com relação a outras equipes no mundo. (sic).

A paixão pelo basquetebol, não impediria a parada total de Maria Helena. Pelo contrário, levou-a a se tornar a primeira técnica (mulher) da seleção brasileira de basquetebol feminino. Ela foi rompendo barreiras, pois as dificuldades como jogadora aumentaram enquanto técnica. Se isso se configura como estereótipo de um país latino-americano, retaliado pelo machismo, ou não, os obstáculos apenas serviram para perturbar a ordem. O talento de Maria Helena superou os obstáculos e trouxe para o Brasil os títulos tão sonhados outrora. A primeira equipe comandada por Maria Helena Cardoso, em 1986, era um grupo muito jovem:

[...] a geração que estava na seleção [da Paula, da Hortência] também estava no mesmo momento que nós estávamos em 65. Era uma equipe jovem, nova, sem maturidade... começou em 86 para conseguir ir para as Olimpíadas em 92 e só serem campeãs do mundo em 94. (sic).

Muitos estudos e muito talento, é assim que Maria Helena é vista pelas colegas de time e por aquelas jogadoras que antes mesmo de sua ascensão à técnica já a observavam na carreira esportiva. O conhecimento adquirido por Maria Helena foi construído também pelas experiências contra as equipes adversárias, a comparação com sua experiência como jogadora e sua observação direta das atletas da nova geração:

A outra geração... ela foi construída na Paula e na Hortência. E não tinha pivôs altas. A pivô mais alta era a Marta e ela era baixa em relação ao mundo do basquetebol. Então, na primeira seleção em que eu fui [...] no jogo contra os EUA, na coletiva [para a imprensa, os jornalistas] perguntaram pra técnica o

que ela fez [porque o Brasil virou o primeiro tempo ganhando] para ganhar o jogo depois? Ela respondeu que: - Era simples, que o Brasil tinha o basquetebol apoiado em duas jogadoras, que era a Paula e a Hortência. Ela anulou aquelas duas e ela ganhou. Aquilo ficou na minha cabeça e na volta eu comecei a montar uma seleção em que a tônica não fosse... só a Paula e a Hortência... Nós precisávamos de ter mais gente aumentar a altura... explorar o potencial das outras jogadoras. Aí veio a convocação da Janeth... com 16 anos, a Ruth com 18 anos, depois a Alessandra. [Isso] era para aumentar a altura e também aumentar a qualidade técnica do grupo. Acho que essa geração da Paula e Hortência, teve jogadoras talentosíssimas como a Vânia Teixeira, que não teve a mesma conotação da Paula e Hortência, porque elas eram extra, extra... Mas acho que acima de tudo acho que o que gera maiores oportunidades de intercâmbio internacional, melhoria da preparação física. Porque é diferente. Na nossa época a gente estudava, trabalhava e jogava basquetebol. A partir de 80, quando entraram os patrocinadores, elas passaram a se profissionalizar... então elas não precisavam mais trabalhar. Treinavam dois períodos, tinham uma preparação física mais adequada. Então, a coisa correu mais rápido e teve mais... a performance foi melhor. (sic).

Todavia, o basquetebol, mesmo com a entrada de patrocinadores, sempre teve técnicos e principalmente jogadoras correndo para sobreviver. O patrocinador ainda entra com o objetivo imediato de venda de produto e, uma vez que alcança o objetivo, tira o patrocínio sem muitas explicações. Os problemas de infraestrutura ganharam outras dificuldades, mas sempre existiram:

Em 91, quando eu fui com a seleção brasileira e fomos campeãs em Cuba nos Jogos Pan-Americanos, quando eu cheguei em casa... folheando minhas coisas antigas eu encontrei uma entrevista do professor Valdir Pagan que foi o técnico em 1971 no Ibirapuera, no Mundial... vinte anos antes... e na entrevista dele, ele estava falando os mesmos problemas que eu estava sentindo vinte anos depois. Nesse sentido de dificuldades, falta de dinheiro, falta de treinamento, falta de intercâmbio internacional [...] que a nossa geração passou muito... (sic).

Hoje, Maria Helena avalia:

Na seleção existem duas coisas que se chocam. Uma coisa é boa e a outra é ruim. Uma coisa boa: as jogadoras com essas saídas pra jogar fora, com esse intercâmbio internacional, elas estão aprendendo a jogar como o mundo joga. Então, elas estão melhorando a qualidade individual. E uma coisa ruim: a saída delas atrapalha o basquetebol doméstico. Os nossos campeonatos não são divulgados porque as estrelas estão fora. Tem poucas estrelas aqui. A qualidade técnica do campeonato doméstico é pior porque as melhores estão jogando

fora do país. [...] é com o futuro que estamos preocupados. Porque se você não divulga... Por exemplo... hoje tem uma final de campeonato e que ninguém sabe. A televisão só está passando os jogos da final do campeonato e na TV paga [está há três meses o campeonato]. [...] o povo mesmo não sabe. A divulgação do basquetebol tá muito ruim. O basquetebol feminino está preterido. Os dirigentes hoje, do basquetebol, são dirigentes do masculino, que não se importam [...] com o feminino. O feminino vai do jeito que vai e vai porque tem alguns abnegados, e nós nos incluímos entre eles, algumas pessoas que foram formadas conosco, como Paulinho que está em Americana, que já foi nosso assistente, o Barbosa que está na seleção e que também gosta do feminino, estão há muitos anos com o feminino, o Vendramini, a Laís. O feminino vive dessas pessoas que gostam do feminino. Mas que ele seja preferido dos dirigentes... isso não. Por exemplo, na nossa seleção nós tínhamos um presidente na Confederação, um vice-presidente que gostava do basquetebol feminino, sabe? Que lutavam pelo feminino. Esses de hoje são homens do masculino e até... Quer dizer... eles fazem o feminino porque tem obrigação de fazer como dirigentes que são. Mas não é uma coisa de amor... entendeu? E fazem o feminino, porque é o feminino que está dando medalhas pra Confederação... desde 74 é o feminino que trouxe medalha olímpica, trouxe medalha do Mundial. O masculino desde 72/73 que não traz medalhas internacionais. Então, eles cuidam do feminino no sentido de obter medalhas e não por amor. E eu como acredito que as coisas para darem certo tem que ser por amor. Tenho muita preocupação com o futuro. Por causa desse problema. Porque as jogadoras hoje... A nossa meta da nossa geração e acho que até a meta da geração de Paula e Hortência, vamos dizer assim, até uns quatro, cinco anos atrás, a meta das jogadoras de basquetebol, era jogar na seleção brasileira. Hoje se você perguntar a qualquer jogadora do basquetebol... a meta é ir jogar na Europa, ir jogar na WNBA. Então, mudou o referencial do jogador brasileiro. E por que isso? - Porque ele sabe que aqui ele não terá grandes oportunidades; ele não tem futuro, não tem patrocínio para montar boas equipes. Então, mudou o referencial do amor. O amor hoje é a profissão. O quanto vou ganhar, entendeu? Não é só o basquetebol, que era o amor da nossa geração. A nossa geração ganhava para trabalhar. Agora é a história da geração do amor e do dinheiro. Eu acho que o grupo da Hortência e da Paula pegou um pouco dessa transição, porque elas já tiveram problemas financeiros, mas conseguiram fazer um pé-de-meia do basquetebol, não é? E afinal nós também ganhamos um pouco, porque a gente continuou trabalhando na ativa como técnica. Mas mudou um pouco... ou seja, elas ainda pegaram essa coisa da transição... pegaram algumas jogadoras do grupo do amor, vamos dizer assim...se fosse para dar um nome... a nossa geração foi a geração do amor! (sic).

Se Maria Helena pudesse mudar o cenário do basquetebol feminino?

Eu começaria na formação de técnicos brasileiros. Acho que o Brasil é um país imenso e a qualidade técnica dos nossos preparadores poderia ser excepcional. Eu faria núcleos de basquetebol no Brasil inteiro para massificar, para aumentar o número de participantes. Eu acho que é isso que precisa: aumentar o número de participantes e melhorar a qualidade dos técnicos que formam a base. E que haja pessoas na cúpula que gostem do basquetebol feminino e que façam o basquetebol feminino por amor, e não pelo resultado e dinheiro. Isto não é uma máquina de dinheiro. Fazer alguma coisa pelo próprio basquetebol feminino. Quer dizer: que as pessoas pensem no basquetebol pelo basquetebol, não porque isso vai render lucros pra Confederação. A divulgação, no meu modo de entender, é muito importante. Acho que houve um plano da Confederação de fazer o crescimento do basquetebol masculino. Porque o basquetebol masculino, antigamente ganhava medalha, nos anos 60, o masculino é que era o auge. Aí o feminino ganhou status. Com o evento da Paula e Hortência, o feminino tomou conta do mercado e o masculino ficou meio apagado. Depois com a saída da geração do Amaury, aí ficou meio assim... Então, a Confederação e as Federações começaram um plano de crescimento do basquetebol masculino e jogaram todas as fichas que eles tinham em cima do masculino, porque o feminino já estava sedimentado, plantado, firme. Só que isso é uma planta: se você planta aqui uma planta e ali outra, precisa cuidar. Essa aqui tá bonita, mas se você joga água só em uma, a outra vai morrer. Não importa quão bonita esteja. Está certo que a gente precisava cuidar do masculino, divulgar etc... mas o que me deixa muito triste, como apaixonada que sou pelo basquetebol, é que não são os problemas do basquetebol que regem as coisas, mas o poder e o dinheiro. Então... o poder tem que ter; o dinheiro tem que ter... Mas o que vale mais para mim não é isso. Pra mim é a modalidade, o esporte em si. E no nosso país, hoje, infelizmente, as coisas são feitas não pelo esporte. São feitas pelo interesse de grupos, não é? Quem sabe vai mudar, não é? Tomara. (sic).

O ideal e o amor pelo basquetebol fazem de Maria Helena um ícone de uma geração e um belo exemplo para aquelas que virão. A humildade, a disciplina e a garra dessa jogadora e técnica se refletem em suas palavras:

A única coisa que eu posso dizer a respeito da minha carreira, da minha vida dentro do basquetebol, é que eu venci bastante. E me doeí totalmente do meu particular em prol da causa e tive, assim, grandes momentos, grandes felicidades, grandes metas atingidas, e que eu poderia citar uma da minha geração e uma da outra: como jogadora, tive a felicidade de ser campeã Pan-Americana em Cali em 1971. De 71 a 1991, o Brasil não foi nem uma vez campeão mais. Passou 20 anos sem ir ao pódio. E eu fui ser campeã no Pan-Americano de 1991 como técnica. Isso para mim é o marco da minha vida. Porque o Brasil foi

campeão em 1971 e depois nunca mais foi campeão até 91, quando eu fui técnica. Então, para mim, foi uma meta alcançada. A outra foi de que eu fui nesse jogo de Madrid para incluir o basquetebol nas Olimpíadas e a gente não conseguiu ir nas Olimpíadas lá, mas em 1992, quer dizer... 20 anos depois eu estava lá como técnica. Consegui levar o Brasil pela primeira vez depois de uma classificação no Pré-Olímpico. Então, eu prefiro ficar com essas histórias. Histórias de realizações porque eu dei a minha vida para isso e hoje o que eu penso é que eu tô no lucro da minha carreira. Tudo o que puder acontecer pra frente... a única coisa que eu não gostaria por exemplo é que a gente tivesse plantado tanto e que outras pessoas deixassem morrer. Então, que essa geração que vem vindo, de técnicos e jogadores, tenham a obrigação e o dever cristão de manter. [...] o dever cristão de passar para as novas gerações aquilo que aprendi, aquilo que eu consegui guardar, e até para que não morra a chama do basquetebol. (sic).



Maria Helena Cardoso



Heleninha - Maria Helena Campos

MARIA HELENA CAMPOS

Maria Helena Campos chegou ao mundo anunciando a primavera no Brasil, em 21 de setembro de 1937, na cidade de São Paulo. Estudou em colégio de freiras e lá descobriu o basquetebol:

[o] início foi meio diferente. Porque eu jogava na escola o barrabol, que era um outro tipo de jogo. Eu nunca tinha assistido ao basquetebol. Um dia na escola, quando eu estava jogando o barrabol, uma das meninas disse assim: - Você não quer jogar conosco à noite no meu clube? Porque lá fizeram um campeonato interno e separaram cinco para cada equipe, para fazer um torneio interno e a jogadora da nossa equipe... morreu a mãe dela... e ela não poderá jogar. Se você não entrar a gente perde o campeonato... seremos desclassificadas. Você não quer ir jogar no lugar dela? E eu respondi: - Como vou jogar? Nem sei o que é! E ela respondeu: - É basquetebol! E eu disse: - Mas eu nem sei como é basquetebol. Aí ela disse: - Mas você é esperta, a mais esperta aqui no barrabol. Vem que você consegue. E isso foi durante o recreio da escola. Quando eu estava de noite em casa, jantando, toca a campainha e eram as quatro meninas, da minha escola: - Viemos chamar você para jogar, nós não podemos perder esses pontos! Você só vai fazer número. Nós não podemos jogar de quatro senão vamos perder os pontos. Você fica só na quadra. E meu pai gostava muito de esporte. Ele tinha sido jogador de futebol. Ele falou: - Vai sim... vai ajudar as meninas. Eu levo vocês de carro no Clube. Eu dizia: - Meu pai, eu não sei nada desse jogo. Que que eu vou jogar lá? Quando chegamos, as meninas me apresentaram para o técnico como a substituta da menina ausente. E eu disse para o técnico: - Mas eu não sei nada, nem sei como jogar! Daí o técnico me disse: - Você tem que fazer cesta lá e não pode tomar cesta aqui. Dificultar para as outras não fazerem cesta aqui. Você tem que fazer cesta lá. Tá bom? Pra mim tava mais ou menos bom... eu não sabia nada. Levantaram a bola no meio do campo e quando a bola caiu, caiu bem na minha mão. Mas como ele falou que tinha que fazer cesta, eu saí correndo sem quicar, sem nada pra tentar fazer cesta lá. O cara apitando e eu indo embora para tentar fazer a cesta. Aí o técnico me chamou e disse: - Você tem que “bater” a bola. Não te falaram nada disso? Bom, daí fui jogando e devo ter ido bem... porque quando acabou o jogo o técnico me disse que gostaria que continuasse treinando ali com eles. Então, o primeiro dia que entrei na quadra foi para jogar. (sic).

Mesmo estudando e jogando pela escola, Maria Helena Campos foi jogar para o São Vicente Praia Clube. Lá ela treinava e jogava; ganhou, sob as cores desse Clube, duas vezes o título

de campeã paulista. E foi em uma de suas voltas do treino para casa que ganhou o apelido de Heleninha:

[...] depois passando em frente ao clube, um senhor me chamou: - Menina, menina qual o seu nome? Eu disse: - Maria Helena! Ele me disse: - Você é muito pequeninha. Você é Heleninha! Foi ele quem me apelidou. Aí eu fiquei Heleninha porque ele me apelidou. Eu não tinha esse apelido até então. (sic).

Como atleta de Sorocaba, Heleninha recebeu a primeira convocação para a seleção brasileira:

Quando nós estávamos em Sorocaba, saiu a convocação para a seleção. O técnico disse que ele não gostaria que fôssemos, senão ele não teria ninguém para continuar o campeonato. Mas eu gostaria de ter ido, afinal era tanta alegria! Mas aí, ele foi falar com meus pais, disse que precisava de mim ali e pediu para que eles me convencessem... pois eu teria outras oportunidades, afinal, eu tinha muito potencial etc. E aí eu chorei. Meus pais não deixaram que eu fosse. Aí eu fiquei e não fui. A Maria Helena foi. Ela jogava lá em Sorocaba... e eu não fui. Então fiquei frustrada por não ter ido. Daí em diante eu fui em todas. (sic).

Defender o país, com as cores da bandeira estampada no coração, foi uma honra indescritível para Heleninha. O fato de vestir a camisa falava mais alto do que quaisquer outras oportunidades. Era a hora de defender o país com mais força, mais responsabilidade. O que foi muito gratificante:

Principalmente no Mundial... Eu me senti muito feliz por termos feito um belo Mundial. Tanto em 1971, quanto em 74, no Peru. Então, para mim foi muito boa a época como jogadora. (sic).

Um dos jogos mais bonitos na opinião de Heleninha foi “aquele” contra a Tchecoslováquia, em Madri, em 1965, para convencer os delegados do Comitê Olímpico Internacional que mulheres poderiam jogar basquetebol nos Jogos Olímpicos:

[...] esse jogo foi bonito. Só de terem escolhido as duas seleções que eles achavam ter o basquetebol mais bonito, mais vistoso para fazer o jogo pra comissão ver e mostrar que deveria ser incluído [nos Jogos Olímpicos], já foi uma honra, né?(...) foi um jogo que acho que a gente jogou bem... a diferença foi mínima. Fizemos uma grande partida contra a Tchecoslováquia. Apesar de, naquela época, a gente também ter uma equipe mais baixa. Perdemos mesmo por causa da altura. Mas foi bem válido e a alegria de ver que por unanimidade o basquetebol feminino foi incluído nas Olimpíadas por nosso intermédio. Então... foi gratificante. (sic).

O sonho de ir às Olimpíadas, senão como jogadora, se realizaria de qualquer maneira:

Eu fui a Barcelona com a Maria Helena. Foi uma emoção muito grande! Porque eu acho que todo atleta, de quaisquer esportes, eles têm que ter como dois objetivos maiores: os Mundiais e as Olimpíadas. Fazer competições faz parte da vida do atleta, mas se ele chegar a um Mundial e/ou Olimpíadas pode ficar satisfeito de que fez seu papel dentro do esporte. Como eu não cheguei a realizar a ida para as Olimpíadas como atleta e estava inconformada de não ter ido. Quando eu fui como técnica, foi com uma vitória dentro do esporte pra mim. Essa meta de disputar uma Olimpíada e um Mundial... eu consegui... Graças a Deus. Foi muito bom... muito gratificante. De Mundial participei de quatro, de Olimpíadas, uma vez. (sic).

A transição de jogadora à técnica, para Heleninha, é apenas um movimento de desenvolvimento, em que a tendência é só melhorar. A existência de atletas como Pelé, quando se pensava que não existiria outro, foi suplantada pela presença do Ronaldinho. Dois jogadores incomparáveis, e atletas que trouxeram muitas vitórias. Depois de Maria Helena e Heleninha vieram Hortência e Paula. O que falta para o sucesso pleno dos atletas brasileiros, em sua visão, é organização por parte dos dirigentes:

Nós temos uma gama de atletas muito bons e um potencial enorme entre atletas e técnicos. Mas nós não temos aproveitamento. Infelizmente, entre os nossos dirigentes, poucos são aqueles para quem eu tiraria o chapéu. Pouquíssimos... Principalmente no basquetebol. Por exemplo, nas categorias menores eu fui com Carlos Nuzman no Mundial da Juventude [como técnica da seleção brasileira]... que foi à Rússia. E ele, Nuzman, presidente do COB, estava lá. A preocupação dele era assistir aos treinos de todos os esportes e dar atenção... Para ele, eu tiro o chapéu. Se nós tivéssemos no basquetebol dirigentes como ele, nós estaríamos muito melhor. A única coisa que falta são dirigentes. Acho que nós estamos paupérrimas de dirigentes. (sic).

Heleninha fala de sua experiência como técnica, e nesta posição avalia a diferença entre o basquetebol feminino e o masculino no Brasil:

Dentro da própria CBB nós vemos a diferença de tratamento entre o masculino e o feminino. Eu acho que isso não vem de pensamentos mal intencionados... é que eles foram atletas... foram jogadores e vieram do masculino. Tem filhos no basquetebol masculino, então a atenção deles está voltada para o basquetebol masculino...você vai num jogo de basquetebol masculino... estão todos eles lá. Você vai de basquetebol feminino é muito raro [a presença de dirigentes]. Tem finais de campeonatos que eles nem vão lá assistir a final. Se você

perguntar na seleção brasileira, elas [as jogadoras] vão te dizer que eles não dão a mínima. Para o masculino, eles dão a maior atenção... triplicada. Então... isso a gente sente. Eu acho que uma das providências maiores seria colocar um diretor técnico feminino dentro da CBB. Porque só tem um diretor técnico na CBB, homem e que foi jogador do masculino. Seria necessário ter um feminino... já falamos inúmeras vezes, para fazer calendários, para fazer tabelas, para organizar, assistir campeonatos, ver os que estão realmente trabalhando. É impossível ter só um diretor técnico para o Brasil inteiro e ainda [respondendo por] feminino masculino. É preciso mesmo um diretor técnico feminino. (sic).

Com todas as dificuldades enfrentadas por ser mulher e jogar basquetebol e depois ser técnica, Heleninha continuou sua carreira de sucesso:

Foi bem difícil. No início, até o esporte para mulher já era olhado com um certo estigma. O esporte tinha sido feito para homem. Você começava a jogar e ficava com um pé lá e outro aqui... sempre com uma certa ressalva, com uma certa barreira. Então, o que eu vivi de barreiras... foram ultrapassadas pelo amor. Mesmo pensando em recuar às vezes. E a gente sabendo que estava fazendo a coisa certa, a gente não quis recuar não. Por isso que eu acho que nós fomos vencedoras. Em todos os sentidos, não só pela equipe, mas pela formação da gente. Daí a gente se sente uma atleta e uma técnica vencedora. Isso que é o principal... ser vencedora na vida, né? (sic).

Histórias marcaram a vida de Heleninha, dessas que a gente não esquece jamais, como por exemplo, ser escolhida a melhor armadora do Mundial de 1971, ser atleta campeã Pan-Americana em Cali, e ser técnica campeã Pan-Americana em Cuba. E foi de Cuba que Heleninha guardou a mais emocionante das histórias: o incidente com o Fidel Castro:

No dia anterior, nós tínhamos jogado contra os EUA e tínhamos ganhado dos EUA. Portanto, tínhamos o direito de jogar no dia seguinte contra o vencedor do jogo Cuba e Canadá, que foi logo depois do nosso jogo. Quando acabou o nosso jogo, alegria total... fomos assistir ao tal jogo [Cuba x Canadá] pra estudar o adversário do dia seguinte. Quando nós estávamos lá a arquibancada, tocou uma corneta... os cubanos ficaram de pé e entra o Fidel Castro para assistir ao jogo. Quando ele entrou, parecia que tinha entrado Deus. Tudo parou, parou o aquecimento das equipes, todas as duas equipes ficaram perfiladas. Ele foi lá, cumprimentou as jogadoras de Cuba, as jogadoras do Canadá e todo mundo estava em êxtase. Parado. Aí depois ele foi pro lugar dele assistiu ao jogo. Daí Cuba ganhou, ele foi cumprimentar a equipe de Cuba, que havia ganhado, e ficou para a final para jogar conosco. No dia seguinte, lá estávamos nós contra Cuba na final. Quando chegamos no hotel, na vila Olímpica... as jogadoras nos olharam e perguntaram: - Será que o Fidel vem no jogo

amanhã? Nós já estávamos sentindo o medo delas, da força do carisma dele com as jogadoras de Cuba. Porque ele parecia um Deus para elas. Então, elas se desdobraram... e isso amedrontava as meninas do Brasil. Elas pensavam que a presença dele iria dificultar o jogo para nós. Aí olhando na programação, e dissemos às achávamos que ele não iria, pois no mesmo horário havia o beisebol. Como ele tinha sido jogador de Beisebol, beisebol era o primeiro esporte para ele... o que ele gostava mais. Contamos esta história... as meninas ficaram mais relaxadas. Elas foram para o ginásio no dia seguinte dizendo:- que bom... acho que ele não vem, etc... estávamos lá aquecendo... as duas equipes... Cuba e Brasil... toca a corneta... Presidente Fidel Castro entrando. Quando ele entrou... As meninas ficaram brancas, pensando: Ah meu Deus! Agora a seleção cubana vai ficar mais forte. E daí um dos assessores dele veio, bateu nas costas da Maria Helena e pediu a ela autorização para que o presidente Fidel Castro fosse cumprimentar as jogadoras do Brasil. Maria Helena disse não; - Ele pode cumprimentar as de Cuba. As do Brasil ele vai ter o prazer de cumprimentá-las depois do jogo no pódio, no primeiro lugar. Então, isso foi uma irreverência ao Fidel no país dele. E [Maria Helena, técnica] não deixou ele entrar. Ele foi lá cumprimentou as cubanas e não foi até a equipe brasileira. Mas ela fez isso por causa da sensação das meninas. Aí, como o assessor tinha ido falar com a Maria Helena, as meninas estavam fazendo alongamento, olhando, vendo o cara falando com a Maria Helena e se perguntando: - O que será que vai acontecer? Quando eu estava juntando a equipe para começar o jogo... uma das jogadoras perguntou o que ele [o assessor] tinha falado. Maria Helena disse que ele [Fidel] não vem cumprimentar vocês... porque aquele time que tá lá vai jogar por um barbudo que tá aqui. Nós vamos jogar por um barbudo que é muito mais forte e que está lá em cima. Por aquele barbudo é que nós iremos ganhar... Ahhh meu Deus!... as meninas se encheram... ihh... olha nós ganhamos de 21 pontos de Cuba, dentro de Cuba. Foi linda a vitória... daí ele subiu para distribuir as medalhas, o Fidel dizia: - Mui brava! Ele falava que a Maria Helena era muito brava. Então, essa história me marcou muito porque mostrou uma força interior muito grande da Maria Helena como técnica. E a frase “Nós vamos jogar por um barbudo que é muito mais forte e que está lá em cima” matou a charada e deu força para a equipe se tornar campeã pan-americana.[...] o que você faz para motivar o seu time é o que, às vezes, faz a diferença. Uma vez estávamos jogando e cada uma querendo jogar individualmente... Foi até a Maria Helena, também... Entrou no vestiário depois do primeiro tempo, pegou o saco de bolas que tava do lado, lançou uma bola para cada jogadora e disse: - Se cada uma quer jogar por si, pronto! Cada uma tem uma bola agora. Só que lá, na hora, é uma só pra todo mundo. Parem de jogar cada uma por si! Querem pegar em bola sozinha? Fiquem agora com a bola até começar o jogo. Depois vocês jogam em equipe, não mais cada um por si. [...] isso era para mostrar para elas a importância da equipe. Essas histórias ficam. (sic).

Outra história se fez, quando se dava instruções e ninguém escutava...

Daí, a Maria Helena entrou e disse: - Todo mundo aí com uma mão em um dos ouvidos... Falou, falou e falou... e terminou assim: - É pra entrar aqui [apontando o ouvido livre] e ficar! Não é para sair do outro lado, quando eu falar! (sic).

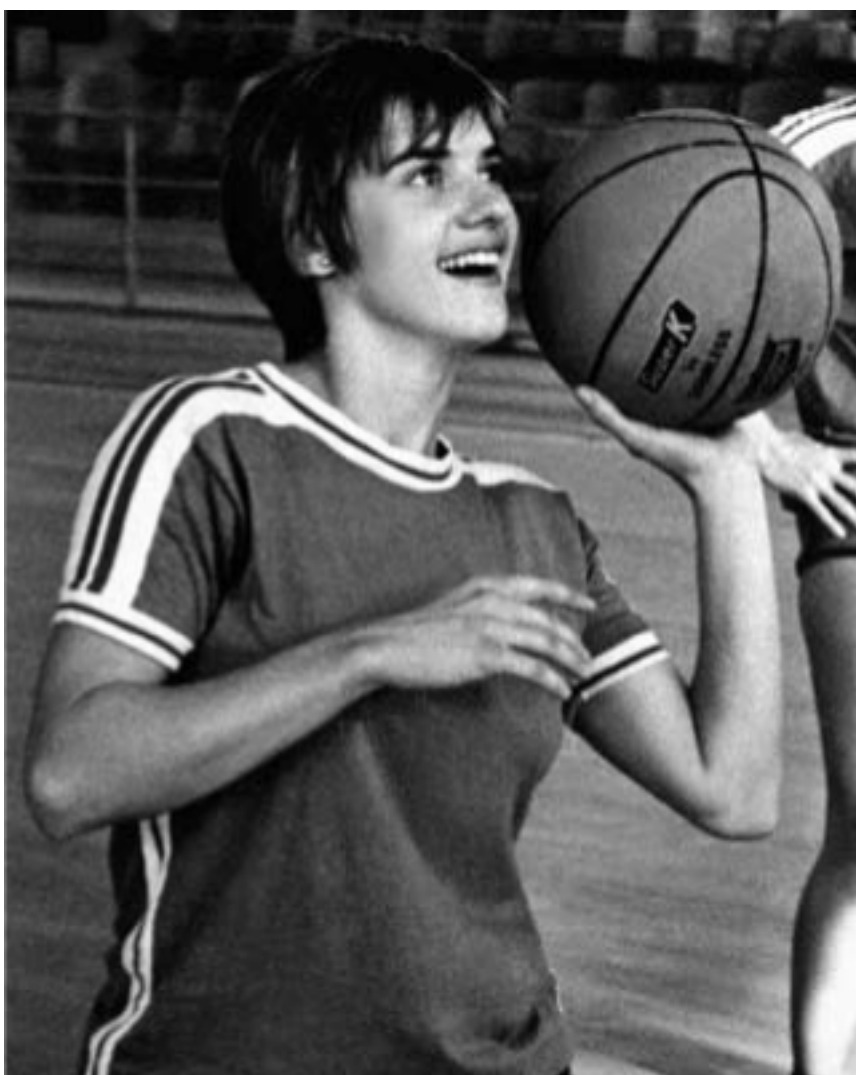
Memórias de uma estrela do basquetebol feminino, que nunca teve técnico no início de sua carreira. Uma mulher que quebrou tabus e hoje faz parte do Hall da Fama do basquetebol brasileiro, tanto em nossa lembrança quanto pelas suas próprias:

Eu infelizmente nunca tive técnico. Em São Vicente, o técnico era de natação, puseram-no para ser técnico de basquetebol. Ele dizia que não sabia nada. Ele dizia: - Olha gente, vamos ser amigos, vamos jogar. Vocês prometem ganhar o jogo? O que você ia falar? Dizíamos em resposta: - Prometemos! Daí quando a gente estava perdendo, ele pedia tempo e dizia: - Vocês não prometeram? E por que não estão ganhando? Estas eram as instru es. Então, aquilo que eu não tive, eu sempre procuro estudar bastante, tudo para me fortificar. Para tudo que eu puder, eu passar para as minhas atletas. E tenho sido muito feliz. Nestes três anos no Rio, fui três vezes campeã Infante, tricampe  Juvenil. Fui técnica assistente no Campeonato Brasileiro pelo Vasco. Nós temos sido muito felizes, muito vitoriosas. Acho que este lado motivacional é muito importante, mas, às vezes, tem que ter muita tática. Ser quadrad o não d . Tem que lembrar que você trabalha com doze seres humanos. Cada um   de um jeito. Tem atleta que não vai enquanto você não d  uma “dura”, ela não reage e tem o oposto: que se der dura, não joga mais. Então você tem que procurar conhecer. O que eu acho que a gente trabalha muito bem   o lado psicológico. Talvez por sermos mulheres, mais sensíveis, a gente sabe trabalhar com esse lado das meninas. Você vê: a  rica não está mais conosco, mas t  ligando. A Janeth nos liga toda semana, pra perguntar: - O que a senhora achou do jogo? Que nós devíamos fazer. Elas precisam de instru es, força moral, psicológica, como por exemplo, dizer: - Veja bem, ninguém vai marcar você... você é a melhor delas! Então... esse lado psicológico   gostoso! E ser técnica é gratificante. (sic).



Heleninha

Norma Pinto
de Oliveira



Norminha

Mulher é muito mais que ser um sexo
É mais que ser do homem complemento
É mais que ser o avesso e o diverso
Mulher é muito mais que sofrimento
Mulher é muito mais que companhia
É mais que ser sujeito ou objeto
É mais que ser amor e alegria

Milton Nascimento e Fernando Brandt

Nascida em Buenos Aires, aos 13 de maio de 1942, naturalizada brasileira para poder defender as cores do Brasil no basquetebol, eis Norma Pinto de Oliveira – a Norminha: filha de pai brasileiro e mãe argentina. A cestinha da seleção começou a jogar sob o incentivo de seus dois professores de Educação Física – Dona Rudyl e Senhor Juvenal Soares.

Eu morava em Jacareí, pertinho de São Paulo, perto de São José dos Campos, e eles, lá, eram os abnegados pelo esporte. E eu apareci no Colégio Estadual de Jacareí jogando basquetebol. Ela [Dona Rudyl] ainda está viva, ele [Juvenal Soares] morreu no ano passado. Ela falou: - Olha Norminha você vai pra seleção brasileira... já na primeira vez em que eu fiz uma aula de basquetebol com ela, em 1958. (sic).

Em 1958, Norminha foi apresentada aos dirigentes do basquetebol:

Eu era novinha. Em 1959, eu fui convocada pela seleção brasileira, mas eles descobriram que eu era argentina e não podia competir pelo Brasil. Porque, naquela época, a naturalização demorava quatro, cinco anos. Eu iria para o Pan-Americano de Chicago (1959). Aí, quando eles descobriram, tiveram que me cortar, e no ano subsequente me chamaram porque a Confederação conseguiu fazer minha naturalização em quatro meses. Graças a eles, eu tive minha naturalização. E aí, em 1960, eu fui convocada para a seleção brasileira pela 1ª vez. Fui como a 12ª jogadora do time para jogar em Santiago, do Chile. E chegando lá, eu não tinha nem noção do que era jogar numa seleção. E ele [o técnico] me colocou no segundo jogo, e eu nunca mais deixei de ser titular da seleção brasileira. Nos 20 anos que joguei na seleção, foram 20 anos de titular. Eu só não entrava quando estava machucada. Mas esse campeonato fui considerada “la niña voladora” a menina que voa. Porque eu era muito rápida. A partir daí comecei a pertencer à seleção. (sic).

Com 16 anos, era uma proeza ser atleta, pois o preconceito era uma barreira a transpor:

[...] a mulher que praticava esporte nessa época era chamada de “Paraíba” ou “mulher-macho”, principalmente basquetebol que era um esporte de contato. Era uma geração que vivia o mundo de família. Todo mundo pensava que a gente não podia jogar basquetebol. Uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Então, você pagava o pato por ser basquetebolista. Mesmo que você não fosse homossexual, era como se fosse e era um horror... Aí tinha muitas contrariedades, muitos problemas; não com minha mãe ou meu pai, mas com minhas tias, tios e primas. Eu passei por isso. (sic).

Além das dificuldades oriundas do preconceito social, havia também as dificuldades finan-

ceiras, a falta de infraestrutura e incentivo. Norminha começou a jogar sem infraestrutura, parou de jogar há mais de 20 anos, sem ver mudanças nesse aspecto e, ainda hoje, avalia que não existe o necessário.

Naquela época, primeiro que não tinha verba, segundo que era muito difícil viajar. Nossos uniformes eram terríveis. Ficávamos embaixo das arquibancadas do Ibirapuera, ou no São Caetano Esporte Clube ou no DEF¹. Você não recebia para jogar. O prefeito de São Caetano cedia o estádio Lauro Gomes e embaixo das arquibancadas tinham os dormitórios [...] frio [...] gelado. E a gente não tinha coisas assim como fisioterapeuta, nutricionistas, massagistas, roupeiro, imagina! Tinha o técnico [Antenor Horta, Campineiro, Almir, Sorocaba, Ary Vidal, Valdir Pagan Peres, Brito Cunha, o Barbosa] o roupeiro, a capitã do dia [que era sorteada]. Esta capitã controlava os horários, ajudava o técnico, avisava dos treinos. Havia o assistente técnico e o roupeiro. Teve uma vez que, pra você ter uma ideia, no Campeonato Mundial no Peru [nesta época nós não tínhamos nem massagista, nem médico], eu tive uma crise intestinal. Quem me atendeu foi o médico da seleção do Japão. Eu não sabia falar japonês. Daí você imagina [...] sabe o que aconteceu? Por gestos ele me indicou uns remédios e por números a quantidade: - De manhã duas pílulas, meio-dia três pílulas e oito horas da noite, três pílulas. Ele parecia um aviãozinho. Sabe quando que viemos a ter massagista? Depois de dez anos. [...] era o Félix que era o massagista. [...] Nós é que fazíamos a feira, o cardápio. Só tínhamos o cozinheiro que era cedido pela prefeitura. Ou, de vez em quando, era no DEF, naquele restaurante sem-vergonha lá do DEF. Eu posso contar nos dedos as vezes que fiquei em hotel aqui no Brasil. Ah, imagina, se tinha o que se tem hoje: - Ah eu não como frango, eu não como carne, eu não como massa, eu só como verdura... Nós nos Jogos Abertos do Interior em São Caetano, e mesmo em Campeonatos Brasileiros, a gente ficava alojada na área dos bombeiros ou em ginásio. A gente levava papel para colocar nas janelas para não fazer barulho. Tinha aquele travesseiro de capim. Por exemplo, quando era Sul-Americano que era por aqui, nós ficávamos em quartel de soldados. No Paraguai, no Chile, enfiavam a gente nuns quartos, [comíamos] aquelas comidas horrorosas. Você não podia fazer nada, passavam 15 dias que você voltava com cinco, seis quilos a menos. Aqui antigamente, quando a gente treinava... era muita dificuldade porque não se tinha dinheiro. Basicamente um tempo de repressão. [...] durante 20 anos de seleção brasileira, nos 12 primeiros anos, eu nunca fiquei em um hotel concentrada. (sic).

Norminha, depois de Jacareí, Sorocaba – onde jogou por oito meses – foi morar na cidade do Rio de Janeiro, onde graduou-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de

Janeiro (UFRJ), e em Fisioterapia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Cursando duas faculdades, ainda trabalhava no Instituto Brasileiro do Café (IBC) e jogava pelo Flamengo. Os treinos eram sempre das 20:30h às 22:30h-23h todos os dias.

E o que que o Flamengo dava [...] para competirmos [...]? Dava uma república, onde ficavam cinco, seis atletas e dava um emprego. Tanto que eu trabalhei durante muitos anos como técnica em contabilidade, como eu falei. Se você me perguntar: - O que é balanço? Apagou da minha mente. Eu tenho trauma disso!

Então, era muito injustiçado, porque você era prejudicado. Se você ia para a faculdade era prejudicado, você ia para o trabalho era prejudicado. Tudo porque não tinha nem licença para jogar. Pra você ter uma ideia, eu precisei do meu tempo de serviço no IBC, agora ultimamente, e eu esperei dois anos e meio para saber, pois eles nem sabiam onde estava o arquivo morto do Instituto. Aí fui descobrir que estava numa salinha lá do Ministério da Guerra. Numa salinha lá no “não-sei-aonde”. Aí quando eu fui requerer minha aposentadoria, por tempo de serviço, a responsável [pela emissão dos documentos] estava de licença. Eu tive que esperar mais um ano. Aí quando ela me trouxe os documentos. - O que é que tinha no meu papel? Tinha licença-doença! [...] Eu estava na seleção brasileira jogando e lá no IBC estava como se eu estivesse doente. Então, ela não ia contar esses dias, porque eu estava doente. Tive que ir na Confederação pegar todos os campeonatos, todos os dias, os jogos que eu participei, levar para Brasília para poder contar meus dias de trabalho, provando que eu estava na seleção e não contaram. Por aí você vê os absurdos. Agora, como funcionária do Estado, o maior absurdo foi quando nós fomos em uma excursão para a Europa, ficamos 60 dias fora e não saiu a licença de Brasília. Daí quando nós chegamos aqui, nós estávamos sendo exoneradas do Estado. Foi difícil de resolver. Corremos para o governador que era o que disse que ia tentar. Não haveria a exoneração, mas em compensação cairia o pagamento lá do Estado. Conclusão: ficamos sem pagamento durante três meses. Daí tivemos que falar com a Confederação, Federação. E a Federação não tinha dinheiro. Daí quem pagaria nossas contas? Nós estávamos defendendo o Brasil. Depois de 11 meses o estado... o estado pagou aqueles 3 meses que ficaram sem pagar. Tivemos que pedir dinheiro emprestado. (sic).

A diferença de tratamento entre as equipes do basquetebol masculino e feminino vem de um processo de vitórias do time masculino:

Os meninos eram mais paparicados porque eles já vinham em um processo, eles já eram bicampeões mundiais. Antes do Brasil ser campeão do mundo em futebol, o basquetebol masculino já era bicampeão mundial. Então, eles tinham mais poder técnico. Não é que eles ganhavam mais. Eles tinham mais conside-

ração com o masculino. Nós passamos a ter alguma consideração da Confederação quando nós ganhamos o primeiro Pan-Americano, em Winnipeg, no Canadá... Aí parece que prestaram mais atenção. Em Chicago, eu não fui. Mas sei [que] o Brasil teve uma colocação péssima. Pra você ter uma ideia... para a gente viajar para fora [do país]... Nessa época, o presidente [da Confederação Brasileira de Basquete] era o Almirante Meira. Ele hipotecava a fazenda dele para levantar dinheiro para a seleção brasileira poder viajar. (sic).

Norminha também participou do jogo contra a Tchecoslováquia, que trouxe a consideração da participação feminina do basquetebol nos Jogos Olímpicos:

[...] indo para a Europa para jogar contra a Tchecoslováquia, eram escolas diferentes. A FIBA queria [apresentar ao COI] a parte técnica do Brasil e da Tchecoslováquia. Então, convidaram duas escolas diferentes. Nós fomos [...]. Houve três prorrogações. O time da Tchecoslováquia ganhou na terceira prorrogação. A partir daí ia ser incluída na próxima Olimpíada que já vinha... porque as modalidades não entravam de imediato nos Jogos. Tem fazer um projeto... uma porção de coisinhas num prazo de oito anos, no mínimo, para que aquela modalidade possa ser incluída oficialmente nas Olimpíadas. Justamente em cinco que estava começando entrar equipes femininas, eram 16 equipes, 18 equipes e eles tiraram cinco, seis lugares para o feminino e 12 para o masculino, então era a nata do mundo. Para ir para Olimpíada ou você tinha que ser campeã pan-americana, ou campeã asiática, campeã europeia. Neste ano, nós não conseguimos o Pan-Americano. Então, nós nunca fomos a uma Olimpíada. Eu tenho, por exemplo, jogos em que eu sou octacampeã sul-americana, quatro Mundiais, quatro Pan-Americanos. Todos os títulos nacionais, internacionais, estaduais, municipais, comenda [do governo]² [...]. (sic).

No mesmo ano em que disputaram o Campeonato de Clubes na Europa e conquistaram a simpatia do Comitê Olímpico Internacional, a equipe brasileira foi campeã sul-americana. Dois anos depois, em Cali, na Colômbia, trouxeram a medalha de ouro do Sul-Americano e conquistaram o Pan-Americano em Winnipeg, Canadá.

A preparação estava sendo intensa para o VI Mundial, em 1971, realizado em São Paulo, mas mesmo com todas as vitórias e reconhecimento internacional, ainda havia os desafios da imprensa brasileira, que não julgava ser possível a titulação das jogadoras brasileiras nesse Mundial. Todavia, o tratamento por parte dos dirigentes foi surpreendente:

2 Pela seleção: vice-campeã sul-americana (Chile - 1960), medalha de bronze no Sul-Americano (Paraguai - 1962), medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo (Brasil - 1963), 5º lugar no Mundial do Peru (1964), campeã sul-americana (Brasil - 1965, Colômbia - 1967, Chile - 1968, Equador - 1970, Peru - 1972 e Bolívia - 1974), 8º lugar no Mundial da Tchecoslováquia (1967), medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (Canadá - 1967), medalha de bronze no Mundial do Brasil (1971), medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Cali (Colômbia - 1971), 12º lugar no Mundial da Colômbia (1975) e 4º lugar nos Jogos Pan-Americanos da Cidade do México (México - 1975).

[No] Campeonato Mundial aqui no Ibirapuera [em 1971]... Foi a primeira vez em que nós nos sentimos rainhas. Colocaram a gente em Petrópolis, no Hotel Quitandinha. Ficamos 60 dias treinando. Com comes e bebes, etc. Aí viemos para São Paulo e participamos do Mundial e infelizmente houve erro técnico, tático e ficamos em 30 lugar.

O mais surpreendente, no entanto, estava por vir:

Recebemos do presidente Emílio Garrastazu Médici um telegrama, dizendo que ele queria que a gente fosse para Brasília. E nós não queríamos ir. Mas alegavam que tínhamos que ir. - Imagina, vocês vão ser homenageadas, vão receber comenda do presidente da república. Fomos! - Onde a gente se encontrou? No aeroporto de Congonhas. Quando chegamos lá, um avião da FAB³, de paraquedista! Com a porta aberta. Não tinha jeito de fechar o avião. Era um bimotor, barulhento, que viajamos seis horas de voo. Não dava para ir ao banheiro, para não ser sugado. Chegamos em Brasília. - Quem estava nos esperando? - Um ônibus quebrado! Do aeroporto até o Palácio de Governo, dava uns 15, 20 km. Então, o ônibus parou para colocar água no motor, etc. Bom, chegamos, subimos a rampa, eles nos colocaram numa formação meia lua. O presidente chegou: - Parabéns! Ele apertou a mão de cada uma, agradeceu e acabou! Ele virou as costas e foi embora. E daí? E o nosso almoço? Nós não tínhamos dinheiro... - Sabe onde nós fomos comer? Em uma destas lanchonetes-padrão, que não lembro bem. O Senhor Osvaldo e Senhor Carlinhos foram às Casas Pernambucanas e compraram aqueles peleguinhos: uns cobertores [...] e deram pra gente usar no avião. Porque não dava pra gente voltar à noite naquele avião sem cobrir. Daí a gente veio enrolada naquilo até São Paulo. Acredite se quiser. A quem você perguntar, vai lhe ser dito isso. Um absurdo. (sic).

Ser amador, doar-se ao esporte, custou muito sacrifício para a geração a que Norminha fez parte. O paradoxo entre os princípios do esporte amador – principalmente relacionado ao ganho pecuniário – e as necessidades de sobrevivência, os privilégios e a supervalorização de uns esportes em relação a outros, foram eventos marcantes e decepcionantes. A avaliação da atleta sobre o basquetebol feminino vem de sua experiência como jogadora sim, no entanto, mais que isso, ela analisa as possibilidades, levantando problemas intocáveis até o momento:

Dos anos que eu joguei até o final da minha carreira foram anos muito difíceis. Época muito, muito dura monetariamente. Não havia auxílio. Não havia profissionalismo. Era um esporte machista. - Por quê? Porque os homens ganhavam e as mulheres não! [...] os atletas que fossem pegos ganhando seriam expulsos

da modalidade. Os grandes jogadores recusaram convites, porque se fossem poderiam ser expulsos, eliminados pela modalidade. E isso vinha da Confederação Brasileira. Quem recebia, recebia por baixo dos panos. E daí tinha muitos problemas [porque] as equipes paravam, os atletas saíam e você não podia fazer nada, porque você mataria o atleta. Não tinha nada registrado. Hoje tem. - Então o que aconteceu? Na minha época, você tinha um emprego se você fosse formado ou se tivesse uma outra atividade. Você não ganhava para jogar. Mas era o preço se você quisesse estudar. As meninas de seleção brasileira, quando eu já era formada, elas estavam começando. Isso é um detalhe importantíssimo. Todas as jogadoras da seleção da década de 62 a 78 eram graduadas em nível universitário. O que não acontece agora. Todas tinham um diploma, ou era de Pedagogia, ou Advocacia, Arquitetura ou professora de Educação Física. Todas tinham uma graduação. Essa é uma parte. A parte do dinheiro não existia. Na parte governamental, fomos muito judiadas. Em nível de participação na Federação [...] as Federações eram muito pobres. Quando [as competições] eram pelo COB tinham uns privilégios. Por incrível que pareça, e olha, isso é um desabafo: - Nos Jogos Pan-Americanos os únicos que tinham privilégios... eram [os atletas e técnicos] da equipe de futebol. Eu pra jogar não recebia nada. Mas o futebol, se eles ganhassem o jogo, ganhavam 100, 200 dólares como prêmio. - Pode isto numa delegação onde todos estavam defendendo a mesma camisa? Mas era porque eles eram profissionais e nós não. Daí criava uma animosidade mesmo. Indiretamente você ficava sabendo. No Pan-Americano (México) o Brasil terminou empatado, então veja bem como se descaracterizava os jogadores: eram privilegiados os de hipismo, esgrima. Eram as pessoas de poder aquisitivo muito alto. Eram esportes de elite. E nós não éramos isso. Muito embora tenhamos trazido muitas coisas para o Brasil. Essa época foi muito ruim. (sic).

Além da falta de privilégios, conforto e infraestrutura, as estratégias do basquetebol feminino sempre foram planejadas e executadas por aqueles chamados “abnegados”. Esses apaixonados pelo esporte dedicavam-se aos treinos, muitas vezes, sem nenhuma especialização profissional. Eram leigos que se dedicavam nas horas de folga do trabalho:

Não eram professores de Educação Física graduados. Eram abnegados. Parece um paradoxo. Às vezes eu fico pensando: - O técnico bicampeão do mundo, o Renan Soares, tio do Jô Soares, ele nunca jogou basquetebol na vida. Nunca pegou numa bola de basquetebol. Nem pra ensinar. Ele era técnico da seleção masculina e foi bicampeão mundial. Me explica isso? - Nunca praticou nem uma modalidade. Ele apenas explicava: - Faça isso, aquilo... etc. Agora os profissionais faziam muita barbaridade com a gente. Hoje, depois que a gente passa a estudar, se relacionar, passa a fazer e ver avaliações físicas e tudo o que tem. - Dobra cutânea?- Imagina! Nós nunca fizemos! Só fomos fazer lá na USP.

Eles levavam a gente pra quadra de basquetebol e mandavam dar 50 voltas na quadra. - Imagina: 50 voltas rodando. Você saía tonta. Eu tenho a perna forte porque sim. Não existia preparação com musculação nada. Nós usávamos como sobrecarga... o que nós chamávamos o “porquinho”. Era uma câmara de ar de carro cortada ao meio, cheia de areia e que era amarrada com arame. Colocávamos isto no pescoço e corríamos, andávamos e saltávamos com aquilo. (sic).

Mesmo diante de tantas desventuras, Norminha nunca se afastou do esporte. As dificuldades apenas a motivaram a buscar saídas, a se envolver em projetos que direcionassem seus objetivos à melhoria da performance, tática e técnica de jogo. Muitas vezes, submeteu-se a testes, fez parte de pesquisas e descobriu novos atletas:

A Hortência foi descoberta por mim e pela Marlene José Bento. Eu era diretora de esportes da cidade São Caetano e a Marlene me avisou que tinha uma menina espetacular no atletismo: - Uma menina espetacular, Norma, e vai se perder no atletismo. Pois o atletismo tem menos ajuda que o basquetebol. Aí eu convidei a Hortência. Ela saiu do atletismo [...]. Então, ela foi para o basquetebol. Ela tinha 12 anos e 1,64 [e já calçava 41, 42]. Então, ela começou na categoria de baixo. Nesta época, 1975-1974, eu saí de São Caetano e comecei trabalhar no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa [aqui no Ibirapuera] onde eles se iniciavam, engatinhavam. E o projeto era muito bonito. E a Hortência estava desde 75 no projeto. Durante quatro anos eu trabalhei no projeto. Era um trabalho totalmente empírico, não tinha visão de avaliações. Eu era o parâmetro. Sempre fui parâmetro. Tudo que tinha que experimentar, fazia sempre o teste comigo. O que eu aguentasse, ou seja, 60 por cento do que eu aguentava era aplicado nas outras jogadoras da seleção. E o projeto trabalhava a parte física e técnica individual da modalidade. A parte tática, sistemas [...] nada. Aí melhorava: começou a ter psicólogo, nutricionista, médico, assistente técnico, palestras. Eles eram direcionados. Eles ficavam o dia inteiro lá. Até quando a equipe de São Caetano falou que não ia mais jogar, daí degringolou de vez. Eu parei de jogar. Eu passei um ano e meio. Tinha o maior medo de ouvir: - Sua velha acabada, tá jogando ainda? - Eu pensava isto porque eu vi muitos jogadores serem humilhados na quadra. Isso me deixou muito marcada. Tanto que eu saí no ápice da minha carreira, do meu condicionamento físico. Pergunte para a Maria Augusta Kiss. Ela foi a primeira mulher a fazer avaliação física na seleção brasileira feminina e foi no Pan-Americano, em 63, aqui em São Paulo, que ainda... a USP ainda era aqui no Ibirapuera. Maria Augusta foi a primeira. Ela foi a primeira! E eu jogava, trabalhava e estudava com ela no Centro Interdepartamental de Pesquisa e fiz um trabalho com ela, que foi o único trabalho brasileiro que foi pro Congresso de Medicina Esportiva em Brasília. Quando eu vi que não ia dar, que não ia se direcionar para a proposta inicial, eu pedi para ser exonerada da prefeitura. Porque aí não tinha mais objetivo. (sic).

Os objetivos na vida de Norminha sempre foram os guias, e atingi-los sempre foi a meta. O esforço, a garra e a coragem sempre foram as doses certas para os passes certos:

Em termos técnicos, nós não deixamos nada a desejar para a próxima geração. Neste desfalque de preparação, a parte técnica era o esforço. A nossa seleção perto da nova: a mais alta tinha 1,81, a mais baixa tinha 1,49. Eu tenho 1,69. A mais alta 1,81, depois 1,80; 1,76; 1,74 e por aí vai. Nós sempre jogamos com as mesmas equipes de porte físico. As russas, as búlgaras, iugoslavas, romenas, chinesas, estas eram enormes! E ainda o agravante da nossa época era que não tinha controle de doping. Você via aquelas mulheres daquele tamanho que faziam barba jogando com a gente. Dava medo de entrar na quadra!!! Eu não tinha noção, porque eu começava antes do jogo, ou seja, no aquecimento. Depois que eu entrava na quadra podia vir o gigante Golias que eu estava ali, era impressionante. A primeira vez que joguei com público foi no Ibirapuera, em 1971. Você não pode imaginar. Primeiro que o povo brasileiro não sabia que nós éramos campeãs pan-americanas, sul-americanas, que tínhamos as melhores jogadoras do mundo. Fui considerada, duas vezes, a melhor jogadora do mundo. Esta é minha história com o basquetebol. (sic).



Simone e Norminha

Nilza Monte Garcia



Nilza - 1971

Se você pretende saber quem eu sou
Eu posso lhe dizer
Entre no meu carro na estrada de Santos
E você vai me conhecer

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

Nascida no Bairro Ipiranga, em São Paulo, em 8 de novembro de 1942, Nilza deu seus primeiros passos nos parques e clubes do mesmo bairro. O primeiro contato com o esporte foi o voleibol:

Eu nasci aqui no Ipiranga, cresci aqui. Eu costumo brincar que aos domingos vou à exposição aqui no museu¹. Eu comecei jogando aqui no Ipiranga, no Clube Atlético Ipiranga. O Ipiranga tem essa característica [de passar] de pai para filho, a história. Eu só sei que no colégio eu jogava voleibol, e jogava até razoavelmente bem, [eu tinha] 1,82. Na minha época, eu era considerada enorme. Na época, eu parecia assim uma salsicha com azeitona em cima e quatro palitos espetados, magra feito um não sei o quê. Daí me convidaram para jogar voleibol ali no Clube Atlético Ipiranga. [...] Eu não era sócia nem nada e fui. Havia um técnico, Hermes de Sousa Neves, do basquetebol feminino. Ele viu uma comprida daquela chegando, foi correndo me convidar para jogar basquetebol. E aí era um clube chamado Vovô da Colina Histórica, ele tinha futebol, na época, ele tinha coisas amadoras, tinha basquetebol masculino, feminino, tinha voleibol, futebol de salão e eles me convidaram. Eu falei: - Ai, Deus que me perdoe, basquetebol é coisa horrorosa, fica dando trombada, não sei o quê. Mas ele insistiu, disse se você não gostar [não tem problema] e daí eu fui e verifiquei que ali não era um bicho de sete cabeças. O contato de corpo é um contato se você quiser. (sic).

No início, Nilza não desistiu do voleibol, continuava disputando partidas em nome do Seminário das Educandas², um colégio dirigido por freiras, que apresentava um currículo diferenciado de outras escolas. Caracterizava-se por oferecer um curso industrial básico. As mães colocavam suas filhas nessa instituição para garantir a educação da “boa esposa”, “boa dona de casa”, uma vez que o aprendizado incluía as tarefas domésticas em meio ao currículo básico:

Mal sabe a mamãe que eu não gosto de nada destas coisas de casa, de lavar, passar, cozinhar. Eu ainda que gosto de bordar, e um tricô até que faço. Sempre tive muitas habilidades com as mãos. Mas aí terminei o ginásio e então praticamente eu passei a jogar só neste clube aqui do Atlético Ipiranga. Meu irmão era nove anos mais novo que eu, e mamãe foi trabalhar para ajudar papai, que tinha bar e tudo. E eu tinha que tomar conta do meu irmão, então não dava para eu estudar. Era uma época que ficava difícil. (sic).

Jogar no Atlético Ipiranga preenchia suas expectativas de alcançar grandes vitórias e sonhos adolescentes, sem tanta determinação, até que veio a primeira provocação, a qual deter-

1 Refere-se ao Museu do Ipiranga – São Paulo.

2 Atualmente, Escola Estadual Nossa Senhora da Glória.

minou seu destino:

[...] eu ouvi um dia de um rapaz bonito, mais velho, daqui do Ipiranga: [...] - Aquela só tem tamanho! E isto só poderia ser comigo. Pois eu era a única grande. E ele continuou: - Só tem tamanho, nunca vai dar nada! Aquilo me pegou, Claudia! Eu falei: - Como não vai dar nada? Eu tinha 16 anos, com um 1,82. Eu comecei a jogar com 14 anos e eu já media 1,75. Para aquela época eu era enorme, magrela do caramba, ficava maior ainda. [...] Aquilo me pegou na veia de um jeito [...] que três meses depois o Corinthians estava me convidando para jogar na equipe principal. Daí... eu sei que isso, em 1961, fui a primeira vez convocada para a seleção brasileira. Aí eu fui lá no clube de novo... fui procurar o rapaz... fui agradecer. Aí ele falou assim: - Nilza, mas por quê? Eu respondi: - Porque... Você sabe que eu jogo basquetebol na seleção por sua causa? Porque eu escutei tal dia você disse “isso isso e isso”, e eu quis te mostrar que eu não só tinha tamanho, não só para a seleção, como sou titular absoluta – não fiquei com raiva, mas aquilo foi uma estimulação! (sic).

O aceite para jogar pelo Corinthians deu a Nilza a oportunidade de um trabalho na contabilidade. Livros-caixa ganharam o capricho e a ordem de canetas coloridas que indicavam a diferença de categorias entre os números registrados, tais como “entrada”, “saída”, “despesas”, “pagamentos”, etc. Nilza recebia pelo trabalho que fazia e, assim como suas colegas de time, nenhum tipo de ganho pecuniário lhe foi dado por jogar. Como seu trabalho começava às 13h e os treinos eram noturnos, a partir das 18h, Nilza começou a pensar em voltar a estudar, pois até então não tinha tido condições. Jogar pelo Corinthians, além de um reconhecimento de seu talento, era também um presente para a família:

Agora papai... meu querido papai trabalhava, nessa época, num depósito de material de construção. Ele saía às seis horas, pegava dois ônibus [não tínhamos carro] e ia buscar a filhota dele. Sentava-se, assistia aos treinos. Corintiano pra caramba! Imagina o orgulho de papai vendo a filhinha jogando, vestindo a camisa do Corinthians. E assim foram seis anos de Corinthians, sempre trabalhando, ganhando meu troquinho, que dava pra eu comprar minhas coisinhas, quando eu queria uma roupinha diferente, por exemplo. (sic).

Internamente, Nilza lidava com umas das maiores dificuldades das meninas de sua época, que era o fato de conciliar a imagem atlética com imagem de feminilidade:

[...] na minha vida o que mais ocorreu foi essa parte de complexo, que eu estava levando, inclusive para uma parte afetiva, [...] eu lembro que na época que eu jogava aqui no Ipiranga ainda, eu simpatizava com um rapaz, com o Arthur que jogava na equipe principal aqui do clube Atlético Ipiranga, e quem conseguiu namorá-lo foi uma moça que jogava comigo, sabe? Muito bonita, muito apre-

sentável... sabe? Para mim, foi aquela coisa: - Eu sempre vou perder. E foi justamente quando eu fui para o Corinthians. As pessoas que foram me paparicando, como eu disse. Começaram a me dar um pouquinho [de] enfoque, eu comecei a perceber que eu também conseguiria, se eu quisesse, alguém especificamente. O que é engraçado, é que eu tive uma série de namorados que na hora H... ah... eu lembro que eu namorei um técnico de futebol, então ele foi convidado para ir para a Itália, e ele disse: - Eu quero que você vá comigo. Eu disse: - Eu não vou não! Eu estou começando a minha carreira. (sic).

Essa carreira profissional, que daria muitos frutos ao basquetebol nacional, primeiramente teve suas glórias em um dos times com a torcida mais fiel do país. Os treinos eram realizados no Parque São Jorge, e corintiano que se preze torce pelo time em quaisquer modalidades que fossem:

[...] o Corinthians ganhava tudo. Nós ganhávamos tudo e a torcida uniformizada [organizada] do futebol. Havia uma senhora que se chamava Eliza, ela era uma torcedora símbolo do Corinthians. Essa senhora comandava a torcida do Corinthians do Futebol. Ela era líder. Ela passou a adotar a gente [do basquetebol]. A torcida ia pra ver a gente ganhar de cem. Naquela época não tinha essa coisa de cesta de três pontos. Só de dois. Daí ganhar de cem [...]. Consequência: aqui dentro da capital só tinha o Tietê, alguns poucos clubes, o São Paulo desistiu. Tinha Palmeiras! Tinha a briga Corinthians e Palmeiras, nunca perdi para o Palmeiras. Corintiano é fanático. É fogo, não tem jeito. Eu continuo corintiana. Não sou fanática, mas gosto muito. É muito diferente dos demais. Só fazendo um preâmbulo aqui: - Corintiano, sim, este torce realmente para o clube. Todos os outros são anticorintianos, pois eles precisam escolher alguém para torcer contra. (sic).

Depois de seis anos em que Nilza estava jogando pelo Corinthians, o clube fechou o basquete feminino por falta de adversários na capital. Os jogos movimentavam os torneios abertos no interior do estado, o que levou Nilza a jogar pelo Santo André:

Então, em Santo André fui jogar também a troco de um emprego. Porque eu precisava trabalhar. Então, por exemplo, todo o tempo de Corinthians, nunca me deu um tostão sequer por jogar. Eu ganhava um pouquinho pelo meu trabalho, pelo que eu era, “caixa”, nunca faltava. Muito diferente de alguns empregos de algumas pessoas por aí que tiveram emprego que nunca foram. A mesma coisa em Santo André, se você for buscar o meu registro profissional de trabalho em Santo André. Nós fizemos um trabalho muito interessante em Santo André. Nós fomos as pioneiras em abrir a Educação Infantil que era a pré-escola e os cursos esportivos para a comunidade. Eu jogava pela Pirelli e a prefeitura me contratou pra trabalhar com esporte no estádio Pedro Dellantonio, que agora é

o Bruno Daniel e é ali do lado do futebol. [...] um complexo grande, onde são os jogos das equipes todas. Mas era um ginásio com uma piscina. Ali que a gente treinava, porque a Pirelli não tinha ginásio. [...] treinávamos ali dentro do ginásio da prefeitura. Então, eu tinha o meu emprego. Não havia um contrato com a Pirelli. Mas, sim, com a Prefeitura. Daí que então, ganhando um salário melhor, eu fui fazer o curso normal e eu quis fazer em um dos melhores colégios, que eu achava maravilhoso, o uniforme era lindo, que eu nunca pude pagar. Daí eu mesma poderia pagar. (sic).

Depois do curso normal, Nilza optou na sequência pelo curso de Educação Física oferecido na cidade de Santos, o que foi uma aventura e tanto. A opção oferecida pela Universidade de São Paulo a impediria de trabalhar até mesmo em meio período:

Então, [em] 1970 que nós começamos a fazer a Educação Física... fui como todo mundo fazer Educação Física, porque é o que me dava oportunidade de trabalho. Então, nós optávamos por Santos, porque era só meio período e a USP era em dois períodos e a gente tinha que trabalhar. O treino era depois, é o que menos a gente fazia. Então... não só fazia Educação Física, como cismeí que eu tinha que fazer Psicologia, eu adorava psicologia. Minha vida foi a seguinte: 4:30h da manhã eu levantava, ia até São Caetano, porque a perua saía [e] já pegava a turma de São Caetano e depois a de Santo André; como eu moro aqui no Ipiranga, é passagem. A turma de São Caetano era Delcy, Elzinha, Simone – a cantora – tinha a Angelina, que era uma que jogava na equipe também que é de São Caetano, aí passava por Santo André pegava a Nadir Bazzani, a Laís, a Carmem Sílvia e aquela que seria eu. [...] a perua... você vê o que a gente arriscava: - A perua não tinha nem breque, era horrível, a Odila sentava perto da porta, a perua Kombi tinha a porta toda furada. Quando chovia, a Odila precisava ir com as pernas em cima, porque o lugar dela era ali, perto da porta, ela era a última que entrava, é o que sobrava. O lugar, então, ela punha os pés em cima do assento porque entrava água por baixo quando chovia, e a gente subia e descia a serra todo dia. Era maravilhoso, cantando, sempre iam dois violões, o da Simone e o da Delcy. A Simone tocava bossa nova e a Delcy tocava guarânia, e quando chegávamos lá embaixo, sempre se tivesse um espaço de aula, correndo já chamava o Pelé, porque o Pelé fazia faculdade conosco, e ele adorava. - Édson, vamos! A Kombi nós alugávamos, nós que pagávamos, nada da prefeitura. Isso que estou te falando, nós não tivemos vantagem nenhuma, pagávamos nossa faculdade com o nosso trabalho, todas, sem exceção. A Kombi era por nós alugada, era o que encontramos mais barato. Se não me engano, Senhor Armando, se não me falha a memória, a Kombi dele era um caco, mas ele cobrava mais baratinho, nós íamos subindo. Foram três anos que subimos e descemos essa serra todos os dias. Às vezes, eu já saía daqui e ia para lá, mas eu também ia de Santo André, e a perua ia com 11, descia a serra, então eram 10

para as 7 nós já estávamos na aula, e era no campo do Brasil. Hoje está linda a faculdade. Nós íamos para lá e voltávamos à 1 hora em ponto. (sic).

Da Educação Física à Psicologia e finalmente à Pedagogia. Tudo era apenas uma questão de tempo:

A turma de Santo André: Nadir Bazzani, que era formada professora também, mais duas meninas, que eram do voleibol de Santo André, e eu começamos a dar aula pra Educação Infantil, para essas crianças que eu estava te colocando que a gente dava atividade física para eles diariamente, por temporada. Então, nós pegávamos a classe à 1 hora, batíamos ponto, ponto relógio, dava aula da 1 até as 5. Às 5 horas, correndo, saía e ia dar uma treinadinha. Como eu cismeiei que eu tinha que fazer Psicologia, então eu dava uma treinadinha e vinha correndo, porque aqui perto da minha casa eu tenho a São Marcos, que eu já tinha prestado vestibular e tinha passado, então fazia Psicologia aqui, entrava às 7h-7:30h, saía às 11h e pouco. Então, conforme eu estava nessa roda, eu comecei a perceber que eu precisava era da Pedagogia, porque eu estava mais envolvida, e a gente começou a estruturar isso em Santo André, eu falei: - Não gente! Eu não estou aqui, eu estou em um cargo que vou precisar. Eu comecei a estudar todas as coisas. Eu falei: - Eu preciso é da Pedagogia, para que eu possa exercer esses cargos também. Então, na própria faculdade, eu mudei de curso, então algumas matérias eliminei, e completei. Não fiz complementação pedagógica, fiz licenciatura plena porque aqui não tinha complementação, e eu queria fazer aqui pertinho na São Marcos. Então, passei para Pedagogia e entusiasmei as meninas. Eu ao mesmo tempo prestei concurso em São Paulo, na prefeitura de São Paulo. (sic).

Todas as aulas, os compromissos e os projetos para uma vida futura sempre movimentaram a vida de Nilza que completou todos os seus estudos jogando.

Treino mesmo? Hum! - Vou passar ali para dar uma treinadinha. - Sistema de treino? Hum, deixa ver...: não era essa coisa de hoje, não era do tipo, por exemplo, do biótipo. Você pega Norminha e eu. Você só de olhar, hoje, você vê que Norminha, pelo próprio biótipo e a força dela, já se consagrava. Ela precisava de exercícios, muito exercício de pernas. Ela subia para corrida. Eu não! Se você me desse uma sobrecarga de perna, você começava a me fatigar, porque eu subia muito rápido no treinamento e eu alcançava o ápice muito rápido. Correndo apenas você não precisava me encher de ginástica, nada daquelas coisas, mas era por causa do meu biótipo. Então, o que acontecia, não tinha esse estudo que tem hoje, que você estuda cada um dos atletas. Vamos supor você vai participar de um Campeonato Sul-Americano, então você tem "x" tempo de treino, você programa esse treinamento para que o atleta esteja no ápice no início do

campeonato, para que ele possa ficar no ápice um tempo e depois começa o declínio. Eu atingia o ápice na metade já do treinamento! Então, por exemplo, chegava no campeonato a minha curva começava a descer, então o meu desgaste era maior, porque não tinha jeito. Se você verificar a súmula dos jogos, eu era a cestinha da seleção brasileira. Então, eu fazia muito ponto porque eu era muito alta, mas eu corria muito bem, eu fazia ponta de lança, saltava muito, até que arrebentei os dois joelhos, [...] eu tirava a água para poder jogar. Aí vinha o sinovial junto, não tem mais nada ali dentro, tive e tenho mil e um problemas. Estas coisas todas de trabalho, das coisas dos esportes. Esse treinamento era do tipo: - Vamos dar uma treinadinha, e íamos jogar, e era gostoso para caramba. Íamos aos jogos abertos; imagina se hoje permitem isso: eu tirava uma camisa e punha a outra, porque aí eu ia jogar basquetebol, aí chegava correndo arrancava a coisa, enfiava outra camisa e ia jogar voleibol pela cidade, pelo Santo André [...] aí: - atletismo – vamos embora, vamos fazer! Eu aprendi a maior [parte] do que era para fazer. Uma vez faltava gente para prova de dardo, de arremessar dardo, aí como faz? A campeã brasileira de dardo – A Zuleica – nunca esqueço, ela me ensinando ali, eu não estava fazendo ainda a escola de Educação Física, não tinha aprendido nada, tirei segundo lugar. [...] E a Zuleica disse: - Filha da mãe! Numa dessa, mais um pouco e você pega e ainda vai conseguir tirar o meu título! Que é isso? Eu fazia salto em altura, corrida de revezamento, me botavam em último para o bastão porque eu não sabia aquele treco de passar o bastão, eu esperava o bastão. - Você não passa daquela linha antes de receber. Depois [...] perna muito comprida, corria muito. Então quando eu vi uma pequeninha já me passando eu não tive dúvida. Num desses campeonatos que não me lembro mais de jogos abertos, ela nunca que chegava, eu fui para trás e peguei o bastão, saí em disparada, passei com aquelas pernas, parecia uma seriema correndo, passei a pequeninha... então essas coisas gostosas você podia fazer, essas loucuras... (sic).

Quando recebeu pela primeira vez a convocação para a seleção brasileira, a notícia tinha saído no jornal:

Saiu no jornal. No jornal [...] Última Hora, era um jornal da época. A Gazeta Esportiva, os dois principais jornais, e foi em 1961. Aí que já saiu a convocação, devia ser inclusive no final do ano, porque a convocação era para jogar o Sul-Americano no Paraguai, em 62. Aí saiu assim: - Do Corinthians: fulana, fulana e fulana, de Piracicaba, de Sorocaba, e inclusive do Rio, do Paraná que foi convocada na época; do Rio de Janeiro foi a Marta, a Nelcy e a Marly – eram as três do Rio de Janeiro da época – A Norminha e a Delcy, todas já estavam aqui em São Paulo [...] e foi assim: - Uma coisa muito... super legal. A gente ficou concentrada para ir jogar, e geralmente, a concentração era no Rio, porque a Confederação toda era no Rio. A gente ficava em alojamento, eu não sei se nesse

daí nós ficamos no Maracanã, no alojamento, era aquele quartão para todo mundo, não tinha essa não, de hotel... nossa! Tanto que quando lá fora nós ficávamos em algum lugar de hotel... até o próprio Sul-Americano desse primeiro ano que eu fui convocada foi um alojamento militar que nós ficamos. (sic).

Durante o Golpe Militar de 1964, Nilza e suas companheiras de seleção brasileira encontravam-se concentradas no Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo – o DEF:

Ah... meu Deus, o DEF... era interessante, nós estávamos na Asa Branca, então mamãe, papai... todos preocupados ligaram para lá. Para nós, eles estavam todos concentrados lá. Todo o pessoal militar estava lá, e para nós era uma folia porque todo o treino que a gente jogava assim: - Os guardinhas que estavam do lado esquerdo do ginásio torciam para o time amarelo, vamos dizer assim, o outro torcia para o vermelho e assim fazia o treinamento. E foi nessa época inclusive, se acho que não me falha a memória, um dos meninos, dos rapazes, que inclusive teve uma turma dos militares que faziam páreo para nós, iam jogar contra nós, porque não tinham meninas mais fortes do que nós para a gente poder treinar. E Fleury estava junto. O governador. Tanto que até hoje onde ele me encontra: - Porque ela me bateu! - Ele conta para todo mundo. Porque eu bati muito nele. Porque eles não podiam bater na gente. Claro porque a gente estava em campeonato. Daí a gente descia a pua nos moleques. Ele fala até hoje onde ele encontra as pessoas que estão próximas. Ele foi o único! O único como pessoa, governador que fez uma homenagem para a gente, no palácio do governo, deu uma medalha para a gente, esportista. Você vê, isso depois de muitos anos, não pensa que foi em seguida do Mundial, todo mundo fez festinha! Lá no Médice fez festinha... manda avião e não sei o quê, e volta da própria rampa não é? - Nem um café! [...] nós tivemos uma melhor recepção, muito mais carinho diante de presidentes fora do nosso país que dentro de nosso próprio país [...]. (sic).

Os melhores momentos sempre marcam pela emoção mais forte: ganhar era importante. Ganhar de certos países fazia a diferença, principalmente quando a vitória veio com um bicampeonato, sucedido por uma oportunidade de se escrever o nome na história do movimento olímpico mundial:

Quando a gente foi bicampeã nos Jogos Pan-Americanos, então aquela coisa super legal, de você ir ali fora, no Canadá, você vencer os Estados Unidos, Cuba, aquele timaço, e a nossa bandeira que está subindo, sabe? Aquilo pesava, você chorava quando perdia, e não era pessoal, não era você que perdeu, era o que você estava vestindo, era o verde e amarelo atrás de você, a vergonha de voltar, como dizendo, chegar aqui, e dizer assim: - Nós não conseguimos. É uma coisa, assim, de amor! Porque nós temos uma história que essa ninguém vai tirar da

gente, eu não sei se Norminha te contou: em 1965, o basquetebol feminino não era incluso nas Olimpíadas, só o masculino, então, o que fizeram? Convidaram duas equipes desse mundo de meu Deus para fazer um jogo. Essas duas equipes eram Brasil como equipe técnica e Tchecoslováquia como equipe força. Essas duas equipes foram convidadas para fazer um jogo em Madrid, em um circuito fechado, em que estavam presentes os grandes experts do basquetebol mundial assistindo a esse jogo. E qual era o objetivo? Era verificar se o basquetebol feminino tinha condições de participar de uma Olimpíada. Esse jogo foi 103 a 102, para a Tchecoslováquia na segunda prorrogação, e não existia cesta de três pontos, era só dois pontos. Nós perdemos da Tchecoslováquia. Como eram as características, por exemplo? - Por que equipe força? [...] porque é basicamente assim: eu com 1,82m, a mais alta do Brasil, eu era pequena perto da Tchecoslováquia, que eram [...] tinha uma coisa, elas não eram como as russas, fortes, elas eram longilíneas, altas, 1,90m, 1,90m e pouco, então elas tinham altura, agilidade e muita força, porque elas tinham o quê? - O basquetebol europeu. E nós tínhamos esse gingado maravilhoso que era do nosso futebol. [...] aquele gingado nosso, aquela coisa específica de cada uma de nós, cada qual com sua característica. Norminha correndo muito, com os cabelinhos abanando, Nilza saltando muito, pegando o rebote feito uma leoa, temos uma mão certeira num jumpinho lindo. Marlene com uma cabeça fantástica enquanto pivô, com uma visão incrível, Maria Helena, para mim é a mais completa nossa, que fazia um trabalho [...] ela era a grande cabeça da nossa equipe, porque ela sempre jogava de pivô como jogava de ala, como armava a equipe. Maria Helena para mim foi assim uma das maiores cabeças. Tanto que o famoso jogo contra o Japão, em que eu fiz a cesta no último segundo do Ibirapuera, foi um passe de bola na lateral, da Maria Helena. Eu sabia que o lado que ela me desse a bola [porque eu, como pivô, jogava de costas para a cesta] [...] - a minha marcadora japonesa estava do outro - era pra virar desse lado, tanto que eu virei no ar e soltei a bola e a bola entrou. Nós estávamos um pouco atrás e passou, e o jogo acabou. Então, a gente tinha esse pessoal todo cada qual com sua característica, jogando então é assim... acaba formando uma história diferente, por isso foi considerada uma equipe técnica. Aí o que aconteceu? Foram unânimes, todos em dizer que o basquetebol feminino tinha condições de participar de uma Olimpíada, só que o país que estava sede já da próxima Olimpíada, se eu não me engano, se não me falha a memória, depois pelos anos você verifica direitinho, acho que era o México, pediu pelo amor de Deus para não incluir mais um. Então, resumindo: os dois países, tanto o que era próximo que parece que aí ia faltar um ou dois anos, uma coisa assim [68 e 72], os dois países pediram para não incluir, por conta da própria estrutura que já estava pronta. Quando incluíram, nós já não estávamos mais jogando. [...] é... a gente tem orgulho de que nós participamos da permissão do basquetebol feminino em uma Olimpíada, embora a gente esteja distante e ninguém saiba disso. Esse jogo foi assim alguma coisa

muito interessante. (sic).

Entre tantas vitórias e conquistas, dificuldades não faltavam. No entanto, o espírito amador movia o amor que unia a equipe brasileira, mesmo diante da lacuna existente no reconhecimento de suas contribuições ao esporte nacional:

[...] nós amávamos o que nós fazíamos, então a sensação de uma camisa no seu corpo da seleção brasileira, A gente gostava tanto... porque veja Claudia, nós tínhamos trabalho... eu, agora vou falar pela Nilza, eu tinha trabalho e sempre fui boa profissional, sempre coloquei à frente a minha vida profissional! Como educadora no caso, o basquetebol, eu toda vida me preparei que ele era para terminar, então tranquilamente o dia que eu falei não vou mais... parei no auge, quando eles ainda estavam solicitando que eu fosse à seleção, que eu jogasse no clube, eu pendurei a chuteira, eu falei chega! [...] eu parei em 76. Só convocaram Norma e eu, [...] engraçado que a gente se apresentou... a Norma virou e falou: - Eu vou pedir dispensa! E eu falei: - E eu também! Nós duas, no momento, nós levantamos, pedimos dispensa. Eles ficaram meio assim, porque realmente perdiam muito [...] - Nós tínhamos condições? - Tínhamos! [...] Norma e eu fomos as duas únicas pessoas que tiveram a chance de pedir dispensa! [...] eles ficaram doidos. - Norminha... super rápida, e não tinha outra pivô, era eu mesma que ainda jogava. As demais pessoas que foram não tiveram essa chance de ser convocada e poder pedir dispensa. Simplesmente não foram chamadas! Então, são histórias que partiram de quem fez crescer as meninas de São Caetano. São Caetano tinha o melhor time, as titulares da seleção brasileira estavam em São Caetano, a outra titular da seleção – a 5a – era eu, eu estava em Santo André, todas as demais companheiras não eram titulares, mas eram da seleção também, a Odila, a Laís, etc. Agora, o São Caetano tinha a Marlene, Delcy, Norminha, Elzinha, então eram quatro elementos fortíssimos da seleção, por conta disso muita gente subiu – técnico subiu – e esses mesmos técnicos, que deveriam ter tido um certo cuidado, simplesmente não convocaram e para poder pedir a dispensa, sabe? Eu acho que seria mais digno, porque todas nós dedicamos uma vida inteirinha. (sic).

De tudo o que Nilza passou entre os acertos e desacertos dessa fantástica aventura de “bater bola” pelo Brasil, ou pelo Corinthians, o que ficou ainda é um sentimento inexplicável da honra de ter defendido o país ou o clube, de conviver com o perigo da falta de assistência médica devida, da impotência diante das vantagens e privilégios em detrimento dos direitos dos atletas. Mas, foi bom e:

Era bom porque existia algo que a gente depois veio a saber, porque que a gente jogava. Você vê – arrebentava joelho, nós não tínhamos o suprasumo especialista. [...] eu adorava jogar basquetebol, tanto que eu joguei 20 anos na minha

vida, praticamente. Com joelho arrebatado, com mão cortada, que, às vezes, só se enrolava [eu cortei uma vez lavando uma taça, não sei o quê, tinha um final de campeonato contra o Palmeiras, o médico teve que dar pontos, daí eu enfaxeiei e joguei, segurando a bola no pulso, mas do Palmeiras eu não perdia – [como não perdi]. Quem cuidava da gente eram pessoas que eram médicos, ia um ginecologista e não um ortopedista ou um clínico geral conosco. Era bem cartolagem mesmo. Quer dizer, eles convidavam. Se a viagem era boa, você podia contar que tinha ortopedista e se a viagem era para algum lugar meio [estranho]... Então a especialidade era outra. Nós não conhecíamos o porquê, nós nos submetíamos. O interessante foi que eu coloquei como prazerosa a minha carreira esportiva e começou a surgir em mim também, com maior ênfase, uma carreira profissional, uma carreira assim... no caso, de educadora... todo o tempo que eu joguei, que eu ia estudar, etc... eu sempre estava preparada para o momento que eu fosse pendurar as minhas... os meus tênis, que no caso não eram chuteiras, eram tênis, então não foi doloroso para mim... sabe? Eu sabia... e parei quando ainda todo mundo dizia:- Não, imagina, não... eu parei no auge. Continuei trabalhando, e continuei trabalhando em Santo André, na prefeitura. [...] eu dei a minha cota à cidade, [...] eu só saí quando eu prestei concurso em São Paulo. Eu resolvi vir a ser professora aqui em São Paulo, porque lá eu era estatutária e aqui em São Paulo eu passei a ser efetiva. Acabou o esporte também na nossa época, nós éramos desprovidas de vaidades tolas, porque toda vida eu, Nilza, me cobrei muito, eu não queria ficar de exame, como eu não ficava, eu passava, estudava e eu comecei a verificar que isso [a pressão, a exigência constante] faz você sofrer, você não querer errar, e isso te estressa demais, então comecei a fazer um autocontrole comigo mesma, de aceitar as minhas limitações e também ser barrada nas coisas, num concurso, numa prova, sabe? Não ter medo! [...] eu entrei nessa área educacional, fui me apaixonando, principalmente na área da Educação Infantil. Nós fomos montando uma equipe técnica com essas pessoas que foram jogadoras, mas que eram professoras também – Nadir Bazzani, a Odila – professoras que eram da seleção também, nós fomos fazendo estudo, batalhando, errando e acertando, sabe? E a gente foi montando uma programação e aquilo ficou super famoso, e o engraçado é que, em termos de fama, São Bernardo como sabia fazer melhor o oba oba. São Bernardo fazia os congressos, era como se tivesse a melhor pré-escola em São Bernardo, só que o melhor programa era de Santo André, porque as professoras minhas, eu digo minhas porque eu tinha muito orgulho de ter sido a coordenadora, a supervisora delas. Eram mais de 400 pessoas, elas eram concursadas e davam aula também em São Bernardo, então levavam o nosso programa para São Bernardo. É interessante, porque eu tenho horror daquelas pessoas que pegam pône aqui embaixo do braço. Com isso eu já levei muita rasteira, porque muitas pessoas pegaram as coisas e tomaram posse, mas não importa. (sic).



Nilza - 2005

Marlene José Bento



Marlene - 1971

Estou mais atrevida, mordaz e ferina
Estou cheia de vida, sagaz e ladina
Já não sou mais a mesma, respiro outros ares, navego outros mares

Ivan Lins e Vitor Martins

Marlene José Bento nasceu no Rio de Janeiro, em Cascadura, bairro da zona norte do Rio, em 23 de junho de 1938. Quando criança, sofria de bronquite asmática, o que fez com que aos 12 anos de idade, em seus já completos 1,80m de altura, pesasse apenas 44 quilos. A postura, em consequência, não era das melhores. Marlene era filha de uma família de quatro irmãos. As dificuldades financeiras fizeram-na parar os estudos aos 10 e somente voltar aos 14, quando recebeu bolsa de estudos no Colégio Gama Filho através do basquete. Todavia, antes de voltar aos estudos:

Meu pai, muito preocupado comigo, que não fazia nada, eu só lia. Um dia, conversando com um oficial da aeronáutica [meu pai era militar também] e o professor Franco disse que a única salvação para mim era o esporte. - Mas que esporte? Aonde, morando em Oswaldo Cruz? Ele falou: - Manda ela vir para cá, todos os dias [...] que eu ponho ela para trabalhar junto com o pessoal da academia. Agora imagina: - Eu – um bicho, que sou até hoje – no meio de um mundaréu de homens, cada um mais lindo que o outro, fazendo exercícios com eles. Eu pegava o trem com meu pai, íamos para a base aérea em Marechal Hermes e eu fazia todo o aquecimento junto com os homens, era o professor Franco, eu e o batalhão todo atrás. Horrível! [...] isso aí foi meu início. (sic).

Dado o primeiro passo rumo à atividade física como única salvação à sua saúde, eis que surge um outro “Franco”, o qual a encaminharia ao basquetebol:

Aí o professor Franco encontrou um outro Franco, veja só que coincidência, que estava montando um time de voleibol em Oswaldo Cruz, aonde eu morava. Tinha um time de basquetebol masculino e um time de voleibol, numa quadra de saibro sem infraestrutura nenhuma. Meu pai obrigou-me a ir, a expressão é essa: - Ele me obrigou. Eu botei uns shorts, imagina: - Eu com aquelas perninhas fininhas botar um shorts! Minha mãe não queria de maneira nenhuma, a família da minha mãe toda não queria porque o esporte naquela época era prostituição [...], mostrar as pernas. Então, ela fez uns shorts para mim, que eram imensos! Pareciam shorts desses de palhaço – antigo – e eu com aquele corpo né maravilhoso! Lá fui eu treinar voleibol. Eu entrei no vestiário junto com as meninas. As meninas saíram todas e eu fiquei lá e meu pai mandou que uma das meninas fosse lá me buscar. Eu estava lá escondida, aí entrei na quadra para jogar voleibol, e o meu irmão foi jogar basquetebol. Logicamente gostei. Nos primeiros treinos não. O grupo foi maravilhoso, me recebeu muito bem! Aí começou a minha parte social, que como era um clube da zona norte, eles tinham muitos outros clubes de voleibol, mas basquetebol não tinha. A gente não só jogava, como depois tinha festinha, tinha baile. Meu pai sempre esteve presente em todos os treinamentos, jogos, festas, era ele quem ia. Inclusive teve um problema muito sério de família, porque a família toda era contra, só meu pai era a favor. Eu gostava de jogar voleibol, joguei no América também voleibol, mas não gostava muito.

Aí apareceu um time num clube de sargentos, com esse tal de Franco. Aí lá fui eu para o clube de sargentos [porque meu pai era de lá] jogar basquetebol. Eu tinha 1,80m, magra pra caramba, mole – caía à toa. Não tinha base né? Porque o calçado... o pé apertado, o sapato era pequeno, porque não tinha sapato grande. Eu calçava 38, 39, então eu caía, não tinha estabilidade. Fui jogar basquetebol – adorei! E lá no clube de sargentos, foi quando eu recebi o convite para fazer a 5ª série, a admissão, para depois fazer os três anos finais do fundamental que agora seriam a 6ª, 7ª e 8ª séries, e assim voltei a estudar lá na Piedade, era um dos colégios de Piedade, hoje em dia é Universidade Gama Filho. (sic).

Depois da experiência na escola e clube de sargentos, veio o convite para ser jogadora do Botafogo, em 1954. O sucesso dessa fase no Botafogo fez com que, no ano seguinte, Marlene fosse convocada pela primeira vez para jogar na seleção brasileira:

Em março de 1955, fomos para o México para o Pan-Americano. Eles deram chance para quatro novatas, que foram: Nelcy, Eugênia Boré, uma de lá de Minas Gerais e eu. Nós não tínhamos completado 18 anos ainda. Só a Nelcy tinha 18. Foi aí que tudo começou; fomos como reservas, banco mesmo – nunca entramos em nenhuma partida. Em 1956, teve um Sul-Americano e um jogo contra o Chile, que a Maria Aparecida Cardoso não quis entrar. Ela disse que não estava se sentindo bem. Então, eu entrei como titular. E daí eu não saí mais e aí foram meus 17 anos de seleção brasileira. (sic).

A emoção de ter sido convocada pela primeira vez para a seleção brasileira foi um momento divisor de águas, pois entre a euforia, o reconhecimento e as possibilidades de atender à convocação foram momentos muito difíceis:

Eu não sabia nem como [...] Primeiro, eu não sabia [se conseguiria] não sabia como ir, não tinha dinheiro, não tinha roupa, foi uma barra muito grande. Foi uma divisão muito grande entre a euforia de ser convocada e toda a preocupação [sobre as possibilidades de atender à convocação]. Porque sou uma pessoa muito preocupada, fiquei preocupada de como ir, como chegar [...]. Aí teve uma ajuda muito grande do Botafogo. O Botafogo deu roupas para a gente. Um dos diretores do Botafogo deu [uniformes, roupas de treino] para mim, para a Eugênia e para a Nelcy – para nós três. Foi uma experiência terrível para a família, porque os correios não funcionavam. Fiquei lá um mês sem nenhuma notícia, nada! Sem condição nenhuma de receber nada. Quando cheguei aqui no Brasil eu recebi os cartões. Para você ver que foi dureza para mim – ficar um mês longe de toda a família, no México. Isso daí foi uma lição para a gente. Eu sempre procurei tratar todas as meninas que estavam entrando na seleção da melhor maneira possível, porque elas mal falavam com a gente, elas mal cumprimentavam – as grandes jogadoras, entende, as perfeitas, e nós éramos

um lixo, muitas coisas chocaram a gente. A gente terminou o campeonato, depois de três dias a gente embarcaria. Ficamos na Vila Olímpica, todo mundo subiu. Na época, o pessoal era da pá virada, e nós ficamos lá, as quatro perdidas. Nem todas eram da pá virada, algumas [...]. Teve uma moça que deu uma aula de geografia na Vila. Foi a Livia, jogava no Flamengo [ela é viva ainda]; ela deu uma aula de geografia mostrando que o Brasil não era a capital da Argentina. Enfrentar o novo mundo que se abria, em meio a jogadoras mais experientes, grupos já estabelecidos, sofrer a pressão das competições internas para permanecer entre as doze jogadoras convocadas, e tantas outras dificuldades só não eram maiores do que o preconceito social que denegria a vida das atletas comparando-as a prostitutas mesmo, sabe? Era a mesma coisa de artista de rádio e televisão, todo mundo que se sobressaía um pouco mais, ou aparecia um pouco mais, era discriminado, com certeza. (sic).

Chegou uma época em que havia mais jogadoras novatas do que as veteranas, e isso foi a maior das lições:

Ah... com certeza! Impressionante! Como foi uma lição! Em 1956, foi todo mundo novo, as mais velhas tiveram que se adaptar à gente. [Primeiro] Foi a Maria Aparecida [veterana], [depois] foi Heleninha, Maria Helena que já vinha do grupo antigo. Maria Helena e Heleninha. A maioria: Genésia, Ritinha de Sorocaba, era tudo gente nova, tudo na base de 18, 19 anos. Tinha também a Nair Canoati, que era veterana, a Marli que também era boa gente para caramba e a Cidão, o resto era gente nova, gente que estava começando. Depois também chegou o Raposo, como chefe da seleção, que botou ordem na casa, proibindo tudo, o único homem que entrava na delegação nossa era o atachê, e assim mesmo teve um chá que o atachê convidou duas meninas para tomar um chá à tarde, e elas foram eliminadas da seleção. Elas só não viajaram de volta porque nós fomos pedir [por elas]. Todos os problemas que nós tínhamos, resolvíamos como se fosse uma família. Ainda mais esse tipo de problema de mandar gente embora por não cumprir o combinado. Foi problemático, mas ele era muito rigoroso e ficou com a gente até 1968. Pessoa direita, correta, séria, ele e o Almirante Meira, que era o presidente da Confederação. Toda a seleção que ia para fora ele empenhava, ou o apartamento dele ou a chácara [...]. Ele foi batalhador, o Almirante Meira. [Ele} e o Senhor Ivan Raposo, [foram] excelentes. (sic).

Mesmo ganhando títulos para o Brasil, nas Américas e na Europa afora, a fama não acertava a mira, uma vez que a mídia não se interessava tanto. No entanto, o VI Mundial de Basquetebol Feminino, realizado em 1971, em São Paulo, trouxe para as meninas do basquetebol a surpresa de já serem ídolos de um “Brasil do futebol”:

[...] nós não tínhamos nada, a gente podia andar na rua tranquilamente,

ninguém nem conhecia a gente, a não ser as pessoas mais chegadas ao basquetebol, as que gostavam. Foi a primeira vez (1971) que ficamos em hotel, porque aqui no Brasil, concentradas ficávamos geralmente embaixo de arquibancadas. Desta vez, ficamos no hotel São Paulo, bem no centro de São Paulo, ganhamos diária. Nós descobrimos que tínhamos direito a três dólares por dia. Quando a gente participava da seleção brasileira, isto foi uma coisa que nós nunca recebemos, nunca! A novidade era essa: hotel, mordomia, coisa que a gente não tinha. Até que teve o primeiro jogo contra a França, era tão normal, tão normal que nós entramos pelo portão principal, pela porta onde entravam os torcedores. E aí foi um choque, o Ibirapuera estava lotado, não tinha um espaço! [As pessoas estavam] gritando Brasil, Brasil, para a gente. Arrepiou todo mundo. Aí já teve gente correndo para agarrar a gente, foi aquela correria para dentro do vestiário, que a gente não sabia o que era. Ficou todo mundo parado olhando aquela manifestação, que ninguém tinha tido chance de ver. A gente era muito mais ovacionada, festejada fora daqui do que aqui. No Peru, por exemplo, a gente chegava, era uma festa. [Os torcedores] faziam filas quilométricas. Inclusive foram várias equipes, não só a seleção brasileira, como Fluminense foi, Flamengo, o São Caetano, e erma muitíssimo bem recebidos. [No Ibirapuera] então foi aquele choque. - Meu Deus! O que será? Ali foi um drama terrível, porque entramos no vestiário, todo mundo chorando. - Pelo amor de Deus! Onde nós estamos? Nós temos um jogo agora!!! Vamos ficar tendo faniquito agora? Vamos enxugar as lágrimas, lavar o rosto. Vamos embora! Vamos jogar! E jogamos. E foi duro: ganhamos de quatro pontos de diferença. Foi um choque, foi uma experiência inigualável, se perguntar para mim qual foi a melhor sensação que já tive, foi essa, estando dentro do nosso próprio país, sermos ovacionadas como fomos. Depois teve telefonemas: rádio Brasil, toda a paparicação, aí a gente para sair, tínhamos que sair pelas portas dos fundos, entrar pela cozinha do hotel. Tinha hora marcada para receber as pessoas na recepção: de 4h as 5h ficávamos à disposição dos torcedores querendo autógrafa, pessoas querendo conhecer a gente, coisas que [a gente] nunca teve. (sic).

O VI Mundial daria repercussão ao sucesso em território nacional. Todavia, essas atletas já haviam escrito seu nome na história do esporte mundial em 1965:

[...] em 1965? - Ninguém sabia da gente. A gente não existia. O valor que teve a nossa seleção em jogar com a Tchecoslováquia para poder ser aprovado como esporte Olímpico o basquetebol feminino – isso aí ninguém tomou conhecimento. Tudo começou em 1964, no Mundial no Peru. O pessoal da FIBA veio e viu que o basquetebol da Tchecoslováquia era um basquetebol pesado e o nosso era um basquetebol arte, um basquetebol leve, sem falta, sem truculência: - Também, ninguém tinha físico para isso, essa é que é a verdade. Por isso nós fomos chamados e lógico que foi uma festa. Teve um Sul-Americano aqui no Rio,

nós ficamos 40 dias concentradas [...] antes do Mundial, foi essa daí que ficamos em hotel, ficamos 40 dias concentradas no hotel [...], ganhamos o Sul-Americano e viajamos para a Europa três dias depois, para disputar esses dois jogos. Foi televisionado para toda a Europa, veja você a extensão [porque aqui não tinha] a mídia não falava de basquetebol... feminino então, muito menos. Se o masculino que já havia sido campeão mundial não tinha tido essa propaganda, imagina a gente! Mas os dois jogos foram televisionados para toda a Europa, para demonstrar que o basquetebol [poderia ser] um esporte Olímpico. Foram muito bonitos os jogos, foram lindos: torcida, casa cheia, os dois times jogando na Espanha. E daí foi aprovado, só que nós nem pudemos participar de Olimpíadas porque (...)abrindo para o México, ele não teria condições de fazer, [...] eu não tive chance de ir às Olimpíadas, nós não tivemos. (sic).

O sucesso dessas atletas provinha de algo diferente, que foi sendo criado com o passar do tempo, das tantas viagens, dos meses em concentração e da distância da família. Havia um ponto de união que superava as diferenças e era ali que cada uma delas se segurava:

A gente se juntou mesmo. Por exemplo, nenhum problema saía de dentro do quarto, todos os problemas eram resolvidos com uma reunião com a gente, entre todas, só nós, e a gente resolvia os problemas. Porque mulher... cheia de sensibilidade, cheia de... umas querendo fazer intrigas... aí era desvendado na hora, reunia todo mundo e... passava a questão a limpo, aí a gente tinha que resolver ali na hora e acabava o problema no ato. Tivemos vários problemas, coisa até séria. Mas era união. Tanto que o sacrifício a gente fazia, de ficar 20, 30 dias debaixo de uma arquibancada concentrada. O São Caetano oferecia para a gente [os dormitórios embaixo das] arquibancadas, todo mundo tinha a sua cama, suas coisas... Era horrível. Um banheiro para 12. Um absurdo! Mas a gente achava aquilo ótimo, maravilhoso porque a idade também ajuda com certeza. E a vontade era muito grande de jogar e a gente sabia que não tinha estrutura, não tinha dinheiro. Então, quando ofereciam esse tipo de coisa para a gente, a gente aceitava mesmo, com todas as dificuldades com a falta de estrutura, e sabendo de coisas erradas, a gente viajava sem o médico, a gente viajava sem copeiro. Em compensação, ia a mulher do diretor, ia o filho do diretor na excursão, enquanto o médico ficava aqui. Era a gente mesmo que lavava roupa, e só tínhamos duas camisetas. Você tinha que lavar a camiseta todo dia, porque tinha jogo de novo [no dia seguinte]. Era difícil, muito difícil e em relação a tudo, e por aí ia a história... é o Brasil. (sic).

Se médico era coisa rara, preparação física sistemática então... Ah, esta demorou muito a vir. Mas a experiência fazia o jogo. As atletas mesmo se acertavam e, nesse momento, ganhar era mais importante do que comparar sua situação à situação dos outros times. O amor à camisa gritava mais alto e fazia surgir em cada uma “o técnico adormecido”:

Sempre vinham as dúvidas, e quando o negócio apertava, a gente mesma confiava e tirava [as dúvidas]: - Que “Zona” coisa nenhuma, vamos jogar individual que vamos ter que acertar isso daí. E a gente conseguia. [...] vimos num Pan-Americano, no México, [uma jogadora] dando um gancho. A gente era pivô e nunca tinha visto antes, aí nós começamos a treinar. Nós começamos a treinar, corrigindo os erros, os possíveis erros que a gente via. Não tinha grandes técnicos, não tinha. Aí apareceu o Canela no masculino, excelente, um estudioso, tinha feito curso nos Estados Unidos. Depois veio o Antenor Horta com algumas mudanças, muita marcação, muita pegada. Depois o Brito Cunha que trouxe a marcação pressão, que a gente nem sabia o que era isso, e aí foi indo, até a gente começar a pôr técnica na seleção. (sic).

Os treinos desta seleção eram realizados à noite e três vezes por semana. As atletas trabalhavam, estudavam e treinavam. Não havia também nenhuma preparação prévia. Adolescente de talento já chegava jogando na equipe principal:

Não existiam equipes menores (...) a criança já vinha e entrava na equipe principal. Veja você, chegar numa equipe principal sem ter a base! São Caetano e Piracicaba inventaram esse negócio de equipes menores como escolinha de basquetebol. Em 1971 [eu fiquei na prefeitura até 1976 e só fiquei como treinadora do infantil e juvenil] foi quando eu peguei a Hortência desde o mirim até o juvenil. Teve uma época que várias jogadoras que passaram por mim foram parar na seleção brasileira: a Wandão, que era a Wanda grandona, a Eny, a Hortência, a Soraia, a Ângela. (sic).

Marlene descobria jogadoras mesmo antes de ter sido técnica. Quando jogava pelo São Caetano, descobriu Simone, a 13ª de uma seleção de 14 que ganharam a medalha de Bronze em 1971:

Nós éramos uma seleção com 14 em 1971, não com 12. Doze só escrito no papel, na súmula, que não tinha jeito de colocar as 14. [Nós conhecemos] Simone na Bahia, num Campeonato Brasileiro que teve lá, ela era moleção e jogava na equipe da Bahia. E lá ela vivia no nosso quarto. O pai dela foi transferido para São Caetano do Sul e ela veio junto, veio morar perto da gente inclusive. Não sei por que cargas d'água, acho que foi na escola, onde a Elzinha fazia o 2º grau que elas se encontraram. E eu fui lá com a Delcy. A Delcy era mais responsável. A gente morava numa república e a gente que tomava conta da Elzinha que era moleca de tudo. E nós fomos atrás da Simone pedir para a família [dela] deixá-la jogar. A Dona Letícia não queria, mas Senhor Otto era outro obstinado, apaixonado pela Simone, uma coisa muito linda. Ele era um cara muito bom, muito amável e começou a acompanhar a Simone e ela jogava direitinho,

muito bem mesmo! E ela é, além disso, uma pessoa maravilhosa, uma pessoa meiga, carinhosa, excelente filha, excelente irmã. Ela e Cleonice [a 14a] ficaram com a gente no Mundial de 1971 porque mereciam um prêmio. Elas treinavam e jogavam muito bem. O esquema era o mesmo, mesma coisa. Elas faziam tudo que nós fazíamos, treinavam nos horários, cumpriam as ordens, não podiam sair também, e tocavam violão o dia inteiro na orelha da gente. (sic).

Marlene encerrou sua participação na seleção brasileira em 1972 e continuou jogando em São Caetano do Sul até 1975, cidade que lhe homenageou com um ginásio de basquetebol. Ela continuou trabalhando, foi técnica junto com Antônio Carlos Barbosa, emprego do qual não gostou. Marlene foi descoberta, como jogadora de talento, na escola e é a esta instituição que se volta quando questionada sobre as possibilidades de mudança para o basquetebol feminino:

De onde eu comecei, tudo bem que hoje em dia o marketing te leva o dinheiro, te traz dinheiro. Mas você vê a dificuldade que se tem de montar um time de basquetebol. Principalmente a partir da Educação Física. Todas nós saímos de escolas, e hoje em dia a Educação Física é uma aula por semana. O ministro que está começando agora tem que ver isso, botar a Educação Física como matéria importante, importante inclusive na coordenação motora de uma criança para poder escrever e ler. Nem todo mundo tem dinheiro para ir a uma escolinha, porque é muito caro. Então, o que resiste hoje em dia, é o esporte que ainda vem de certas escolas. [É preciso voltar] a fazer os grandes campeonatos, como se fazia aqui, jornal dos esportes, com todas as escolas participando dos campeonato [...] é o incentivo que falta. (sic).

Delcy Ellender
Marques



Delcy - 1971

Vivendo e aprendendo a jogar
Vivendo e aprendendo a jogar
Nem sempre ganhando
Nem sempre perdendo mas,
aprendendo a jogar

Guilherme Arantes

Delcy Ellender Marques, paranaense da capital, nasceu aos três dias de agosto de 1939. O primeiro contato com o esporte viria depois dos doze anos de idade. Cumprindo a “tradição de ser descoberta a partir das aulas de Educação Física”, Delcy encontrou Dona Anita em Ponta Grossa, a professora que a iniciou no basquetebol e no atletismo.

Comecei com o basquetebol e atletismo pela escola. O basquetebol era pouco difundido, tanto que o primeiro jogo foi de quatro contra quatro. Porque não tinha time pra jogar. A gente jogava em quadras abertas, na chuva. Foram os primeiros passos dentro do basquetebol. E atletismo para mim foi a base. O basquetebol aconteceu porque a professora administrava estas atividades e eu me identificava. Como eu era altinha, magrinha, e pulava bem, já por causa do atletismo [eu fazia salto em altura e corria]. Então, eu pegava o rebote, e na minha época a minha estatura era uma estatura alta, 1,74 era a minha altura. Agora hoje em dia pra armar jogo já fui baixinha. (sic).

No início dos anos de 1950, ser desportista somente seria possível a partir do apoio dos pais e principalmente do pai. O pai de Delcy era um desportista e o fato de a filha se envolver com o esporte foi mais que uma realização. O problema, no entanto, ficou para mãe de Delcy, que teve que conviver com o medo de ver a filha machucada e o sonho não realizado de vê-la fazendo aulas de balé e piano, pois o que Delcy gostava mesmo era de outras atividades físicas, as quais incluíam, em primeiro plano, o esporte. Quando Delcy mudou-se de volta para Curitiba, foi estudar em uma escola estadual, onde trabalhava a professora de Educação Física Marta Campos, que era da seleção brasileira de basquetebol, a qual definitivamente tirou Delcy das pistas de atletismo para jogar nas quadras de basquetebol:

Eu fui pra Curitiba pra morar, e no meu colégio [estadual] havia uma professora chamada Marta Campos, da seleção brasileira. Ela era minha professora e disse: - Se você não jogar basquetebol eu te reprovo no fim do ano. Então... eu queria correr na pista... ela dizia: - Vai fazer basquetebol. Eu joguei... ganhamos o campeonato. Fui cestinha com 14 pontos, fui levada no colo, aquela coisa toda e aí comecei [a jogar] no Círculo Militar. (...) eu disputei campeonatos paranaenses, campeonatos brasileiros, uns três pelo Paraná. Aí o pessoal de São Paulo me viu e me convidou para jogar em Piracicaba. (sic).

A chegada a Piracicaba foi em 1958, quando foi morar na casa dos pais de Heleninha. Duas cidades distantes e muito diferentes, mas o que valia era a oportunidade de jogar, de competir para um público maior:

Aí eu vim por causa disto. Porque, no Paraná, não dava aquele incentivo para o esportista. Entendeu? Se eu continuasse lá eu ia acabar adquirindo uma família, casando e deixando o esporte, como muitas colegas minhas fizeram. E eu queria continuar, daí em Piracicaba eu me encontrei, tentei pra ver se eu me adaptava.

Cheguei lá e fui muito bem recebida: pela cidade, por todo mundo. E era uma equipe meio imbatível: Maria Helena, Heleninha, a Angelina e eu. Era uma turminha muito coesa. Aí me entusiasmei e fiquei. Eu fazia atletismo, basquetebol e voleibol. Fazia as três modalidades. Tanto que me identifiquei no esporte. Havia público em São Paulo. No Paraná não, porque o pessoal fica muito dentro de casa, uns nas casas dos outros. Este negócio assim de clube: - Eu frequentava o clube, jogava e voltava pra casa. (sic).

Piracicaba, naquela época, refletia uma sociedade muito conservadora, mas, ao mesmo tempo, era uma cidade que recebia as novidades de fora com certa curiosidade e glamour:

Em Piracicaba, tinha uma certa curiosidade no ar, você sentava num café e pedia para tomar uma café, eles achavam: - Olha, moça de calça comprida. Não usava calça comprida na época. Maria Helena e eu, às vezes, estávamos num café ali e o pessoal ficava todo olhando pra gente. Basicamente nós ditamos uma moda esportiva, acho que melhoramos um pouco até esta parte de esporte de Piracicaba. Que tinha lá era tudo coronel, bailes e a gente usava aqueles vestidos bordados, sapatos iguais. Íamos chiquérrimas nos bailes, porque aquilo pedia. A cidade pedia aquilo. E as mulheres não gostavam muito das esportistas lá. Porque os maridos começaram a assistir aos jogos, todo mundo elogiava a gente. Então, claro... nestas alturas, a gente só ganhava. Então, aí sim o ginásio enchia. Nós tivemos muita ajuda do pessoal de Piracicaba, que eram usineiros e tal, quando tinha [que] pedir alguma coisa, eles nos ajudavam nesta parte. Isto só me incentivou a continuar, a ficar. (sic).

O ano de 1958 foi de mudanças e adaptações, mas também de grandes realizações para Delcy. Depois da sua primeira convocação para a seleção brasileira, em 1957, veio finalmente o ano seguinte:

Em 1957, eu fui convocada para o Pré-Mundial, do Mundial que foi no Rio de Janeiro. Maria Helena e Heleninha, a Marlene, a Nelcy, Coca, participaram. Todas estavam neste Mundial e eu não. Eu fui cortada no meio de umas trinta e poucas moças. E eles diziam: - Poxa Delcy, você pula bem, salta e tudo, mas você ainda não tem prática para este campeonato, você ainda não dá. Continua treinando, tá bom? Daí fui para o Paraná... Eu comecei em 1958 [primeira convocação para seleção Brasileira] quando eu fui para Lima, no Peru. Aí que eu fiquei. Daí continuei, aí joguei até 1975, quer dizer, 17 anos na seleção. (sic).

Vir de um outro Estado, adaptar-se aos costumes e enfrentar os desafios de fazer parte do time que representaria o país em competições até então sonhadas, vieram como prêmio. Delcy contou com uma incrível mão do destino em sua vida, com um esporte que amava jogar e o fazia por pura realização:

Eu gostava do que fazia. Nosso grupo era uma família, era uma turminha muito bacana. Eu dei muita sorte. Desde a Coca, quando eu estive lá, que era a mais antiga, fiquei com ela no quarto. Me paparicavam como menina mais jovem. Sabe, eu tinha 18 anos, todo mundo me acolheu. E esta acolhida foi uma família. Eu fazia o que eu gostava. Em 1965, nós ficamos 44 dias na Europa. Nós fizemos 15 jogos, ganhamos 12 e perdemos três, inclusive fizemos dois jogos na Espanha que era para ver se o basquetebol feminino entraria nos Jogos Olímpicos, que até então não tinha basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos. Eles pegaram o Brasil, representando as Américas e a Tchecoslováquia representando a Europa. Nós fizemos dois jogos em Madrid e Barcelona. E o Comitê Olímpico inteirinho assistiu. E aí lá eles acharam que nós tínhamos um nível para participar dos Jogos Olímpicos. Apesar de termos perdido para a Tchecoslováquia, fomos ovacionadas. Eles acharam que o nível técnico estava alto e aí foi que nós começamos. Esta experiência de poder participar fora do país e conhecer outros povos, outros costumes. Cada lugar, a acolhida, por exemplo, em Portugal, Espanha, Tchecoslováquia... Nestes lugares, assim, fora, o pessoal deu valor para a gente: - Na Alemanha, na Itália; elas [jogadoras] foram muito grossas com a gente. Entravam no ônibus junto conosco e nem cumprimentavam a gente, uma coisa horrorosa. Então, depois, ganhávamos delas, entendeu? A gente ganhava limpo, porque elas batiam pra caramba. Jogamos na França com um pessoal muito bacana. Porque cada lugar que a gente ia tinha aquele passeio, aquele coquetel na embaixada, era uma coisa quase que obrigatória. Tinha que ir. Então, aí colocava-se ou o uniforme ou uma roupa melhor, participava dos coquetéis e da parte social junto. Então, foi uma experiência maravilhosa. Os jogos [foram] muito bons. Árbitros, muitas vezes, injustos e nós estávamos bem preparadas para podermos superar isto daí. Esta viagem nossa foi maravilhosa. Eu tenho até um livro que eu escrevi. Um diário e ali estava da hora que voltávamos à hora em que saíamos. Eu documentava com cartões postais, com a medalha que a gente ganhou. O que eu ganhei quando cheguei no aeroporto, os presentes, um monte de coisa. (sic).

De novata e mascote da equipe, levou muitas vezes a responsabilidade de ser a capitã do time. Todavia, isso era como um presente de grego, pois afetava as relações com o time. Ser escolhida como capitã pelo técnico significava, além do *status*, certas responsabilidades dentro e fora de quadra. Isso para muitas jogadoras era uma função de supra importância, o que para Delcy era uma função como outra qualquer:

Meu negócio de [ser] capitã [era] o seguinte: - Eu nunca me importei em ser capitã da equipe. Isto daí os técnicos é quem mandam. Muitas vezes, é importante ser a capitã para certas pessoas. E eu não sabia se isto era importante para alguém... para mim não era. Então, isto magoava e eu não sabia disto. E quando

eu soube, porque eu ouvi. Eu disse para o técnico [que era o Ari Vidal, na época]. Daí ele disse: - Então, vamos fazer diferente, Delcy. [Em] Cada país [visitado] teremos uma capitã diferente: na Itália foi a Eugênia, porque era italiana e ia ficar lá com a mãe dela. Ele mandava a capitã acordar as meninas, de manhã bater nos quartos: - Ohhh camiseta hoje pra treinar é amarela, e trocava com a azul [...]. A capitã para não significar tanto passou a ser uma coisa diferente. - Que engraçado, né? São coisas típicas do esporte. Mas faz diferença porque você não sente, não vê... até você escutar alguma coisa. Então, foi assim que aconteceu [a rotatividade das capitãs para não gerar ciúmes]. (sic).

As lembranças que ainda repousam nas imagens que Delcy ilustra entre as agruras internas do esporte e as oportunidades de vida que este proporciona, são pontos vitais de uma diversidade de experiências que só trazem ensinamentos. Um belo exemplo dessa interpretação foi a viagem à Alemanha Oriental:

- A Maria Helena contou para você que nós estivemos na Alemanha Oriental? Lá ganhamos na 3ª prorrogação por um ponto e nós estávamos com um monte de bolhas no pé porque lá estava a zero grau. O Senhor Raposo teve até uma ameaça de enfarte de tanta emoção. Foi o seguinte: nós fomos passar pelas mesmas alemãs que nós ganhamos num passeio pelo Rio. [Depois do jogo] elas brincavam conosco, numa felicidade! E tinham perdido, quer dizer. Você vê, o que é o esporte e como isto faz amigos. Então, para mim uma coisa que significou muito, que achei bem diferente das minhas colegas, é que para mim tudo era importante na viagem. A comida, o local. Se tivesse o maior frio, ou chuva. Queríamos conhecer tudo, tirar fotografia. Eu tinha que contar quando eu chegasse no Brasil. (sic).

Delcy teve uma longa carreira na seleção brasileira e, nesse trilhar esportivo, viu muitas vitórias e derrotas que poderiam ter sido vitórias:

Em 1967, foi importante [por causa do] Pan-Americano que nós ganhamos do Canadá [depois que o Brito Cunha foi chamado pra Seleção] [...] ganhamos o primeiro Pan-Americano. O [primeiro Pan-Americano] que eu disputei foi em 1959, em Chicago. Lá nós perdemos por um ponto para os EUA. Quer dizer, fomos vice, quando poderíamos ter ganho. Ao invés de nos deixar lá dentro do ginásio, ele nos chamou lá para fora para dar instrução, e nós esfriamos e perdemos. E eu sei que nós poderíamos perfeitamente ter ganho. Depois, aqui em São Paulo também, jogamos em 1963. Ganhamos de 18 pontos dos EUA. Daí, coisas aconteceram e impediram... Nós poderíamos já ter tido resultados melhores. [...] Nós sabíamos [por trás dos nossos bastidores] quem tinha condição de render mais. Mas, às vezes, chegavam dentro do vestiário e gritava: - Fulana de tal. Chegava lá a fulana não correspondia e daí quando

o jogo estava quase perdido, daí tirava a pessoa, não dando ouvido, às vezes, ao próprio atleta. Que poderia dar um “know how” uma ajuda a eles, né? Eu, a Maria Helena e a Norminha em cima dele, a Marlene: - Poxa, vamos fazer assim, Waldir. E ele dizia: - Então, a responsabilidade é de vocês, vocês é quem sabem. Às vezes, a gente perdendo o jogo de 20, daí a gente passava e ganhava. - Por quê? Porque nós sentíamos a necessidade de mudar dentro da quadra, o que, às vezes, o técnico não sentia. Então, isto, pelo anos que nós passamos juntas, a gente se conhecia muito. Então, acho que nós ajudávamos muito ao técnico. A verdade é esta, porque um sozinho pra cuidar de tudo, é muito difícil, você não sabe. Se você não der uma ajuda sua também na parte de técnica ou tática daquilo que a gente sente dentro da quadra de acordo com o adversário. Quer dizer, nós sabíamos como, ele queria usar a parte técnica/tática que ele treinava, mas nós sabíamos que aquele adversário, que nós já conhecíamos, já havia jogado antes, tinha que ser de uma outra forma. Então, ele, às vezes, nos escutava e saía ganhando. Então, este era o entrosamento que precisava ter. Muitas vezes. Nós convivíamos muito, a gente se conhecia muito. Eram nos jogos abertos, ia todo mundo jogar. E ficava tudo dentro de São Paulo. Quando a gente encontrava era só para aperfeiçoar a jogada, o condicionamento físico, e treinar tática, mudar alguma coisa. Mas nos clubes, o técnico, o Waldir, que também era da seleção brasileira, ele aplicava a mesma coisa para nós, o mesmo que ele aplicava na seleção. Então, era mais fácil. Em 1967, nós fomos campeãs pan-americanas. (sic).

Para o VI Mundial de Basquetebol Feminino, realizado em São Paulo, a convocação saiu em fevereiro. Os treinos e jogos foram até o fim de junho. Muitas histórias para contar:

Foi uma convocação de 25 atletas mais ou menos. Com trabalho de base, com parte de condicionamento físico-técnico. Individuais. [Tinha a] parte de saúde. Era preciso ter uma saúde perfeita. Inclusive ficamos no Quitandinha, no Rio de Janeiro [Petrópolis], acho que um mês, para depois irmos para São Paulo. Tem uma coisa que eu acho o máximo: - Nós não podíamos treinar no Ibirapuera porque tinha carnaval no gelo. Eles davam preferência para as atividades do carnaval no gelo, ao invés da seleção brasileira que ia disputar um Mundial no país. Era como treinávamos: - No segundo andar, tudo numa quadra pequena e não tinha adversário pra nós. Menina, naquela época se nós tivéssemos feito uma turnê antes do Mundial, nós teríamos saído muito melhor. Mas nós treinamos só no Brasil, desde o começo do ano. Então, nossos adversários eram: a Polícia Militar de São Paulo, o pessoal do Palmeiras do infantil e juvenil. Eram meninas que vinham treinar conosco. Era muito diferente. Quer dizer, nós melhoramos o ápice, o preparo físico foi bom, parte técnica excelente, muita parte tática, mas a experiência de jogos internacionais com o feminino do basquetebol nos faltou. Tanto que jogamos muito nervosas. Tivemos umas partidas

que ganhamos duramente, quando isto poderia ter sido uma coisa bem fácil e isto foi o que ocasionou os [resultados dos] jogos em São Paulo. [...] durante 20 dias treinando nestas circunstâncias. Na semana em que a gente ia jogar é que liberou o ginásio em que a gente ia jogar. E era concentração mesmo, você treinava e voltava pro hotel. Às vezes, num final de semana deixavam a gente ver a família. Voltávamos na segunda-feira, já tudo adiantado pra comida, e tal. [...] Eles cuidavam da gente com nutricionista. Aí teve aquela parte difícil dos cortes, [...] até que ficaram as 14. A Simone era para ter ficado entre as 12. Mas ela tinha um problema físico que era o tornozelo direito. Toda vez que ela ia fazer o teste para ficar entre as 12, ela torcia o tornozelo. E ela estava treinando bem, ela ia bem e tinha todo mundo incentivando, e por mais que nós ajudássemos. Mas aí o que acontece: - Quando teve o teste final, ela torceu o tornozelo e a perna estava inchada demais. Nós tínhamos certeza que ela ia ficar. Por estas circunstâncias, ela ficou. Uma atleta com a estatura da Simone com 1,77 ou 1,78, ou seja, ela ficaria no lugar de uma de nós. Nós tínhamos tantas que tinham menor estatura e tudo. Ficou a Odila, que era uma jogadora, assim, que jogava dez minutos e fazia cinco faltas. Infelizmente, não houve como optar, infelizmente. Mas aí, como prêmio, deixaram ela e a Cleonice para participar do Mundial, elas ficaram hospedadas com a gente. E ali ela não podia jogar, só dava apoio para nós. Acho que depois ela desanimou um pouco também, né? Depois virou cantora que foi melhor pra ela... (sic).

Depois do Mundial de 1971, o terceiro lugar que, por erro técnico, deveria ter sido o segundo, a carreira continuou na seleção brasileira até 1975 e no clube até 1978, e depois:

[...] aí eu dava aulas em escolinhas de basquetebol. Eu terminei com estas escolinhas, saímos eu e a Marlene e fiquei só no Colégio dando aula de Educação Física. De vez em quando, tinham uns treinamentos de basquetebol, de atletismo, de voleibol, que era o que eu mais gostava. Aí eu me identifiquei com a criançada. Até um certo tempo eu continuei acompanhando, porque eu joguei pelas veteranas. Tinham uns jogos contra as veteranas de Sorocaba, São Bernardo, com a nossa turminha aqui de São Paulo. Nós jogamos e ganhamos em São Bernardo, com atletas bem mais jovens que nós. Que nossa turma já havia... Nós éramos já veteranas das veteranas. A turma mais antiga: éramos nós, de Sorocaba. Porque São Bernardo e Santo André tinham meninas como a Márcia Perecin, meninas bem mais jovens e nós ganhamos de três pontos numa dureza... Ganhamos troféu, medalha e tudo. Foi a última vez que joguei, em que o meu joelho ficou inchadíssimo, que doutor Osvaldo de Oliveira disse: - Delcy, pelo amor de Deus, pare! Foi a última vez que eu joguei. Depois eu ia a campeonatos, ia assistir aos jogos da Hortência e da Paula. Como tinham jogos por aqui, a gente ia assistir. Vinha o pessoal de Piracicaba: - Marlene, Heleninha. Quem tinha esquecido? Era a parte da vida da gente. Lá ia eu passear e jogar. Até um certo ponto eu

saía de casa para ir assistir. Então, depois era televisionado. Ainda continuo dando aulas, quer dizer, escolas e estas coisas todas... Vou a Curitiba ver meus pais. Então, já ficou mais difícil esta locomoção. (sic).

Os anos que sucederam a seleção brasileira de 1971 foram enriquecidos com talentos jovens, treinamento sistemático e muita força de vontade. Delcy assim avalia as gerações na seleção brasileira que sucederam a sua nos anos de 1980:

Excelente, maravilhosa, principalmente pelo trabalho da Maria Helena e Heleninha. Eu acho que foram elas que criaram esta seleção que veio cada vez mais [bem sucedida]. Saiu das mãos delas. Pode ter certeza, da escolinha delas, em Piracicaba, tinha de 300 a 400 crianças e ali elas foram criando uma forma de trabalho que veio dando resultado. Estes novos técnicos só pegaram os resultados. Porque é muito raro você trabalhar com atleta feito. Você fazer o atleta é criar o atleta, psicológica e fisicamente, isto é o trabalho de Maria Helena. Que eu não sei por que não está na seleção até hoje. Isto aí eu acho inadmissível. Não desmerecendo ninguém. Mas eu acho que é uma questão de reconhecer o trabalho dela. O trabalho da Laís que é excelente. Dá um valor devido a estas pessoas entendeu? Que eles não dão. Pra não falar neste machismo... (sic).

Comparando as duas fases, o basquetebol dos anos de 1970 carregava a bandeira do amadorismo, do sentimento de amor ao clube, ao estado, ao país; e aquele que veio junto com o profissionalismo nas décadas de 1980 trouxe outras emoções, outros sentimentos pelo esporte e um compromisso de trabalho:

(...) a parte amadora (...) então, era jogar com o valor da camisa, podíamos não ganhar nada, nós queríamos era jogar. Não importava se ia ganhar ou deixar de ganhar, [se] o clube pagasse bem ou mal. Nós queríamos era jogar. Tínhamos prazer imenso em fazer o que estávamos fazendo. Quando tocava o Hino Nacional, (...) a gente arrepiava de emoção. Chorando, podia vir Rússia, Tchecoslováquia, Itália... era cinco contra cinco, e naquela hora não tinha [quem] levantava a bola e ficava todo mundo igual. Isto, eu não sei se nesta seleção nova se existe. Eu acho isto na Janeth, eu acho isto na Marta. Uma jogadora que ainda mostra emoção pelo que está fazendo, entendeu? Não sei se foram eles que criaram isto também esta rivalidade, esta briga de clubes. [Mas elas estão] com um treinamento muito mais intenso do que aquele que nós tínhamos. A recuperação do atleta é diferente de nós porque eles exigem demais do atleta. As partes de [lesão] articulação, joelho, ombro estas coisas, acho que é muito maior porque eles trabalham com carga e sobrecarga desde cedo e eu não acho isto uma coisa certa. Não sei se estou errada. Mas eu acho que tem que ver a parte do atleta e a parte do ser humano. Você tem que fazer no esporte e terminar inteira e não terminar com tudo acabado [destruído], que não pode

[até mesmo] fazer qualquer atividade física. Nisto eles estão sugando muito, eu acho, agora, não sei se estou errada. Existe uma falta de patrocínio [que está] deixando que a nossa turma vá lá para fora. Lá [no exterior] eles dão o valor devido que o Brasil não dá. Nós não precisamos de gente de fora para dar treinamento para nós aqui, porque nós temos bons profissionais. E nem precisamos mandar nossos atletas para fora para adquirir conhecimento que a gente tem aqui. Nós queremos ensinar, porque nós não precisamos aprender só dos outros. Acho que nós já temos uma técnica muito aprimorada, haja visto pelos resultados. Não é destas partidas nacionais, destes torneios e campeonatos de resultados que o Brasil tem obtido, eu acho que dentro [...] no âmbito nacional, nós estamos muito bem. Acho que nós temos que valorizar mais nossos profissionais e dar o apoio bem maior aos nossos atletas e às escolas, que eu acho [ser] a parte mais triste. (sic).

A análise geral das escolas por Delcy é muito bem colocada, no sentido de reconhecer que os atletas da época de ouro do Brasil saíram das aulas de Educação Física. Enquanto professora, ainda atuante na rede de ensino, para esta atleta é muito difícil ver os rumos que uma disciplina tão importante no processo educacional vem tomando:

As escolas estão cumprindo um papel por cumprir. [...] você chega, a criança não quer, então tá, passa. Não quer fazer mais nada. Não se exige mais nada. Você tem nota em Educação Física, não fica mais por falta, porque as outras matérias cobrem a falta que ela teria na Educação Física. Quando você lembra da época em que as escolas mandavam talentos para clubes e os clubes mandavam para seleções [...] pode haver um trabalho muito bom. Porque você criar uma criança que vai para o Ensino Médio [como eu dou aulas no Alcina]. De 15 a 18 anos, você não ensina mais nada. Tem que chegar na parte básica lá pelos 10, 12 anos, ensinar os primeiros passos. Com [observância] às aptidões da criança, você encaminha para aquela devida modalidade em que a criança se sai melhor e ali ela tem um escalonamento. Uma cartilha. Daí, quando o aluno muda de cidade pergunta-se: - Em que lugar da cartilha você parou o ensinamento? E daí eles continuam [e] a criança não perde nada. Ninguém nasce perfeito. Você precisa ensinar. Os pais que vão à reunião de pais, eles dão importância, se o filho tem potencial, dá um apoio aos pais que também estão precisando colocar estas crianças com atividades, para fugir das drogas, maus costumes de ficar nas ruas sem saber o que fazer. Esta juventude, eu acho uma juventude desorientada, não sei se eu estou errada, mas é! - Nesta minha vasta experiência com esporte, que eu sempre pus em primeiro plano, eu vejo hoje, tanto em meus alunos quanto em alunos de meus colegas, [que existe] uma preleção: - Conversar da importância quando [a criança] sair dali para pegar uma universidade. Para ter sua bolsa de estudo, para praticar esporte. [É preciso] tirar a criança da rua e para [que estas tenham também] mais saúde. Porque esporte

é saúde, é educação. (sic).

E o que é o basquetebol?

[o] basquetebol para mim, completa o indivíduo. Porque, na parte prática o indivíduo vai aprender e nunca termina de aprender porque ele estará sempre aprendendo. Então, é uma coisa contínua. [O esporte] Ele educa, disciplina você, ele faz com que você por intermédio dele conheça a si próprio, conheça o seu colega, conheça a parte técnica, os dirigentes, o roteiro, os outros adversários que serão seus futuros amigos. E faz com que você tenha um respeito pela vida, pela sua saúde pelo seu corpo. Eu me identifiquei dentro do esporte e não me arrependo em momento algum, né? Para não dizer que eu me casei com o basquetebol. Eu saía que nem uma noiva. Eu levava um enxoval pra viagem, [...] arrumava os cabelos, e por quê? Porque achava maravilhoso. [...] E é tudo isto que eu sou hoje. Eu acho que hoje eu sou uma pessoa feliz, realizada dentro do esporte. Profissionalmente, eu digo assim: - Dou aulas até hoje, trabalho até hoje. Sempre contente com meus alunos. Eu queria ter conseguido mais. Não sei se pela época, ou pela educação dentro do lar, ou pela exigência da vida na parte do emprego, as crianças logo saíam para trabalhar. Não dá tempo, né? A gente poderia ter se dedicado mais. Mas, eu acho que estou realizada nesta parte. Gostaria sim, que fosse reconhecido aquele atleta que disputou anos e anos pelo país e depois que ele tivesse um lugar ao sol. Com uma aposentadoria, se ele tivesse lesões [pernas quebradas] ou com ossos fraturados [como estou com as minhas] [...] que pelo menos tivesse um conhecimento maior a partir das Confederações e Federações. Não só no basquetebol, mas em todas e quaisquer modalidades. Que isto aí falta. O atleta que deixa de praticar, ele é esquecido. Quando precisa de alguma coisa, que nem o doutor Mauricio Lane, que é meu ortopedista, ele diz: - Delcy eu vou falar com... se você precisar colocar uma prótese, eles vão ter que dar para você. Mas eu disse a ele: - Eu não jogo mais. Se eu estivesse na ativa, você conseguiria com facilidade, mas estou inativa. Então você é esquecida. Eles irão fazer este favor para alguém que está rendendo para eles e não para quem já não pode fazer mais nada por eles. (sic).

Jacy Bohemer
Guedes de Azevedo



Jacy - 1971

A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos

Pablo Milanés

Jacy Bohemer Guedes de Azevedo, geminiana de 7 de junho de 1945, apenas nasceu em São Paulo. Cresceu e criou-se em Bauru, onde vive até hoje. A família de Jacy tinha um colégio fundado por seu pai em 1925. Este foi o primeiro colégio particular da cidade de Bauru, chamado Guedes de Azevedo, e era o único que tinha esportes em sua grade curricular. Havia, nesta instituição, um time de basquetebol masculino que representava o Bauru nos jogos abertos e regionais. Jacy acompanhava o pai em todos os jogos e cresceu admirando este esporte:

Isto fez com que eu jogasse basquetebol. [Eu] já tinha um pouco de jeito. E deu certo. Os professores de Educação Física [me ajudaram]. A minha primeira professora, Ariene, me ensinou fazer a bandeja, eu fiz de primeira [...]. Ela falou: - Puxa vida! Você fez certinho. Daí ela começou a dizer que eu tinha jeito [...] e aí foi, fizemos um time de basquetebol que era do Guedes de Azevedo. Disputava [assim] os jogos abertos, os jogos regionais daquela época. Eu já comecei com o basquetebol. Depois do basquetebol, eu brincava de vôlei também. Só que [...] eu gostava mais do basquetebol. Quando tive que optar entre o vôlei e o basquetebol eu optei pelo basquetebol. Mesmo que eu tivesse jeito para jogar vôlei também. Eu acabei ficando com o basquetebol. Até 1966, eu joguei no Guedes. (sic).

Enquanto os jogos eram na cidade e na redondeza “estava tudo certo”. Jogar pelo colégio do pai continuava sendo quase que uma atividade da própria família. Todavia, em 1967, aos 21 anos de idade, veio o convite para o Clube Luso-Brasileiro de Bauru e, em 1972, a oportunidade de jogar pelo Bauru Tênis Clube. Sair de Bauru nunca foi seu objetivo maior, pois já tinha o suporte familiar e o seu talento sendo reconhecido. Portanto, a reação da família diante dos convites para os clubes não foi algo que surpreendesse tanto:

Para jogar em clube ninguém ligou. Quando eu comecei a jogar basquetebol, era problemático, porque mulher desportista não era bem vista. (...) quando eu ia para os jogos abertos, meu pai e minha mãe iam junto comigo. Era até um saco, porque eu não ficava com a delegação, eu ficava em hotel, com minha mãe, com meu pai. Depois com a minha irmã. Minha irmã mais velha. Era bem mais velha que eu uns 15 anos. E ela era moça, eu estava nascendo. E esta minha irmã era muito bacana e aí ela começou a convencer meu pai e minha mãe de que era legal jogar basquetebol e tal. Aí eles foram relaxando e eu acabei jogando basquetebol numa boa. Mas no começo eu tive muitas restrições. Não era muita mulher que praticava esporte. Eu acho que eles não estavam no meio e por não saber como que era. Eles foram comigo a alguns jogos, eles viram que era bacana, que os dirigentes eram bacanas. Que era tudo família. Naquela época ninguém ganhava para jogar. Em Bauru, eu me dediquei ao esporte por amor mesmo. (sic).

A dedicação de Jacy ao esporte vinha do espírito amador da época. Não se pensava em

salário ou quaisquer outras compensações financeiras. Jacy jogava por amor, por diversão e, mesmo depois da profissionalização do basquetebol, nunca jogou por salário:

Eu sempre joguei porque eu gostava de jogar. Eu jogava basquetebol por amor mesmo. Por diversão! (sic).

A maior compensação ao seu talento, a convocação para a seleção brasileira de basquetebol, chegou em 1967:

Foi em 1967, eu tinha 21 [anos], ia fazer 22 anos [em junho] porque eu faço aniversário no meio do ano, a convocação foi em janeiro. Em 1967, foi a primeira convocação para a seleção brasileira. Eu já tinha ido para uma seleção paulista em 1965. Fui para a primeira seleção brasileira em 1967, para uma excursão ao México. - Nossa Senhora! Levei um susto. Fiquei espantada, porque não era uma coisa que eu esperava. E não era uma finalidade. Eu sempre joguei basquetebol por diversão, porque gostava. Nunca pensando em seleção brasileira. Para mim, era uma coisa muito distante. Primeiro, por causa da distância de Bauru do centro esportivo que seria mais perto de São Paulo, que era Corinthians, na época, Sorocaba e Piracicaba. Então, Bauru era mais longe e tinha um time, assim, normal. Nem bom nem ruim, era um time médio. Então, eu não tinha, assim, um grande [sonho], ou um mérito assim maravilhoso. Eu tinha poucos fundamentos do basquetebol. Era tudo assim na raça, olhando o masculino jogar. Não tinha uma referência do feminino. Eu tinha que ficar olhando o masculino jogar porque o feminino era um negócio muito distante da minha vida. Quando eu fui convocada pela primeira vez, foi a coisa mais maravilhosa da minha vida. A minha família já estava acostumada. E sabia que era aquilo que eu queria fazer mesmo e aceitou numa boa. Só que na convocação meu pai foi me levar também, tá. Depois já pude ir sozinha. Das outras vezes não. Só que quando eu cheguei lá, eu era muito tímida, muito acanhada. E eu chorava muito porque eu tenho muita raiz, sabe? Eu jamais quis sair de Bauru para jogar, eu jamais saí de perto da minha família. Para mim, era uma tortura eu ter que treinar naquela seleção longe da minha família, longe da minha cidade, longe dos meus amigos. E eu levei dois anos para acostumar com aquela vida. Eu chorava muito. Era muito sofrimento ficar distante daqui de onde eu fui criada. Era muito sofrimento. Depois eu me acostumei e numa boa, eu nunca pensei que eu fosse chegar à seleção brasileira. Hoje estas pessoas quando praticam esporte eles já querem ir pra seleção brasileira, eu não tinha este pensamentos de seleção brasileira. Eu achava que era um negócio muito difícil, eu talvez não me achasse assim tão boa para ir para uma seleção (sic).

Quando Jacy foi para a seleção brasileira, ela conciliava trabalho e estudo. Era a única que já estava na universidade. Ela fazia História. Depois de formada, começou a dar aulas no

Guedes de Azevedo, continuou jogando, no entanto, sem grandes ambições. Desde a primeira convocação, mesmo ficando entre as jogadoras reservas, tinha certeza que não passaria mais pela tensão na época dos cortes. A convocação para o VI Mundial de Basquetebol Feminino não foi uma grande surpresa:

Em 1971, eu já não tinha mais problema. [...] eu poderia ser cortada na primeira convocação, quando nós fomos para o México. Em seguida, eu já [...] tinha certeza que eu não seria mais cortada. Embora eu não fosse titular, eu tinha certeza que cortada eu não seria. Já era normal eu ser convocada, já não era novidade. Eu já sabia que ia ser o Mundial e eu já estava incluída neste Mundial, não havia chance de eu não ser convocada e ou ser cortada. Eu só fiquei no corte na primeira seleção e não é que eu fiquei no corte, eu tinha medo. Porque eu não sabia, eu não conhecia ninguém. Todas jogadoras para mim eram... elas me olhavam de longe e a gente nunca tinha conversado. Algumas delas, eu já tinha jogado contra. (sic).

A convocação para o VI Mundial era esperada e todo o treinamento foi surpreendente:

Primeiro, nós fomos para o Rio. [...] A primeira fase do treinamento foi em Petrópolis, no Hotel Quitandinha. Tinha uma quadra de basquetebol chiquérrima no Quitandinha e a gente treinava lá. Ficamos o mês de maio inteiro. Depois nós fomos pra São Paulo, onde ficamos num hotel, chamado Hotel São Paulo, que hoje eu passei lá está desativado. Ficamos mais de um mês neste hotel, e aí já começou o campeonato que foi em julho. Havia muita diferença de treinamento, por exemplo, de fundamento, eu disse para você que eu não tinha muito fundamento, porque eu não tive um técnico assim que me desse um fundamento: - É assim que joga basquetebol! - Vira pra lá, vira pra cá... Eu fui me aprimorar justamente na seleção brasileira. Por exemplo, de usar a mão esquerda [...], eu fui aprimorar meu arremesso na seleção e basicamente as jogadas. Porque no nosso time você tinha jogadinhas muito básicas, que qualquer um faz. Eu tinha até um pouco de dificuldade no começo de memorizar as jogadas, porque não era uma coisa que eu fizesse no meu clube. Era muito diferente. E outra, era tudo muito puxado. Você treinava duas horas de manhã, três horas a tarde. Então, não era fácil não minha filha. Era um negócio bem estressante. (sic).

Mesmo que em um ambiente de tensão e pressão constantes, a amizade e o companheirismo eram o que mantinha a sintonia do grupo. Para Jacy, era um momento de aprendizado, de observação de suas estrelas:

[...] eu enxergava estas minhas amigas mais como ídolos. Então, se eu não jogasse, eu não ligava. Porque, só de estar vendo elas jogarem, para mim já era o máximo. Então, eu achava que eu nem poderia competir com elas. Porque eu

achava que elas eram tão melhores do que eu e eu não tinha nem como competir com elas. Não todas, tá. Eu era bem mais nova que as mais velhas. Tinha a Marlene, a Nadir com oito, dez anos de diferença. Nunca na vida eu briguei com nenhuma delas. Nunca tive ciúmes de nenhuma das minhas amigas. Porque esta jogou... porque esta não jogou... porque assim... nada nunca. Então comigo foi assim. Mas tinha panelinha, tinha briguinha, quando você coloca 14 mulheres juntas... - Poxa vida, acho que eu sou boa né? Estou entre as doze melhores jogadoras do Brasil. Então, nem que você não queira, seu ego fica meio alisado. Então, você pega doze cobras, assim, tem que ter ciúme tem que ter competição. Mas eu não tinha isto. [Contudo] havia uma união entre as jogadoras que era uma perfeita sintonia em quadra. (sic).

O que contribuiu para que esta seleção alcançasse o auge de performance e a conquista do grande número de títulos, sob o ponto de vista de Jacy, foi a enorme energia que conduzia estas atletas à superação de seus limites:

[O sucesso alcançado vinha como resultado] [...] justamente por causa das restrições, para poder mostrar que a gente era capaz de alguma coisa. Levando em conta que, naquela época, os recursos eram poucos, e você competia com países da Europa que só tinha gigante. A gente era uma equipe relativamente pequena. Nossa maior jogadora media 1,82 que era a Nilza. Depois a Marlene com 1,80 e depois a Delcy, eu e Maria Helena com 1,75-76 e o resto [media entre] 1,58-1,60. A nossa equipe era muito pequena. Então, é a superação. Você jogar contra a equipe que vinha da Europa, país de primeiro mundo. [...] terceiro mundo, aqui, sem nada. A união acho que veio justamente disto. A superação de tentar mostrar para o Brasil, principalmente porque foi depois da Copa do Mundo de 1970 que o Brasil estava na boca do mundo inteiro. Nós ainda estávamos sentindo aquela emoção de ser tricampeão. (sic).

Participar da seleção brasileira foi um aprendizado de vida para Jacy; foi uma fase de amadurecimento pessoal e uma oportunidade de conviver com pessoas até então muito longe de sua vida diária, de sua família, em prol de um objetivo único: defender as cores da bandeira brasileira com uma bola de basquetebol e todas as outras jogadoras. As mudanças que ocorreram no basquetebol, que certamente foram muitas, não afetaram diretamente os fundamentos do basquetebol, sob o ponto de vista de Jacy, mas elucidaram um fator ausente do seu tempo de jogadora:

Eu acho que o basquetebol não mudou em nada. Eu estava conversando com o Barbosa estes dias. Ele foi para os Estados Unidos. Ele falou que na WNBA ele percebeu que tinham jogadas [...] que eram iguais àquelas que nós tivemos no Mundial. [...] 30 anos depois [...] não tem o que mudar. Você vai pelo talento do jogador. Eu acho que a única diferença entre a minha geração e a geração

da Paula, da Hortência que é esta que está aqui agora é maior condicionamento físico [...] e a altura das jogadoras. Quando você tem muito mais condicionamento físico, fica um jogo muito mais vibrante, muito mais rápido, né? Eu, às vezes, vejo a gente jogando pela televisão eu digo: - Nossa, eu fico até com vergonha, parece que é um joguinho sem-vergonha! Na época, você pensava que corria que nem uma louca, aí você vê o jogo de hoje é uma rapidez terrível. Mas isto é a mudança mesmo, não só do feminino, no masculino também. Eu acho que é mais condicionamento físico. Foi dada uma importância muito grande para esta parte física. Uma alimentação muito melhor. E outra: a estatura das jogadoras. (sic).

As diferenças entre uma geração e outra são pontos de discussão entre os avanços científicos nas ciências do esporte, os quais determinaram treinamentos mais sistematizados e baseados no treino individual de performance e no treino de equipe dos aspectos táticos. O talento obviamente completa o treinamento. Jacy quando questionada sobre o que faria para mudar o basquetebol, disse:

Eu não faria nada, porque eu só gostei de jogar. Eu jamais seria técnica. De maneira nenhuma. Eu jamais gostaria de conduzir um time. Eu toda vida nunca gostei de conduzir ninguém. Eu acho que eu dentro da quadra eu enxergava tudo. Você tem uma visão dentro jogando e você tem uma visão fora. E eu acho que eu não tenho esta visão de fora para dentro. Eu tinha de dentro para fora. Mas de fora pra dentro eu não tinha. Esta percepção: - Ih errou aqui, errou ali. [...] Eu viajo muito. Eu tô vendo ali [o jogo], daqui a pouco eu tô trabalhando na fazenda [...] boi, cavalo, e já viajei [...] o jogo tá comendo solto lá e não dá certo. Eu acho que eu não poderia fazer nada para melhorar o basquetebol. Deixa isto para o Maria Helena, a Laís, o Barbosa. (sic).

Jacy foi uma jogadora apaixonada pelo basquetebol e seu papel neste esporte é a pura identidade do espírito amador. Jogar, mas ter uma profissão à parte, e esta não seria diretamente relacionada ao mundo esportivo:

Eu parei de jogar em 1976, e quando eu parei eu estava meio saturada de tudo. [...]. Depois, eu não queria nem ver basquetebol, eu não sentia nem falta. Eu voltei a ver basquetebol, acho que tinha passado aquela fase de saturação. Daí eu comecei a participar e ver, ir para uma quadra bater uma bolinha. E quando eu parei, eu continuei lecionando. Mas aí eu tinha a fazenda do meu pai. Meu pai tinha morrido e tinha deixado esta fazenda em que eu moro. E eu já tomava conta da fazenda pra ele. Aí eu parei de lecionar pra tomar conta da fazenda. E estou até hoje aqui. Agora eu sou totalmente rural. A única coisa que eu gostaria de destacar, é que eu joguei basquetebol por jogar. Foi a maior diversão da minha vida. [...] eu não ganhei nada pra jogar a vida inteira, nem

um tênis. Só ganhava tênis quando ia para a seleção brasileira. A vida inteira eu joguei basquetebol por jogar mesmo. Por pura diversão. (sic).



Jacy - 2005

Elza Arnelas
Pacheco



Elzinha - 1971

Que o dia nasceu, só eu sei
Os desertos que atravessei
Só eu sei, só eu sei
Sabe lá o que é morrer de sede em frente ao mar?
Sabe lá, Sabe lá. E quem será?
Na correnteza do amor, que vai saber se guiar?
A nave em breve, ao vento vaga de leve
E traz toda paz, que um dia
O desejo levou

Djavan

Elza Arnelas nasceu em Paraguaçu Paulista, em meio a seis irmãos. Paraguaçu era uma cidade pequena, geograficamente plana, o que favorecia muitas atividades ao ar livre, em clubes, brincadeiras e jogos. Elzinha, ao dez anos de idade, começou a jogar basquetebol e tênis de campo. Antes de completar treze anos já jogava basquetebol para o XV de Piracicaba. O primeiro contato com basquetebol foi muito interessante:

Um carro de som saiu pela cidade falando que todas as meninas acima de 12 anos estavam convidadas para irem para quadra chamada Comissão Central de Esportes da cidade para encontrar com o técnico que iria fazer uma espécie [de seleção] [que naquela época não se falava peneira], mas uma peneira de basquetebol para formar uma equipe para a cidade. E aí eu tinha duas irmãs mais velhas, a Célia e a Elci, as duas me contaram que iam, então, onde elas iam eu ia também. Aí eu fui e sentei numa “arquibancadinha” que tinha, e elas entraram. Havia aquelas bolas, e todo mundo fazendo teste, e todo mundo batia bola. A minha irmã mais velha, não era de nada! Não sabia jogar nada, e ela lá. Ela tinha 14 anos, ela podia, a outra tinha 12, podia, e eu não podia com 10. Daí eu comecei uma choradeira lá na arquibancada que não acabava mais. E o técnico perguntou para a Célia, minha irmã mais velha, o que estava acontecendo comigo ali naquela choradeira. Ela falou: - É! Porque ela queria muito entrar aqui também, fazer o que a gente está fazendo, mas ela não pode porque ela tem 10 anos. Aí ela falou para o técnico assim: - Eu não posso dar o meu lugar para ela, ela é pequenininha, mas eu fico aqui ao lado dela, ela não vai atrapalhar. Aí o técnico falou: - Ah não! Não dá! 10 anos é muito pequenininha. Mas minha irmã falou: - Eu tomo conta dela, ela não vai atrapalhar. Porque minha irmã era meio mãe. Daí ele, com a insistência da minha irmã, ele acabou me chamando. Aí eu já pulei uma cerquinha que tinha que dividia a quadra e corri lá. Aí quando eu peguei a bola, eu era muito pequenininha, era muito rápida, eu fiquei como uma [...] no meio de todo mundo querendo aparecer, querendo ganhar uma posição. Então, ele ficou encantado comigo. Aí ele mandava eu fazer isso, fazer aquilo. Aí minha irmã falava: - Eu não falei que ela tinha jeito? E aí aquele dia ele me escolheu também para ficar. Então, eu fiquei lá com 10 anos, fui escolhida lá pela cidade. (sic).

O início da carreira esportiva de Elzinha foi muito bem-vinda pelo pai que já tinha sido jogador de futebol pela cidade. Ele era jornalista e amante dos esportes. A mãe de Elzinha era cabeleireira, e em sua delicadeza permitiu a escolha da filha, mas não incentivava tanto quanto o pai. Ela queria mesmo que a filha fosse protegida desse “mundo dos esportes”, no qual não se sabia o que iria acontecer. O que mãe de Elzinha sentia era o que existia no julgamento da sociedade brasileira com relação ao basquetebol e à conduta das moças que jogavam:

O basquetebol foi muito perseguido pela sociedade. Então, hoje o basquetebol

sofre uma coisa que o voleibol não sofre, as mães têm preocupação de mandarem suas filhas para o basquetebol, porque dizem: -Ah! quem joga basquetebol [...] acho que as meninas não são muito amante de homens, acho que elas têm uma tendência para serem lésbicas. Então, isso fez com que houvesse muito preconceito. Eu me lembro que quando eu jogava, de vez em quando lá da arquibancada vinha alguma chacota, alguma bobagem. Eu tinha muito medo dos meus pais, no interior, viessem a assistir aos jogos e ouvissem aquilo. Eu imaginava que eles nem sabiam que o basquetebol recebia essas [injúrias]. Mas, na realidade, meus pais sabiam e lutavam para que eu sobrevivesse a essas coisas. Na nossa época, esses preconceitos, esses olhares, assim, indiscretos que davam para nós, nos fez muito unidas, então uma lutava pela outra, e nós vibrávamos com as conquistas de cada uma. Então, isso nos fez fortes. (sic).

Jogar pela cidade, foi apenas o começo, e este primeiro passo concedeu a Elzinha a experiência de jogar contra outros clubes, como o Votorantim, por exemplo:

[...]era o Campineiro o técnico, elas eram chamadas as minhoquinhas do basquetebol, que as cobras eram as grandonas lá de Piracicaba, elas eram as minhoquinhas. E elas foram para Paraguaçu. Elas foram jogar contra nós. O jogo foi 105 a 2. Nós não sabíamos jogar nada! E eu entrei no jogo, eu achei o máximo entrar naquele jogo, e aí eu queria fazer uma cesta de qualquer jeito. Então, estava acabando o jogo, e acabava o jogo, e o meu tio trabalhava na Comissão Central de Esportes, e ele fazia lá o cronômetro, então, quando eu pegava a bola e ia lá para frente ele segurava o cronômetro, porque todo mundo torcia para a gente fazer uma cesta. E aí as meninas do Campineiro, lá, nos marcavam com tudo para não deixar a gente fazer a cesta, para ganhar de zero. Então, fui batendo bola, batendo bola, daí a pouco eu me vi no fundo com a bola, quase pisando na linha, eu passei da tabela e não tinha mais jeito, e aí ia acabar o jogo, peguei e joguei a bola por cima da tabela. Aí a bola subiu e caiu na cesta. Aí eu fiquei famosa em Paraguaçu fazendo dois pontos. O jogo terminou 105 a 2, fiquei mais famosa que as minhoquinhas. (sic).

Depois da fama já conquistada pelos dois pontos, aconteceu um evento que foi marcado pelo jogo entre o Assis e o XV de Piracicaba – considerado os *Globetrotters* da época. A seleção feminina da cidade de Paraguaçu Paulista foi convidada para fazer a preliminar contra o time de Assis. Mané era o técnico do XV de Piracicaba e ele estava lá observando o jogo:

Isso era perto do Natal. Daí acabou o jogo, ele foi saber quem era eu. Pegou o endereço, telefone do meu pai. Daí ficou aquele comentário que o Piracicaba tinha me observado. E eu fui embora para Paraguaçu, muito novinha, nem lembrava de nada. E na véspera de Natal meu pai recebeu um telefonema de Piracicaba me convidando para ir para lá. Eu tinha 12, ia fazer 13 ainda em

abril. Meu pai disse que era para eu ir no próximo ano. Meu pai falou que eu era muito nova que ele ia até lá para ver as coisas e que tinha só uma exigência: - Que minha irmã fosse comigo, a Elci, porque ela jogava também. Que a gente ficasse juntas, mas que morasse em uma casa de família. Aí eles arrumaram lá uma casa de família para nós, meu pai foi, aprovou. Aí nós ficamos, fomos estudar no Piracicabano, ficamos. Minha irmã ficou dois anos comigo e depois voltou, porque minha a minha irmã mais velha casou e ela voltou para ajudar na casa a cuidar dos três irmãos menores, e eu fiquei em Piracicaba. (sic).

Ser convidada para jogar em outra cidade foi uma experiência diferente para a menina Elzinha, acomodada ao seio de uma família, com um namorado e exemplos das meninas de sua idade a seguir, como por exemplo, namorar, casar, constituir uma família. Todavia, depois de algum tempo distante de Paraguaçu, foi o bastante para sentir que o mundo era muito maior:

Eu tinha um namorado, gostava muito dele em Paraguaçu. Aquela coisa de namoradinho de interior. Quando eu voltei, depois do primeiro ano fora de Paraguaçu, eu estava achando que eu estava conhecendo o mundo! Porque tudo era muito diferente. E eu achava as meninas fantásticas, eu era fã da Maria Helena, da Delcy, da Heleninha. Eu era fã mesmo da Maria Helena e da Heleninha. E elas já tinham, assim, já um espírito meio de técnicas. Então, quando eu fui para lá, a Maria Helena passou a tomar conta de mim na escola, as duas eram professoras. São professoras. E a Maria Helena tomou conta de mim na escola porque eu era meio danada e queria aproveitar... queria ficar no rio, então ela tomava conta de mim. A Heleninha marcava comigo 2 horas antes do treino, eu ia lá para cima para o ginásio, e ela me ensinava a jogar. E quando eu voltei para Paraguaçu eu já voltei assim, achando que eu estava noutro mundo, muito importante. Aí o meu namoradinho me mandou escolher entre ele e o basquetebol. Eu achei aquilo a maior ousadia! - Como ele podia se comparar ao basquetebol? É claro que eu escolhi o basquetebol. E daí eu comecei a ir pra Piracicaba, logo, em 1977, fui convocada para a seleção. Eu fui primeiro para a seleção brasileira, depois para a paulista. (sic).

Em 1967, saiu a primeira convocação para participar da seleção brasileira, para o Pan-Americano de Winnipeg, no Canadá. Os sonhos de Elzinha estavam se realizando:

[...] entrar no carro com a Maria Helena, com a Heleninha, ir para São Paulo para aceitar a convocação. Elas, para mim, eram monstros sagrados e de repente eu viajar com elas, ficar mais perto delas, então tudo aquilo para mim era um sonho. Eu estava com 15 para 16 anos. [...] nós ficamos concentradas em São Paulo, depois no Rio de Janeiro. E isto foi um desafio né! Porque eu ainda hoje sou pessoa assim. [...] próprio do esportista, do meu temperamento,

eu vivo muito de desafios. De repente eu chego lá, novinha, paulista, na época (CDB). [...] era tudo muito carioca, então, chegam as cariocas lá dominando tudo! E os diretores e técnicos todos cariocas. Então, a minha chance era muito pequena, mas aí a Maria Helena, a Heleninha, as paulistas lutavam por mim. Eu percebi que ali era uma guerra, e eu tinha que entrar naquela guerra para valer. Eu levava muito a sério, eu não perdia uma oportunidade de poder mostrar meu jogo, aparecer tudo, porque o meu sonho era ficar nas 12, quando eu fiquei nas 12, meu sonho era ficar nas cinco, e assim por diante. (sic).

A viagem para Winnipeg foi a concretização do sonho:

Ah! Foi um sonho. Foi o Pan-Americano, que tinha, por exemplo, no tênis de campo, a Maria Esther Bueno, um ícone, e também viajava no mesmo avião. Nós fomos para a embaixada receber nossos uniformes, porque Pan-Americano era sempre azul. Até hoje eles usam muito o azul. Eu fui lá receber meu uniforme e aí não tinha, estava faltando o sapato para mim, e aí me deram o sapato da Maria Esther Bueno, e era grande para mim, mas eu queria andar com ele de qualquer jeito. [O uniforme completo} era uma minissaia, um tipo de “tailleur” e o sapato. Então, lá fui eu para o desfile, porque ela não estava na Vila Pan-Americana, ela só ia para os jogos, então eu lá com o sapato da Maria Esther Bueno. Eu caçava 35 e sapato dela era 37. Depois na hora do desfile, aquele desfile na pista de atletismo das equipes, de repente nós fomos avisados que na hora de passar pela tribuna deveriam todos virar e olhar para o príncipe, na época era o marido da Elizabeth, lá da Inglaterra, e todo mundo virava o rosto para ele na hora de passar desfilando, e tinha chovido, a pista estava muito molhada e eu era a última do batalhão das mulheres, e atrás de mim vinha o [Emil Rochede], aquele de dois metros e pouco, que era o primeiro do batalhão dos homens. E, nisto, o sapato da Maria Esther Bueno entra numa laminha lá e fica preso e eu vou embora sem sapato e olhando para o príncipe. O [Emil] passa disfarçadamente com os dois metros, pega o sapato tira do barro e vai com o sapato. Então, aquela história do sapato da Maria Esther Bueno virou bagunça, porque depois, ao invés das meninas tirarem o sapato, ficaram jogando um para o outro, um para o outro e o sapato sumiu. Eu fui embora para a Vila Pan-Americana com um pé só. Então, isso marcou minha história, porque todo mundo sabia que eu ao invés de ter ido lá buscar um sapato menor, fiquei com o sapato da Maria Esther Bueno só para poder dizer que usei o sapato dela. (sic).

Depois de Winnipeg, as convocações continuaram para Elzinha. Em 1971, veio a convocação para o VI Mundial:

Em 1971, nós tivemos uma convocação de uma concentração imensa. Foram

muitas convocadas. Aí nós fomos para o Quitandinha, onde os cortes foram feitos. Na época, eu já estava passando a ser armadora. Então, era eu, a Heleninha, que foi minha mestra, e ainda a Laís. A Laís tinha uma defesa muito boa e armava muito bem. Então, foi uma luta, porque nós éramos muito amigas também. Então, nós ficamos quatro meses concentradas, depois nós viemos para São Paulo, ficamos no hotel São Paulo, para jogar no Ibirapuera. Na véspera, íamos jogar contra a França, nosso primeiro jogo, então a gente nem sabia que iria tanta gente assim lá para os jogos. Foi uma surpresa para nós quando a gente chegou no Ibirapuera e aquilo lá estava super lotado! Na véspera, o nosso técnico foi fazer um treino tático, estava cheio de jornalista, e aí ele pegou as cinco camisas amarelas, de ursinho na barriga, para decidir quem eram as cinco. Então, ele olhou para Heleninha, olhou para a Laís e deu a camisa para mim. Foi uma conquista! De repente eu, a Maria Helena, a Nilza, a Marlene e a Norminha. Era muito para mim. E eu fiquei assim, na hora eu já fiquei imaginando a minha família que ia chegar, ia me ver jogando de titular! Daí, ele disse que não era para eu fazer nada, só levar a bola e passar para as laterais, que era um treino tático, mas aí eu não aguentei, tive uma desobediência muito grande. Eu estava tão eufórica que acabei driblando para dentro, e aí a Benedita, que era uma defesa muito forte, ela pisou na ponta do meu pé em um dos dribles, daí eu tive uma torção violenta. Eu pouco joguei no Mundial, entrei só um pouquinho contra a Coreia usando aquelas botinhas na época, que faziam de esparadrapo. Joguei um pouquinho contra a Coreia, um pouquinho contra a Rússia. O técnico mais me colocava para eu poder jogar um pouquinho. Mas, na realidade, eu precisava sarar, e depois eu fui [...] como titular, logo depois no mesmo ano, quando teve o Pan-Americano na Colômbia. (sic).

Em fase de recuperação, o banco era o martírio, mas a união entre as colegas fazia a diferença:

Para você ter uma ideia, meu quarto era com a Laís. A Laís era a minha amigona. Eu disputava a posição com ela. A Laís passava noites inteiras pondo gelo no meu pé, eu acordava com a Laís sentada na beirada da minha cama. E o massagista ia lá trocar o gelo e ela ficava ajudando. Realmente, a gente era muito unida. Para a Heleninha, por exemplo, para ela a minha torção de pé valeu ela voltar a ser titular, mas ela cuidava de mim, também ia no quarto, cuidava de mim, era uma coisa mais verdadeira. (sic).

O ponto alto desse grupo de mulheres disputando o VI Mundial de Basquetebol foi a união e a determinação. Essas duas características que impulsionaram a atitude de vencer, conquistar espaços e fazer história no cenário esportivo nacional é marcada por uma dedicação desinteressada e até mesmo inocente diante da fama que cresceu devido à repercussão dos jogos:

Na época não tinha patrocínio, então a gente não disputava para mostrar ao nosso patrocinador na televisão, nem percebemos quando ficamos conhecidas, nós assustamos quando alguém pediu autógrafo para a gente na rua. A gente assustou quando viu o Ibirapuera inteiro super lotado. Nós assustamos quando nosso ônibus foi seguido por uma multidão pela Vinte e Três¹, precisou de batedores. Quando eles cercaram o hotel e foi preciso proibir que o elevador passasse do 19º, porque nós estávamos alojadas no 20º. Então, realmente para nós, isso tudo foi um mundo totalmente novo! (sic).

A motivação dessa seleção estava no coração, nas raízes e na vontade de fazer a diferença para o esporte feminino, o que pode ser traduzido em duas palavras:

Determinação e nacionalismo. Nós éramos e somos até hoje, você vê que eu sou hoje uma educadora. Eu faço o momento cívico toda semana, eu canto o Hino, os alunos cantam. Eu falo do Brasil até hoje, independente de eu ter tido um passado esportivo. Então, nós éramos muito determinadas. [...] nenhuma de nós era rica, nenhuma! Todas vieram de famílias, assim, não paupérrimas, mas famílias de garra, de luta. Para ser alguma coisa – tudo nosso foi com muito suor; para ter um vestidinho novo, uma roupa para sair, para comprar o primeiro carro; tudo foi muito suado. Então, nós éramos muito determinadas, nada nos fazia deixar de perseguir o nosso sonho. Se o Brasil não tinha dinheiro, a gente ficava debaixo da arquibancada. Se não tinha comida, nós comíamos sanduíche. Mas nós não abríamos mão de ir para um Sul-Americano, para um Pan-Americano, ou estar concentradas, ou estarmos juntas jogando. (sic).

A dedicação de horas a fio treinando, o sacrifício diante de tantas dificuldades, o tempo doado ao esporte foi além de tudo um aprendizado de vida. O basquetebol foi uma grande escola de muitas lições:

O basquetebol que eu participei, ele era uma lição de vida. A cada jogo, a cada partida, a cada treinamento. Ali nós víamos nossos erros, nosso caráter foi formado, nós nos conhecíamos, a gente se respeitava, nós tínhamos orgulho uma da outra. Por exemplo, as meninas falavam bem de mim, eu era a filhinha delas. A Heleninha tinha prazer em me ensinar a jogar. Mas isso daí foi nos fazendo viver situações para que a gente fosse sendo preparada para enfrentar tudo o que viria depois para as nossas vidas. O basquetebol, naquela época, foi um aprendizado, um útero extremamente firme que nos gerou para qualquer coisa na vida. Para casar, como algumas casaram, ou para ser útil para a sociedade, como foi o nosso caso, sem casar, mas sendo úteis, entendendo de vida, de família, de caráter, de cuidar de pai, de amar a sua pátria. Então,

foi inegavelmente uma grande faculdade de vida. Nós nos tornamos pessoas sem preconceitos, olhando para todos, que a gente tem que aprender a sobreviver a certas coisas, e não deve ter medo, a gente não tem o que temer. O tempo passou, e hoje Deus vai abrindo portas que a gente nem esperava para a vida da gente. Hoje, eu sou escutada por famílias, sou honrada por famílias, porque estou ajudando a fazer crescer os seus filhos. Então, eu conto minhas histórias, gosto de contar minhas desobediências para mostrar que tiveram consequências ruins, como essa do Mundial, que eu conto para eles que foi uma época que eu estava muito arrogante, muito orgulhosa e acabei tendo uma séria consequência para a minha vida, para aprender a ser humilde e tudo. Então, o basquetebol, realmente sofreu bastante, na nossa época ele foi mais sofrido, depois ele foi, assim, um jogo, um jogo meio desumano, mas assim como pessoa, a parte emocional nossa, nós poderíamos ter saído muito prejudicadas. Então, é isso para mim, assim, eu volto atrás, que nem falando com você agora, eu vou voltando atrás e vejo, nossa! que teve muita coisa boa. Nós só temos a nos alegrar com tudo o que a gente viu e passou. Porque foi numa época fantástica, de muita brincadeira nas concentrações, muita farra nas viagens. Eu era muito brincalhona, adorava ficar no meio de todo mundo para fazer graça, fazer festinha, teatro, brincadeiras escondidas dos técnicos. Foi um aprendizado de muita coisa saudável. (sic).

O basquetebol que veio dez anos depois, não se caracterizou pelas mesmas vivências e abnegação total. Os anos de 1980, para o basquete feminino, trouxeram outras importantes experiências e teve um cunho profissional e um apelo comercial:

Comercial. Extremamente comercial. Um basquetebol em que cada uma é empresária de seu jogo. E eu não critico. Porque as coisas mudaram. [...] elas tiveram que ter um corpo produzido por treinamentos intensos para poder enfrentar a nova dinâmica, as novas exigências. Já não dava mais para elas serem como nós fomos! Nós éramos meninas comuns, porque nós nem tínhamos musculatura tão proeminente, a Norminha só que era já de uma origem argentina e que tinha uma musculatura mais proeminente; nossos corpos eram roliços, como mulheres mesmo. Mas, depois para elas, tudo mudou. Elas tinham que enfrentar tecnicamente, assim, um basquetebol força, o nosso basquetebol foi um basquetebol técnica e graça e o delas foi força. (sic).

Depois das conquistas do basquetebol feminino nas décadas de 1980 e 1990, o basquetebol dos anos 2000 foi perdendo força e entusiasmo por parte da divulgação dos jogos e por um certo abandono.

Com isso, foi perdendo a graça tudo, muita confusão, muita coisa de mídia, então ele perdeu um pouco a atração. Eu sinto que o basquetebol feminino está

assim por causa dos dirigentes e técnicos. Eles não entendem de basquetebol feminino, eles são como uma peça que não combina, que não encaixa. E os políticos usam desses cargos, sem colocar realmente quem tem o amor ali, o conhecimento, então, conseqüentemente, as meninas saíram prejudicadas. Então, hoje ele está assim, meio que perdeu um pouco a graça, porque na realidade ele está sendo usado, como toda pessoa usada fica meio depressiva. O basquetebol está sofrendo de um momento de autoestima baixa. (sic).

As análises de Elzinha pressupõem uma imagem translúcida de problemas que o basquetebol vem enfrentando ao longo de várias décadas. Se fosse entregue à Elzinha a diretoria do basquete feminino da Confederação Brasileira de Basquetebol, o que ela faria?

Começaria pondo a Maria Helena de técnica e a Laís de assistente, começaria colocando quem entende! Começaria valorizando as meninas, independente do seu patrocínio. Eu não deixaria na quadra jogar por tanto tempo, uma pessoa, só porque ela tem um patrocínio forte, mas seria extremamente justa para com aquelas que estivessem rendendo mais para o jogo do momento. Mas para isso precisaria ter uma Maria Helena, que tem coragem, que tem garra, que não deve nada para ninguém. Desde que tiraram a Maria Helena de técnica, a meu ver, o basquetebol feminino perdeu muito, e quando a gente perde a liderança, a tendência é o povo ficar dispersivo, porque o povo sem líder, ele não sabe para onde vai! A Maria Helena era uma grande líder. A integridade da Maria Helena fazia valer. (sic).

Elzinha parou de jogar em meados de 1970, um pouco cedo, o que deveu-se à fase de transição pela qual a seleção brasileira passava:

Eu parei de jogar meio cedo porque, como falei para você, eu fiz assim a marca de uma transição, então eu fiquei ali no meio, eu era a mais nova da turma da Marlene, da Nilza, da Maria Helena, da Heleninha, eu era a novata, mas fui a veterana da Hortência, da Paula. De repente, eu comecei a perceber que nós precisávamos trabalhar. Com o Mundial, as portas se abriram. A Faculdade de Santos de Educação Física nos ofereceu uma bolsa e nós fomos todas para lá. Algumas nossas já tinham faculdade, como a Norminha, que já tinha feito na Federal do Rio, a Rosália. E aí nós fomos para lá, eu a Marlene, a Nilza, a Simone, a Nadir, a Laís, fizemos todas juntas a faculdade. Não perdemos essa oportunidade, porque nós não tínhamos condições financeiras de pagar uma faculdade. E com isso, todas nós conseguimos terminar a faculdade, depois outras foram fazer outros cursos, eu fui fazer Pedagogia, depois fiz Psicopedagogia. Então, eu acabei indo dar aulas de Educação Física. Efetivei-me no estado e depois um colégio particular daqui me chamou para dar aula para pequenos. Eu me lembro até hoje quando fui chamada, o que eu falei para a proprietária, ela é viva até

hoje, perguntei: - Como a senhora me descobriu? - Ah! Eu li uma entrevista sua, vi que você tem 1,59m, na época acho que eu estava com 28 anos, e que você ia parar de jogar porque você precisava dedicar-se ao trabalho e às complementações de estudo, e que você armou a seleção por muitos anos, uns oito anos. Eu fiquei imaginando, se você armou a seleção com esse tamanho, então de repente, você pode armar a minha escola. Então, eu falei para ela: - Mas eu fiz a faculdade jogando, eu não tenho muita experiência, eu faltei muitas aulas, nós fomos completando nossos estudos sem fazer bem a faculdade. Ela falou: - É! Entra na minha escola e vamos ver. Aí eu comecei prestando atenção nas crianças, aprendi muito com elas. Aí me interessei, quis saber mais, estudar, ler, e fui vendo as necessidades das crianças e montei uma escola de esportes na escola. Que foi uma coisa inédita, porque eu via que os pais tinham dificuldade de buscá-las no final do período, então os pais iam buscar mais tarde, e eles ficavam fazendo esportes: basquetebol, futebol, voleibol. Ali eu fui me tornando uma organizadora sem perceber. Dali, surgiu a escola de esportes, que hoje, na nossa escola, faz 18 anos. E dali eu fui aprendendo a dirigir. A dirigir, a organizar. Eu me tornei orientadora depois, passei a ser diretora. Uma diretora meio de campo, não sou muito de gabinete não. (sic).

Odila Fernandez



Odila - 1971

Pra que nossa esperança seja mais que a vingança
Seja sempre um caminho que se deixa de herança
No novo tempo, apesar dos castigos
De toda fadiga, de toda injustiça, estamos na briga

Ivan Lins e Vitor Martins

Odila Fernandez nasceu em 11 de janeiro de 1950, na cidade de Porto Feliz. Odila teve uma infância muito difícil devido aos sintomas da febre reumática que consumia suas horas de lazer entre exames e a privava do prazer das brincadeiras mais afoitas e até mesmo da prática esportiva:

Eu brincava um pouco porque chegou até a afetar meu coração. [...] eu fui uma criança que brincava, mas que brincava pouco. Porque eu me cansava mesmo. Mas eu fazia tratamento com cardiologistas. Na época, eu vinha para o Instituto do Coração em São Paulo. Aí eu fui me cuidando [...] e a minha irmã começou a jogar basquete antes de mim em Porto Feliz. Nossa! - Eu ficava desesperada, porque a via jogando e eu não podia fazer atividade física nenhuma. (sic).

Enquanto esperava por uma melhora e pela oportunidade de fazer quaisquer que fossem atividades físicas, Odila observava a irmã nos treinos e desejava ardentemente poder um dia correr conduzindo a bola até a cesta, marcar pontos, comemorar com seu time, ser uma jogadora de verdade. A irmã de Odila jogava pela cidade de Porto Feliz, que se destacava nos jogos regionais – jogos abertos. Na posição de pivô, a irmã se destacava pela habilidade e dedicação ao basquete, e por estas razões recebeu a convocação para jogar na seleção paulista de basquetebol. A cidade de Porto Feliz comemorou a convocação, o que enchia de olhos da menina Odila que sonhava em ser atleta.

Devido ao tratamento de Odila para a febre reumática, levou algum tempo para que os médicos a liberassem para fazer atividade física:

Até que foi indo meu tratamento e o meu cardiologista aqui em São Paulo falou que daquele dia em diante eu podia voltar a fazer atividade física. Daí, nunca mais tive problema de saúde. Eu fazia controle periódico. No dia seguinte, que ele me liberou, não lembro o dia, mas eu estava com 14 anos, eu corri para a quadra porque eu tinha paixão de ver minha irmã jogando [daí] comecei a treinar. Na época, meu técnico era o Odilon Antônio que depois casou-se com a minha irmã. Com 15 anos, eu fui convocada para o Mundial [de 1964], para a seleção brasileira. Fui dispensada porque eu era muito jovem. E muito rápido eu fui para a seleção paulista. Acho que era de tanta vontade, que eu me destaquei rápido. (sic).

Não tardou e a irmã de Odila parou de jogar. Os motivos eram os mesmos que conduziam as moças da época para o casamento e a edificação de uma família. Os anos de 1960 não eram tão diferentes daqueles que os antecederam. A mentalidade interiorana permanecia extremamente conservadora, principalmente no que concernia à educação feminina. Viajar para jogar basquetebol era quase um sacrilégio para as moças que estavam “de namoro firme” e pretendiam se casar, e isso não permitiu que as irmãs viajassem juntas pela seleção paulista em 1966, quando Odila foi para o primeiro campeonato brasileiro:

Nesta época, a minha irmã já tinha parado de jogar e estava namorando o nosso técnico e ele não a deixava viajar. Aquela coisa, aquele preconceito de quem praticava esporte. Aquela coisa mesmo de sexualidade. Que era mulher masculinizada, que quem tava na seleção tinha mais este preconceito, ele não deixava a minha irmã ir. (sic).

Entrar para o mundo dos esportes não foi uma tarefa fácil para Odila também, pois havia certas condições exigidas por sua mãe para a continuidade de sua participação nos treinos:

Eu gostava muito de jogar, muito mesmo. A condição da minha mãe na época era que eu podia jogar, eu podia treinar. Mas, eu tinha que ir muito bem nos estudos. (...) tinha esta cobrança. Tudo o que eu fui mal nos estudos, antes de jogar, daquele dia em que comecei a jogar eu comecei a ir bem e tudo e só tirava nota alta. (sic).

As compensações por esforços em quadra e na escola começaram a vir depois da convocação para seleção paulista, quando novamente Odila foi convocada para a seleção brasileira, em 1968, para disputar o primeiro Campeonato Sul-Americano. A primeira convocação foi apenas um teste, o qual deu alguma experiência à jovem jogadora, mas foi motivo também de muita tristeza:

Voltei a ser convocada para a seleção em 1968 para um Sul-Americano [pois] na primeira convocação eu fui cortada. Porque era a época que tinha a Nadir, a Nilza, só tinha gente cobra lá naquela época. E eu ainda me lembro tão bem quando eu fui cortada. Eu lembro como se fosse hoje: - Mas eu chorava! E era um choro, assim, de muita tristeza porque eu gostava demais mesmo (...), eu tenho certeza! Eu não queria parar (sic).

A convocação de 1968 veio com pompa e circunstância:

Em 1968, eu fui para o meu primeiro Sul-Americano no Chile. E nesta época, em Porto Feliz, ser única pessoa da cidade [convocada para jogar na seleção] que se sobressaiu [Foi] muita festa. Meu pai e minha mãe tinham a maior alegria de ver tudo aquilo. [Teve] banda na porta da minha casa. A banda entrava dentro da minha casa, [a gente] tinha que servir refrigerante; tinha sessão na Câmara [Municipal]; era [...] muita alegria. (sic).

Porém, um ano antes, Odila enfrentou os desafios mais difíceis em sua decisão de aceitar o convite para jogar em Sorocaba. A distância da família, a rotina de trabalho, treino e estudo fez a adolescente amadurecer e se engajar completamente nos projetos esportivos que o basquetebol estava proporcionando:

Em 1967, um ano antes deste Sul-Americano, eu fui jogar em Sorocaba. [...] sozinha, fui morar longe dos meus pais. Eu sofri muito. Eu estudava de manhã e eu trabalhava na secretaria de uma escola à tarde e treinava à noite. Tinha dia que eu saía da escola e descia correndo para rodoviária, pegava um ônibus e ia lá almoçar com a minha mãe em Porto Feliz. Não era tão longe. Daí eu almoçava com a minha mãe e voltava para Sorocaba. Foi bem difícil. Eu era muito criança, tinha 17 anos; 17 anos hoje é outra história. A gente era muito ingênua, eu era muito tímida. Eu fiquei bem pouco em Sorocaba. No comecinho de 1970, eu já estava em Santo André, jogando na Pirelli. (sic).

Em Santo André, o destino agraciou Odila e a fez ficar mais perto dos seus, todavia a vida não ficou mais fácil. Havia o curso de Educação Física na Universidade de Santos para terminar:

Fiz Educação Física em Santos. A gente pegava a Kombi com a porta amarrada. A gente descia a serra todo o dia, porque na época não tinha faculdade de Educação Física em Santo André. A Kombi vinha de São Caetano, pegava as meninas: a Elzinha, pegava todo mundo e passava em Santo André. [...] eu tinha minhas irmãs que moravam em Santo André. Então, eu fui morar com a família. [...] Foi bem legal. Mas era super puxado também, porque a gente tinha que estudar, levantar às 4:30h da manhã para ir para a faculdade; voltava correndo, comia um lanche se desse... [E depois] Tinha que dar aula à tarde todinha. Quando você saía do lugar em que dava aula, você subia já com aquela mochila imensa e já ia pro treino. Terminava de treinar, era um sanduíche de presunto e mortadela, que até hoje eu como, mas eu não aprecio. Mas a gente comia. Porque era o lanche que a gente tinha. E aí a perua levava a gente para casa. Foi uma época difícil que a gente sobrevivia financeiramente porque a gente trabalhava. Porque não tinha retorno financeiro. Nenhum retorno. (sic).

Como era de praxe no esporte amador, e filosofia primeira das seleções nacionais esportivas mundiais até a década de 1970, os times proporcionavam aos atletas um emprego. Normalmente, esse emprego era de caráter público, nas instâncias estaduais ou municipais, para facilitar o trânsito necessário de seus atletas em época de campeonato. O período de concentração era longo, mas nenhum deles foi comparável à concentração para a disputa do Mundial de 1971. As convocações chegaram em janeiro e o período de treino foi até maio, ou seja, foram cinco meses de treino intenso e saudades da família:

Quando você é convocada para a seleção, nesta época para o Mundial, [...] foi aquele regime em que você se afasta da família e, às vezes, um dia ou dois antes de viajar você vai lá dá um beijinho e vai embora e você sabe que vai demorar um tempo para voltar. Neste Mundial [1971], foi pior ainda, porque foi um período de treino. Eu não me lembro do número de pessoas que ficaram;

acredito que foram só as 14. Isto foi passando por alguns estágios até chegar no número de 14 jogadoras. Foi bem demorado, porque normalmente, quando você vai para um Mundial é muito preparo. Então, era muita concentração muito tempo longe da família. A gente tinha muita amizade uma com a outra. E quando fechou o grupo que ficou só as quatorze, isto ficou ainda mais forte. Você já sabia que só tinham duas pessoas que iriam sair. Você percebe no treino quando você vai ser cortada. Tem jogo amistoso em que você fica achando que você tá dentro mesmo. E tinha muita cobrança que você tinha que segurar, porque você não podia se machucar. Eles sempre diziam: - Se vocês se machucarem por alguma brincadeira, sabe, qualquer coisa... você tá fora! - Você vai embora mesmo. Até aconteceu um fato super engraçado, porque a gente estava no Rio e nós ficamos na praia. A Laís estava jogando frescobol e eu jogando voleibol. [...] E a gente ficou queimada de sol, foi horrível. Porque eu era, sempre fui muito branca demais. E eu e a Laís tivemos que esconder isto. Eu fiquei cheia de bolha. Eu tinha um maiô que tinha um buraco, onde eu fiquei com muitas bolhas, e assim em tudo também... nas costas. Foi um horror! E a gente não podia contar para ninguém só para o massagista, o Félix, o qual acobertava a gente nestas coisas. No quarto, a gente cheia de pomada à noite, ele vinha e ajudava. Porque chegava no treino e a gente era pivô e tinha aqueles treinamentos de chegar junto, de pegar, eu sentia que cada vez que chegava alguém perto estourava uma bolha. E eu pensava: - Ai não posso abrir a boca! Mas foi bom. Era um regime assim meio militar. Tinha que subir, dormir cedo. Acho que de um modo geral, acho que ainda é assim. Os treinos no Quitandinha foi só entre a gente mesmo. Quando a gente foi [...] do Quitandinha para São Paulo, eles liberaram a gente uns dois dias para ver a família. Então, este, de todo Sul-Americano que eu fui, de Pan-Americano, foi o que mais, assim, nos tirou da família. Foi um treinamento mais longo mesmo. Uma preparação bem longa. (sic).

O período longo fora de casa, sem ver as pessoas queridas, no entanto, era um tanto quanto mais brando do que a pressão que foi exercida. Se era porque o campeonato seria no Brasil ou quaisquer outros que fossem, um aspecto muito destacado por Odila foi a pressão sofrida:

Eu acho que por ter sido o Mundial e porque seria aqui em São Paulo a cobrança foi muito grande. Eu lembro que o Waldir Pagan e o Brito, que estava como técnico, pegavam no meu pé que era um absurdo. Na época até no elevador o Waldir me pressionava. Não sei se ele fazia com as outras o que ele fazia comigo. Nunca tinham duas jogadoras juntas. Ele ficava ali cobrando, massacrando mesmo. Cobrando de você se você estava ligada, se você estava no treino, se você foi bem, que você não participou; e era uma pressão muito grande. E eu me lembro bem na época, que o Brito deu uma palestra quando estava todo o grupo, porque ele presenciou esta pressão que o Pagan fazia. Eu lembro que foi

falado de marcação-pressão. [...] Provavelmente, era alguma reunião de tática ou alguma coisa e ele disse: - Além desta marcação-pressão, tem outras marcações-pressão que você sofre. E isto chamou minha atenção.

A pressão sofrida, a marcação cerrada, os intensos treinos e, muitas vezes, a saudade de casa, deram lugar à emoção de jogar pela primeira vez no ginásio onde eram realizados os treinos, com uma torcida incontável e com tamanha gana de ver o Brasil ganhar:

Eu lembro bem disto. Foi uma coisa assim: - A gente estava no hotel, em São Paulo já, e já tinha começado o Mundial. [...] o primeiro jogo foi contra a França. Mandaram a gente para entrar na porta errada, e quando a gente entrou, nós já saímos bem dentro do Ibirapuera lotado. A gente passou pelo público antes do jogo. Foi um desespero daquele público gritando [...] e aquilo mexeu muito com todo mundo. Foi aquela emoção! Eu não me lembro se chorei. Mas chegou todo mundo chorando no vestiário. Era muita gente, foi lindo! E era o jogo de estreia [...]. Eles [a torcida] tinham muita loucura pela seleção. Era um carinho muito grande. Neste Mundial, a minha mãe foi assistir ao jogo e de tanto torcer, naquela emoção, naquela vibração, minha mãe passou mal e eu falei: - Nunca mais você virá! - Você agora ficará em casa vendo pela televisão. Você estava no seu país. Foi diferente. [...] Outro jogo emocionante foi aquele jogo do Japão que foi aquele desespero. [...] Tem fotos do jornal de uma jogadora japonesa de joelho olhando para o técnico chorando. Porque foi incrível! A Nilza tinha um arremesso de longe, lateral. Ela era pivô, mas ela tinha um arremesso que era assim certo mesmo. Eles dizem que a bola ainda estava na ascendente quando apitou. A gente não se conformava, porque a gente achava que naqueles segundos a bola batendo na mão da jogadora já marcava um segundo. A Nilza pegou do jeito que deram a bola para ela na lateral, ela virou e jogou e a bola entrou. Ela tinha um arremesso fantástico de lateral. Se deixasse a Nilza solta, ela era uma jogadora de quarenta pontos por partida. Ao validarem esta cesta, é que nós fomos para o terceiro lugar. O jogo do sorvete foi o jogo que não nos deixou ir para a final. A gente estava virando o jogo. Daí um torcedor jogou um sorvete. Aí parou o jogo. Aí deu aquela gelada. E daí quando voltou o jogo, aí já não dava mais. (sic).

Este time, do qual Odila fez parte, ficou caracterizado como um grupo unido e pela forte amizade, que em todos os momentos foi o suporte necessário à conquista de todos os objetivos de sucesso:

[...] era muita amizade! Porque você ia para a seleção e ficava o tempo todo trancada. Porque você trabalhava junto, você estudava junto, você viajava todo dia junto. Então é muita amizade. É diferente de hoje. Hoje é muito profissional. Acabou o treino: - Tchau! Vai viver sua vida, cada uma vai pro seu lado. É outro

mundo. Eu não acredito mais que tenha esta coisa de amigo. (sic).

Odila revê seus tempos de jogadora e tenta comparar com o que testemunha hoje, seja no basquetebol ou em outros esportes, seja no uso de tecnologia, seja no aproveitamento de um profissionalismo, o qual ela não vivenciou:

Hoje o esporte, de um modo geral, e que às vezes eu vejo, tem uma incrível tecnologia. Tem até aparelho para medir quanto de esforço fez o músculo do ombro. [...] A gente não tinha nada disto! A gente tinha preparadores. - Tecnologia? Nenhuma! A gente fazia treino de sobrecarga com um cinto que se chamava porquinho. Era uma câmara de pneu cheia de areia. Cada câmara tinha um peso. Eles falavam: - Põe o porquinho! E a gente subia os degraus da arquibancada pulando com os dois pés, de dois em dois, e descia. E a gente corria com o bendito porquinho. Era um peso absurdo! Nem uma bicicleta ergométrica puseram para a gente pedalar. Às vezes, eles levavam a gente para fazer corrida em bosque. Daí você subia, subia, subia e depois descia, descia, descia. Era nesta base o treinamento da gente. Não que hoje não tenha tanta lesão. Hoje o esporte é muita força. E na nossa época, era mais agilidade. A gente trabalhava mais com agilidade, porque não tinha este treinamento de força, que tem hoje. Eu estou aí com meus 55 anos e meu joelho direito ele é todo acabado. [...] Todo o meu lado direito é comprometido. Mas eu não acho que foi por causa da sobrecarga [...] senão meu joelho esquerdo também teria problema. Mas foi meu joelho direito que logo que estourou, estourou muitas vezes, e foi um joelho tratado na base da infiltração. O basquetebol hoje... eu não acompanho muito, assim, de perto o basquete. Na verdade, eu acompanho mais o vôlei, porque está a toda hora na mídia e o basquete não sai. Quando você fica sabendo já está até acabando. Não tem muita divulgação. Até quando eu trabalhava, eu acompanhava muito o basquete. Eu trabalhava no estádio de Santo André onde a Laís treinava as equipes. Eu ficava besta de ver, e uma outra história, é um outro treino. A gente vê aquelas meninas enormes, muito bem trabalhadas. A parte muscular delas e eu falava assim: - Meu Deus! Psicólogos, fisioterapeutas! - Meu Deus! A gente? A gente dava apoio uma para a outra. Nossa, hoje não dá nem para comparar. É outra coisa, uma outra história. Não tem nem como. Existe muita gente interessada em tecnologias e em criar, estudar. Então, eu acho que eles hoje têm muito mais que nós tivemos. (sic).

O desenvolvimento científico tecnológico aplicado ao esporte e ao treinamento de alta performance chegou para as futuras gerações, assim como o profissionalismo. Sua geração sofreu com o pragmatismo nos treinos e os atletas sofreram com as lesões provocadas pela falta de conhecimento. Outros problemas assolam o basquetebol moderno:

Eu vi um pouquinho desta briga do Oscar. Eu não sei o que está acontecendo

nesta Confederação de Basquete. Porque a mídia fala uma coisa, e ele e a Hortência estão falando outra. E eu vejo assim. Eu não acho que nem a Hortência nem o Oscar querem pegar este basquetebol e criar esta liga só por dinheiro. É porque eles gostam muito. A Hortência é fanática pelo basquete. Tanto é que ela é insuportável. Ela sempre foi assim. Mesmo quando ela parou de jogar e ficou como dirigente, você olhava para ela, ela parecia um pavão andando lá e ela briga mesmo. Ela gosta. E quem é mais apaixonado pelo basquete que o Oscar? Acho que tem esta história. Eu acho que estas meninas que a gente acompanhou aí nestes últimos, no Pan-Americano, no Mundial, tiveram tudo. - Nossa! Estas meninas estão super bem. Imagina elas que começaram depois da gente e que puderam só treinar. Eu acho que a gente fazia muito. A gente fazia milagre. Eu acho que o condicionamento físico da gente era a própria correria do dia inteiro e depois você treinava. E elas não. Elas saem de casa para treinar. O máximo que algumas delas fazem é estudar. Elas são pagas para fazer esporte. É diferente isto. A gente pagava para treinar. (sic).

Ainda falta muito para fazer do basquetebol um esporte popular ou, pelo menos, para ter a mesma popularidade que a geração de Odila teve. O amor à camisa, jogar pelo título e fazer quaisquer esforços para obter a vitória foram características de sua equipe. Desta seleção que marcou o final da década de 1960 e presenteou os anos de 1980, o que ficou foi a determinação de vencer pelo país. Desse aprendizado, Odila ressalta a importância de sua torcida pelo esporte brasileiro. Ela assiste a tudo e torce por todos.

Quando Odila decidiu deixar o esporte, o fez tranquilamente e sem arrependimentos. Era a hora certa:

[...] fiquei na Pirelli até 1976, quando eu parei de jogar. E parei de jogar assim, me deu um estalo e eu era muito nova, tinha 26 anos. Eu podia ter jogado mais tempo. Eu parei muito cedo porque desde o Campeonato Sul-Americano, em que eu machuquei meu joelho e sofri muito com a recuperação do joelho, nunca mais me recuperei totalmente. Eu me lembro que eu cheguei a jogar no Sul-Americano a base de infiltração. E foi assim que eu comecei a sentir dor no joelho. Depois eu quebrei um dedo da mão esquerda três vezes seguidas. Não dava tempo de recuperar. Tinha que jogar. Daí, ia lá e quebrava de novo o dedo. Aí quando quebrou a última vez eu estava na Argentina com a Pirelli e aí quebrou o meu dedo de novo e a minha mão ficou toda preta. Para mim acabou! Daí eu pensei: - Na hora em que eu chegar em casa eu desmancho a mala e... Chega! Porque quando você começa a se machucar, você começa a perder aquela alegria, aquela vontade. Porque eu gostava mesmo de jogar. Eu gostava muito mesmo. Mas nunca quis voltar a trabalhar com o basquete. E eu parei mesmo porque comecei a me machucar e a sentir muita dor e meu joelho deu muito trabalho. Eu nunca tive também esta coisa de liderar. Eu nunca tive este espírito de lide-

rança. Minhas experiências em campeonatos escolares, por exemplo, eu como professora, eu mais brigava do que coordenava nos jogos. Até hoje eu sofro muito quando vejo erros. Eu nado todo dia 1000m, mas no meu ritmo. Eu não me arrependo de ter parado. Parei porque chegou a hora. Parei feliz! Não fiquei triste porque saí. Duro teria sido se eu tivesse sido obrigada a sair. (sic).



Odila - 2005

Benedita Anália
de Castro



Benedita - 1971

Nos dias de hoje é bom que se proteja
Ofereça a face pra quem quer que seja
Nos dias de hoje esteja tranquilo

Ivan Lins e Vitor Martins

Benedita Anália de Castro nasceu em Sorocaba, em 06 de dezembro de 1937. Filha de um casal de trabalhadores, a iniciação esportiva veio da observação das aulas na escola onde estudava:

Quando eu fazia o 4º ano de grupo escolar, que aquele tempo era grupo escolar, eu sentava assim meio retraída, porque eu era uma menina pobre, né! Minha mãe era lavadeira e meu pai tirava areia no rio Sorocaba. [...] sentava na escola e via [...] as meninas que já estavam jogando, já estavam iniciando o basquetebol. Na escola onde eu estudava não tinha basquetebol, então eu sentava e ficava só assistindo as meninas jogarem, tinha vontade jogar. [...] eu tinha vergonha de chegar e pedir para entrar, para aprender, porque eu não sabia como chegar para fazer aquilo. Então, quando eu ia para casa, eu fazia a cestinha, de arame, amarrava na árvore, numa parede. Pegava essas bolinhas de tênis e ficava jogando, arremessando a bolinha naquele aro de arame que eu fazia no quintal, de tanta vontade que eu tinha de aprender jogar. E assim foi. Depois quando começou [...] a escolinha, uma amiga minha falou: - Bene vamos lá – porque me chamam de Bene – vamos lá no ginásio que está tendo escolinha de basquetebol, a Joana que está dando aula. Já vamos! Ah! Na mesma hora. Eu era molecona. Era muito moleca mesmo, então eu falei: - Vamos lá! Daí fui para lá. (sic).

O ginásio de Sorocaba foi inaugurado em 1950, marcando o ano de início para Benedita no mundo do basquetebol:

[...] já existiam as cobras. A gente falava as cobras do basquetebol, que eram as primeiras jogadoras que existiam aqui em Sorocaba. Depois dos jogos abertos foram inauguradas escolinhas de basquetebol com essas ex-jogadoras, que eram: a Jane, a Genésia, a Marlen, que era da Nicarágua. Foi feito aqui as escolinhas, cada uma ensinava em uma escolinha num [determinado] horário do ginásio de esportes. Foi aí que eu comecei com a jogadora Jane. Ela foi a minha iniciante na escolinha de basquetebol. Em janeiro, elas já começaram a escolinha, então, quando foi em outubro de 1951, eu já participei, entrei como reserva no time titular de Sorocaba para jogar os jogos abertos do interior, em Santos. Foi nesse período, outras meninas de Sorocaba também entraram como reserva da equipe, já iniciando na equipe principal de Sorocaba. (sic).

Simultaneamente ao time da cidade de Sorocaba, e logo depois de ter se consagrado jogadora junto a suas colegas de time, Benedita passou a jogar pelo Clube Atlético Votorantim, e algum tempo depois jogou pelo São Bento de Sorocaba. A convocação para jogar pelo time da cidade de Sorocaba não agradou muito à família, pois:

Meu pai não queria. Porque, naquela época, existia muito preconceito contra

qualquer coisa assim que fosse: - Mulher não era para mexer nessas coisas. Mulher não era para jogar [...]. Meu pai não queria e disse: - Não vai jogar, se fosse homem ia jogar futebol, mas é mulher não vai jogar nada. Era coisa dele. É menina, tem que ser menina! Minha mãe via que eu era louca por aquilo, e ela facilitava. Meu pai chegava: - Onde está a Dita? – Meu pai me chamava de Dita – Ah! Minha mãe dizia: - Ela foi fazer um serviço para mim. Minha mãe cobria um pouco. Até o primeiro dia que ele foi para o ginásio e me viu jogando, daí ele caiu duro. Caiu duro, porque eu era espoleta demais. Naquele dia, foi minha família inteira. Foi meu avô, minha mãe, foi meu pai, todo mundo para me ver jogar. Daí, então, ele acabou assumindo que podia me deixar jogar. O Campineiro também, que era técnico nosso, falou: - Olha, pode ficar tranquilo que das meninas ninguém chega perto. [...] time de Sorocaba, você vai ouvir ainda por aí. Porque ninguém chegava perto do time de Sorocaba, não tinha essa de estar chegando não! Era distância mesmo! Mas o meu pai supôs [...], mas depois ele viu que o negócio não era aquilo, aí ele acabou concordando. (sic).

A convocação para jogar pelo Votorantim foi finalmente aceita pela família, e Benedita fez por merecer a convocação para a seleção paulista. Todavia, a realização dessa fase foi surpreendentemente negada pelo próprio técnico, o qual teria recebido a convocação para a seleção paulista diretamente da Comissão Central de Esportes de Sorocaba:

Quem recebeu essa comunicação foi o técnico, que eu estava sendo convocada para a seleção paulista, e ele simplesmente chegou e falou assim: - Olha! Você não vai! Ele chegou com envelope dizendo: - Você está sendo convocada, mas eu vou falar com os seus pais porque eu não vou deixar você ir. Porque você é muito criança e a seleção vai trazer muitos problemas, e aqueles problemas que eu não deixo acontecer aqui dentro de Sorocaba, na nossa equipe. Ele foi contra totalmente. Quem convocou foi o Vicente Merlino, o ano não estou lembrada, eu devia estar com uns 16 anos. Daí, quando ele falou aquilo, nós conversamos com um pessoal e ele acabou concordando que eu fosse. Daí (...) nós fomos lá conversamos com a Neuza [esposa do técnico Merlino]. Ela falou: - Não! Essas meninas de Sorocaba não são assim [ela sabia que ele tomava conta demais da gente], pode deixar que nós vamos pôr na nossa casa, e ninguém vai chegar perto delas. Foi mesmo, assim, de proteção! Daí eu aceitei a convocação para essa seleção paulista, fui convocada pelo Merlino, era o marido da Neuza, que jogava no Sesi de São Paulo. (sic).

A seleção paulista foi somente uma fase de transição para a convocação para a seleção brasileira, facilitando a participação de Benedita:

Para a seleção brasileira já foi mais fácil, porque já estava conhecendo todas as jogadoras. [...] porque no nosso tempo [...] o estado inteirinho de São Paulo

tinha equipe, e equipe boa, não era equipe que você chegava e tinha uma lá [apenas uma ou duas jogadoras boas] não! A gente tinha que sair daqui e dar cabeçada para ganhar jogos, porque de cada Estado, quando você ia para a seleção, tinha três, quatro. Nós aqui de Sorocaba do Estado de São Paulo [...], a gente dava cinco jogadoras da seleção! Fora isso, do nosso Estado tinha a Maria Helena, a Heleninha, [...], a Norminha, tinha a Nadir Bazzani [...], e só de Sorocaba iam cinco. Agora, e as outras dentro do estado? Então, quando formava a seleção era um corre-corre que Deus o livre! Para ficar lá tinha que ser bom mesmo! (sic).

Em 1959, Benedita casou-se, e ela teve seu primeiro filho em 1960. Foi convocada em 1964 para a seleção brasileira e ficou cinco anos sem ser convocada, voltando apenas em 1971 para disputar o Mundial:

[...] eu participei em 64 da seleção que foi para o Chile, e depois disso nunca mais me convocaram, eu fiquei cinco anos afastada da seleção. [Não havia um motivo claro] eles convocavam, convocavam, e eu [nada] não [entendia] porque não me convocavam. Achava que eu não estava à altura. Porque tinham muitas jogadoras boas, então eu achava que eu nunca estava à altura e me conformava. Eu não queria saber o porquê. Só que em 1971 eu tinha sido considerada a melhor jogadora do Estado, a melhor jogadora de todos os jogos abertos, de todos os jogos! Saiu a convocação e nada de mim! Daí eu cheguei e falei para o meu técnico: - Escuta, vocês não receberam a convocação, a minha convocação para a seleção? - Eu sou jogadora conhecida e minha convocação não saiu! - Por quê? Vocês não seguraram? Não tem alguma carta aí que eu não estou sabendo? Ele respondeu: - Não! Não veio nada. Daí o meu técnico falou: - Ah! Você não está sabendo por que você não é convocada? Eu falei: - Não! Ele falou: - É porque você é casada! Não convém você ficar na equipe porque você tira lugar de outra. Deu para você entender ou não? Eu falei: - Meu Deus do céu! Que culpa tenho eu de ser casada? Não é verdade? Aí foi quando eu escrevi uma carta para a Confederação e imediatamente veio a convocação. Foi assim que fui convocada para 1971, em rebeldia, porque tive que escrever para dizer que quando meu filho tinha meses de idade eles me convocaram e eu fui. E agora que ele estava com 10 anos de idade, eu [estava sendo] escovada da seleção! Foi aí que eles abriram o olho e me chamaram. (sic).

Muitos problemas marcaram a participação de Benedita na seleção brasileira, todavia nada poderia tê-la afastado da conquista de participar do Mundial de 1971. Os problemas pessoais, mau-entendimento por parte de algumas colegas e até mesmo de sua situação de mãe e esposa não tiraram de Benedita a percepção da “seleção de ouro” da qual fez parte:

[...] minha trajetória para a seleção é muito complicada, [mas] esta seleção foi

demais. Essa foi a seleção de ouro! Porque [...] a gente se uniu mesmo, foi uma coisa maravilhosa. Porque antes de eu ir para lá, nós tivemos o Mundial em São Paulo, e depois nós fomos para o Pan-Americano, então, aquela mesma turma se apegou, se juntou, elas também pediram desculpas por terem me afastado cinco anos da seleção. Vieram para mim e disseram: - Olha! Se a gente soubesse que você era esse tipo de gente, uma pessoa compreensiva, você estaria sempre com a gente. Porque eu dei a maior força para elas, dentro do que existiu nas concentrações, de tudo. Eu sempre falava: - Olha gente! Vamos nos unir, não vamos brigar, deixa isso! Eram coisas que aconteciam dentro da concentração. Então, elas me pediram desculpas por tudo o que elas deixaram de me levar, porque achavam que eu não podia estar no meio delas. (sic).

Os grandes problemas de relacionamento humano deveriam ser colocados de lado em prol de um objetivo maior que era o de ganhar o Mundial. Muitas vezes, os desentendimentos provocados, ao invés de prejudicar a performance do time, uniam mais as jogadoras e, como consequência, o time obtinha sucesso. Um exemplo, citado por Benedita, foi o jogo contra Cuba no Pan-Americano de 1971 em Cali na Colômbia:

O técnico era o Brito Cunha. O supervisor era o Pagan. Só que quando foi para a gente embarcar, o Brito não pôde ir, então ficou o Pagan. Daí trouxeram o Barbosa. Puseram o Barbosa como o 20. Foi por isso que o Pagan se revelou como astro. No último jogo nosso lá, no Pan-Americano de 1971, em que estávamos perdendo, você pode perguntar para qualquer uma delas, elas vão te dizer, elas vão cantar isso para você: - Foi o banco que ganhou o jogo, porque ele tinha desistido de dar até ordens técnicas para a gente dentro da quadra. Ele tinha desistido, e nós começamos [a] gritar. Foi contra Cuba. Ele dizia assim: - Agora tá perdido! A Marlene falou: - Tá perdido não! Espera aí! Levantou no banco, começou a gritar e nós fizemos o maior berreiro. [...] como as meninas eram novas, elas ficaram apavoradas. [...] a gente gritava ali no banco, gritava, fazia aquele escarcéu. E quando elas desciam, elas ficavam atordoadas, elas não sabiam o que fazer com a bola. E ali nós ganhamos o jogo [...]. E daí quando ele chegou aqui, ele foi o primeiro a sair do avião e levantar a mão: Eeeeh! Campeão! (sic).

As conquistas do ano de 1971 deram às jogadoras da seleção brasileira de basquetebol a fama inesperada, a qual algumas jogadoras já tinham conquistado, e isto foi devido à ampla divulgação:

No nosso tempo todo mundo conhecia. O time de Sorocaba quando ia para o Rio de Janeiro, [...] o nosso ônibus ficava rodeado de gente para ver a gente descer, e a gente não era nada! Nós simplesmente éramos jogadoras de basquetebol que jogavam, mas o estilo de jogo nosso era que nem formiguinha, que dava

baile nas grandes. Então, para eles era festa! (sic).

Não havia diferença de treinamento ou a imagem de uma equipe mais bem treinada, uma jogadora mais famosa que a outra, ou preleções. A seleção brasileira representava o país e não um ou outro estado:

Esse basquetebol que nós jogamos, eu digo nós, assim, Heleninha, Maria Helena, todas, o estado todo, que a gente sabe que virou todo o estado, a gente conseguiu levar um pouco, para cada lugar, um pouco de alguma coisa para alguém aparecer. (sic).

O treinamento recebido na seleção brasileira, segundo Benedita, não foi diferente daquele que já vinha sendo feito pela equipe do Votorantim, e isto tem apenas um fundamento:

O treinamento apenas é uma consequência de que você tem que ficar bem desenvolvida para fazer um lance livre, para você não errar lance livre, para você não errar bandeja. Aquele treinamento é constante, você tem que bater naquela tecla, a tecla é aquela e você tem que bater. Agora, técnica você aprende quando você começa a jogar. Técnica é uma coisa que você aprende quando você é criança, você está começando você aprende. É que nem andar de bicicleta, nadar. Você aprende e não esquece mais. Então, é isso que eu acho. Hoje não se ensina mais técnica, só ensinam você correr, jogar bola, fazer um drible, passar e jogar a bola na cesta, e não é isso! O basquetebol é técnico. É técnico e jogado em equipe! Não é um só jogador. Porque em toda vida, todos os lugares que eu joguei – eu joguei no XV de Piracicaba, eu joguei no Corinthians Paulista, joguei no Brando de Porto Feliz junto com a Odila – então, técnica é uma coisa que você tem que ter na cabeça. Uma coisa que na hora você tem que ter cabeça para decidir o que fazer. Porque se você não tiver com aquilo dentro da tua cuca, você não faz. Então, essas coisas que acho que estão faltando hoje, todo mundo quer pegar a bola e ir para a cesta, sabe que lá são dois pontos. Mas não é só isso, você tem que saber servir um amigo, você tem que saber onde ele corre, por onde ele corre, por onde ele vai. Eu, na minha equipe, eu fechava o olho e dava a bola de olho fechado, porque eu sabia que a outra ia correr lá e pegar! São essas coisas que a gente tem. Quando eu jogava junto, na seleção, com a Ritinha, nós fazíamos chover. Quando eu pegava a bola embaixo da cesta, ela estava embaixo da outra. Ela sabia que eu mandava a bola direitinho na mão dela. São essas coisas que hoje não existem mais, cada um quer chegar perto da cesta com a bola na mão, para ser mais focalizado. (sic).

As jogadoras tinham um compromisso com o time, e esta união extrapolava os limites da quadra de treino. Mesmo envolvidas em campeonatos interestaduais, certas jogadoras prestavam atenção em outras atletas e investigavam maneiras para que elas fossem agregadas

aos seus times de origem. Para ilustrar essa afirmação, Benedita nos conta sobre a descoberta de uma certa jogadora baiana:

Numa das seleções que nós fomos fazer – seleção paulista – nós fomos para a Bahia, a Maria Helena e Heleninha gostaram da Simone na Bahia. Falaram: - Ah! Vamos levá-la para Piracicaba porque é dessas meninas raçudas que estamos precisando. Então, para o XV de Piracicaba, elas puseram o endereço tudo e depois entraram em contato com a Simone. Foi quando a Simone foi para Piracicaba e permaneceu em Piracicaba até ser convocada para a seleção. E eu joguei um ano em Piracicaba. Elas [Simone e Cleonice] jogavam bem. Porque, eu acho, que se elas não fossem tão bem, elas não ficariam até o fim quase. Elas não iriam ficar até o fim. [Ficaram] porque jogavam, jogavam mesmo, se não jogasse saía mesmo, não tinha proteção. E a Simone quando ela foi dispensada, foi quando nós viemos aqui para São Paulo e o quarto estava entre ela e mim. Então, quando nós viemos aqui para São Paulo, ela teve a infelicidade de torcer o pé, e daí automaticamente ficou fora porque não podia contar com ela, porque estava a poucos dias de ser aceita a inscrição, e ela teve que ser afastada da seleção. Porque na posição que eu jogo, tinha a Norminha, tinha a Laís e tinha a Elzinha, tinha as três jogadoras, a Heleninha, a Norminha e a Laís, que eram as três armadoras e eu também era armadora, só que na equipe de Sorocaba eu sempre joguei como coringa. Jogava em todas as posições, até de pivô eu jogava, então como a Simone saiu, eu permaneci. (sic).

Benedita parou de jogar em 1971. Logo depois do Pan-Americano, continuou com uma escolinha de basquetebol, apenas para promover o ensino do esporte, sem objetivos de formar equipes. Benedita acredita na educação como fonte primeira de incentivo ao basquetebol. Ela aposta nisso, quando desafiada a mudar o basquetebol:

Eufaria aquilo que foi feito quando eu comecei. Porque o que falta para as crianças é o apoio de ter um lugar para ir e fazer alguma coisa e não ficar na rua. Estas crianças geralmente [não é que eu sou contra] mais pobres têm mais interesse de fazer esse tipo de coisa, de frequentar escolinha gratuita, essas coisas, porque quem tem dinheiro vai para clube e quem não tem dinheiro tem que ter essas [escolinhas para ir], e hoje não tem mais isso. Eu faria tudo aquilo que quando comecei eu encontrei, porque eu tive oportunidade de trabalhar com equipes menores aqui em Sorocaba por muito tempo, quando eu trabalhei na prefeitura, e eu fiz isso. E quase que eu levantei uma equipe de Sorocaba, mas depois como veio outro prefeito, veio outro secretário [e decidiram] vamos tirá-la e pôr outra [pessoa] – quer dizer... então... tem essas coisas que a gente também tem que levar pela vida. E acabaram com a equipe, já tinha masculino e feminino. Eu dava aula para [as equipes] masculina e feminina. Dentre os meninos, teve um que foi jogar no Palmeiras, agora ele voltou, está jogando aqui na seleção de

Sorocaba. Ele joga aqui. Noutro dia, eu o encontrei ele falou: - Oi Dona Bê! Eu falei: - Ai meu Deus! Esse moço, esse homem me chamando de Dona Bê. Ele é um dos jogadores do time que está participando hoje do basquetebol de Sorocaba. Tive vários meninos, mas como não tinha continuidade eles foram parando. E esse teve a felicidade de ir embora para o Palmeiras, jogou pelo Palmeiras, pelo Corinthians, e agora está aqui em Sorocaba. Nós temos aí Hortência, Paula e a Janeth. A Janeth foi para os Estados Unidos, a Paula e a outra se tornaram empresárias. Pouco se apareceu de meninas para serem realmente um espelho para a nossa criançada que está aí na escola. Eles só viram Janeth, Paula e Hortência jogarem! Se você perguntar para alguma criança, eles só conhecem isso daí, só que eles não conhecem as outras jogadoras. Não conhecem. Se você perguntar:- Quem é a jogadora? – É só Paula, Hortência e Janeth – Só três jogadoras! E no nosso tempo não tinha isso. Aquilo era que nem esse menino do Santos agora, o Robinho, que faz entortar. Nós vimos o Pelé entortar, agora está fazendo o Robinho. A gente vê que é um espelho do Pelé, e é isso que é importante no esporte, as crianças terem um espelho. Porque se eles não tiverem um espelho, eles vão ter um espelho de quem? Do que está acontecendo aí? Eu vejo o esporte dessa maneira. Tem que divulgar mais, tem que fazer coisa séria para a criançada, porque a criançada leva a sério! Se eu tivesse o poder na mão, eu faria isso [escolinhas de esporte], para diminuir um pouco essa violência que estamos vivendo hoje, porque [se] a criança vai para [...] uma escolinha ela aprende, ela se educa, ela começa a respeitar um ao outro. É o que a gente não vê hoje nessa criança dentro de uma escola, respeitando um ao outro. Elas querem se engalfinhar, ser o bom, ser o tal. Seria ali, na quadra, eu acho que eles se desfazem daquilo que são e dedicam-se pelo esporte, seja basquetebol, seja natação, seja atletismo, seja o que for! Eu acho que tinha que ter muito esporte para essa criançada. Só assim nós vamos combater esse mundo cão que estamos vivendo. (sic).



Benedita - 2005

Nadir Bazzani



Nadir - 1971

Se só com seus dons
Esses meninos são tão bons
Deixando de ser sós
Que histórias vão contar por nós?

Ivan Lins e Celso Viáfora

Em Mirassol, aos cinco de agosto de 1938, veio ao mundo Nadir Bazzani. Filha de Olivério Bazzani, um proeminente jogador de futebol do Clube Corinthians. Nadir cresceu alheia ao esporte, principalmente por ser menina em meio a dois irmãos futebolistas. - Futebol não era coisa de menina! Nadir adorava as brincadeiras ao ar livre, curtia a natureza e nem se preocupava com a bola, até um dia em que foi descoberta pela sua professora de Educação Física como um talento nato para o basquetebol:

Eu comecei a jogar o basquete quando eu estava no ginásio. Porque até então meu negócio era brincar com as crianças, curtir a natureza. Eu nunca me importei com o esporte. Meus irmãos já praticavam o futebol, mas eu vivia alheia. E a minha professora de Educação Física nas primeiras aulas que eu tive, quando eu fui para o ginásio, ela achou que eu tinha um porte bom. Eu tinha habilidade e tudo. E foi ela quem me levou para o basquete. O nome dela é Lígia Talla. Ela faleceu no ano passado e ela é uma pessoa, assim, que eu tenho no meu coração até hoje. Porque foi ela quem abriu os horizontes, assim, para a minha vida. Ela que me incentivou. Aí eu comecei a jogar, eu nem tinha noção do que era o basquete. Para falar a verdade, eu fui levada. Eu fui induzida para o basquete. Não que eu tinha, assim, uma opção para escolher um esporte. Meu pai, por exemplo, jogou futebol no Corinthians, jogou futebol no interior. Meu pai foi um grande jogador de futebol. Meus outros dois irmãos também se projetaram no futebol. Foram profissionais. O outro trabalha até hoje no Ferroviária, o outro jogou no São Paulo, jogou em Sorocaba. E eu fui induzida pela minha professora de Educação Física. Porque até então, na época, eu era criança e tudo. Eu nunca tive oportunidade, porque a gente não tinha aquele meio de comunicação que nós temos hoje. Que você pode curtir basquete, voleibol. O número de informação que nós temos hoje é muito grande. E as crianças desde pequenas já crescem curtindo tudo isto. A criança tem opção de falar: - Eu gostaria de fazer isto, de fazer aquilo. Ou: - Eu gostaria de praticar tal esporte. E na minha época não havia isto. E a minha diversão era aqueles folguedos, aquela brincadeira de criança. Uma coisa assim, que hoje em dia, pelo que a gente sente, as crianças não têm esta oportunidade tanto quanto eu tive. O meu negócio, por exemplo, era brincar na rua. Era montar a cavalo, bem coisa do interior mesmo. Chegava a tarde nós tomávamos banho e reuníamos aquela criançada. Eu ficava brincando de passar anel. Eu não tive assim [a percepção] que eu poderia ser uma jogadora de basquete. Eu sempre gostei de esporte. Quando eu comecei a descobrir o que eu poderia fazer com o meu corpo, com a minha vontade, com a minha mente, numa disputa, que nem bola queimada, foi aí que minha professora me convidou para o basquete. Porque eu sobressaía sobre todas as meninas que estavam, sabe. Eu acho que eu vim predestinada a ser uma jogadora, ou seja, de basquete ou de voleibol. Não sei. Mas que eu tinha que ser uma atleta isto era óbvio. Porque desde o começo que eu entrei na Educação Física que eu desponteí, assim, entre as meninas. E logo

em seguida, nós formamos um time lá. A gente começou a disputar os jogos regionais. E eu era bem crua. [...] eu estava com uns quatorze anos. E daí, nos jogos regionais, começou aquela projeção de Mirassol. Nosso time começou a aparecer dentro do esporte. Aí nós já passamos para os jogos abertos. Dos jogos abertos a gente teve uma participação muito brilhante. Foi a maior festa porque fomos bicampeãs. (sic).

Com o clube de Mirassol, Nadir participou dos Jogos Abertos, e nessas competições foi observada atentamente por Campineiro, o técnico da seleção paulista, na época:

O Campineiro me viu jogando nos Jogos Abertos em Bauru. E nosso time foi vice-campeão em Bauru. Inclusive nós fizemos a final com eles. Nós vencemos, por exemplo, o time de Santos, que era um time muito forte, time da Zilah, da Heleninha, e Mirassol apareceu da noite para o dia para o basquete. O Campineiro, então, me convidou para ir para a seleção paulista. Eu acho que não foi tão difícil, porque a gente foi um objetivo. Uma vez você ser convidada para ser convocada para uma seleção, Mirassol ficou em festa. Porque fui a primeira atleta [de Mirassol] a ser convocada para uma seleção paulista. Então, eu ganhei um presente. E você fica motivada para aquilo. E eu fui sem me preocupar com o que poderia acontecer. Porque, até então, eu não havia participado de seleção nenhuma, eu nem sabia qual era o esquema. Eu sabia que eu talvez teria que lutar para conseguir ficar entre as 12. Mas eu fui, assim, despreocupada de ser cortada. Eu queria era vivenciar uma experiência nova. E eu, graças a Deus, sempre me dei bem nisto. (sic).

Quando menos esperava, Nadir já se via na seleção paulista e, de repente, na seleção brasileira:

Quando eu vi, eu estava na seleção paulista, seleção brasileira, viajando pelo mundo. E uma coisa que, para mim, foi a maior surpresa. Para a minha primeira convocação, eu fui como experiência. Houve um Pré-Mundial aqui em São Paulo, no DEF, e pra variar, eu jogava de pivô com esta altura que eu tenho - eu tenho 1,68. Então, imagina: - Quem me marcava? - A Marlene. E [depois de treinar com] a Marlene me marcando, ninguém me segurava. Eu tinha muita agilidade. Saíram reportagens falando da minha atuação naquele Pré-Mundial. E o Senhor Antenor me viu e falou: - Vamos levar esta menina que nós vamos começar prepará-la para futuramente competir. E foi na época que teve aquela gripe coreana, que derrubou um monte de gente na seleção. E eu não peguei, graças a Deus. Como eu estava ali como experiência e tudo, e eu pude até ajudar, porque começou faltar jogadoras para continuar o treinamento, porque esta gripe (...) pegou todo mundo. E foi para o Mundial que houve aqui no Rio de Janeiro em 1957. A minha primeira convocação teve momentos muito engra-

çados. Olha, se houve festa em Mirassol [para a convocação na seleção paulista], quando foi para a seleção brasileira, foi mais interessante ainda, por vários motivos: - Primeiro, porque para um atleta chegar na final de uma seleção brasileira, numa cidadezinha que era deste tamanho, foi um fato, assim, inédito. E quando eu cheguei na seleção brasileira, pelo meu sotaque você sentia o que ia acontecer. As pessoas tiravam sarro, brincavam com meu sotaque. E eu levei na esportiva. Porque eu sabia que ia enfrentar certas coisas. Mas não foi um preconceito por eu ser caipira. Foi a maneira que acharam para... eles nunca tinham convivido com pessoas que tinham vindo de tão longe. E a maneira de falar foi que impressionou a turma do Rio. Meu primeiro técnico foi o Senhor Antenor Horta. Uma pessoa que eu sempre admirei, e tanto é que ele colocou pessoas, assim, que estavam mais tempo na seleção para que me orientassem quando eu saísse dos treinos, porque ele viu que eu era uma caipira mesmo de primeira mão. Porque até então, eu morava ainda em Mirassol. Mas foi uma experiência gostosa. Depois fui me adaptando. (sic).

Com a rapidez em que se movia no esporte, as dificuldades e os preconceitos que existiam não fizeram parte importante de sua vida no basquetebol:

Não havia preconceito [na seleção paulista]. Depois na seleção brasileira eu senti isto. Porque a seleção paulista era uma coisa e a seleção brasileira era outra. A seleção paulista você disputa no teu estado. Então, o pessoal era mais amigo. Não que na seleção brasileira não houvesse isto. Eu tive, assim, uma disputa sem maldade. A competição leva você a isto. Não que houvesse preconceito de falar porque a Nadir é de família negra, vamos fazer com que ela fique fora. Não havia isto. O preconceito era de ser mulher e jogar basquetebol, que na época em que eu comecei tinha. Porque inclusive meus próprios pais, eles não queriam que eu viajasse. Achavam bonito eu sair, me aventurar. A primeira viagem que eu fiz com o time de Mirassol teve que ir até o presidente do clube pedir para os meus pais permissão. Porque eles tinham aquele apego de não vai porque é mulher. Mas ele [o presidente] dizia: - O senhor pode ficar despreocupado que a gente se responsabiliza. Daí, aos poucos, e como meu pai foi atleta, ele entendia mais do que minha mãe. Minha mãe era a que colocava mais resistência. (sic).

Assim que Nadir começou a se projetar no basquetebol, veio o convite para fazer parte da equipe do Corinthians, que estava começando a se formar. A ida para São Paulo somente foi possível devido à mudança de uma família que teve três irmãs contratadas ao mesmo tempo: laços do destinos que guiaram Nadir para outras aventuras:

Lá em Mirassol, foi assim: - Eram três irmãs dentro de uma mesma família, eu e minha irmã dentro de uma outra família. [...]. O Corinthians convidou-nos

para formar um time aqui. E desta família que vieram as três irmãs tinha mais uma irmã que jogava também basquete e o Corinthians trouxe esta família e eles me trouxeram junto. A minha irmã não foi. Então, nós formamos o time do Corinthians praticamente com as quatro irmãs e eu. Havia também outras jogadoras que o Corinthians já tinha. Aí meu irmão veio jogar futebol no Corinthians e eu fiquei morando com ele, perto do Corinthians. Foi assim que eu vim para o Corinthians, e lá nós tivemos, assim, grandes vitórias. Foi uma época de ouro para mim. Ganhamos muitos campeonatos. No Corinthians, eu fiquei de vez em São Paulo. Eu nunca mais voltei para Mirassol. Quando eu vim para o Corinthians eu ainda estava fazendo o Normal. Eu terminei o meu estudo no colégio Nossa Senhora da Penha e logo depois eu recebi convite para ir para o Palmeiras. Fui para o Palmeiras. Fiquei, não sei quanto tempo no Palmeiras, jogando. Depois do Palmeiras eu fui para Sorocaba. Passei uma temporada em Sorocaba. Depois de Sorocaba eu fui para Piracicaba, onde para minha vida foi maravilhoso. A época em que eu disputei os jogos lá foi uma época em que tinha um time, assim, maravilhoso. Aí saí do XV [de Piracicaba] e fui para o Rio de Janeiro jogar no Flamengo. Houve o campeonato internacional das estrelas em Piracicaba, e lá o Flamengo me convidou para ir jogar. Eu, como queria conhecer tudo, eu fui. Aí joguei lá no Flamengo. Eu voltei para São Paulo depois e então a Pirelli me procurou. Eu fui para a Pirelli e nunca mais mudei de time. Continuei trabalhando na prefeitura de Santo André, onde formamos um time do qual a Odila também participou. Nós formamos um time ali maravilhoso. E em São Caetano formou um outro time, com a Heleninha, a Marlene a Norma, a Delcy. Então, isto era uma guerra, e foi guerra mesmo, porque era seleção de um lado e seleção do outro, não é? Era Santo André versus São Caetano sempre. E era gostosa esta época. Muito mesmo. Foi uma época de ouro para a gente. Nós morávamos em Santo André. A Pirelli alugou um apartamento. A Odila morava com as irmãs. E eu, a Laís, a Nilza, que às vezes também vinha e ficava. Depois nós passamos para uma casa. A Pirelli sempre deu muito apoio para a gente. E a gente sempre foi unida, tanto no serviço quanto na quadra, a gente sempre jogou junto e a gente sempre trabalhou junto [...], nós vivíamos como uma família. (sic).

A família mostrava o lado mais forte das jogadoras que era a cumplicidade como resultado de uma união de irmãs, que vivem na mesma casa, dividem quartos, dores, alegrias e momentos de descontração:

A gente aprontava muita bagunça. Minha filha, éramos todas crianças e a gente aprontava muitas brincadeiras. A gente não deixava cair na monotonia. Por exemplo, logo quando eu fui para a seleção... Lá estavam a Norminha, a Angelina, a turma era, na sua maior parte, do Rio de Janeiro. Nós ficamos concentradas na Vila Teresa, e a Norminha para variar disse: - Vamos fazer

uma brincadeira [...] de pega-pega no escuro. O Senhor Antenor Horta era o técnico! E o que a gente fazia? Todo mundo entrou no quarto e colocou uma venda naquela que ia entrar no quarto. Mesmo no escuro. Pelo tato ela tinha que descobrir quem era a que estava na sua frente. E numa determinada hora, nós entramos debaixo de um colchão e a cama arriou e teve gente que se machucou. E como o pessoal do Senhor Antenor ficava na parte de baixo, eles ouviram aquele barulho que a cama quebrou e todo mundo subiu. O pessoal contou para o Senhor Antenor no dia seguinte. O Senhor Antenor, quando ficava bravo, ele ficava vermelho que nem um pimentão. Assim, logo depois do café da manhã, ele colocou-nos numa roda e disse: - Eu fiquei sabendo do que aconteceu ontem à noite. Quero saber quem foi o cabeça de tudo isto? Todo mundo ficou mudo. E ele ficava cada vez mais vermelho. - E você acha que a gente ia dedurar alguém? E era a Norma que tinha feito esta brincadeira. Não me lembro bem se foi a Norma ou uma menina que eu também não me lembro o nome, pois ela era de um outro estado também. Mas a Norminha estava nesta confusão. Daí, ele disse assim: - Bom, se vocês não falarem para mim quem foi, eu vou dispensar todo mundo. Então a Marli virou e disse: - Sinto muito Senhor Antenor, o senhor vai dispensar todo mundo, porque todo mundo participou da brincadeira e todo mundo gostou. Foi uma fatalidade o que aconteceu. Aí, no fim, ele acabou dando risada, e disse: - Me admira a sinceridade de vocês, a amizade de vocês. Vocês realmente são unidas. [...] a gente aprontava muito. Era muito tempo confinada e a gente tinha que se dar bem. Senão começava um stress muito grande. (sic).

Em 1965, Nadir entrou para a história do olimpismo ao fazer parte da mesma equipe que disputou os dois jogos contra a Tchecoslováquia, tornando possível para as futuras gerações a participação nos Jogos Olímpicos:

Em 1965, nós fizemos uma turnê para que o basquete fosse introduzido nos Jogos Olímpicos. Eu não me lembro assim dos lugares. Foi muito gostoso porque nós tivemos uma oportunidade ímpar de crescer mais, porque você enfrentava seleções que até então você não havia jogado contra. Nós sabíamos qualquer coisa sim, que nós estávamos fazendo o jogo. [...] Que nós íamos fazer esta partida entre Brasil e Tchecoslováquia. Se não me engano, eles queriam ver o nível das seleções para que o basquetebol feminino fosse introduzido nos Jogos Olímpicos. (sic).

Outro evento que marcou sua participação na história do basquetebol feminino foi a participação na seleção brasileira que disputou o VI Campeonato Mundial no centro do Ginásio Ibirapuera. Nadir estava em casa, conhecia todo o grupo e todo o treinamento lhe era muito familiar:

O sistema sempre foi o mesmo. Como a gente já se conhecia há anos, era uma festa quando a gente se encontrava. Os treinamentos sempre foram os mesmos. O tratamento entre jogadoras sempre foi o mesmo. Quer dizer, nada mudou e sempre tinha uma apoiando a outra. A gente sempre partiu da premissa que vai aquela que tiver em melhores condições. Nesta época, você já não via assim preferência por grupinhos, como havia antigamente, na maior parte do Rio e São Paulo. Somente ia [disputar os jogos] quem tivesse mesmo em condições. A gente se entrosou de vez neste Mundial de 1971. Nesta época, esta turma já morava em São Paulo. A gente brigava e ao mesmo tempo uma dava força para a outra. Quando a gente chegou no Quitandinha, o máximo que eu acho que já chegou, foram quatro para serem cortadas. Quando a gente chegou no Quitandinha, o treinamento já estava, acho, que mais ou menos definido. Eu acho. Quando eles convocam, eles já levam. Simone e Cleonice não foram inscritas. Mas eles sempre fizeram isto. Teve uma vez, uma menina que jogava na posição da Laís que foi para a seleção, mas ela teve que operar o joelho. Eles iam garimpando. Quando a gente chegou em Petrópolis a gente já estava em quatorze. (sic).

As quatorze jogadoras dirigiram-se para São Paulo, permaneceram um grupo forte, unido e que se apoiava em todos os momentos. O Mundial de 1971 estreitou o laço entre as jogadoras, reafirmou a importância do basquetebol feminino para o público brasileiro e abriu caminho para as gerações seguintes, as quais se distanciam muito do modelo de basquetebol jogado e vivido pela geração de Nadir:

Olha o basquete evoluiu muito desde a nossa época. Eu acho que a gente abriu, assim, os horizontes para estas meninas. Eu acho que elas [...] foram mais favorecidas em questão de altura, porque [em termos de] capacidade, habilidade no basquete, nós tivemos jogadoras de nível muito melhor do que muitas delas hoje. Só que o nosso problema era altura. Estas meninas que estão jogando basquete hoje, elas são umas meninonas de dois metros, coisa que na nossa época a maior jogadora que nós tínhamos era a Nilza que tinha 1,80. Eu acho que elas foram beneficiadas nesta questão. Tanto é que quando a Hortência e a Paula surgiram, elas chegaram a ser campeãs mundiais. A altura favoreceu muito elas. Nós tínhamos que tomar decisões com muita habilidade por sermos menores. E outra coisa, na nossa época nós jogávamos por amor à camisa. Porque não havia assim [salário]. Quando a gente estudava, eles davam uma ajuda de custo, mas não era o que estas meninas recebem hoje. Estas meninas vivem profissionalmente, jogando basquete hoje. Na nossa época não tinha isto. Elas foram agraciadas pela época que elas estão hoje. Porque elas estão fazendo a vida delas através do basquete. E nós tínhamos que trabalhar. (sic).

O basquetebol feminino se profissionalizou, mas não emplacou. Falta muita coisa para se ter

o mesma empolgação da torcida brasileira: falta divulgação, patrocínio e o investimento em turmas mais jovens. Existe ainda um ponto a ressaltar, que é a educação para um esporte nacional de garra, que pague aos seus atletas o que lhes é devido, mas que exija o compromisso com o país e com as cores que o atleta carrega no peito, como o fez Nadir e suas companheiras por tanto tempo e em tantas competições:

O que nós estamos precisando hoje é defender o Brasil com amor, como a gente sempre defendeu. E não pensar só no bem-estar monetário. Eu acho que além de você viver profissionalmente, você tem que pensar que você está defendendo a honra de um país. Valorizar o que o Brasil é. Valorizar o que se tem aqui. (sic).

Nadir, que não jogou profissionalmente, e enquanto jogava se preparava para o futuro além do esporte. Defender o Brasil foi um motivo de honra, e por defendê-lo teve a oportunidade, junto com outras jogadoras, de cursar Educação Física em Santos. Ela parou de jogar em 1978:

Eu fiz Educação Física, Pedagogia e fiz curso de especialização. Nós não paramos. Eu parei de jogar em 1978 ou 1980. Chegou o tempo de eu parar. Eu me lembro que a gente ia disputar um campeonato estadual e nós estávamos treinando. De repente, eu me invoquei com o Paulo, fui para o banheiro, tomei meu banho, peguei minha camisa, arrumei minhas coisas e falei: - De hoje em diante, eu não vou mais jogar na Pirelli. Virei as costas e fui embora. Fui cuidar da minha vida. Foi assim que eu parei. Eu achei que estava no momento de parar. Continuei trabalhando na prefeitura, dando aulas. Aí eu passei como dirigente, instrutora de Educação Física dentro da prefeitura, e dirigente do Centro de Educação Infantil que hoje se chama CEAR. Eu fiz de tudo um pouco nesta prefeitura. Eu comecei dando aula na pré-escola, depois eu fui para o esporte, passei a ser dirigente do CEAR. Depois passei a ser dirigente dos clubes esportivos dentro do CEAR. E foi assim que eu me aposentei: como coordenadora de esporte. Minha trajetória de vida foi esta. Me aposentei satisfeita com a minha vida profissional. (sic).

Realizada Nadir sempre agradece pela oportunidade que teve:

Eu só tenho que agradecer a oportunidade que Deus me deu de viver esta fase da minha vida, de conhecer uma parte do mundo, viajar, conhecer outras culturas, povos diferentes. As amizades que eu conquistei dentro do Esporte. Eu sou uma pessoa realizada neste sentido. Dentro do esporte, eu consegui realmente o que eu queria. Os objetivos que eu queria na minha vida era ter uma aposentadoria digna para viver o resto da minha vida, de ter um lar que fosse meu, de ter carro, de ter as coisas que eu gosto, de poder ajudar a minha família. E, graças a Deus, o esporte me proporcionou tudo isto. Mas foi com muito esforço, com

muita abnegação, muita dedicação. Nossa trajetória não foi fácil não. Mas é aquilo, sem luta, você não consegue! A gente nunca deve perder a esperança de realizar os sonhos. A gente sempre tem que sonhar para ser alguém nesta vida. Eu nunca perdi a fé [de] que um dia realizaria este sonho. Eu estou realizada. Para mim, foi tudo relâmpago. E a minha trajetória foi muito bacana. Desbravei horizontes dentro da minha carreira esportiva, dentro da minha carreira profissional, para a minha própria vida. Porque você passa a valorizar mais o que você vive, no país que você vive, as dificuldades que a gente tem. E foi assim. (sic).



Nadir - 2005

Laís Elena Aranha
da Silva



Laís - 1971

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal

Milton Nascimento

Laís Elena Aranha da Silva nasceu na cidade de Garça, interior de São Paulo, em 11 de março de 1943. Sua infância foi permeada de experiências esportivas oferecidas pelo clube onde frequentava diariamente. O primeiro esporte escolhido por Laís foi a natação:

Eu tive experiência com quase todos os esportes, comecei com natação, até tive uma passagem bastante curiosa. Natação exigia que você treinasse muito, e na minha primeira competição eu já estava a uma piscina na frente do segundo colocado; e era uma piscina meio rasa, eu tomei um gole de água, pus o pé no chão e fui desclassificada. Aí nunca mais eu quis saber de natação. Porque eu já estava com a competição ganha, tinha treinado muito, e daí resolvi que não ia mais nadar. Aí fui fazer um pouco de voleibol; depois do vôlei, fiz futebol. [...] eu jogava com os meninos. Na época, não havia futebol feminino. Imagina... nem existia. Eu jogava muito com os meninos na rua, até no campo da cidade, onde o Garça disputava uma segunda divisão, na preliminar. Um dia, teve um jogo e era jogo de prestígio de bairro e eu era a única menina jogando naquele campo. Eu joguei muito futebol e tive um pouco de tênis também. No interior, naquela época, a minha vida era ficar no clube, então eu fazia tudo, fazia tudo o que tivesse ali. Me convidavam para jogar, eu ia. Eu gostava muito mesmo de esporte, eu não saía da quadra, não saía do campo de futebol, ficava o dia inteirinho no clube. (sic).

O primeiro contato com o basquetebol foi no próprio clube:

O meu primeiro contato foi aqui mesmo, numa dessas vindas e idas ao clube. Uns meninos estavam ali jogando basquetebol e eu pedi para jogar. Entrei ali no meio e gostei, comecei a aprender vendo. Não tinha professor, não tinha nada. No colégio que eu estudava [que era de freiras], um dia eu perguntei para a professora: - Professora por que a senhora não ensina basquetebol? Aí ela se entusiasmou, começou e, resumindo, o time da cidade de Garça era eu, a minha irmã e uma prima minha, e depois outras duas irmãs. Ganhamos vários campeonatos, jogamos vários regionais. Nós já tínhamos conquistado cinco regionais, sempre tivemos um timinho bom. E através dessa professora mesmo, que eu comecei a aprender o basquetebol. [Com ela aprendi] mais [sobre] a parte técnica mesmo, os fundamentos. Ela se chamava Tereza, o sobrenome eu não lembro, mas era a minha professora de Educação Física, Tereza, e aprendi ali com ela o básico. Depois eu me aperfeiçoei quando vim para o Corinthians, que já tinha outras jogadoras de nível. E é por isso que eu digo sempre que o espelho é muito importante no aprendizado, quando você tem um espelho em cima. O esporte começa ali nas escolinhas, depois ele passa por um mirim. Quando ele já está mais centrado no mirim, é muito importante para essas meninas o espelho do alto rendimento lá em cima. Eu comecei a ter esse espelho quando

eu vim para o Corinthians, onde tinham jogadoras melhores que eu, e eu podia aprender muito com elas naqueles momentos que eu passei lá. (sic).

Laís começou a jogar quando tinha entre 13 e 14 anos de idade. Jogou pela cidade até os 17 anos. Nessa época, a cidade de Garça era muito empolgada com o basquetebol, e num determinado momento decidiram levar a equipe do Clube Corinthians para jogar. Quando os técnicos viram Laís, gostaram do talento em potencial que haviam observado. Dessa forma, a jogadora mirim passou a ser uma atleta do Corinthians, onde jogou de 1962 a 1965. Em 1964, veio a convocação para participar pela primeira vez na seleção brasileira:

Quando eu recebi a primeira convocação eu estava no Corinthians. [...] foi uma alegria muito grande, porque eu tinha um período relativamente curto de treinamento. Eu estava jogando basquetebol fazia uns quatro, cinco anos só. A convocação para a seleção brasileira foi uma surpresa mim. Eu não esperava ser chamada, porque antes dessa seleção brasileira, teve uma seleção paulista que eu fui chamada. Ali eu peguei um pouquinho mais de experiência, eu achava que na primeira seleção que fui convocada a chance de ficar seria muito pequena, então eu já fui meio com o pé atrás, achando que eu podia ser uma das jogadoras cortadas. Sempre briguei muito pelo meu lugar. [...] ser uma jogadora vibrante, que busca aquilo que você quer, é meio nato. Você não desenvolve muito enquanto jogadora. Ou a jogadora tem aquela garra, ou ela não tem, e se ela não tem, você tem alguns exercícios que você pode trabalhar muito a defesa para tentar despertar, mas é difícil. O americano mesmo costuma dizer: quem tem esse dom tem, quem não tem... é muito difícil de desenvolver na jogadora aquela garra, aquela vontade de vencer. Os que têm chegam na frente, os que não têm sempre chegam um pouquinho mais atrás. [...] a primeira seleção brasileira [foi] no ano de 1964, para disputar o Mundial no Peru¹. [...] Eu só sei que a Nilza naquela competição, naquele Campeonato Mundial, formou-se entre as cinco melhores jogadoras do mundo. Aquilo foi motivo de muito orgulho para toda a seleção, nós ficamos muito contentes com ela. Realmente ela era uma pivô muito versátil, [...] ela tinha muita técnica. O que foi de bom nesse Mundial, porque o nosso grupo era um grupo muito unido, nós ficamos muito felizes com a indicação dela entre as cinco melhores do mundo. (sic).

Depois de voltar de Lima, Laís ainda ficou um ano no Corinthians e somente depois foi jogar no XV de Piracicaba, onde permaneceu por um curto período de tempo, indo definitivamente para Santo André em 1967, para jogar pelo Clube Atlético Pirelli. As decisões, no entanto, para Laís não eram solitárias. Havia o apoio da família:

A minha família foi muito importante mesmo, porque o meu pai jogou basque-

tebol. Ele jogava em Botucatu, antes de casar. Ele foi um bom jogador, muito bom. Ele não falava nada, sabia que eu gostava de ir para o clube fazer todos os esportes. Ele ficou numa alegria muito grande quando, depois de passar por vários, eu optei por jogar basquetebol. Ele ficou muito contente. A minha mãe sempre acompanhou. Tanto que quando eu vim jogar no Corinthians eles ficaram um ano, já não aguentaram e vieram atrás. Aí já moravam também em um apartamento ali perto do Corinthians. A vida de meu pai e de minha mãe mudou completamente em razão de eu ter vindo embora. Mas a minha irmã jogava também, então ela veio também e já teve uma passagem no Corinthians; jogou comigo aqui no Santo André também. Eles acompanharam muito, sempre acompanharam muito, a minha mãe até hoje [ela tem 82] ela fica brava porque eu não a trago para assistir ao jogo, ela quer sempre acompanhar. Às vezes, a gente vai viajar longe, ela quer ir também. Eles sempre gostaram muito. Meu pai [...] sempre me deixou muito solta. Ele sabia que eu estava no clube, sabia que eu estava bem. Então, ele me incentivava. Só tinha hora para chegar em casa. Se eu não chegasse na hora certa, eu apanhava, mas com relação ao esporte, eles sempre deram a maior força. O meu avô também, ele era meio dono da cidade. [...] ele gostava de me ver jogando futebol na rua, ele comprava jogo de camisa, ele punha o caminhão da fazenda dele para levar o time para jogar. [...] uma família que gostava muito de esporte mesmo. (sic).

Com o incentivo da família, todas as decisões eram mais fáceis, até mesmo quando isso envolveu a escolha entre os estudos e o esporte:

[...] eu fiquei um ano fora de casa [de meus pais] quando eu vim para São Paulo, que minha família ficou. A seleção brasileira exigia muito, você ficava períodos longos fora de casa. Porque, às vezes, o período era grande, tanto é que naquela época, na seleção brasileira, todo ano tinha uma [competição], era Sul-Americano, era uma viagem para a Europa, era um Mundial. Aquilo tomava muito tempo, eu tinha que inclusive fazer uma opção: Ou eu estudava ou ficava servindo à seleção brasileira. Não tinha muito tempo para fazer os dois, então eu falei: - Ah... eu vou ficar jogando basquetebol. Para estudar eu tenho minha vida inteira, então quando eu parar... Hoje eu já não aconselho as meninas a fazerem isso, e elas aceitam. Na verdade, eu não gostava muito de estudar. [...] Na verdade, até daria para conciliar. Eu ficava é procurando uma desculpa, porque eu não gostava de estudar. Tanto é que fui me formar, pouco antes de parar de jogar basquetebol. Eu parei de jogar basquetebol com 32 anos e comecei a fazer faculdade com 28, em Santos, faculdade de Educação Física. Aí eu fui fazer a faculdade, fui prestar vestibular e tudo. E não me arrependo, porque para mim deu certo. O que eu falo, às vezes, para as meninas que jogam comigo hoje, é exatamente isso, o potencial para chegar lá em cima nem todas tem. Quem tem, pode se dar ao luxo de pensar nos estudos depois, porque você

acaba conseguindo ganhar dinheiro com isso, mas quem não tem, não pode ficar pensando só no esporte. Poderá sim ter uma outra visão do esporte. Que seria uma visão do esporte para a vida, para te ensinar muita coisa que o esporte ensina. Eu acho que o esporte é fundamental na vida. Quem faz esporte, acho que tem condições de raciocinar mais rápido, chegar mais rápido. Eu acho que é importante estar estudando, não estar explorando, como por exemplo: - Ah não, mas eu vou ganhar dinheiro com o esporte – poucos ganham dinheiro com o esporte! Só os mais talentosos mesmo [...] isso até no futebol. Nós somos o país do futebol: quem tem menos talento, tem que estudar porque o esporte na vida dessa pessoa com certeza vai ser muito curto. (sic).

As experiências com o esporte iam além da exigência em disciplina, garra e técnica. A viagem à Europa para o jogo demonstração Brasil x Tchecoslováquia em frente aos dirigentes do Comitê Olímpico Internacional proporcionou passagens interessantes, as quais mais do que engraçadas foram também educativas:

[...] a gente era muito moleca mesmo, em uma das idas, nós passamos pela França e nós queríamos conhecer tudo lá na França. [...] nós começamos indo pela praça Pigalle. Teve uma passagem muito curiosa [...]. Nós chegamos em Paris, e o nosso chefe da delegação e o técnico disseram: - Vocês vão dormir e amanhã a gente já começa a pensar em algum passeio. Porque era um período de folga, talvez uns quatro ou cinco dias [...], não me lembro bem quanto tempo. Sei que nós subimos cada uma para o seu quarto, e começamos a reclamar: - Não, nós não vamos dormir. Vamos conhecer a praça Pigalle! Então, esperamos todo mundo se recolher, e tinha uma coitada que era menor de idade, ela se chamava Amelinha, acho que não te falaram dessa menina. Era o primeiro ano que ela estava ali na seleção, então nós falamos: - A Amelinha não pode ir, deixa ela aí, não vamos convidar. Então descemos, nos encontramos no hall do hotel e fomos para conhecer tudo na praça Pigalle. Andamos, assistimos show aqui, outro lá, e era umas 5 horas da manhã resolvemos: - Vamos voltar! - Vamos lá para o hotel, senão depois eles vão perceber que a gente não está. Eu fui uma das últimas a chegar, e quando cheguei, deparei na porta com o chefe da delegação o Senhor Ivan Raposo. Ele estava na porta, quando eu o vi na porta, eu falei: - Oh Senhor Ivan! Que dia lindo! Eu acordei tão cedo. Fui dar uma voltinha só até aqui na esquina para conhecer. Eu estava era chegando aquela hora. Foi uma viagem que em nível de aprendizado foi muito importante. Nós fizemos uma passagem muito boa pela Itália, pela Alemanha, fomos lá conhecer o muro. Foi uma excursão maravilhosa, que não teve um “senão”. A seleção foi muito bem recebida em todos os lugares que passou. O basquetebol feminino, já naquela época, era muito bem conceituado. Fomos escolhidas inclusive para fazer um jogo de apresentação para o COI. Nós fizemos esse jogo lá em Madrid com a seleção da Tchecoslováquia. Nas Olimpíadas seguintes o basquetebol

feminino já poderia ter sido incluído. Eles aprovaram. A seleção brasileira era muito solicitada, porque eles achavam que a técnica das jogadoras brasileiras era uma técnica diferente e que marcava muito, então eles admiravam muito o basquetebol feminino. Depois a gente fez uma outra viagem dessa, na mesma sequência da Tchecoslováquia, aí nós ganhamos o jogo lá. Nós havíamos perdido nesse jogo da exibição, depois nós ganhamos lá. Fizemos também um jogo com a seleção da Alemanha que teve três prorrogações. (sic).

A técnica da seleção feminina, não apenas era traduzida pela performance da equipe, mas também pela potencialidade individual das jogadoras. As características peculiares se juntavam em táticas de jogos e faziam com que as jogadas fossem bem sucedidas. As comparações entre as jogadoras e suas habilidades específicas forneciam o material a ser trabalhado pelo técnico. Mas, a realidade dos fatos é que, em quadra, essas meninas uniam talentos:

Eu fui uma jogadora, [que] se eu for me comparar por exemplo com as titulares Heleninha, Maria Helena, embora Maria Helena não fosse minha posição. Na minha posição jogavam a Heleninha, Elzinha, Benedita. Eu ficaria ali, sendo uma eterna reserva da Heleninha. A Heleninha era mais jogadora que eu, a gente tinha um jogo diferente. Eu era uma jogadora mais impetuosa e a Heleninha mais técnica. [...]. A Heleninha era uma jogadora mais calculista, ela lia melhor o jogo. A gente era bastante diferente nesse aspecto. Ela tinha uma leitura do jogo muito melhor que a minha, ela tinha uma visão periférica muito maior que a minha. [...] Eu encarava. Não é que, por exemplo, que eu estivesse já acomodada como uma jogadora de banco. Eu analisava muito a postura do bom técnico, assuntos que eu tinha com determinado técnico, se eu percebia que ele era um técnico de seis, sete jogadoras só, eu não buscava muito o meu espaço. Pensava que eu não ia jogar mesmo, ajudava nos treinamentos, já não ficava esperando muito não. Eu costumo dizer que me acho muito melhor como técnica que como jogadora. Eu era uma boa jogadora, mas eu não sabia reconhecer que tinha outras jogadoras melhores que eu. Então, não que eu não buscasse o meu lugar, eu buscava, mas depende muito do técnico querer fazer a substituição, de achar que a jogadora... Tanto que no Mundial aqui, a gente fez um pacto entre nós jogadoras: se o técnico não visse que precisava tirar uma determinada jogadora, essa jogadora ia falar que estava com uma dor ali ou aqui, para sair e dar lugar para outra. Porque, muitas vezes, o técnico não tinha essa visão e o time não estava jogando o que podia. Então, era uma tentativa válida e nós éramos muito honestas. O grupo era muito honesto consigo mesmo. Eu acho que a grande diferença do basquetebol de antes com o de agora, é que agora, como envolve muito dinheiro, o ego da jogadora hoje é muito maior que antes. Eu, por exemplo, sempre fui mais desprovida desse ego, nunca fui muito de me impressionar. Por exemplo, você querer ser a melhor é uma coisa natural de todo mundo, todo mundo trabalha para ser o melhor. Mas eu nunca deixei

essa parte do ego me influenciar muito. Eu nunca fui uma jogadora egoísta, muito pelo contrário, sempre fui muito solidária, às vezes até solidária demais, de abrir mão até de coisas, de eu estar jogando em função da outra estar jogando. [...] mas aí, às vezes, era uma batalha grande saber: quem é a melhor jogadora do Brasil? – Ah, é a Norminha. – Não, é a Maria Helena! – Não! É a Delcy!, Nós tínhamos umas estrelas como você tem hoje, só que o ego delas, em relação de uma para a outra, não era tão grande como já foi agora nessas seleções que tinha a Hortência, a Paula. [...] quem é a melhor? A jogadora acaba se influenciando com isso, e ela quer ter esse reconhecimento de qualquer forma. Eu nunca fui muito ligada nesse tipo de reconhecimento, eu nunca me importei muito com isso. Na época, a gente tinha a Maria Helena, que gostava muito de ser reconhecida, a Delcy gostava de ser reconhecida, Norminha, a Nilza. Eram jogadoras mais “pops” do que eu fui. Eu achava que na época entre Maria Helena, Delcy, Heleninha, Norminha, Nilza e Marlene, eram as jogadoras pop, depois tinha a Nanci, a Marlene que era muito boa, a Marly também que era ótima jogadora, mas acho que pop mesmo eram essas seis. (sic).

Para Laís, era muito importante aprender entre as seis, ou entre as quatorze que fizeram a seleção de 1971. O início desse Mundial foi marcado, obviamente, pela convocação e pelas surpresas, como por exemplo, de serem instaladas em um hotel de primeira categoria para disputar os jogos em casa, a recepção do público e tantas outras:

Essa seleção de 71, nós fomos convocadas, fizemos a primeira parte do treinamento no Rio. Ficamos hospedadas em Petrópolis, naquele hotel Quitandinha. - Olha, que luxo! - Imagina! Ficamos no Hotel Quitandinha. A quadra era lá dentro, tinha sauna, tinha massagem. Você estava nos treinamentos, o garçom já estava lá com o carrinho com qualquer tipo de suco. Nós tivemos uma preparação muito boa para o Mundial. Em nível de estrutura, uma estrutura muito grande mesmo. O curioso com relação ao meu basquetebol, é que enquanto nós estivemos no Rio, aconteceu uma coisa inédita na minha carreira: - Eu estava saindo como titular, porque eu sempre me dei muito bem no calor e sempre me dava muito mal no frio. [...] - Que coisa curiosa! Eu saí do Rio, quando nós viemos para fazer o último mês, teve treino dois meses para o Mundial. Nós treinamos um mês no Rio e depois viemos. No último mês, que antecedia a competição, que acho que foi em maio, eu fui para última reserva. Já tinha esfriado, eu sentia muito no frio, eu não conseguia render nada no frio. - Veja você que coisa engraçada: Outras jogadoras, no caso Heleninha, Elzinha, que estavam treinando no time reserva lá no Rio, já passaram a titulares [e] eu já senti muito, rendi tudo o que podia lá no treinamento, lá no Rio. Chegou aqui cá muito de produção e inclusive até joguei muito pouco nesse Mundial [...] em função [...] do técnico ter uma preferência assim... Engraçado é que, às vezes, quando eu entrei eu não correspondi mesmo. Bolas que eu normalmente faria

eu não fiz. Talvez eu tenha atingido meu ponto máximo nos treinamentos lá no Rio e tenha caído aqui. Desde que nós chegamos em São Paulo, a mídia estava muito envolvida com o Mundial, por ele ser aqui em São Paulo, então a gente já começou a ter que descer pelo elevador direto no restaurante, você não conseguia passar no saguão, tanta gente que tinha. Você ia para o ginásio para jogar no Mundial, você tinha que ir com batedores da polícia na frente do ônibus, porque atrás era aquele cortejo. Hoje você não vê isso, mas de jeito nenhum. Você chegava no ginásio, havia fila de gente que para entrar no ginásio, para ver só o treino era uma coisa impressionante! Dentro do Ibirapuera, era uma capacidade máxima, lotado todos os jogos do Brasil. Aquele Mundial aqui foi muito emocionante, porque inclusive na época, eles tinham lançado aquela música de “90 milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração” - Nossa! Então, era de arrepiar. Você entrava na quadra, o Ibirapuera inteiro, na hora que a seleção brasileira entrava na quadra, estava cantando essa música. O governador na época, acho que era o Aldo Natel, mandava flores todos os dias, ele telefonava, ele ia no nosso vestiário. Ele foi no nosso vestiário no jogo da Tchecoslováquia nos desejar boa sorte, ele veio assistir ao jogo, foi no vestiário. Hoje você não vê mais isso. Recebemos telefonema do presidente da república enquanto estávamos no hotel. Nós ficamos em um andar inteiro do hotel. E cada jogo nosso, que nós tivemos a felicidade de irmos vencendo para chegar na fase final, então você tinha na porta toda do nosso andar flores e flores e flores. Todo o dia, uma coisa impressionante! Então, foi mesmo uma coisa maravilhosa esse Mundial aqui, o público se envolveu muito, e inclusive nós tivemos uma época muito boa do basquetebol feminino em São Paulo, em função do Mundial aqui. (sic).

Por muitos anos, esta seleção brasileira trouxe muitos títulos ao país. O reconhecimento, no entanto, veio seguido do entusiasmo da Copa do Mundo de Futebol em que o Brasil foi tricampeão. Até mesmo a música cantada no ginásio do Ibirapuera havia sido composta para a seleção brasileira de futebol. O reconhecimento chegava finalmente, o que de certa forma compensava a honra de ser atleta da seleção brasileira de basquetebol e de jogar pelos clubes mais importantes do país, o que não foi uma tarefa fácil:

Foi um período que exigiu muito de mim, no aspecto físico mesmo e de gostar da coisa, porque não era fácil. Era difícil mesmo, e você ainda tinha que jogar e os campeonatos eram difíceis aqui no ABC. Nós tínhamos os [times de] Santo André, São Caetano e São Bernardo, que eram equipes de ponta mesmo. Tinha, ainda, Piracicaba, onde jogava Maria Helena e Heleninha. A Delcy jogava aqui no São Caetano; a Norminha, a Marlene, eu, a Nilza, Nadir Bazzani jogávamos aqui em Santo André. Então, era um campeonato muito difícil! Mas [...] a gente gostava muito de fazer basquetebol! Porque em nível de estrutura [...], nossa! Não dá nem para comparar com a seleção brasileira hoje. (sic).

As dificuldades, mesmo com o passar do tempo e com algumas conquistas pelas novas gerações, não deixaram de existir. Todavia, hoje em dia, as jogadoras não precisam mais trabalhar em outros empregos que não sejam as horas obrigatórias de treino. Elas recebem para jogar, o que propicia dedicação total ao esporte que defendem. As análises da atual técnica, Laís, apontam para problemas de infraestrutura para o basquetebol feminino, as quais vêm de uma experiência de quem, além de jogadora, soube brigar para poder vencer, e nunca se deixou que os obstáculos parassem sua carreira. Se comparada às seleções das quais participou, quais as diferenças apontadas por Laís?

É uma seleção que até já conseguiu mais títulos que nós conseguimos. É uma seleção que, da época de Hortência para cá, foi também campeã pan-americana. Nós também fomos, fomos até bicampeãs pan-americanas. Na nossa época não tinha Olimpíada. A seleção delas foi medalha de prata nas Olimpíadas, depois medalha de bronze, foi campeã do mundo na Austrália. O basquetebol feminino tem mesmo uma tradição muito grande. Outro dia, estávamos falando sobre isso e eu falei para um repórter: - É engraçado, é uma coisa que você não consegue explicar, mas olha que dado interessante. - Nós temos seis clubes fazendo basquetebol neste país e é aqui em São Paulo. Olha o que você consegue com seis técnicos e mais alguns nas categorias menores: - Com uma quantidade muito pequena de meninas fazendo basquetebol, você consegue ser campeão do mundo, consegue ser campeão pan-americano e consegue ser medalha de prata em uma Olimpíada. E como? Quando a WNBA formou uma seleção nos Estados Unidos e veio jogar aqui, foi um questionamento de uma técnica, ela falou que admirava, que não sabia como o Brasil conseguia chegar onde chegava com tão poucos praticantes e com uma quantidade tão pequena de pessoas trabalhando nisso. Aí você compara com o masculino: - O masculino você pega hoje disputando o campeonato, 18 equipes, você fala: - Poxa! 18 equipes! Para o nível internacional não representa nada. Você pega o feminino tem seis equipes, que no nível internacional tem todos esses títulos e tudo isso, e muito menos gente trabalhando e muito menos gente praticando. No feminino existe a qualidade, que não existe no masculino, pelo menos agora, nesse período, já coisa de 10 anos, porque o masculino não tem conseguido nenhum título de expressão em nível internacional. Então você fala: - Mas o que acontece? - O trabalho é bem feito? - Tem que ser bem feito! Porque se não se trabalhasse bem nessas seis equipes, com certeza, as seleções brasileiras [não teriam conseguido o que conseguiram]. [As jogadoras] saem dos clubes. Hoje nós temos 17 jogadoras jogando na Europa, elas estão entre França, Espanha, Hungria e Itália. São as jogadoras que saíram daqui, do trabalho de base daqui, das categorias menores daqui. Eu não sei nem explicar. Por isso que cada vez mais eu acredito na tradição, eu acho que quando você fez a história, há muito mais chance da história continuar, então o basquetebol feminino tem uma história nesse país e é uma história muito rica. Principalmente, você vê a pequena quantidade de

praticante e a pequena quantidade de pessoas que trabalham com isso, aí você valoriza mais ainda. (sic).

A maior barreira para o basquetebol feminino não é mais provar que é um esporte adequado aos Jogos Olímpicos ou a ser visto pela TV por milhões de brasileiros, mas sim, ter o apoio devido ao seu desenvolvimento dentro do próprio país:

[...] o basquetebol feminino está vivendo um momento muito ruim, mas em função da falta de patrocínio. Eu acho que pessoas qualificadas nós temos [...]. O nosso trabalho de base, embora seja muito pequeno, ele é muito bom. A única coisa que eu acho é que sem patrocínio a tendência é esse trabalho piorar. Por exemplo, aqui em Santo André mesmo, ele já piorou muito. Com relação à estrutura, nós não temos. - Por quê? - Já estamos há dois anos sem patrocínio. Só com a parceria da prefeitura. Só que isso é uma coisa muito pequena! Não dá para você fazer o que seria o ideal. E mesmo assim o basquetebol feminino está sobrevivendo. Por exemplo, as jogadoras “top” nossas que, quando eu volto a falar para você sobre o espelho, elas estão todas lá fora, então o espelho aqui para quem está vindo é menor, com uma qualidade menor. O que precisaria mesmo é que voltassem os patrocínios, que pudéssemos trazer as nossas jogadoras que estão lá fora novamente, para fazer um campeonato forte aqui, porque eu não vejo como motivar a base sem ter o alto rendimento. (sic).

Os anos de 1980 foram marcados por um hipermovimento de patrocínio ao esporte brasileiro. Muitas empresas investiram na criação de times que levavam seus nomes nas camisas e, com isso, houve um desenvolvimento muito importante no basquetebol feminino. Todavia, no final da década seguinte aconteceu um esvaziamento completo de patrocínios e do apoio governamental ao esporte nacional:

Na época que tínhamos os patrocínios, sem dúvida, o dinheiro era muito grande, porque as jogadoras tinham um salário muito bom. Com a saída dos patrocinadores, [as jogadoras] elas [foram] ganhar em dólar. Elas vão para a Europa, elas ganham muito mais lá, então elas têm que ficar lá. O que nós fazemos aqui, a Europa está fazendo lá, então elas vão. [...] o que a Janeth ganhava aqui, quando tínhamos os patrocínios, ela não vai ganhar mais, mas ela tem quem dê isso para ela lá fora. A valorização delas deixou de [existir] aqui no nosso país, para ser [...] muito grande lá fora. O que eu acho que falta é uma política esportiva definida aqui no Brasil, para que a gente possa trazer de volta, para que a gente possa voltar a ser forte. [...] eu até dou risada quando eles estão discutindo os esportes, porque vem o Ministério dos Esportes e diz: - Nós vamos construir uma pista de atletismo não sei onde, nós vamos construir dois ginásios, um centro de excelência no Rio de Janeiro e tal. Quando a gente sabe que o trabalho aqui é feito pelos clubes, os clubes estão na míngua, não adianta

nada eles construírem. É utópico você construir três centros de excelência lá no nordeste, quando o nordeste não tem tradição e não tem trabalho no basquetebol feminino, em basquetebol masculino, em nada. Então, é aquela história: - Ah, coitado dos moleques! Só que eu estou cansada de fazer jogo em Goiás, tem um ginásio lá com capacidade para 20 mil pessoas e não sendo utilizado para nada, não tem ninguém que pratique. Então, isso é cultura, isso é uma consciência, não pensa que você colocar um elefante branco lá vai ser suficiente. Muito pelo contrário, às vezes, você pode fazer um trabalho muito bom, na sua escola, na sua quadra de cimento, desde que o professor tenha formação para isso. Não adianta você investir em grandes obras. Este dinheiro que se está gastando com grandes monumentos, grandes ginásios, grande tudo não vai fazer diferença. Você tem que investir nos clubes. Quem faz o atleta são os clubes, então, aqui nós estamos equivocados com essa política esportiva. Estou falando o que eles estão querendo fazer, porque vão fazer um Pan-Americano aqui. Se chegar na hora não tiver atleta para jogar, para defender o país... então... quando eu vejo eles falando para as Olimpíadas aqui, eu dou risada... Eles tiraram a Educação Física das escolas, botaram opcional, e ainda turma mista: - Como turma mista e dentro do período, como uma criança vai aprender a jogar um esporte, a fazer um esporte numa aula de 40 minutos e depois ela volta para a sala de aula? - Isso é ridículo! A mensagem que eu deixo para as novas gerações, é que elas não esperem ajuda de ninguém, quem quiser fazer o esporte ser melhor vai ter que ir por si. Isso pelo menos enquanto a coisa estiver como está agora. A menina que for praticar o basquetebol vai ter que ser muito perseverante e ter consciência, porque, às vezes, as pessoas falam assim: - Eu não quero que minha filha vá fazer, porque depois ela vai ter uma experiência traumática se ela não conseguir chegar no ápice. - Ela começa da base e se não conseguir chegar lá? Eu prefiro ver de outra forma, eu acho que todo o período que ela vai passar daqui da base até chegar lá e se não chegar lá, ela vai aprender muito com a vida. Principalmente quando o esporte é coletivo, principalmente no basquetebol, porque com certeza ela vai aprender a ser solidária, vai aprender a ganhar e perder, vai aprender [a] relacionar-se com pessoas. Então, acho que tudo que ela começou aqui na base, se ela não conseguir chegar aqui, ele não pode achar que aquilo foi uma frustração, ela tem que achar que aquilo foi muito bom para ela. Eu acho que os pais teriam que pensar nisto. Acho que vale a pena os pais colocarem todos os filhos para fazer esporte, com a vida em primeiro lugar. Depois como meio de vida, porque meio de vida muito poucos são os que chegam, mas para a vida ele vai aprender muito! (sic).

Laís, desde 1967, nunca mais saiu de Santo André, onde fez sua carreira como jogadora e como técnica:

De 1967 para cá eu desenvolvi a minha carreira como jogadora de clube, no

Clube Atlético Pirelli e também todo esse tempo na seleção brasileira, servindo à seleção brasileira em todas as competições. Parei de jogar em 1975 e já iniciei como técnica das categorias de base na Pirelli. Em 1982, eu já assumi a equipe adulta da Pirelli e aí fiz a minha história, dirigindo todas as equipes de basquete feminino daqui de Santo André. Todos os outros patrocinadores que passaram pela Pirelli saíram, veio a Lacta, depois da Lacta veio a Ponte Vaporetto, depois veio a Arcor e por aí fiquei aqui em Santo André até hoje. (sic).

Laís faleceu em 12 de março de 2019.

O que se Aprende?

Muitas vezes, para o historiador, uma grande ideia pode ser uma grande frustração ou um grande presente. A ideia deste livro foi um grande presente recebido de Ana Lucia Phillippe, a qual me passou um grande sermão por ficar fazendo história nos Estados Unidos e não usar meus conhecimentos para fazer história do esporte no Brasil, ou pelo menos de algum esporte brasileiro - Quando é que você vai escrever sobre a história do basquetebol feminino? Isso foi em meados de 2001, quando eu me preparava para voltar ao Brasil, depois de dois anos, fazendo pós-doutorado na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Voltei com a incumbência de fazer um livro sobre a história do basquetebol feminino no Brasil. Eu já havia começado minha pesquisa de base nos Estados Unidos e todas as minhas fontes somente citavam os rapazes, seus clubes, ACM's, e nada das meninas. Até que um belo dia fui entrevistar o professor Jarbas Gonçalves, e ele me contou sobre o time da Casa de Cultura Física de Casa Branca e seu time de basquetebol feminino. Daí em diante foi apenas uma questão de rastrear a documentação perdida. Aí começaram as frustrações, pois nada está arquivado e o que encontra-se disponível está nas casas das pessoas ou nos jornais, como *A Gazeta* e *O Estado de São Paulo*. Achei que fosse impossível coletar material suficiente para escrever sobre esta história.

Além dos jornais e do relato das pessoas, os arquivos da Escola Normal Caetano de Campos foram extremamente úteis para confirmar que o basquetebol tornou-se definitivamente uma prática feminina simultânea à formação das professoras que iriam atuar no estado depois da reforma de Fernando de Azevedo de 1928. Ser professora e fisicamente ativa eram requisitos básicos da nova mulher brasileira. E foi assim que cheguei à Casa Branca e aos primeiros times de basquetebol formados no estado de São Paulo.

Quando eu finalmente decidi que minha história pararia em 1971, este livro ganhou uma nova forma, pois ele teria que trazer a história das atletas que disputaram o VI Mundial de Basquetebol Feminino. Nessa época, chorei no ombro de minha amiga Flávia Ghirotto, pois eu não tinha esperanças de achar as jogadoras. Se era difícil encontrar a documentação, imagine achar as atletas! Mas, Flávia me deu outro presente: me apresentou às suas colegas de trabalho, Norma de Oliveira Pinto e Nilza Monte Garcia. Imediatamente consegui a primeira entrevista com a Norminha, a qual tirou sua caderneta de endereços e me forneceu todos os contatos para o próximo passo. Norminha me deu um contato valiosíssimo, que foi a Marisa da Confederação Brasileira de Basquetebol. Através dela tive acesso aos nomes, técnicos, campeonatos, colocações, etc. A entrevista seguinte foi com a Nilza e dela obtive todos os recortes de jornais, fotografias, e outros tantos endereços e telefones. Tanto Nilza quanto Norminha citaram um certo jogo em Madrid, deveras importante para a história do olimpismo no mundo. E deste eu precisava de fontes primárias.

Com a história do jogo em mãos, segui para Piracicaba para entrevistar Maria Helena Cardoso e Maria Helena Campos. Depois de duas horas de entrevista e de conversas que

entremearam a história do basquetebol, Maria Helena abriu seu baú de recordações e novamente recebi um presente: mais documentos, diários, fotografias e, além disso, eu tinha entrevistado as primeiras mulheres técnicas da seleção de basquetebol feminino do Brasil. Maria Helena havia ido para a Espanha quando finalmente eu tive algum tempo para ler e estudar o diário que ela fez de sua participação dos jogos contra a Tchecoslováquia em Madrid. Portanto, não li o diário, mas ao procurar em Madrid, achei a Fundação Ferrandiz, que me enviou todas as notícias sobre os jogos, o Campeonato Europeu de Clubes e, principalmente, sobre a reunião do Comitê Olímpico Internacional para apreciação da modalidade basquetebol feminino e a possibilidade de inclusão nos Jogos Olímpicos.

De Piracicaba, fui para o Rio de Janeiro, e novamente vinha para mim um outro presente: Marlene José Bento. Chegando em sua casa, em Niterói, Marlene abriu a casa e o coração. Por meio de Marlene, encontrei Angelina, a qual entrevistei no dia seguinte e mais uma vez confirmara a participação do Brasil, colocando o basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos.

Chegando em São Paulo, fiz o roteiro: São Caetano – Delcy, para Santo André – Laís. Nessa fase, contei com o apoio da diretoria da Escola de Educação Física e Esporte da USP, por intermédio de seu diretor, o Professor Doutor Geraldo Massucato, que me cedeu o carro da escola. Agradeço muito ao Senhor João pelas travessias de São Paulo em dia de trânsito pesado.

Finalmente encontrei Benedita na lista telefônica. Faltavam ainda Elzinha, Odila, Nadir Bazzani, Simone e Cleonice. Toda a documentação que eu tinha incluía Simone e Cleonice, todavia, como estava escrito no papel apenas as doze primeiras, eu não tinha muitas esperanças de encontrá-las. Estaria satisfeita com as doze entrevistas. Mas, um determinado dia, voltando para casa, entro no metrô e um senhor de meia idade olhou para mim e disse: - Não é doze! É quatorze. E isto não saía da minha cabeça, pois eu nem me toquei a que ele se referia.

No dia seguinte, uma aluna de São Caetano apareceu em minha sala na USP e me deu o endereço e telefone da professora Elza: mais uma entrevista feita, dessa vez por telefone. Nilza havia me dado o telefone de Nadir Bazzani, mas eu não havia conseguido encontrá-la. Chegamos até a marcar uma entrevista, mas ela teve que viajar às pressas para Mirassol.

A única informação que eu tinha de Odila era sobre a cidade de Porto Feliz, e lá eu liguei várias vezes na prefeitura e ninguém sabia me dar notícias. - Era quatorze!!! Decidi então que procuraria Cleonice e o fiz pela lista telefônica: outra entrevista feita por telefone. Bom, ao encontrar Cleonice, eu percebi que nada era impossível. Acharia Simone de qualquer maneira.

Desde o início desta empreitada eu tentei falar com Simone, o que foi uma verdadeira saga. Primeiro fui pelas vias normais ligando para seu escritório. Depois, através de meu grande

amigo e irmão de fé, Chico Ribeiro, o qual fez inúmeras tentativas por mim, indo inclusive a um show onde haviam prometido que eu falaria com ela. Outras pessoas tentaram também e nada. Até que um dia, em um dos meus telefonemas, alguém disse que Simone não tinha participado de nenhuma seleção de basquete e que ela não estava disposta a colaborar, o que obviamente eu não acreditei. Daí, decidi que usaria minha última carta da manga: escreveria-lhe uma carta e trataria diretamente com ela. Foi o que fiz, e na carta coloquei meu telefone e pedi para ela me telefonar. E ela o fez. Graciosamente me concedeu 40 minutos de entrevista e sua colaboração foi extremamente importante para avaliar como uma atleta se decepciona e se afasta do esporte, mesmo tendo à sua frente uma promissora carreira.

E finalmente, em 2005, eu consegui entrevistar Odila Fernandez (agora também Dagostino) e Nadir Bazzani. Completando, por fim, o time das quatorze mulheres medalha de bronze do VI Campeonato Mundial de Basquetebol Feminino sediado em São Paulo, no Ibirapuera.

O aprendizado foi de amor. Se posso resumir a atitude dessas mulheres em uma só palavra, a palavra é amor! Amor ao esporte, amor aos times, amor ao país. Diante de tantos impedimentos, tantas dificuldades, nada parou o movimento de progressão nesta modalidade feminina. Algumas tornaram-se técnicas, outras continuaram ensinando.

O basquetebol feminino foi campeão do mundo, participou dos Jogos Olímpicos, conquistou o segundo e o terceiro lugar, para não dizer das incontáveis medalhas de ouro nos Jogos Sul-Americanos e Pan-Americanos. Tudo isso com o mínimo possível e, como disse Laís em sua entrevista: com poucas pessoas praticando, treinando e incentivando, como se explica um sucesso nessa proporção?

DAQUILO QUE EU SEI

Daquilo que eu sei
Nem tudo me deu clareza
Nem tudo foi permitido
Nem tudo me deu certeza
Daquilo que eu sei
Nem tudo foi proibido
Nem tudo me foi possível
Nem tudo foi concebido
Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos
Cheirei, toquei, provei
Ah! Eu usei todos os sentidos
Só não lavei as mãos...
... e elas foram à Cesta e nós lembramos

Ivan Lins e Vitor Martins



Referências

BIBLIOGRAFIA

ADELMAN, Miriam. Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revistas de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 2, jul./dez. 2003.

AZEVEDO, Fernando de. *Brazilian Culture: An Introduction to the Study of Culture in Brazil*. New York: The Macmillan Co., 1950.

BARMAN, Roderick. *Citizen Emperor: Pedro II and the Making of Brazil, 1825-91*. Redwood city: Stanford University Press, 1999.

BASKET Brasil Especial. *Revista Oficial da Confederação Brasileira de Basketball*, nov., 2003.

BERENSON, Senda. *Basket Ball for Women*. New York: American sports Publishing co., 1901. BIASOLI ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no papel da mulher Brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. n. 3 v. 16, set./dez. 2000.

BOCARD, Cleide Maria. Os Primórdios da Inserção Sociocultural da Mulher Brasileira. *Revista Eletrônica da UNIBERO*, 2003.

BROWN, Fred C. Comentários sobre o Basket Ball. *Revista de Educação Física*, v. 1, n. 1, 1932.

CHIOCCA, Romeu. Bola ao Cesto Feminino. *Revista de Educação Física*, v. 1, n. 1, 1932.

COELHO, Nely Novaes. A emancipação da mulher e a Imprensa feminina (séc. XIX-XX) <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=119&rv=Literatura>

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Basquetebol. Dados confirmados mediante documentos tais como relatórios anuais 2002 e 2003.

DAIUTO, Moacyr. *Basquetebol: metodologia do ensino*. SL: Board book, 1974.

ESPÓSITO, José. O Bola ao Cesto em São Paulo. *Revista de Educação Física*, v. 1, n. 1, 1932. FLETCHER, James C. *O Brasil e os Brasileiros*. SL: Editora Nacional, 1857.

FREYRE, G. *Order and Progress: Brazil from Monarchy to Republic*. New York: A. Knopf, 1970. GARCEZ, Benedicto

Novaes. *O Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

GRUNDY, P.; SHACKELFORD S. *Shattering the Glass: The Dazzling History of Women's Basketball from the Turn of the Century to the Present*. New York: The New Press, 2005. GUEDES, Claudia Maria. The role of Mackenzie College in the Introduction of Basketball to Brazil. Indiana: North American Society for Sport History, 2003.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Saltando Barreiras, Lançando Dardos, Rompendo Limites: O Vespertino Paulistano. A Gazeta e a prática esportiva feminina nos anos 30. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2000.

HULT, Joan S.; TREKELL, Marianna (Eds.). A century of women's Basketball: from frailty to final tour. National Association for Girls and Women in Sport. *American Alliance for Health, Physical Education, recreation and Dance*, Virginia, 1991.

IKARD, R. *Just for Fun: The Story of AAU Women's Basketball University of Arkansas*, 2005.

JOHNSON, Elmer L. *The History of YMCA Physical Education*. Follet Publishing, 1979.

KEOGA, George. Qualidades de um bom jogador de basket ball. *Revista de Educação Física*, v. 1, n. 1, 1932. LANNIN, J. *A history of basketball for girls and women: from bloomers to big leagues* Minneapolis: Lerner Sports, 2000.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Mulheres no Século XIX*. <http://www.memorial.org.br/paginas/cbeal/nisia/miriam.htm>.

MATOS, Alderi Souza de. *Esboço Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil*. SL: MIMEO, SD.

MINUTES of the Brazil Mission of the Presbyterian Church in the U. S. of A. Vol. IV.

MOTA, Jorge César. À procura das origens do Mackenzie. *Edições comemorativas dos 100 anos Mackenzie*, 1970. PACHECO, Renato. Bola ao Cesto. *Revista de Educação Física*, v. 1, n. 1, 1932.

PROJECT Mackenzie – a Protestant College for Brazil – in the general

assembly of the Presbyterian Church, synod of Brazil. Immediate endowment of a Christian College in Brazil similar to Robert College in Constantinople or the Syrian Protestant College of Beirut, 1888. REGULAMENTO do Instituto São Paulo - Escola Americana 1885-1886.

REVISTA comemorativa dos Cem Anos do

Basquetebol. 1891-1991. ACM. SCHWARCZ, L. K. *Entrecientistas, confeitarias, bondes e muita garoa: um passeio pelo centro de São Paulo na virada do século XIX*.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SHUMAHAR, Schuma. Exposição oral. In: XIII Encontro Feminista, João Pessoa, abril de 2000. http://www.mulher500.org.br/artigos_detalhe.asp?cod=9. SIMS, Henry J. Histórico do Basket Ball no Brasil. *Revista de Educação Física*, v. 1, n. 1, 1932.

SIMS, Henry J. Histórico do Basket Ball no Brasil. *Educação Física - Revista Técnica de Esportes e Atletismo*, n. 1. p. 53-59, 1932. SPEARS, Betty. Senda Berenson Abbott New Woman, New Sport. In: HULT, Joan S.; TREKELL, Marianna (Eds.). *A century of women's Basketball: from frailty to final tour*. National Association for Girls and Women in Sport, American Alliance for Health, Physical Education, recreation and Dance, Virginia, 1991. STEEN, Sandra; STEEN, Susan. Take it to the hoop: 100 years of women Basketball. Connecticut: Twenty-First Century Books, 2003.

FONTES PRIMÁRIAS (MANUSCRITOS/ COLEÇÕES CONSULTADAS)

BERENSON, Senda. Papers, College Archives, Smith College, Northampton, Massachusetts.

BERENSON, Senda. The significance of Basketball for women. In: BERENSON, Senda, *Basketball for women*. New York: American Sports, 1903, p. 31-45.

NAISMITH, James. Hall Fame Archives. <http://www.hoophall.com/hoophistory/naismith.cfm>

ARQUIVOS do Mackenzie. Coleção Chamberlain. Fundação Pedro Ferrandiz: Centro de Documentación e Investigación del Baloncesto.

Arquivos do estado de São Paulo. *Gazeta Esportiva*: edições janeiro a julho de 1971.

Waldir Pagan. Arquivo Pessoal

Nilza Monte Garcia. Arquivo Pessoal

Norma Pinto de Oliveira. Arquivo Pessoal.

Zilda Ulbrich. Arquivo Pessoal

Odila Fernandez. Arquivo Pessoal

ENTREVISTAS:

Zilda Ulbrich. Entrevistada por Claudia Guedes em 11 de novembro de 2002, em São Paulo-SP.

Angelina Bizarro. Entrevistada por Claudia Guedes em 5 de fevereiro de 2003, no Rio de Janeiro-RJ.

Simone Bittencourt de Oliveira. Entrevistada por Claudia Guedes em 3 de outubro de 2003, por telefone.

Cleonice Maria Alves Gonzales. Entrevistada por Claudia Guedes em 22 de abril de 2003, por telefone.

Maria Helena Cardoso. Entrevistada por Claudia Guedes em 17 de janeiro de 2003, em Piracicaba-SP.

Maria Helena Campos. Entrevistada por Claudia Guedes em 17 de janeiro de 2003, em Piracicaba-SP.

Norma Pinto de Oliveira. Entrevistada por Claudia Guedes em 27 de setembro de 2002, 10 de outubro de 2002 e 1 de Julho de 2005, em São Paulo-SP.

Nilza Monte Garcia. Entrevistada por Claudia Guedes em 3 de outubro de 2002, 15 de janeiro de 2003 e 14 de julho de 2005, em São Paulo-SP.

Marlene José Bento. Entrevistada por Claudia Guedes em 4 de fevereiro de 2003, em Niterói-RJ.

Delcy Ellender Marques. Entrevistada por Claudia Guedes em 23 de janeiro

de 2003, em São Caetano do Sul-SP.

Jacy Bohemer Guedes de Azevedo. Entrevistada por Claudia Guedes em 24 de janeiro de 2003, por telefone.

Elza Arnelas Pacheco. Entrevistada por Claudia Guedes em 23 de abril de 2003 por telefone.

Benedita Anália de Castro. Entrevistada por Claudia Guedes em 23 de abril de 2003 por telefone.

Laís Helena Aranha da Silva. Entrevistada por Claudia Guedes em 25 de janeiro de 2003, em Santo André-SP.

Nadir Bazzani. Entrevistada por Claudia Guedes em 13 de julho de 2005, São Paulo-SP.

Odila Fernandez. Entrevistada por Claudia Guedes em 13 de Julho de 2005, São Paulo-SP.

Waldir Pagan. Entrevistado por Claudia Guedes em 2 de abril de 2003, em São Paulo-SP.

Antônio Carlos Barbosa. Entrevistado em 2 de abril de 2003, por telefone.

PROJETO GRÁFICO:

MissLily[®]
C O M U N I C A Ç Ã O